VIDA

DE

S. Luiz de Gonzaga

da Companhia de Jesus

ESCRIPTA EM LINGUA ITALIANA

PELO PADRE

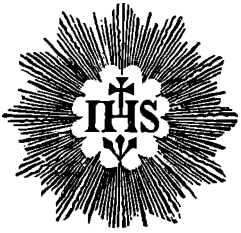
VIRGILIO CEPARI

Companheiro de Religião e Contemporaneo do Santo

NOVA TRADUCÇÃO ABREVIADA E SEGUIDA DE UM APPENDICE

do Padre MIGUEL TAVANI S. J.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br



GLORIA DE S. LUIZ

Retabulo do altar do Santo na Egreja de S. Ignacio.

(Baixo-relevo de **Le Gros**)

PREFACIO

Que tendes na mão? Que vos offerecemos? Um livro? Não: um amigo; esse thesouro em que se encontram profusamente todas as riquezas; esse seio sempre generoso e aberto para receber nossas alegrias, nossas maguas, nossas aspirações, nossas miserias; esse oceano em que nos podemos lançar confiantes e certos de sempre achar abrigo; essa imagem do amor de Deus, que se chama um amigo. Esse amigo, nobre, fiel, dedicado, generoso, bemfazejo, oh! não penseis que seja este livro, não: esse amigo é S. Luiz de Gonzaga.

No firmamento da Egreja de Deus, poucos Santos haverá talvez tão conhecidos, ou antes, tão mal conhecidos, como o nosso santo Amigo. Que idéa se forma em geral de S. Luiz? Sabe-se que foi uma daquellas almas prevenidas das bençãos da celestial doçura, que passam sobranceiras pelo lamaçal do mundo sem macular de leve as azas purissimas de graça, sabem-se quando muito alguns episodios de sua vida, que foi principe, morreu moço; e no mais... quanta ignorancia! Muitos são devotos de S. Luiz por verem suas imagens tão bellas, tão attrahentes... Outros por admiração á sua innocencia. Alguns, finalmente, o consideram de um modo tanto *romantico*, se assim nos podemos exprimir; sympathisam com elle porque foi bello, nobre, abandonou tudo por amor de Deus, morreu na mais formosa edade da vida...

Como é superior a tudo isto o Amigo que ganhastes neste dia! Não foi uma alma fria, isenta de sentimentos humanos, um coração inaccessivel, uma estatua de marmore, como alguns pensam: tanto teve de humano, como de sobrehumano. Sua intelligencia descortinou em seu vôo de aguia os mais longinquos horizontes, e quantos monumentos impereciveis nos teria certamente deixado se a sêde de Deus o não tivera levado tão cedo a saciar-se plenamente naquelle divino manancial em que de leve molhara os labios, na terra, e cuja saudade o consumia do mal dos Santos: o amor! Seu nobre coração, accessivel a tudo quanto ha de grande e generoso, só uma cousa desconheceu: a maldade; quanto mais puro, porém, e angelico, mais thesouros de compaixão e caridade reservava aos infelizes que perderam aquella tunica nupcial que o revestia, aquella amizade de Deus que o inundava, e fazia a admiração dos mesmos Anjos.

O nosso Amigo foi um Santo bem humano. O principal sentimento que desperta a leitura de sua vida, é esse affecto, essa ternura, essa commoção que só pode excitar o que é profundamente humano. Quem não se enternecerá e sentirá um aperto bem doloroso no coração vendo aquelle principinho de quatro ou cinco annos, já enthusiasmado por tudo quanto ha de bello e generoso, levado pelo seu genio altivo, e pelo nobre sangue que lhe corre nas veias, offuscado pelo brilho da gloria militar, inclinado á vida das armas, á frente das tropas de seu pae, e depois... depois que um arrependimento - coroa de todas as mercês divinas - vem ainda mais purificar aquella almasinha de faltas que não commettera, morrer de repente a tudo, com coragem sobrehumana, tão incomprehensivelmente superior á sua edade, sem direcção, sem guia, sem conselho, arrancar as proprias entranhas, por assim dizer, suas aspirações, seus nobres sonhos, suas illusões de creança. Com que sublime generosidade procura reparar aquelle passado immaculado em que seus olhos purissimos, deslumbrados pelos resplendores da Formosura divina, descobrem manchas! Aqui o vemos desmaiado de dor aos pés do confessor; alli, vencido pela fraqueza e pelas austeridades, enregelado pelos grandes frios da Lombardia, prostrado por terra em camisa, passando a noite em oração. Com que sabedoria celeste, com que coragem arranca

de sua alma os menores vestigios de imperfeições, os mais secretos germens das paixões ainda não despontadas; cercêa tudo que o poderia afastar, ou ainda distrahir um momento do Summo Bem, em cuja contemplação sua alma enamorada se abysma e perde!

Mas Jesus não se deixa vencer em amor. Elle mesmo Se chega áquella almasinha candida em que vê reflectida sua divina pureza, e dá-lhe a beber o nectar de suas consolações mais preciosas; abre-lhe no coração aquella incuravel ferida de amor que faz o tormento cheio de delicias e as delicias cheias de tormentos dos seraphins do divino amor; fal-o penetrar na mais secreta camara de seus thesouros, e ostenta a seus olhos deslumbrados aquellas riquezas que os *olhos do homem nunca viram, seus ouvidos nunca ouviram celebrar, seu coração nunca poderá comprehender*. Na edade em que os demais meninos estão entregues aos folguedos da infancia, eleva-o á mais alta contemplação; reveste-o de uma fortaleza, anima-o de uma sabedoria que faz a admiração de toda a corte e avassalla o espirito dos proprios paes. Livra-o de manifestos perigos, porque não quer que seja outra a sua morte senão a do amor; manda de Milão S. Carlos Borromeu, não com o fim de visitar o Bispado, mas para consummar, como sacerdote do Altissimo, sua união com aquella alma, oasis de suas delicias. Segrega-o do mundo, e, finalmente, colhe-o para Si, em pleno viço e formosura, adornado de todas as graças, rico de todos os merecimentos, martyr do amor ao proximo em sua morte, como fora martyr do amor divino em sua vida.

Se a pobre creatura humana alguma cousa póde merecer de seu grande Deus, S. Luiz, certamente merecia esse amor. Seu coração, como um teclado docil, respondia com uma gamma de affectos á mais leve pressão dos dedos divinos; cada graça encontrava nelle um reconhecimento; cada carinho, um sacrificio: - a munificencia de Deus se comprazia em porfiar com a generosidade daquella creança.

O' nobre alma! Seu genio é naturalmente altivo; ainda em Religião diz que considera vileza de animo sujeitar-se um homem a obedecer a outro, por qualquer motivo humano, fora das razões espirituaes. Insensivelmente revela sua natureza aristocratica; em suas comparações e meditações, muitas vezes fala

de cortes, de reis, de ministros, etc. e lembra-se que *servir a Deus é reinar*. Fiel ás tradições de sua raça, tem sede de gloria. quer ennobrecer cada vez mais seus brazões, dilatar seus dominios, não, como seus nobres avoengos, por meio das armas: - a seus olhos mais perspicazes, caducas parecem todas as riquezas, ridiculas todas as grandezas, desprezivel toda a gloria da terra; - seu grande coração sobe mais alto: despreza o mundo, atravessa as espheras, calca aos pés as estrellas, não se detem nos mesmos ceos, e só em Deus, no summo Rei que a tudo impera, encontra o termo de suas aspirações. Entretanto o amor de Deus o tritura, o faz pequenino, humilde, ultimo entre os ultimos! « *Ut jumentum factus sum apud te* », diz elle nessa anniquilação completa de todo o seu ser. Quem penetrar no interior de S. Luiz, certamente sentirá os olhos molharem-se de lagrimas, ao contemplal-o limpando as teias de aranha, trabalhando na cosinha, esmolando pelas ruas, obedecendo como um cadaver, por amor de Deus.

Seu coração era accessivel a tudo quanto ha de nobre e generoso, repetimos. Sedento do Summo Bem invisivel, applica-se todo em amar e bemfazer á sua imagem visivel – o homem. Renuncia ao remanso do claustro, onde seu espirito contemplativo encontraria um paraiso antecipado, e escolhe a Companhia de Jesus, onde melhor se poderá sacrificar para bem do proximo. Seus olhos acostumados a contemplar a Belleza divina, procuram, cheios de sympathia, as miserias humanas. Cada infortunio encontra nelle um echo, cada magua, um conforto. Desde o primeiro alvorecer da razão mostra-se cheio de caridade com os pobresinhos; crescendo, procura, a par do corpo, beneficiar a alma de seus similhantes; e no meio-dia de sua vida, consumido por um incendio de amor, vae pelas ruas e pelos hospitaes, como o bom Samaritano, derramando o vinho dos remedios humanos e o oleo das consolações divinas sobre cada chaga material ou moral; *passa*, á similhança de Jesus, *fazendo bem*, e finalmente morre, victima de caridade, no exercicio de seu sublime ministerio de abnegação e sacrificio.

Não tinhamos razão de dizer que ganhastes neste dia um amigo? Quem poderá conhecer S. Luiz, conhecel-o como foi verdadeiramente, sem amal-o com um amor forte e terno, sem

experimentar por elle um sentimento consolador e cheio de doçura? Quem não se ajoelhará com piedade fraterna aos pés de seu leito de moribundo, para recolher-lhe dos labios aquellas ultimas palavras tão generosas, tão desprendidas da terra? Quem deixará de chorar a morte de tão caro Amigo? Diz o historiador de S. Luiz, que o cunho de sua devoção é essa confiança, esse affecto, essa ternura, essa consolação, que elle sabe derramar na alma; pois é a esse sentimento ineffavel que nos comprazemos em chamar amizade.

De hoje em deante seja S. Luiz vosso melhor amigo. Chegae-vos a elle com confiança. Se sois innocente, ninguem o foi mais que elle; se offendestes a Deus, elle vos guiará no caminho da penitencia; se estaes ancorado na tranquilla enseada do claustro, elle é o modelo da vida contemplativa e da observancia religiosa; se vogaes no alto mar do mundo, batido pelos vagalhões dos negocios, e em risco de naufragar nos escolhos das concupiscencias, elle vos revestirá daquella sabedoria celeste com que resolvia as mais intrincadas difficuldades, daquella prudencia e circumspecção com que conservou illibada sua pureza no meio da corrupção das cortes. S. Luiz é um leal e verdadeiro amigo, anjo custodio da innocencia, valido do grande Rei, em cuja corte, como viu Santa Maria Magdalena de' Pazzi arrebatada em extasis, talvez menhum subdito tenha tanta gloria. Uni-vos a elle pelos vinculos de uma amizade terna e confiante; invocae-o em todas as necessidades materiaes e espirituaes, e, com tantos milhares de outras pessoas, vereis como a Rainha do Ceo, a quem elle tanto amou na terra, é grata áquelle lirio de virgindade que elle lhe offereceu um dia na egreja da Annunciada em Florença, e nada recusa áquelle que nada lhe recusou em vida.

S. Luiz é mal conhecido, affirmámos; em Deus, porém, esperamos que, com a divulgação do presente livro de sua Vida, escripto em circumstancias bem particulares, como vereis no prefacio do autor, pelo Padre Virgilio Cepári seu contemporaneo e companheiro de Religião, seja o nosso querido Santo melhor conhecido e melhor amado.

A obra é cheia d'interesse e encanto pela sua uncção, simplicidade, e verdade. É esta a vida de S. Luiz, não ha que duvidar. Julgamos, entretanto, poder affirmar que o autor.

como verdadeiro filho de Santo Ignacio, escrevendo numa epoca em que S. Luiz não fora ainda canonisado, não quiz antecipar seu julgamento ao da Egreja, e procura pôr diques á sua admiração e enthusiasmo, sendo em extremo discreto, prudente e reservado.

Para a traducção adoptámos uma edição moderna (1862) italiana que, por muito ampliada e augmentada, abreviámos, desejando apresentar aos nossos leitores a obra original do Padre Cepári. Para este fim muito nos ajudou a antiga traducção portugueza do Padre Jeronimo Alvares, tambem da Companhia de Jesus e contemporaneo de S. Luiz, publicada em Lisboa em 1610, menos de vinte annos depois da morte do Santo. Cremos que foi esta a unica traducção da obra em lingua portugueza, livro hoje raro, e de poucos conhecido. Por elle nos guiámos em quasi tudo, especialmente na Terceira Parte. Julgámos apenas conveniente trocar o titulo de Beato pelo de Santo, fazer algumas pequenas modificações que a mudança de epoca exigia, e accrescentar á obra um pequeno Appendice, extrahido do Padre Miguel Tavani, da Companhia de Jesus tambem historiador de S. Luiz, em que vêm referidas sua beatificação e canonisação.

Maria Santissima, nossa boa Mãe, a quem consagramos e entregamos este livro, se digne tomal-o debaixo de seu patrocinio, e derramar sobre elle suas bençãos, para que possa accender em todos os corações a devoção a S. Luiz, e suscitar-lhe muitos imitadores e fieis amigos, que derramando na terra *o bom odor de Jesus Christo*, tornem mais conhecido, amado e servido o nosso grande Deus, a Quem seja gloria eternamente, e apressem o advento de seu reino, que tão instantemente pedimos cada dia na oração que nos ensinou seu divino Filho: *Adveniat regnum tuum.*

AO ILLUSTRISSIMO E EXCELLENTISSIMO SENHOR DOM FRANCISCO GONZAGA, PRINCIPE DO IMPERIO, MARQUEZ DE CASTIGLIONE E DE MEDOLE, ETC. CAMAREIRO DA MAJESTADE CESAREA, SEU CONSELHEIRO E EMBAIXADOR NA CORTE DA SANTIDADE DO PAPA PAULO V, NOSSO SENHOR.

Illustrissimo e Excellentissimo Principe,

O Bemaventurado Luiz de Gonzaga, irmão mais velho de Vossa Excellencia, com tanto fervor de espirito, desde creança se deu á devoção e piedade christã, que, com a edade de dezesete para dezoito annos, renunciou ao seu estado em favor do Marquez D. Rodolpho, seu irmão, afim de entrar na Religião da Companhia de Jesus, na qual admittido, chegou em breve a tanta santidade de vida, que attrahia as vistas e a admiração de todos. Logo depois de sua morte, Deus o mostrou com os milagres que fez por sua intercessão, de modo que elle foi universalmente julgado digno de ser contado entre aquelles cujas vidas se escrevem para ensinamento e exemplo dos fieis; e por meus Superiores fui encarregado de escrever a seguinte historia de sua vida.

Tendo-a agora, com o favor divino, já acabado, mando-a, assim como está, a Vossa Excellencia, rogando-lhe que me queira significar se é de seu gosto que saia á luz, e se publique. Posto que bem me parece que seja isto de serviço de Deus, comtudo não o quiz fazer sem licença de Vossa Excellencia, a quem a apresento e offereço, e a quem por muitos titulos é devida, não só pela estreita razão do sangue, e porque a Vossa Excellencia teve sempre o Beato Luiz de Gonzaga particular amor, mas para que Vossa Excellencia, conforme seu estado, se esmere - que é o que mais importa - em lhe ser similhante na bondade e virtude. Porque assim o faz Vossa Excellencia, confessou um dia o Bispo de Brescia, que lhe não era necessario tomar muito cuidado com aquella parte de seu Bispado que está sujeita a Vossa Excellencia, porque assim Vossa Excellencia, como a Excellentissima Senhora Princeza Bibiana Prenestana tinham com o

exemplo de vida e governo christão, introduzido em seus vassallos tanta piedade e christandade, que nem elle mesmo o pudera fazer melhor.

Aceite portanto Vossa Excellencia este meu presente, pequeno, porém offerecido com tão grande vontade, quão grande é o particular affecto com que o reverenceio e sirvo; e encha-se de consolação Vossa Excellencia vendo que de sua alta geração saem pessoas, não só pelo valor nas armas e pela grandeza dos senhorios e estados famosas na terra, mas tambem, pela verdadeira virtude e santidade, gloriosas no Ceo.

De Vossa Excellencia humillimo e devotissimo servo

VIRGILIO CEPÁRI
da Companhia de Jesus.

† Livros Católicos para Download
http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

Dedicatoria do Marquez de Castiglione

A' Santidade do Papa Paulo V nosso Senhor.

Beatissimo Padre,

Sendo o Beato Luiz de Gonzaga, de quem sou indigno irmão menor, tão glorioso pela santa vida que levou na terra, e pelos milagres que obrou depois de sua morte, que, na Italia e fora della são geralmente venerados seus retratos e medalhas, como de Santo; e costumando, de ordinario, as familias conservar os retratos de seus gloriosos antepassados. para illustre memoria; tinha eu, afim de perpetuar seu santo e glorioso nome, determinado conservar em minha casa, para meu bem particular e de meus descendentes, esta presente historia,. como retrato não do corpo, mas da alma, que é em nós a parte tanto mais digna de apreço, quanto mais é a principal causa dos feitos admiraveis do homem, e tanto mais excellente, quanto nella mais tem logar toda obra de merecimento.

Sendo-me, porém, encommendado, que tornasse este bem mais universal, pelo Papa Clemente VIII, de santa memoria, que muito bem se lembrava da santidade com que elle viveu e morreu, e sabia a fama que corria de seus milagres, mudei de proposito, e resolvi mandal-a imprimir. Não pude, comtudo, effectual-o em vida de Sua Santidade, porque falleceu no mesmo anno em que fui forçado a partir desta corte, chamado á Allemanha pela Majestade do Imperador meu Senhor.

Agora, que Vossa Santidade lhe succedeu com applauso universal, e, não só approvou a minha determinação, mas ainda, depois da relação que a Vossa Santidade se fez em concistorio de sua exemplar e santa vida pelos Illustrissimos

Senhores Cardeaes para este fim deputados, lhe pareceu bem. no Breve que me dirigiu ha dias passados, honral-o com o titulo de Beato; offereço a com toda a humildade a Vossa Santidade, não só com os milagres que tinham succedido até áquelle tempo, mas accrescentando tambem outros que de então para cá succederam. Esta offerta faço, assim por estas e outras obrigações que tenho a Vossa Santidade, como porque, recebendo os cidadãos do Céo, as honras cá na terra da suprema corte e consistorio de Vossa Santidade, deante de cujo tribunal agóra pende a resolução de sua canonisação, veja Vossa Santidade quanto elle as merece, e com quão grande fundamento se lhe podem conceder.

Acceite portanto Vossa Santidade tudo isto como me promette sua benignidade, e seja servido de ouvir em breve. não digo só a todos nós da casa Gonzaga e a nossos vassallos, mas tambem a tantos outros Principes christãos, que instantemente pedem a dita canonisação para sua particular consolação e dos povos a elles sujeitos. Entretanto beijo os pés a Vossa Santidade, e por ultimo lhe peço sua santa benção.

De Vossa Santidade humillimo e devotissimo servidor

FRANCISCO GONZAGA
Principe do Imperio, Marquez de Castiglione.

O autor da Obra ao pio Leitor

Toda pessoa que lê as historias e vidas dos Santos que em varios tempos floreceram na Egreja Catholica, vê que, de ordinario, a Divina Providencia nunca manda ao mundo Santo de vida muito exemplar, sem que ao mesmo tempo suscite algum conhecido seu que, inspirado por Deus, escreva sua vida e acções; para que com a morte do Santo não expire sua fama, antes se estenda por toda a Egreja, e se conserve nos tempos seguintes para beneficio commum e aproveitamento dos vindouros. Com effeito, as vidas dos Santos são normas de bem viver, e mostram o caminho direito do Paraiso, com muito mais efficacia, do que os livros escriptos e as palavras.

As vidas dos Santos antigos, como de pessoas muito afastadas de nossa epoca, comquanto perfeitissimas, não têm para todos aquella força de mover que deveriam ter, e, de certo modo, parece que antes excitam a admiração, que a imitação; como se com a successão dos tempos mudassem as forças e diminuissem as ajudas sobrenaturaes. Ouve-se a miudo dizer que não é possivel agora attingir aquelle ponto de santidade a que felizmente chegaram os antigos. Por isso é com particular Providencia, que Deus faz que no jardim de sua Egreja brotem novas plantas, floreçam novos Santos, que pelo recto caminho chegam ao Ceo, e nos mostram, que não está encolhida a mão do Senhor, e que, agora como sempre, se póde servir a Deus com santidade e perfeição.

Um destes foi, em nossos tempos, o santo e nunca assás louvado joven *Luiz de Gonzaga,* Religioso da Companhia de Jesus, que, no breve espaço de vinte e tres annos e tres mezes, que viveu, exhalou tal odor de santidade, e de tal modo cresceu na perfeição, que a quantos o conheceram causou admiração, e a muitos que com elle viveram, desejo

de imitar seu santo exemplo. Afim de que as pessoas que o não conheceram, não fiquem privadas do fructo que se póde tirar de suas santas acções, a Divina Providencia, como costuma. moveu o coração a muitas pessoas para que notassem e escrevessem varias cousas que de sua santa vida tinham sabido.

Mencionaremos apenas de passagem, o Padre Nicolau Orlandini, que nos *Annaes da Companhia de Jesus* tratando dos noviços de Roma, no anno de 1585, descreve brevemente a vocação de S. Luiz á santa Religião. Tambem na *Vida* impressa da Serenissima D. Leonor d'Austria, Duqueza de Mantua, o autor, incidentemente, com muitos louvores á sua santidade, fala de sua vocação e de seu bemdito transito. Entretanto o primeiro que propositalmente escreveu as virtudes de Luiz, foi o Padre Jeronymo Piatti autor das obras *De Cardinalatu ad Fratrem* e *De bono Status religiosi;* homem de raros talentos e dons, e, em particular, de eminente juizo e prudencia, e de assignalada piedade e religião. Tendo elle, na Casa professa de Roma, superintendencia sobre os noviços que vão ajudar ás Missas, quando S. Luiz ahi esteve como noviço, fez que lhe contasse sua vida e vocação, e as graças que Deus lhe havia feito no seculo; e estas pareceram ao Padre tão insignes, e extraordinarios os favores de que Deus o tinha enchido, que, apenas partiu o joven, tomou nota de tudo por escripto.

Depois deste, fui eu o primeiro que escrevi seguidamente a vida do santo mancebo, que então vivia em Roma. Nesse tempo, habitando eu no mesmo Collegio, e conversando com elle a miudo e familiarmente, vendo que suas palavras e acções moviam á devoção, do modo por que costumam mover as vidas dos Santos quando se lêm com boas disposições e desejo de aproveitar, pensei que o mesmo effeito causariam seus santos exemplos nas pessoas seculares, se lhes chegassem ao conhecimento. Por isso, movido por Deus, penso, e com intenção de ajudar a muitos, determinei escrever-lhe a vida. Communicando este meu designio ao sobredito Padre Jeronymo Piatti, elle não só o approvou, como, para melhor incitar-me á obra me deu aquelles seus apontamentos que até então observara encobertos. Valendo-me delles e de outras

cousas, parte notadas por mim e parte colligidas por outros, escrevi-lhe a vida cerca de dous annos antes de sua morte, posto que a muito poucos a mostrasse, com receio de que o viesse a saber.

Morto Luiz, fui estimulado pelo Padre Roberto Bellarmino, hoje Cardeal da Santa Egreja, que a lera com gosto particular, a accrescentar-lhe os dous annos que faltavam. Tendo eu, porém, outras occupações nesse tempo, juntei muitas cousas e entreguei-as ao Padre João Antonio Valtrino, que tinha vindo da Sicilia para escrever as Chronicas da Companhia, para que elle terminasse a *Vida*, ou se servisse della como melhor lhe parecesse. Elle, apezar de não ter conhecido Luiz, achou espalhada tão grande fama de sua santidade no Collegio Romano, que não quiz esperar para falar delle nas Chronicas, e lhe escreveu a vida á parte; e foi esta a segunda que circulou. Comtudo, porque as cousas que nos tinham servido de base, haviam sido na maior parte tiradas com santo engano da bocca do mancebo, que por sua humildade, as contava a meio, as diminuia e occultava, nos veiu desejo de possuir maiores luzes e mais amplas informações sobre circumstancias de tempos, logares e pessoas. Tendo obtido varias relações de Mantua, Castiglione e outros logares, de tal modo cresceram os materiaes em quantidade e qualidade, que julgámos necessario refundir desde o principio a historia.

Morreu o Padre sem ter podido fazel-o, e o Reverendissimo Padre Claudio Acquaviva, Geral da Companhia, desejando que vida tão exemplar e de tão santo mancebo fosse dada á publicidade, ordenou-me que de novo me applicasse todo a esse trabalho, e me esforçasse por fazer uma historia exacta e completa. Acceitei o encargo como vindo do Ceo.

Para melhor apurar a verdade, fui primeiro de Roma a Florença, e durante muitos dias colhi minuciosa informação de toda a vida do mancebo, da bocca do Senhor Pedro Francisco del Turco, mordomo do Senhor D. João de Medicis, o qual se achava na corte do Marquez D. Fernando quando Luiz nasceu, e tendo tomado, desde então, conta delle, foi seu aio e serviu-o por espaço de dezoito annos seguidos, até que o deixou em Roma no noviciado da Companhia; e por tel-o acompanhado sempre, em todas as viagens, prestando-lhe con-

tinua assistencia, estava optimamente informado de toda a sua vida.

De Florença passei á Lombardia, e, chegado a Castiglione, Marquezado de Luiz, durante muitos dias tomei minuciosas informações da Senhora Marqueza, mãe do joven, e de todas as pessoas que o tinham conhecido e servido no seculo; e, afim de tornar mais authenticas as declarações, organisei, com licença do Bispo, dous grandes processos sobre sua vida e costumes.

Alem disso, recebi a seu respeito depoimentos de França e de Hespanha, e exames e processos authenticos feitos todos com as devidas solemnidades, em varios logares do Reino da Polonia; e, em Italia, nos tribunaes ecclesiasticos do Patriarcha de Veneza, e dos Arcebispos de Napoles, Milão, Florença, Bolonha, Sena e Turim, e dos Bispos de Mantua, Padua, Vicencia, Brescia, Forli, Modena, Reggio, Parma, Placencia, Mondovi, Ancona, Recanati e Tivoli. Eu mesmo, em pessoa, muitas vezes percorri todas as cidades e localidades da Lombardia, onde tinha esperança de poder colher verdadeiro conhecimento das cousas, e finalmente me estabeleci para escrever a vida em Brescia, por ser logar visinho a Castiglione, onde logo achava resposta ás duvidas que me occorriam. Destes processos e depoimentos extrahi quanto escrevo nesta historia, na qual faço profissão de nada dizer sobre as virtudes deste santo servo de Deus, que não se possa provar com testemunhos jurados e dignos de todo credito, como attestaram quatro Reverendos Religiosos que confrontaram a vida com os processos.

As virtudes interiores foram tiradas, na maior parte, do Eminentissimo Cardeal Bellarmino, dos escriptos do Padre Jeronymo Piatti, dos exames de diversos de seus superiores, confessores e outros que mui particularmente com elle conviveram e trataram. As cousas exteriores que succederam no seculo, soube-as em Mantua, da bocca do Illustrissimo e Reverendissimo Monsenhor Francisco Gonzaga, Bispo de Mantua, e por um escripto assignado por seu punho, com juramento, do Illustrissimo Senhor Prospero Gonzaga que foi seu padrinho no Baptismo, e depois na Confirmação, e sabia delle muitas particularidades; da Senhora Marqueza sua mãe; do

seu aio, camareiros e criados, que o serviram sempre desde menino, e o acompanharam em viagens que fez a diversos logares; e todos confirmam o que disseram em escripturas authenticas.

Pareceu-me bem declarar o que acima ficou dito, não para mostrar a minha diligencia, mas unicamente para assegurar os leitores da verdade das cousas a que hão de prestar fé, pois é esta preoccupação propria de quem escreve historia. Escrevi em lingua italiana para que o beneficio seja commum não só aos que estudam, mas a todos, homens e mulheres. O estylo é simples e familiar, sem nenhum artificio, ou flor de rhetorica. A narração dos factos não é methodica, nem dividida conforme as materias; é accommodada successivamente aos annos da vida do mancebo e aos diversos logares que habitou, para que cada um possa saber em que logar e com que edade elle fez esta ou aquella cousa, o que a muitos causa não pequena satisfação, apezar da necessidade de repetir algumas vezes certas acções que elle habitualmente fazia.

A historia é dividida em tres partes. A primeira contem a vida que levou no seculo até entrar em Religião. A segunda, sua vida religiosa até á morte. A terceira, as cousas que succederam logo depois de seu bemdito transito. Poderá parecer a alguns, que o decoro da historia exigia que não se descesse a certas minudencias. como eu propositalmente faço na segunda parte; mas, escrevendo eu para proveito das almas religiosas e espirituaes, e relatando não feitos de um grande capitão ou de um principe secular, mas vida de uma pessoa consagrada a Deus, e acções moraes imitaveis, que muitas vezes variam por pequenas circumstancias; a exemplo de muitos escriptores de vidas de Santos, que fizeram o mesmo, e seguindo o parecer de pessoas abalisadas e doutas, muito de proposito escreverei certas particularidades em que reluz sua singular santidade e perfeição. Embora algumas dessas cousas em si mesmas possam parecer insignificantes, comtudo a constancia nellas e perpetua continuação, com aquella exactidão com que elle as fazia, será para os entendidos um documento de sua perfeição em tudo. Tudo isso quiz declarar, para que não se julgue que foi feito sem

algum fim. Attribuam-se a mim os erros da historia; do bem dê-se gloria a Deus, que seja servido dar-nos graça para imitarmos os santos exemplos deste mancebo, e chegarmos por sua intercessão áquelle bemaventurado fim que, segundo cremos, elle já logra no Céo com muita gloria.

E tu, Santissimo e Beatissimo Luiz, que nas bemditas mansões do Paraiso agora recebes o premio de teus santos trabalhos, e no espelho da Divina Essencia vês as minhas imperfeições, perdoa-me se com estylo trivial tive a ousadia de tratar de tuas virtudes; e, lembrado daquelle affecto de caridade que, vivendo na terra me mostraste, alcança-me de nosso commum Senhor graça de poder aqui religiosamente viver e obrar; para que, favorecido pelo teu favor e patrocinio, possa eu um dia, quando a Deus prouver, chegar a gosar, em tua companhia, a eterna bemaventurança. *Amen.*

† Livros Católicos para Download

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

PRIMEIRA PARTE

† Livros Católicos para Download

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

Castello de Castiglione delle Stiviere no tempo de S. Luiz.
*** Quarto onde nasceu o Santo.**

PRIMEIRA PARTE

Capitulo I.

De sua descendencia e nascimento.

S. Luiz de Gonzaga, de cuja vida e costumes encetamos a narrativa, foi filho primogenito do nobre senhor D. Fernando Gonzaga, principe do Imperio e Marquez de Castiglione delle Stiviere em Lombardia, e de Dona Martha Tana Santena, de Chieri no Piemonte.

O Marquez D. Fernando, pae de S. Luiz, era primo em terceiro grau do Serenissimo Senhor Dom Guilherme, Duque de Mantua, e do mesmo tronco que este; e possuia o Marquezado de Castiglione, herança que lhe fora deixada por seus antepassados,

sito entre Verona, Mantua e Brescia, não longe do lago de Garda.

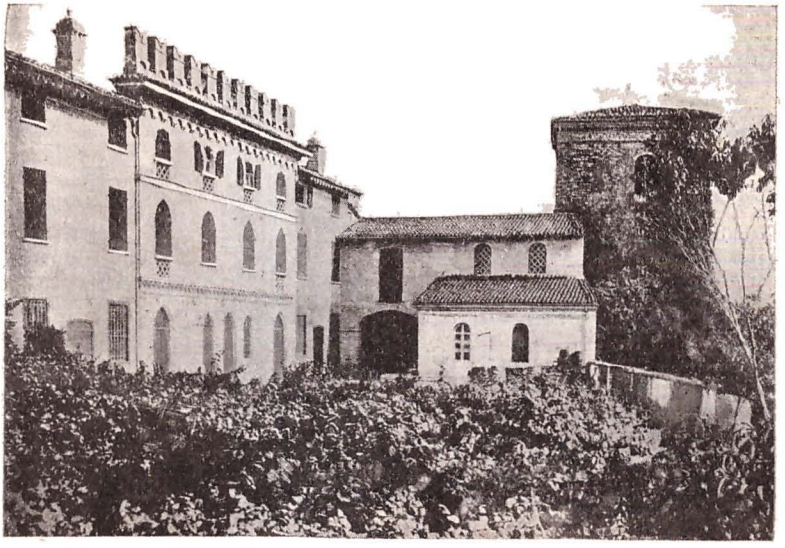
A Marqueza Dona Martha descendia tambem das principaes familias do Piemonte, e era filha do senhor Balthazar Tani, da nobre estirpe dos Barões de Santena, e de Dona Anna, descendente dos antigos Barões della Rôvere, prima-irmã do Cardeal Jeronymo della Rôvere, Arcebispo de Turim.

O casamento dos progenitores de S. Luiz effectuou-se na Hespanha, conforme vamos narrar. Estava o marquez D. Fernando na côrte do Rei Catholico D. Philippe II, onde se achava tambem Dona Martha, que era então a dama de maior privança e confiança da Rainha Dona Isabel de Valois, filha de Henrique II, Rei de França.

Tendo o Marquez conhecimento das nobres qualidades e raras prendas dessa senhora, concebeu grande desejo de tomal-a por esposa, e depois de madura deliberação resolveu fazel-o. Fez chegar seu intento aos ouvidos de Suas Magestades; e, sendo acolhido com agrado, naquella mesma côrte desposou Dona Martha. Os monarchas assignaram bom dote a esta senhora, alem de preciosas dadivas de joias e outras cousas, que lhe fez a Rainha em signal de affeição.

Intervieram nos desposorios e em todas as disposições do ajuste algumas circumstancias tão santas, que bem mostraram que fructo se podia esperar de um tal matrimonio. Assim, quando pela primeira vez Dona Martha soube pela Rainha, que se tinha em vista este casamento, fez celebrar uma grande multidão de Missas, da Santissima Trindade, do Espirito Santo, da Paixão, de Nossa Senhora, dos Anjos e outras, afim de alcançar de Deus a graça de fazer o que fosse mais de seu agrado.

Alem disso, havendo ambos escripto para a Italia afim de pedir para o enlace o consentimento das respectivas familias, chegou a resposta á côrte, justamente quando estavam todos preenchendo as condições para ganhar um Jubileu ha pouco vindo de Roma.

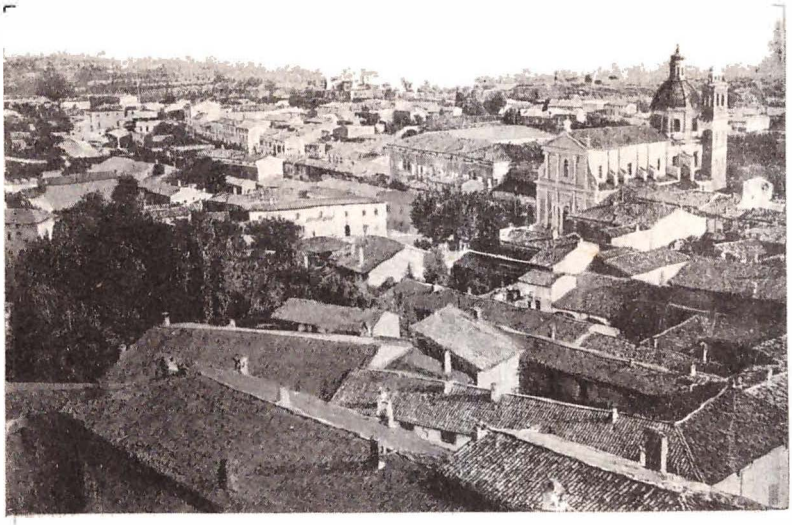


Castiglione - O Castello.

No dia do nascimento de São João Baptista, o Marquez e D. Martha commungaram, ganharam o Jubileu, e concluiram o ajuste de casamento. No mesmo dia esta senhora, como ella mesma me contou, fez firme proposito de entregar-se para o futuro com todo cuidado á devoção.

Ainda mais: nessa occasião estava a Rainha ha pouco de esperanças, e como, pela grande confiança que consagrava á sua dama, não se quizesse privar della em tal tempo, ordenou que se differisse o casamento até depois de ter o seu successo, o que se fez.

Chegado o dia determinado pela Rainha para se receberem, occorrendo não sei que outro Jubileu ou Indulgencia plenaria, o Marquez e a Marqueza, de novo confessados e commungados, celebraram santamente o matrimonio, em graça de Deus, como convem a bons catholicos.



Panorama de Castiglione.

Parece-me não menos digno de nota ter sido este o primeiro casamento celebrado na Hespanha de accordo com a ordem e solemnidade decretadas pelo sagrado Concilio de Trento; as quaes justamente naquelles dias começaram a ser observadas no Reino de Hespanha.

Depois de casado, obteve o Marquez licença do Rei e da Rainha para tornar a seu Marquezado, na Italia, levando comsigo a Marqueza, sua esposa. Antes de deixar a côrte, nomeou-o o Rei seu camareiro de honor e concedeu-lhe, no Reino de Napoles e no Ducado de Milão varios titulos honorificos, extensivos

á sua vida e á de um filho; e pouco depois o fez na Italia capitão de gente de armas, dignidade com que ahi se honram os maiores principes e duques.

Chegados a Castiglione, vendo-se a Marqueza livre das occupações e impedimentos da côrte, como fôra sempre inclinada á piedade christã, tendo mais commodidade e liberdade que antes, começou a entregar-se á devoção mais do que nunca, fiel aos propositos que formara em Hespanha. Sentia em particular grande desejo de ter um filho que servisse a Deus em alguma Religião observante, e, firme nesta santa tenção, muitas vezes e com fervor pedia a Deus em suas orações estas graças. Os acontecimentos parecem demonstrar terem sido ouvidas por Deus suas preces, pois concebeu este primeiro filho, S. Luiz, o qual entrou para a Companhia de Jesus, onde viveu e morreu santamente.

Não deve causar estranheza que filho tão santo e para tão santo fim desejado, pudesse ser alcançado pelas orações da mãe, pois lemos nas sagradas historias, quão benigno se tem Deus mostrado sempre em satisfazer semelhantes desejos. É o que lemos de Anna, mãe do santo Prophetá Samuel, a qual sendo esteril e pedindo a Deus no templo um filho para dedical-o a seu serviço, logo o alcançou; de S. Nicolau de Tolentino, tambem obtido pelas orações de mãe esteril; de S. Francisco de Paula alcançado de paes tambem estereis, de Santo André Corsino e outros semelhantes.

Por ahi vemos que Aquelle que inspirou a Marqueza a pedir tal mercê, tambem poude benignamente ouvil-a, e escolher para si o primeiro fructo de suas entranhas.

Com effeito, parece que Deus foi servido tomar posse de S. Luiz ainda no seio materno; pois sem

duvida á Divina Providencia se deve attribuir o facto de ser elle baptisado antes de totalmente vindo ao mundo, e de ter-lhe assignalado o nascimento com seus favores a Santissima Virgem, Rainha dos Ceos, de quem elle foi desde pequeno tão devoto.

Costumava contar a Marqueza, que, chegada a occasião de dar á luz este filho, foi assaltada por dôres tão fortes, que chegou ás portas da morte, sem que pudesse nascer a creança. O Marquez fez vir muitos medicos, e recommendou-lhes que, se não podiam salvar vivo o filho, salvassem-lhe ao menos a alma, e a vida da mãe. Elles, porém, depois de terem empregado sem resultado varios meios e remedios, desenganaram e deram por perdida a vida da mãe e a do filho.

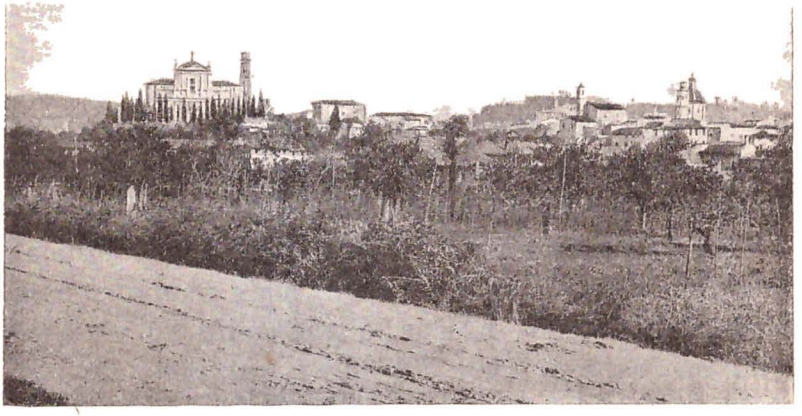
Sabendo isto, a Marqueza, vendo que lhe faltavam os soccorros humanos, resolveu recorrer aos divinos, especialmente á intercessão da Santissima Virgem, Mãe de misericordia, e, fazendo vir á sua camara o Marquez, de accordo com elle, fez voto de ir á Santa Casa de Loreto, se escapasse, e de levar tambem o filho se este, nascendo, sobrevivesse.

Apenas feito o voto, cessou o perigo, e d'ahi a pouco nasceu a creança; e porque continuavam os medicos a affirmar que não era possivel esta escapar, e o Marquez instava que lhe procurassem salvar a alma, a assistente, assim que a viu em termos de poder ser baptisada, ainda antes de inteiramente nascida, a baptisou.

Deste modo, pela intercessão da Santissima Virgem, foi salva a vida á mãe e ao filho, e o mesmo não nasceu para o mundo antes de renascer para Deus e em sua graça; favor singular, que se deve attribuir a Deus, que o quiz possuir desde o seio materno. Neste privilegio foi elle semelhante a Santa

Mechtilde, virgem, a quem, como se lê em sua vida, o Senhor revelou que pela divina vontade lhe fora por identico perigo accelerado o Baptismo, afim de ser sua alma immediatamente dedicada a Deus, como templo onde o Senhor habitasse, prevenindo-a desde o nascimento com a divina graça.

Nasceu S. Luiz no castello de Castiglione, logar principal do Marquezado de seu pae, agora Princi-



Egreja dos Santos Nazario e Celso onde foi baptizado S. Luiz.

pado, na diocese de Brescia, sob o pontificado de Pio V; no anno do nascimento de Nosso Senhor 1568, numa terça-feira, 9 de março, perto da noite.

Apenas o viu nascido, a mãe fez sobre elle o signal da Cruz, e deu-lhe a benção. Por espaço de uma hora conservou-se o menino tão quieto e immovel, que quasi se não podia saber se estava vivo ou morto; depois, como despertando de um profundo somno, soltou um só pequeno vagido e aquietou-se, não chorando mais como costumam fazer os recem-nascidos; o que foi talvez indicio da sua mansidão futura, e da amenidade innata de seus costumes.

A solemnidade do Baptismo realizou-se afinal com grande pompa a 20 de abril do mesmo anno, tambem numa terça-feira, na egreja de S. Nazario, sendo celebrante Mons. João Baptista Pastorio, Arcipreste de Castiglione. Puzeram-lhe o nome de Luiz, por assim chamar-se o pae, já fallecido, do Marquez.

Foi padrinho o Serenissimo Dom Guilherme, Duque de Mantua, o qual mandou a Castiglione um primo seu e do Marquez, o Illustrissimo Senhor Dom Prospero Gonzaga, que apresentou á pia baptismal a creança, como consta do livro de assentamentos da Parochia. No mesmo livro vi, entre outras cousas, que, estando todos os assentamentos de baptismo daquelle tempo escriptos em lingua italiana, só o de S. Luiz, ou pela distincção de sua pessoa, ou por inspiração particular de Deus, trazia no fim algumas palavras latinas que não vi em mais nenhum, nem mesmo no de seus irmãos, e que nelle se verificaram. São as seguintes: *Sit felix, carusque Deo, ter optimo, terque maximo, et hominibus in aeternum vivat;* isto é: « Seja feliz e amado de Deus tres vezes bom, tres vezes grande, e para os homens viva eternamente ».

Capitulo II.

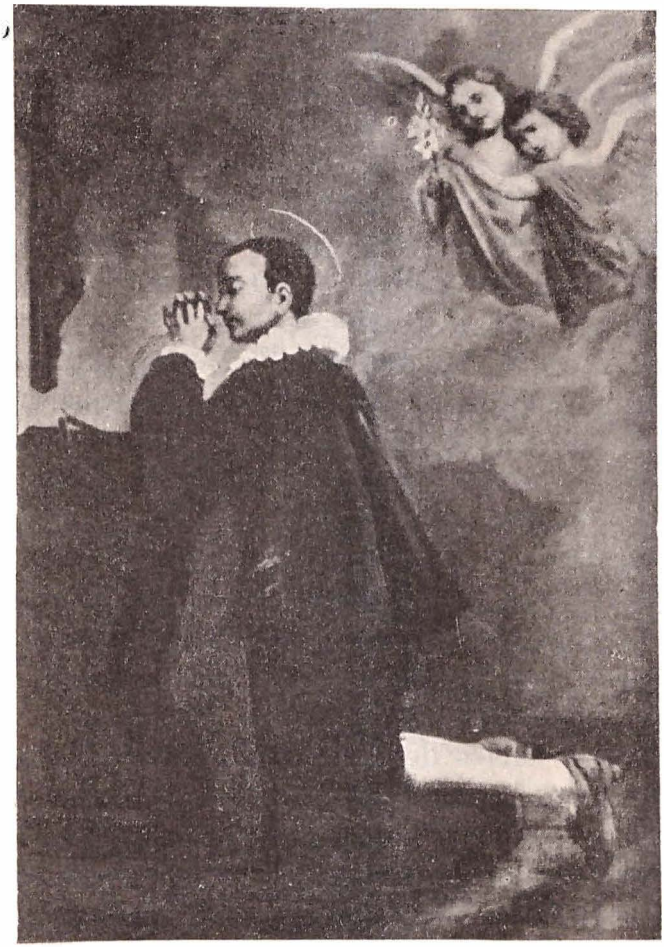
De sua educação até á edade de sete annos.

Com quanto cuidado e esmero foi educado S. Luiz na sua infancia, cada um bem pode imaginar. Como primogenito devia ser herdeiro não só do Marquez seu pae, mas tambem de dous tios paternos, D. Affonso, senhor de Castel-Giuffredo, e D. Horacio, castellão de Solferino, dos quaes o ultimo por não ter filhos, e o primeiro por ter somente uma filha, haviam necessariamente de deixar seus feudos imperiaes a Luiz, seu sobrinho.

Desejava a Marqueza, como pia senhora, que este seu filho se acostumasse desde pequeno ás praticas de devoção. Apenas o menino começou a desembaraçar um pouco a lingua, ella propria lhe ensinou a persignar-se com a Cruz, a proferir os santissimos nomes de Jesus e de Maria, a recitar o Padre Nosso, a Ave Maria e outras orações; e o mesmo queria que fizessem as outras pessoas que o serviam e acompanhavam. O menino tornava-se tão devoto, que pela claridade d'aquella aurora se podia inferir quão grande havia de ser o resplendor do seu meio-dia.

Testificam as damas que estavam naquelle tempo a serviço da Marqueza, particularmente incumbidas de despir e vestir o menino, que nelle viram, desde pequenino, grandissima devoção e temor de Deus. Duas cousas, entre outras assás notaveis, contam-se

delle. Uma é que se mostrava muito compassivo para com os pobres, e, quando os via, lhes queria dar esmola; a outra, que, depois de poder já andar por



S. Luiz em oração diante do Crucifixo.

(DE UM QUADRO ANTIGO – CASTIGLIONE).

si, muitas vezes se sumia, e, quando o buscavam, o encontravam em algum logar escuso onde quedara a fazer oração; do que ficavam todos admirados, prognosticando desde então que seria um Santo. Outras

pessoas, entre as quaes Camillo Mainardi, com juramento depuzeram, que, muitas vezes, carregando o pequenino, sentiam-se interiormente mover á devoção, parecendo-lhes ter nos braços um Anjo do Paraiso.

Sentia a Marqueza grande gosto por ver tornar-se o filho tão piedoso e devoto; mas o Marquez, que se prezava de ser soldado e seguir a carreira das armas, que lhe valeram do Rei Catholico varios cargos honrosos, desejava que Luiz seguisse o mesmo caminho. Apenas completou este quatro annos, mandou fazer expressamente para elle arcabuzes, bombardas e outras armas, todas pequenas e proprias para serem manejadas naquella edade; e, tendo que ir a Tunis, commandando tres mil homens de infantaria italiana, a mandado do Rei Catholico, e devendo passar revista aos soldados em Casalmaior, terra junto a Cremona no Estado de Milão, arrancou Luiz, que não tinha mais que quatro a cinco annos, dos braços das amas e aos cuidados maternos, e levou-o comsigo. Durante o tempo que duraram as manobras punha-o á frente das fileiras, revestido de leve armadura, com um piquesinho ao hombro; e gostava de ver o prazer com que o menino acompanhava os exercicios.

Esteve Luiz em Casal alguns mezes, e, como nessa edade se costuma aprender rapidamente quanto se vê fazer, por brincar e conversar cada dia com os soldados, tomou um certo espirito marcial, e parece que deu indicios de ser inclinado áquella gloria a que com as palavras e o exemplo o incitava o pae.

Aconteceu muitas vezes que, manejando armas, e principalmente arcabuzes, esteve em manifestos perigos de vida, dos quaes foi quasi miraculosamente salvo pela divina Providencia, que a melhor estado o reservava.

Uma vez, em particular, disparando um arcabuz, queimou a face toda com a polvora. Outra occasião, no estio, emquanto o Marquez e muitos soldados dormiam á sesta, tomou um pouco de polvora, e. sósinho (cousa que verdadeiramente admira em tal edade), carregou uma pequena peça de artilharia que havia no castello, e poz-lhe fogo. Pouco faltou para que a carreta da peça, recuando com a descarga, o esmagasse debaixo das rodas. O Marquez acordou com o estrondo, e, receando qualquer reboliço ou sublevação entre os soldados, mandou immediatamente ver que novidade era aquella, e, tendo sabido tudo, quiz castigar a creança; mas os soldados, que se alegravam por ver tanta bravura em tão tenra edade, apadrinharam-no com suas supplicas e obtiveram-lhe o perdão.

Estas e semelhantes cousas contava depois Luiz, em Religião, como provas da divina bondade, que o livrara de tantos perigos. Ainda lhe restava algum escrupulo de ter tirado aquella polvora aos soldados, ainda que se consolava com pensar que, se a houvesse pedido, elles de boa vontade lh'a dariam.

Partindo o Marquez com a soldadesca para Tunis, mandou levar Luiz a Castiglione, onde este seguiu o mesmo modo de vida que em Casal tinha aprendido. E como no conversar com os soldados os tinha a miudo ouvido usar palavras livres e desordenadas, como é geral costume entre essa gente, começou tambem a tel-as na bocca, posto que não soubesse o que significavam, como elle mesmo contou ao Pe Jeronymo Piatti, a cujo pedido narrou toda a sua vida secular.

Ouvindo-o um dia, o Senhor Pedro Francisco del Turco, seu aio, o reprehendeu, e, como me contou

o mesmo aio, nunca mais lhe sahiram da bocca, em toda a sua vida, palavras que não fossem honestas e decentes; antes, se as ouvia usar a outrem, ou punha os olhos no chão, com pejo, ou os desviava, dando mostras de não attender ao que se dizia, e mesmo de sentir enfado. Por ahi se pode ver que, se tivesse consciencia do que dizia, nunca houvera usado semelhantes termos.

Essas palavras que pronunciou naquella edade pueril, sem lhes saber a significação, constituem a maior falta que encontro na vida de S. Luiz, das quaes, tanto que foi avisado que eram más e indecorosas á sua pessoa e nobreza, se envergonhou de tal modo, que, como elle disse mais tarde, nem se podia resolver a declaral-as ao confessor; tão grande o pejo que sentia! Toda a sua vida chorou-as como um gravissimo peccado; e, como jamais commetteu maiores faltas de que se pudesse doer, para mortificar-se e humilhar-se costumava contar esta, em Religião, a alguns de seus amigos, para lhes dar a entender que fora mau desde menino.

É de crer que permittisse Deus nelle esta falta por singular providencia, para que entre tantos dons sobrenaturaes e virtudes com que a divina bondade enriqueceu depois sua alma, tivesse elle alguma occasião de humilhar-se, reconhecendo culpa onde provavelmente, pela pouca edade e falta de advertencia, não a havia; e para que (como de S. Bento escreveu S. Gregorio) retirasse o pé que já quasi tinha posto no mundo.

Chegando á edade de sete annos, epoca em que, segundo o commum parecer dos philosophos e sagrados doutores costumam os meninos, de ordinario, ter uso de razão, e começam a ser capazes de vir-

tude e de vicio, entregou-se de tal modo a Deus, e com tanto fervor dedicou-se e consagrou-se á Divina Majestade, que a esse tempo costumava elle chamar o de sua conversão.

Assim, quando dava conta de sua alma aos directores espirituaes que o instruiam e guiavam, contava como uma das assignaladas mercês que da divina Mão havia recebido, o ter-se com a edade de sete annos convertido do mundo para Deus.

A abundancia da graça celeste com que elle, ao despontar do uso da razão, foi prevenido e ajudado, pode-se claramente avaliar pelo seguinte: quatro padres, seus confessores, que em varios tempos e logares ouviram-lhe confissões, algumas geraes (um delles é o Illustrissimo Senhor Cardeal Roberto Bellarmino que ouviu a ultima geral de toda a vida, que fez não muito antes de morrer), todos depoem por escripto, sem saber um do outro, que elle, em todo o tempo de sua vida, jamais commetteu peccado mortal, nem perdeu aquella graça que, ao nascer havia recebido no Baptismo.

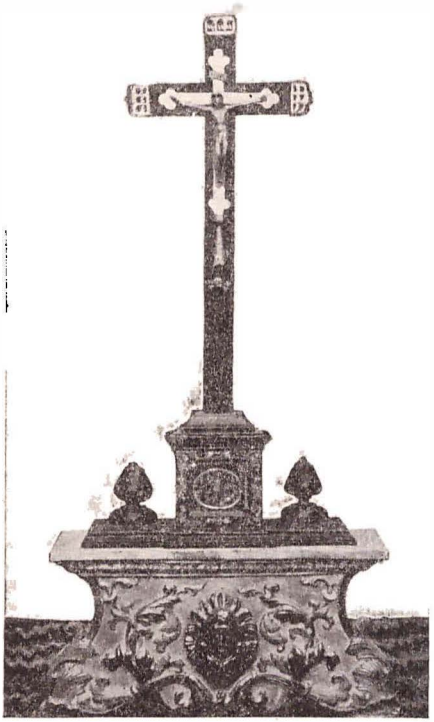
Isto nos deve parecer ainda mais digno de espanto, porque elle na sua mais perigosa edade, não esteve recolhido em claustros ou mosteiros de religiosos, nos quaes pelo afastamento das occasiões, pela santa convivencia com tantos servos de Deus, e pela abundancia dos soccorros espirituaes, é muito mais facil, que no mundo, conservar a graça de Deus. Pelo contrario, desde menino começou a frequentar as cortes, e, alem de ter nascido e crescido na de seu pae, passou alguns annos na do Grão-Duque de Toscana, do Duque de Mantua e do Rei de Hespanha; teve sempre que tratar com principes e fidalgos, e lidar com toda sorte de homens, conforme exigia a occasião.

Todavia, entre as delicias da casa paterna, como no meio dos perigos e tentações das cortes, conservou sempre pura e limpa a branca veste da innocencia baptismal. Por isso, com muita razão, o Cardeal Bellarmino, discorrendo um dia sobre as insignes virtudes de S. Luiz, sendo este ainda vivo, e, em presença de muitos, entre os quaes estava eu, dizendo com razões bem fundadas, que se deve provavelmente crer que a divina Providencia sempre mantem na Egreja militante alguns santos que são em vida confirmados na graça, accrescentou estas formaes palavras: « Eu por mim tenho como certo, que um desses confirmados na graça é o nosso Luiz de Gonzaga, porque sei o que se passa naquella alma ».

Accrescentou o mesmo Cardeal naquelle seu bellissimo testemunho, outra cousa que será considerada mais admiravel por quem quer que entenda as normas da vida espiritual, e considera a competencia da pessoa que affirma; e é que S. Luiz desde sete annos de edade até á morte levou sempre vida perfeita. Quão insigne privilegio seja este, deixo ao juizo dos entendidos.

Parece ter Deus querido que os mesmos demonios dessem testemunho da santidade do menino, e da gloria que lhe estava reservada no Paraiso. Com effeito, passando um dia por Castiglione um frade de S. Francisco, dos Observantes, tido por toda parte em grande conceito de santidade, e demorando-se em um convento de sua Ordem, chamado de Santa Maria, quasi a uma milha de Castiglione, accorreu grande multidão para vel-o e recommendar-se ás suas orações. E porque corria a fama que elle fazia milagres, levaram-lhe varios possessos do demonio para serem esconjurados. Ora, emquanto o frade estava na egreja, em

presença de muito povo, e pessoas muito illustres, entre as quaes estava Luiz ainda pequeno com seu irmão mais moço, começaram os espiritos malignos a gritar, apontando para Luiz: « Estaes vendo aquelle menino? Aquelle, sim, irá para o Ceo e terá grande gloria »! Estas palavras foram guardadas e divulgadas em Castiglione, e ainda vivem pessoas que se acharam presentes ao facto, e o confirmam em seus depoimentos.



Crucifixo diante do qual S. Luiz costumava fazer oração.

Bem que se não deva dar credito aos demonios, que são paes da mentira, comtudo são algumas vezes, para maior confusão sua, constrangidos por Deus a dizer a verdade; e neste caso se pode crer que a disseram, porque já naquelle tempo era tido este santo menino como um Anjo pela vida e costumes. Cada dia rezava em casa, de joelhos ou só ou acompanhado, os exercicios quotidianos, os sete psalmos penitenciaes e o officio de Nossa Senhora; e ainda se entregava a outras devoções; e querendo os outros por-lhe debaixo dos joelhos ou coxins ou outras cousas, não consentia e gostava de ajoelhar por terra.

Por esse mesmo tempo foi Luiz atacado de sezões que lhe duraram dezoito mezes, e o fizeram soffrer bastante, principalmente no principio; se bem que depois nem sempre o obrigavam a estar na cama. Elle tudo soffreu com grandissima paciencia, e não quiz deixar nem um dia de rezar o officio de Nossa Senhora, os psalmos graduaes, os sete penitenciaes e outras orações costumadas. Quando se achava mais abatido que de ordinario, chamava alguma das damas da Marqueza sua mãe, para que o ajudasse.

Taes são os fundamentos que, de seu edificio espiritual, lançou S. Luiz, com a edade de sete annos, pelo que não é de admirar que chegasse depois a tão alto grau de perfeição, como diremos na continuação de sua vida.

Capitulo III.

Como foi levado pelo Marquez a Florença, onde fez voto de castidade, e aproveitou grandemente na vida espiritual.

Depois da jornada de Tunis, demorou-se o Marquez D. Fernando mais de dous annos na corte de Hespanha. Tornando depois a seu Marquezado, achou Luiz não mais inclinado ás armas como o havia deixado, mas todo devoto e recolhido; pelo que, tanto se admirava de ver nelle tão grande siso e circumspecção, como se alegrava imaginando quão apto elle seria para governar os seus dominios. Mas o menino desde então, contando apenas oito annos, tinha designios mui diversos, e revolvia na mente planos de mais alta perfeição.

Um dia, resolveu abrir-se com a Marqueza sua mãe, á qual ouvira muitas vezes dizer que, já que Deus lhe havia dado mais filhos, se alegraria de ver um religioso, e disse-lhe, estando a sós com ella, estas palavras: « Senhora e mãe, costumaes dizer que gostarieis de ter um filho religioso: creio que Deus vos fará esta mercê ». Tornando-lhe a repetir outro dia, no quarto, as mesmas palavras, accrescentou: E creio que serei eu ». A Marqueza fingiu não querer dar-lhe ouvidos por ser elle o primogenito. mas notando as cousas, começou a persuadir-se que assim seria, por vel-o tão dado á devoção. Comtudo,

VISTA GERAL DOS MONTES DE FIESOLE.

※" Villa " de Jacome del Turco.

como elle depois affirmou em Religião, naquelle tempo, nenhuma resolução formou a esse respeito, continuando apenas a viver devotamente, como costumava.

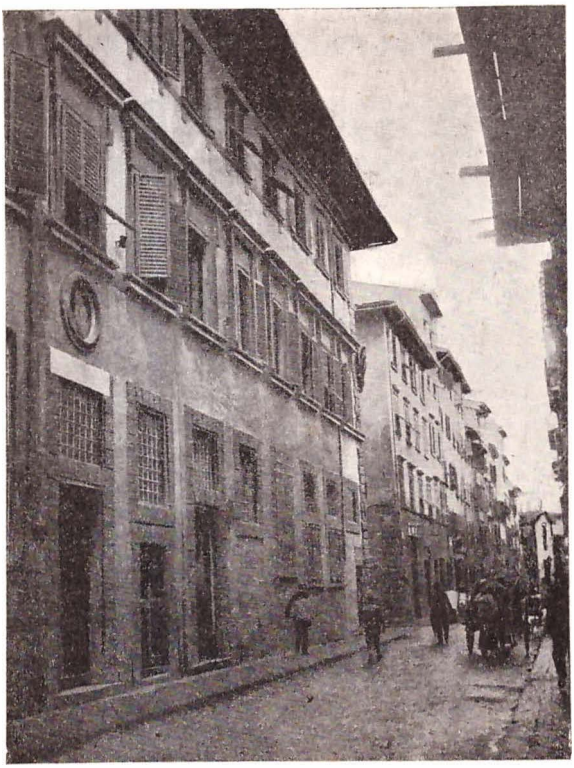
Nessa época, espalharam-se pela Italia noticias alarmantes de peste, pelo que o Marquez, com receio, resolveu mudar-se para Monferrato, e levou comsigo toda a familia. Ahi, sendo assaltado pela gotta, que muito o fazia soffrer, por conselho dos medicos determinou ir ás Caldas de Lucca, e quiz levar comsigo, aproveitando a occasião, Rodolpho, seu segundo filho, que andava adoentado, e tambem Luiz. Era intento seu passar, na volta, por Florença, e deixal-os na côrte do Serenissimo D. Francisco de Medicis, Grão-Duque de Toscana; parte para manter a antiga amizade que com o dito Principe contrahira na côrte de El-Rei Catholico, parte para que os filhos mais facilmente aprendessem a lingua toscana.

Partiu o Marquez com os meninos, a caminho das Caldas em principios do estio de 1577, não sem pezar da Marqueza, que de mau grado consentia que lhe levassem os filhos em tão tenra edade.

Acabando de fazer uso das aguas, dirigiu-se a Florença, e, chegado perto da cidade, sabendo que todas as portas eram diligentemente guardadas por medo da peste, retirou-se a uma quinta de Jacome del Turco, nas visinhanças de Fiesole. Entretanto fez saber a Sua Alteza, que viera visital-o, e, recebendo logo resposta, entrou na cidade, onde foi hospedado no paço pelo Grão-Duque, com muitas demonstrações de amizade. Apresentou-lhe o Marquez os filhos, e tanto se agradou delles Sua Alteza, que a todo custo os queria reter no paço; mas como o Marquez desejava que os meninos se entregassem ao estudo, fora

da côrte, cedeu, destinando-lhes por morada uma casa na Rua dos Anjos.

O Marquez, antes de partir, deixou aos filhos, por aio e mordomo da casa, o Senhor Pedro Fran-



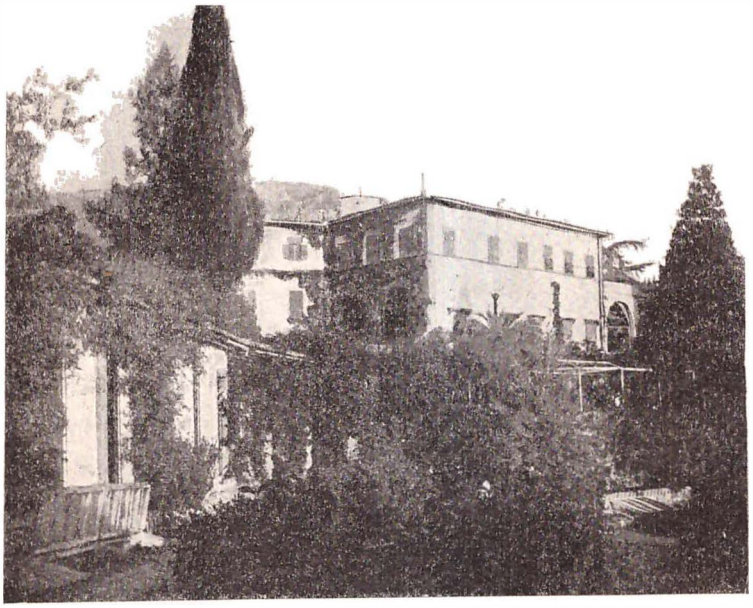
Rua dos Anjos (hoje Rua Alfani) - Florença.
Casa onde morou S. Luiz.

cisco del Turco, cuja fidelidade e prudencia tinha experimentado nos muitos annos que o tinha a seu serviço. Deu-lhes por camareiro o Senhor Clemente Ghisoni; e como professor de latim e moral um virtuoso sacerdote, Julio Bresciani de Cremona, alem da criadagem conveniente á sua posição.

Tinha Luiz nove annos completos quando foi

deixado pelo pae em Florença; e ahi esteve mais de dous annos. Durante este tempo, applicou-se com diligencia ao estudo das linguas latina e toscana, frequentando a côrte apenas nos dias de festa.

A principio, para obedecer a seu aio, tomou parte, algumas vezes, em passatempos honestos, ainda



"Villa" de J. del Turco.

que nisso não encontrasse gosto. Conta a Serenissima Dona Leonor de Medicis, Duqueza de Mantua, que, sendo meninas, ella e sua irmã, a Serenissima Dona Maria, depois Rainha de França, convidavam Luiz a brincar com ellas no jardin ou no paço, e elle respondia que não tinha gosto nisso, e preferia fazer pequenos altares e occupar-se com cousas de devoção.

Com os bons principios que teve em Florença, fez Luiz grandes progressos na vida espiritual, e por isso costumava chamar Florença mãe de sua devoção.

Em particular tomou tanto amor á Beatissima Virgem Nossa Senhora, que quando nella pensava, ou meditava os seus santissimos mysterios, parecia desfazer-se todo pela grande ternura espiritual. Contribuiu muito para isso a devoção que ha em Florença á imagem santissima da Annunciada, e tambem um

Milagrosa Imagem da SS. Annunciada
diante da qual S. Luiz fez voto de perpetua virgindade.

livrinho dos « Mysterios do Rosario », composto pelo Padre Gaspar Loarte, da Companhia de Jesus. Lendo-o, um dia, sentiu-se consumido pelo desejo de fazer alguma cousa que fosse agradavel á Senhora, e veiu-lhe a idea que seria obsequio mui grato e acceito á Santissima Virgem, Rainha do Ceo, se, para imitar o melhor possivel sua pureza, lhe offerecesse e consagrasse por voto a propria virgindade.

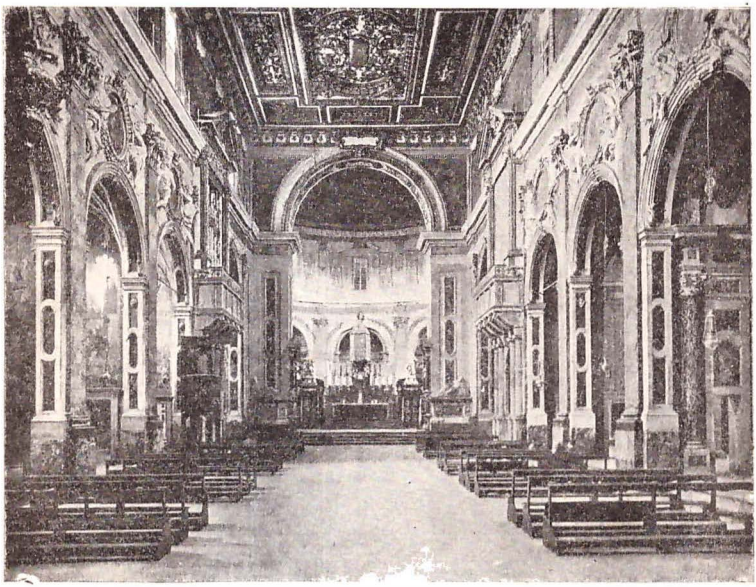
Estando, um dia, em oração na egreja da Annunciada diante da celebre imagem, fez a Deus, em

honra de Maria, voto de perpetua virgindade: e conservou-a por toda a vida com tal inteireza e perfeição, que bem se pode conhecer quão acceita foi a Deus essa offerta. e quão particularmente a Beatissima Virgem o tomou debaixo de sua protecção.

Atrio e fachada da Egreja da SS. Annunciada - Florença.

Com effeito, affirmam seus confessores, e em particular o Cardeal Bellarmino no que depoz com juramento. e o Padre Jeronymo Piatti mais largamente num escripto em latim, que S. Luiz, em todo o tempo de sua vida, nunca sentiu o menor estimulo ou movimento carnal no corpo, nem pensamento ou representação deshonesta no espirito, que fossem contrarios ao proposito e voto que fizera. Este privilegio transcende de tal modo toda força e industria humana, que bem mostra ter sido dom particular de Deus por intercessão de sua Mãe Santissima. Quanto

se deva apreciar esta isenção conhecerá quem ler que S. Paulo (ou falasse de si, ou de outro) tres vezes implorou a Deus a graça de livral-o do aguilhão da carne. S. Jeronymo para vencel-o, batia com uma pedra o peito no deserto; S. Bento nú lançava-

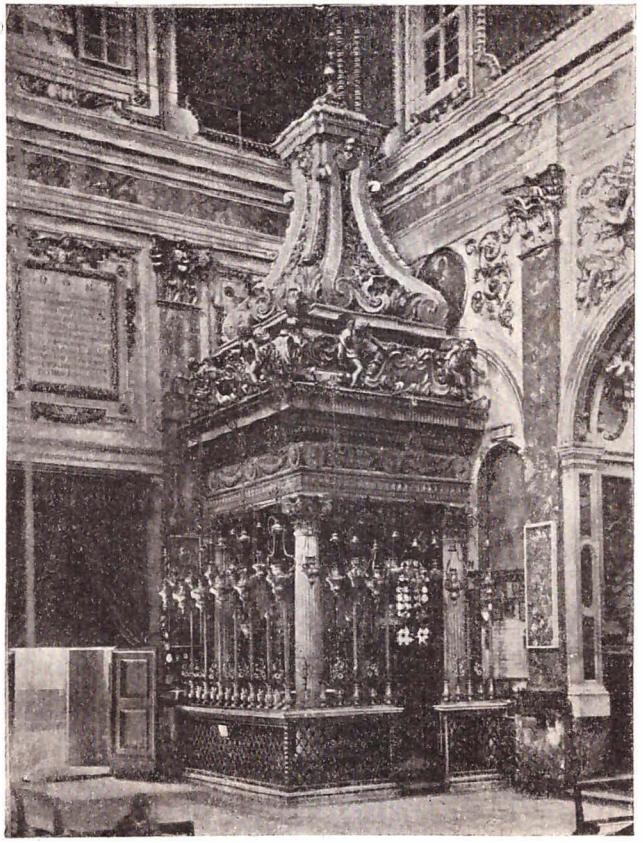


Interior da Egreja da SS. Annunciada.

se sobre espinhos; S. Francisco, sem roupas que o abrigassem, revolvia-se na neve, em pleno inverno, e S. Bernardo, mettia-se até o pescoço em tanques de agua gelada e ahi ficava até que sentisse extinctos os molestos ardores.

Poucos têm sido os Santos que, por favor de extraordinaria graça do Céo, chegaram a uma perfeita e total insensibilidade; e se algum lá chegou, só a custo de muitas orações e lagrimas alcançou de Deus esse dom. Assim conta S. Gregorio nos *Dialogos*, que Santo Equicio, abbade, sentindo-se, em

sua mocidade molestado por taes incentivos, com longas e continuas orações alcançou que Deus lhe mandasse um Anjo, que o tornou tão livre de toda



Altar da SS. Annunciada.

tentação e movimento, como se não tivera corpo. Do abbade Sereno narra Cassiano, que, tendo com muitos jejuns, orações e lagrimas obtido primeiramente a pureza de coração e de espirito, com eguaes trabalhos, a que se entregava noite e dia, recebeu de Deus, tambem por ministerio de um Anjo, tão perfeito dom de castidade corporal, que, nem velando, nem

dormindo, nem sonhando, sentiu jamais movimento algum no corpo. Em epoca mais recente, o Angelico Doutor, S. Thomaz, recebeu esse dom verdadeiramente

Palacio do Grão-Duque de Toscana.

Hoje Palacio Riccardi.

angelico, depois de ter afugentado com um tição acceso uma deshonesta donzella.

Em S. Luiz, não se podendo attribuir esta santa insensibilidade do corpo e pureza da alma, á frieza ou apathia da natureza, pois elle era de compleição sanguinea, e mui espirituoso, esperto e vivo, como

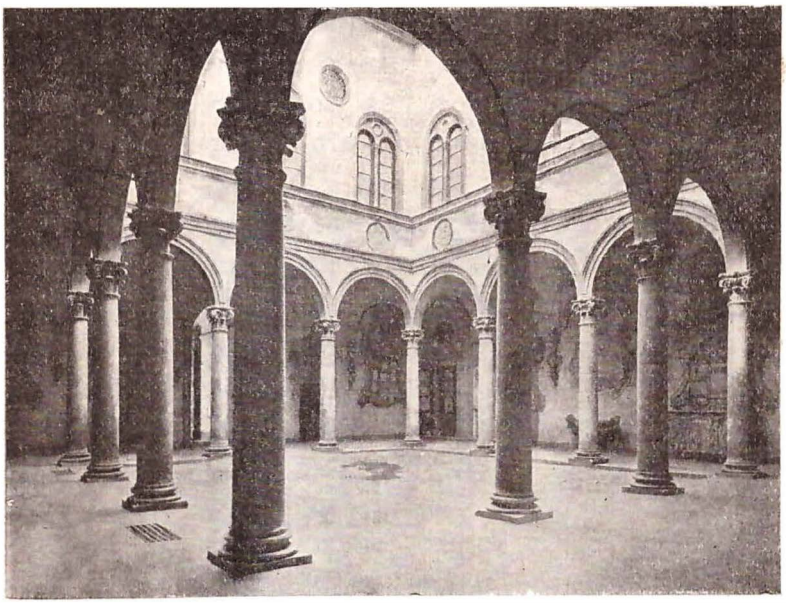
sabem os que o conheceram e com elle privaram, é forçoso dizer que esta sua isenção foi effeito de extraordinaria graça divina, e de favor singular da Bemditissima Virgem, á qual consagrou sempre grande reverencia e devoção, com affecto filial e confiança illimitada.

Verdade é que concorreu elle para a conservação deste dom com o grande cuidado com que guardava os seus sentidos; e, ainda que neste ponto nenhum assalto sentia, comtudo, pelo grande amor que tinha á virtude da virgindade e da pureza, desde muito pequeno acautelou-se, e com extraordinaria diligencia sempre guardou a si mesmo e a seus sentidos, especialmente os olhos, que conservava sempre mortificados, para que não acontecesse fitarem algum objecto de qualquer modo nocivo. Por esta razão andava sempre de olhos baixos pelas ruas..

Mas sobretudo aborreceu sempre, em toda a sua vida e em todos os logares onde esteve, o falar e tratar com mulheres. De tal modo lhes evitava a presença, que quem o visse julgaria que lhes tinha natural aversão. Conta-se que, uma noite, entretendo-se Luiz em certo jogo que chamamos de prendas, porque quem perde dá um penhor que ha de resgatar no fim com uma engraçada penitencia, ordenaram que elle para tornar a receber sua prenda, beijasse a sombra que uma menina fazia na parede opposta. Logo que S. Luiz ouviu isto, o rosto se lhe inflammou de indignação e vergonha, e, deixando a prenda e os companheiros, nunca mais quiz recrear-se, ou divertir-se com similhantes jogos. Estando em Castiglione, se acontecia a Marqueza mandar-lhe ao quarto alguma das damas que a serviam para dar-lhe algum recado, elle se encostava á porta, e, sem deixal-a en-

trar, com os olhos fitos no chão, dava a resposta e a despedia. Até com a propria Marqueza sua mãe, era em extremo acautelado e circumspecto.

Perguntando-lhe, um dia, um Doutor que tudo havia notado, por que razão fugia tanto das mulheres, e até da Senhora sua mãe, elle, por não desco-



Palacio do Grão-Duque de Toscana - Interior.

brir sua virtude, deu a entender que era antes aversão natural, que obra meritoria.

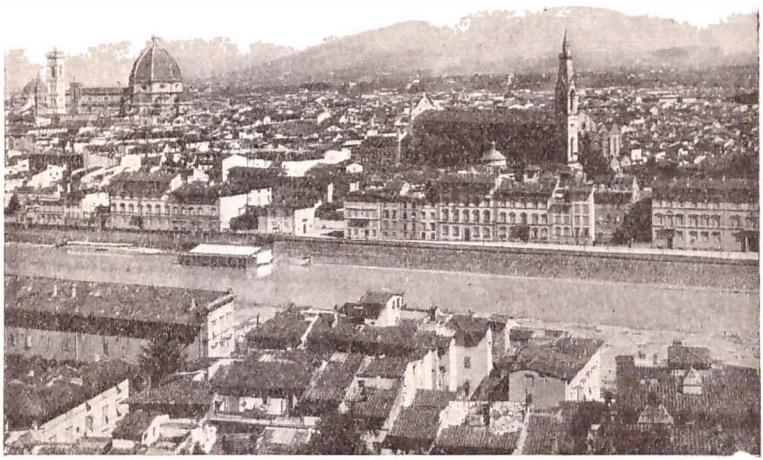
Combinou com o Senhor Marquez seu pae que em todas as cousas lhe obedeceria, como era seu dever, excepto em conversar com mulheres; e o Marquez, vendo-o tão resoluto, respeitou sua vontade para o não desgostar. Elle mesmo contou que nunca olhara algumas senhoras com quem tinha estreito parentesco; e, sendo já conhecida de todos esta sua aversão, costumavam os de casa chamal-o por graça « inimigo das mulheres ».

Em Florença começou o menino a confessar-se mais a miudo, que em Castiglione; e seu aio lhe deu por confessor o Padre Francisco da Torre, então Reitor da Companhia de Jesus. Quando foi confessar-se pela primeira vez, preparou-se em casa com grande diligencia, e apresentou-se ao Padre com tanta reverencia e respeito, com tanta confusão e vergonha de si proprio, como se fora o maior peccador do mundo; e, chegado aos pés do Padre, de repente desmaiou, e foi necessario o aio soccorrel-o e leval-o para casa.

Tornando depois ao confessor, quiz fazer uma confissão geral de todos os seus peccados, da qual, como dizia depois em Religião, tirou sua alma grande consolação. Nessa occasião entrou mais em si mesmo, e deu principio a uma vida espiritual mais estreita, examinando cada uma de suas obras com maxima diligencia, afim de achar a origem de seus defeitos e poder emendar-se.

Achou, em primeiro logar, que, por ser de compleição sanguinea, facilmente se enfadava, e, se bem que sua colera não se manifestasse no exterior, comtudo lhe causava algum aborrecimento e pezar interiormente. Para vencer-se, começou a considerar que cousa feia é uma pessoa irar-se, o que mais claramente dizia conhecer quando tornava á paz, e via que durante o tempo da colera não é o homem senhor absoluto de si proprio. Movido por esta consideração, deliberou resistir para o futuro a este defeito, e desarraigal-o inteiramente da alma; e, ajudado pela divina graça, com sua diligencia, em pouco tempo alcançou tão perfeita victoria, que parecia não ter mais propensão alguma para a colera.

Alem disso, reparando que bastantes vezes, no conversar, lhe sahiam da bocca palavras que de algum modo attingiam a reputação alheia, embora, como elle proprio dizia, escassamente chegassem a peccado venial, arrependeu-se comtudo, e, para não ter mais que confessar similhantes faltas, resolveu evitar conversas e discussões, não só com as pessoas



Panorama de Florença.

de fóra, mas ainda com as de casa. Andava por isso quasi sempre só e retirado, afim de não dizer ou ouvir cousa que lhe pudesse de algum modo macular a pureza da consciencia; e, comquanto por essa razão fosse tido por alguns em conta de escrupuloso e melancolico, pouco se lhe dava.

Veiu tambem a ser tão obediente a seus superiores, que, como affirma seu aio, nem em cousas minimas se apartava de suas ordens; antes, se via Rodolpho, seu irmão mais moço, resentir-se com as

reprehensões do aio ou do mestre, logo com muito amor o admoestava e exhortava á obediencia.

Aos que o serviam, mandava com tanto respeito e modestia, que elles mesmos ficavam confusos. Disseram-me elles, que nunca usava de imperio no mandar, mas os seus modos de falar eram estes: « Podereis fazer-me isto, se não vos for incommodo »; ou: « Se não vos fosse penoso, desejaria que me fizesseis tal cousa »; e outros similhantes; e estas palavras dizia com tanta affabilidade e mostras de sympathia para com os criados, que lhes captivava o coração.

Era tão pudibundo, que córava quando pela manhã o vestia o camareiro. Sempre estava com os olhos baixos, e, apenas punha fora do leito a ponta do pé, logo o calçava, pelo grande desprazer que tinha de lhe verem descoberta ainda uma parte minima do corpo.

Ouvia todos os dias Missa; e nas festas assistia ás Vesperas. Não tinha nesse tempo conhecimento da oração mental, mas applicava-se á vocal, e todos os dias recitava os exercicios da manhã e da noite, e outras orações que acima mencionámos, sempre de joelhos e com grande attenção.

Se bem que não tinha ainda de todo assentado deixar o mundo, tinha comtudo o firme proposito de levar no seculo, se acaso nelle ficasse, a vida mais santa e mais perfeita possivel. Assim tinha chegado S. Luiz, em tão tenra edade, a uma austeridade de costumes e um grau de perfeição a que muitos só escassamente chegam depois de muitos annos de Religião.

Capitulo IV.

Como foi chamado a Mantua, onde tomou a resolução de ser ecclesiastico.

Havia já mais de dous annos que estava S. Luiz em Florença, quando o Marquez seu pae, sendo feito governador de Monferrato pelo Serenissimo D. Guilherme, quiz que elle, com Rodolpho, seu irmão, fosse morar em Mantua. Com assentimento do Grão Duque de Toscana, partiu elle no mez de novembro de 1579, contando então onze annos e oito mezes de edade.

Em Mantua, continuando os mesmos exercicios e modo de viver que tinha começado em Florença, tomou outra resolução de não menor importancia, e foi de renunciar em favor de Rodolpho, seu irmão mais moço, ao Marquezado de Castiglione, do qual já elle, como primogenito, recebera do Imperador investidura.

Para esta resolução contribuiu não pouco uma enfermidade que lhe sobreveio, se bem que elle já havia determinado não tomar mulher, como já dissemos. Começou a soffrer de angurria, e, temendo que com o tempo o mal crescesse, determinou, de accordo com o parecer dos medicos, por meio da dieta extirpar os maus humores a que attribuiam a molestia. Entregou-se com tal rigor á abstinencia, que foi maravilha não morrer. Se acontecia numa re-

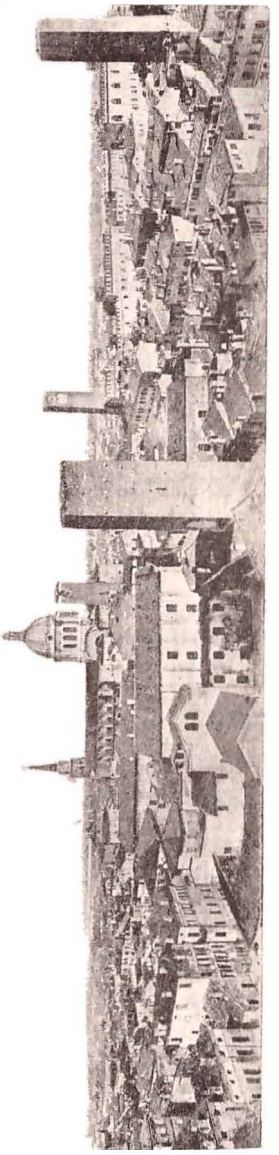
feição comer um ovo inteiro (o que era muito raro), cuidava ter feito um lauto banquete. Neste jejum tão rigoroso perseverou não só durante aquelle inverno, em Mantua, mas tambem no estio todo, em Castiglione, contra o parecer dos medicos e de todos os mais, não já por resguardo, como pensavam, mas por devoção, segundo confessou em Religião ao Padre

Palacio ducal de Mantua.

Jeronymo Piatti. Assim, ainda que a principio se entregara áquella severa abstinencia afim de recuperar a saúde, pouco a pouco se fora affeiçoando áquello modo de vida, e começara a comprazer-se nelle por devoção.

Mas tanto lhe serviu esse jejum para livral-o da doença, pois della ficou livre por toda a vida, quanto o prejudicou em tudo mais. De comer pouco ficou com o estomago tão fraco, que depois, ainda

que quizesse, não podia tomar o alimento necessario, nem retel-o. Desde esse tempo, elle, que fora cheio de corpo, antes gordo que magro, ficou sempre macilento e enxuto de carnes; e faltando-lhe as forças e vigor que naturalmente tinha, por ser de natureza robusta, sobreveiolhe uma languidez tão grande e prolongada, que o consumiu inteiramente.



Mantua - Vista geral.

Comtudo tirou disso proveito para a alma, porquanto aquelle mal lhe servia de excusa para evitar muitos passatempos em que teria de acompanhar o Duque de Mantua se estivesse são. Deste modo sahia raras vezes de casa, e, quando o fazia, era quasi sempre para visitar alguma egreja e casas de Religiosos com os quaes discorria sobre cousas espirituaes.

Ás vezes ia á casa do Senhor Prospero Gonzaga, seu tio. Ahi chegado, entrava logo na capella para fazer oração, e depois se punha a discorrer com o mesmo senhor e demais pessoas da casa sobre as cousas de Deus, de um modo tão espiritual e sublime, que causava espanto a quantos o ouviam; e desde então todos o tinham

por santo e o admiravam. No resto do tempo conservava-se em casa, só e retirado, ora lendo as Vidas dos Santos, escriptas por Surio, das quaes muito gostava, ora occupado em rezar o Officio e outros exercicios espirituaes.

Entregou-se de tal modo á oração, que, aborrecendo cada vez mais toda sorte de conversação, e affeiçoando-se na mesma proporção á vida retirada, determinou afinal ceder o Marquezado a Rodolpho, e consagrar-se a Deus; não para alcançar as dignidades ecclesiasticas (que em varias occasiões lhe foram propostas por diversas pessoas, e sempre as enjeitou constantemente), mas unicamente por poder nesse estado com mais vagar e liberdade dedicar-se todo ao serviço de Deus.

Feita esta firme resolução, começou a pedir ao pae que o dispensasse das occupações da côrte, para poder mais commodamente entregar-se ao estudo; mas não lhe manifestou o proposito que havia feito.

Capitulo V.

Torna a Castiglione, e ahi recebe de Deus o dom da oração e começa a frequentar os santos Sacramentos.

Findo o inverno, e costumando os Principes da casa Gonzaga sahir todos os annos de Mantua para passarem o estio em alguma propriedade sua, ordenou por carta o Marquez, que Luiz se retirasse a Castiglione, com seu irmão mais moço, afim de experimentar se os ares da terra natal, que em si mesmos são muito bons, lhe fariam mais bem á saude que os de Mantua.

Com effeito aproveitaram-lhe bastante pela frescura do logar situado em um outeiro abrigado e de bellissima vista; e pode-se crer sem a menor duvida, accrescentando a tudo isso os cuidados da Marqueza sua mãe, que alli recobrara perfeitamente a saude, se tivesse querido afrouxar um pouco a vida rigorosa a que dera começo em Mantua. Porem elle, attendendo antes ao bem da alma que ao do corpo, não diminuiu nem um ponto aos seus costumados exercicios espirituaes, antes lhes accrescentou mais outros.

Alem da mesma abstinencia que fazia, vivia quasi sempre retirado, evitando todo genero de conversação, para poder entregar-se ás suas devoções. E como cada dia mais se ia desprendendo e afastando do mundo para unir-se com Deus, o Senhor, que benignamente remunera aos que o servem com fidelidade.

não tardou em mostrar quanto Lhe agradava o pio e devoto affecto com que todo se Lhe entregava aquelle rapazinho de doze annos.

Não tendo tido S. Luiz até áquella data nenhum conhecimento nem pratica da oração mental e contemplação, quiz o proprio Deus ser directamente seu mestre e director. Achando bem disposta essa alma pura, abriu-lhe o mais intimo de seus divinos segredos e introduziu-o na mais secreta camara de seus thesouros; e, illuminando-lhe a intelligencia com luz celeste e sobrenatural, ensinou-lhe a meditar e contemplar as grandezas e maravilhas divinas, de um modo muito mais sublime do que o pode fazer o engenho humano.

Luiz, vendo que tão misericordiosamente lhe era aberta esta porta, e lhe era dado campo largo para saciar a ternura de sua alma, levava quasi o dia todo meditando e contemplando ora os mysterios sacratissimos de nossa Redempção, ora a grandeza dos attributos divinos, com tanto gosto e interna consolação, que pela grande doçura que sentia na alma, era forçado a derramar quasi continuamente abundantes lagrimas, com que ensopava não só os lenços que trazia, mas até o chão. Por esta razão levava a maior parte do dia fechado no quarto, evitando sahir, com medo de perder aquelle terno affecto de devoção, ou de ser visto chorando ou commovido.

Os que o serviam no quarto, tendo descoberto estas maravilhas, punham-se muitas vezes a observal-o, pelas fendas das portas, e cheios de espanto o viam durante muitas horas prostrado aos pés de um crucifixo, com os braços ora abertos, ora cruzados no peito, com os olhos fitos na imagem, chorando tão sentidamente, que de fora lhe ouviam os soluços e

suspiros. Depois, o viam bastantes vezes aquietar-se e ficar tranquillo, como arrebatado em extasis, immovel, sem pestanejar, como uma estatua. Nestas occasiões, ficava tão alheio aos sentidos, que se o aio ou o camareiro, que m'o contaram, tivessem atravessado pelo quarto, e feito ruido, elle nem sentira, nem percebera. Começaram a divulgar-se estas cousas,

Castello de S. Jorge solar dos Gonzagas em Mantua (exterior).

e outras pessoas que não eram da côrte, por muitas vezes conseguiram contemplal-o pelas mesmas gretas, e ficaram pasmados.

Notaram tambem os seus, que, ao subir as escadas, costumava rezar uma *Ave Maria* a cada degrau; e em casa, na rua, de carro ou a pé, andava sempre meditando algum mysterio celeste.

Neste exercicio da oração, como dissemos, não teve S. Luiz outro mestre senão a uncção do Espirito Santo. Sabendo já meditar, mas não sabendo a

ordem ou materia que devia adoptar, encontrou por acaso um dia, um livrinho do Padre Pedro Canisio, da Companhia de Jesus, no qual vinham, postos por ordem, alguns pontos de meditação. Por este livrinho não somente foi confortado na pratica da oração. mas tambem aprendeu de que modo a devia ter e em que tempo. Não tinha ainda tempo determinado para a oração, e conforme a commodidade que se lhe offerecia e o fervor que o transportava, ora azia mais, ora menos, ganhando sempre grande luz para a intelligencia, e grande impulso e suavidade no affecto.

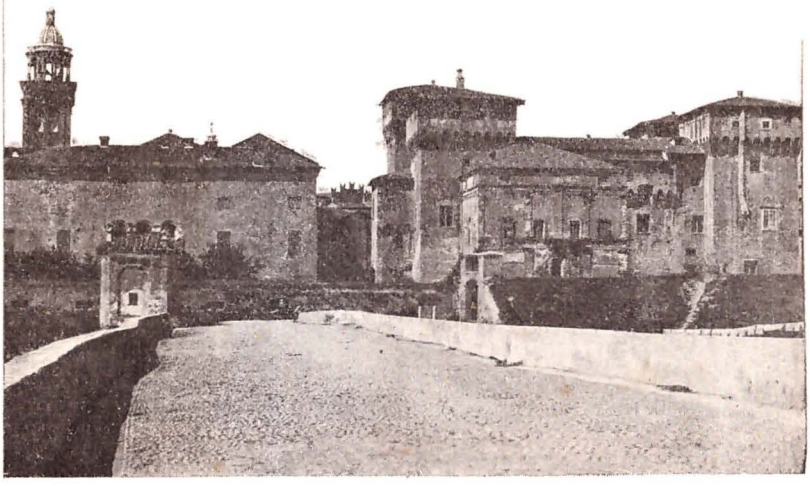
Este livrinho e tambem as *Cartas da India*, como elle depois contou, muito o affeiçoaram á Companhia de Jesus: o livro, porque immensamente lhe agradava o methodo, e ainda mais o espirito com que era escripto, parecendo-lhe ser muito proporcionado ao seu genio; as *Cartas* porque lhe davam a conhecer as obras que Deus por meio dos Padres da Companhia, realizava naquellas regiões para a conversão dos infieis.

Tambem elle se abrazava no desejo de sacrificar sua vida em similhantes emprehendimentos para salvação das almas, e naquella edade pueril, esforçava-se por fazer-lhes bem, do melhor modo que podia. Por esta razão ia todos os dias de festa ás escolas da Doutrina Christã, e, cheio de fervor, ensinava o catecismo ás outras creanças, e iniciava-as nas cousas da fé e dos bons costumes. Isto fazia com tanta modestia e humildade, pondo-se á altura de cada um de seus vassallos e dos mais pobresinhos em particular, que excitava devoção em todos os que o viam.

Alem disso, se via entre os que serviam na côrte alguma discordia, tratava de apazigual-os; se ouvia

algum blasphemar, ou dizer palavras desordenadas, reprehendia-o; se sabia haver no logar pessoas de má vida, benignamente as admoestava e trabalhava para que se emendassem; e não podia tolerar que se offendesse a Deus.

Sobre as cousas de Deus versavam todas as suas palavras; e dellas falava com tanta autoridade, que,



Outra vista do Castello de S. Jorge.

por esse tempo, indo com a Marqueza sua mãe a Tortona, visitar a Duqueza de Lorena, que por alli passara com sua filha a Duqueza de Brunswik, os cortezãos das duas Princezas ouvindo-o discorrer, admiravam-se e diziam que quem o tivesse ouvido sem ver, pensaria ser um velho sensato e não um menino quem tão bem e altamente falava de Deus.

Aconteciam estas cousas no anno de 1580, quando o santo Cardeal Carlos Borromeu, Arcebispo de Milão,

sendo feito por Sua Santidade Gregorio XIII de feliz memoria, Visitador apostolico dos Bispados de sua provincia, visitando a diocese de Brescia, chegou a Castiglione no mez de julho, apenas com sete pessoas que levava comsigo, pois não quizera maior comitiva, afim de poupar despesas aos ecclesiasticos que visitava. Alem de muitas outras obras apostolicas em que se occupou em Castiglione, quiz tambem a 22 de julho, dia de Santa Maria Magdalena, prégar ao povo, em vestes pontificias, e fez uma pratica, com muito fructo, na egreja de S. Nazario, que é a principal do logar.

Muito lhe rogaram os Principes, que se hospedasse no castello que habitavam, mas o Santo não quiz, e preferiu ficar em casa do Arcipreste, junto da egreja. Sendo ahi visitado por S. Luiz, que naquelle tempo tinha doze annos e quatro mezes, teve grande contentamento em ver este anjinho tão favorecido de Deus, e deteve-o em sua camara afim de discorrerem a sós das cousas de Deus, tão longamente, que quantos esperavam fóra estavam espantados.

Encheu-se de consolação o santo Cardeal ao ver aquella planta tão delicada, no meio dos espinhos da côrte, sem industria nem cultivo humano, só ajudada pelo celeste influxo, crescendo tão vigorosa e bella, e já chegada a tal altura de perfeição christã. Tambem o santo menino exultava por ter achado uma pessoa a quem podia com confiança abrir o coração, e pedir que lhe resolvesse certas duvidas que lhe occorriam na vida espiritual; e como via geralmente terem em conta de santo o Cardeal, tomava suas palavras e os avisos com que o estimulava a progredir no caminho encetado, como oraculos divinos.

Perguntou-lhe o Cardeal se commungava já, e respondendo elle que não, o Santo, que já tinha conhecido a pureza de sua vida e gravidade de seu juizo, e entendido a muita luz que Deus lhe dava das cousas do Ceo, não sómente o exhortou a commungar, mas quiz elle proprio dar-lhe a primeira

Mantua - Egreja de S. Sebastião.
Hoje quartel "Montanara e Curiatone".

Communhão, e o animou a fazel-o depois muitas vezes, instruindo-o acerca do modo de apparelhar-se a chegar a esta fonte da graça. Tambem lhe aconselhou que lesse a miudo o Catecismo romano, mandado imprimir por Pio V de santa memoria, em obediencia ao decreto do sagrado Concilio de Trento. Tanto estimava o santo Cardeal esse livro, não só pela doutrina catholica que encerra, como pela pureza da lingua latina com que é escripto, que julgava deverem os jovens lel-o nas escolas em logar

de Cicero e outros autores profanos; para que juntamente com o latim se penetrassem da piedade christã. Introduziu este uso em seu seminario de Milão; ainda que, mais tarde, conhecendo pela pratica, que a cousa não dava resultado, mudou de parecer e ordenou que se tornassem a ler os classicos antigos. Afinal despediu-se de Luiz com muitas bençãos, e signaes de particular affecto.

Ficaram na memoria do bemaventurado jovem as palavras do santo Cardeal, e d'ahi por deante deuse á leitura do Catecismo com grande gosto, tanto por achal-o cheio de santa doutrina e ensinamentos christãos, como por lh'o ter recommendado aquelle virtuoso varão, a quem, com todo fundamento, tinha em grande veneração. Aconselhava tambem aos outros o mesmo livro, allegando a autoridade de quem tanto o havia encarecido.

Começou por este tempo a frequentar a sagrada Communhão, e não se póde conceber facilmente a grande preparação que fazia para receber dignamente este divino Sacramento. Primeiramente, com extraordinaria diligencia e minucia, examinava toda a vida passada, para ver se nella encontrava alguma cousa que pudesse offender os olhos do divino Hospede a Quem esperava. Ia em seguida confessar-se, e com tal humildade, sentimento de dor, e lagrimas o fazia, que o proprio confessor precisava contel-o, mormente porque os seus peccados não tanto eram de commissão, como de omissão, julgando elle sempre que suas obras e costumes não estavam á altura das luzes que Deus lhe dava para galgar a maior perfeição. Alem disso, nos dias que precediam a Communhão, todos os seus pensamentos e idéas eram para este santo Sacramento. Sobre Elle versavam suas leituras,

a Elle dirigia todas as suas meditações e orações, que eram tão frequentes, que costumavam dizer os de casa que elle parecia querer falar ás paredes, tantas vezes se ajoelhava pelos cantos da casa.

Quaes foram, em sua primeira Communhão e nas seguintes, os actos de intima devoção, os amorosos affectos que lhe inundaram a alma ao chegar-se á sagrada mesa, só Deus o sabe, Que lhe via o coração, e não encontrei quem m'os pudesse relatar. Apenas li no processo de sua canonisação, que elle nesse momento ficava extremamente recolhido, e recebia grande consolação interior, mostrando no exterior grandissima devoção, e depois de ter commungado conservava-se na egreja por muito tempo, de joelhos, á vista de todo o povo. Desse tempo em deante sempre frequentou com a mesma piedade a santissima Communhão.

Accrescentou a isto a Marqueza sua mãe outra cousa digna de consideração, e observada tambem por outros em diversas épocas: e é que, daquelle tempo em deante, ficou sempre Luiz com grande affecto de devoção para com o Santissimo Sacramento do Altar, e cada dia, ao ouvir Missa, logo que o sacerdote acabava de consagrar a Hostia, enternecia-se de tal modo, que começava a chorar copiosamente, e viam-se-lhe correr as lagrimas até ao chão. Durou-lhe este affecto por toda a vida, e com abundancia ainda muito maior chorava nos dias festivos, quando recebia a santa Communhão.

Capitulo VI.

Como foi a Monferrato, correu em viagem grande perigo de vida, e deliberou fazer-se Religioso.

Emquanto estava o Marquez D. Fernando em Casale de Monferrato, logar em que os governadores costumam residir, escreveram-lhe de Castiglione, que ainda que D. Luiz, segundo a opinião geral, sarara da sua primeira enfermidade, comtudo, com as excessivas abstinencias que fazia, se tinha de tal modo enfraquecido e estragado o estomago, que mal podia receber e reter a comida, e ainda menos digeril-a, e que neste ponto não tinha melhora alguma porque elle mesmo não ajudava.

O Marquez, que tinha muito a peito a vida e saúde do filho, esperando que, tendo-o junto de si, poderia melhor curar-lhe o incommodo, ou pelo menos fazel-o estacionar, ordenou que Luiz, a Marqueza e Rodolpho fossem ter com elle. Partiram estes, no fim do estio do mesmo anno, 1580, de Castiglione para Monferrato.

Nesta viagem correu Luiz grande perigo de vida. Ao passar o vau de um braço do rio Tecino, que atravessa o caminho e estava naquelles dias muito augmentado pelas chuvas, o carro em que ia Luiz com Rodolpho e o aio, quebrou-se no meio das aguas, dividindo-se em duas partes. A da frente, em que estava Rodolpho, tendo ficado presa aos cavallos,

estes a puxaram, não sem trabalho e perigo, até á outra margem, onde já estavam os outros carros. Quanto á parte de detraz, em que iam sentados Luiz e o aio, foi arrebatada pelo impeto das aguas e levada pela correnteza, durante bom espaço de tempo, com manifesto perigo de vida para ambos, pois se tivesse virado ou fundeado, pelo menos Luiz se teria afogado. Mas a divina Providencia, que com particular solicitude guardava o santo menino, quiz que o pedaço do carro encontrasse um grosso tronco de arvore arrastado pelas aguas até ao meio do rio, e ahi fosse detido o tempo bastante para buscarem um homem pratico daquelle paiz e do rio. Este, montado a cavallo, entrou na agua, tomou Luiz na garupa e levou-o salvo á margem; do mesmo modo voltou e salvou o aio; e logo foram todos juntos a uma egreja não muito afastada, afim de agradecerem devotamente a Deus, que de tão grande perigo os havia livrado.

Entretanto, espalhou-se o boato que se tinham afogado; e a Marqueza, que ia adeante, no primeiro carro, ouvindo isto voltou atraz, com grandissima dor e angustia. Chegou o boato até aos ouvidos do Marquez, que logo mandou um proprio para informar-se do facto, e, emquanto não soube a verdade, não teve um instante de repouso. Em pouco tempo, porém, esqueceu o desgosto com a chegada da mulher e dos filhos.

Esteve S. Luiz em Casale de Monferrato mais de meio anno. Ahi, alem de entregar-se ao estudo da lingua latina, da qual já tinha muito bons principios, aproveitou ainda mais no espirito, para o que contribuiu a virtuosa e santa companhia dos Padres de S. Paulo Degollado, vulgarmente chamados Barnabitas, por causa da egreja de S. Barnabé em Milão, onde tiveram origem. Conversando com elles a miudo,

e frequentando em sua egreja os santissimos sacramentos da Confissão e da Communhão, adquiriu em pouco tempo luz muito maior para adeantar-se nos caminhos de Deus; e como se ia cada vez melhor dispondo para receber do Ceo novas graças, tambem Deus, revelando-Se sempre mais claramente á sua alma com novas luzes e inspirações, o ia alentado e enchendo do desejo de mais alta perfeição, e desapegando-o cada vez mais de todas as cousas da terra.

O Marquez, a principio, procurou distrahil-o, e proporcionou-lhe varias occasiões de divertimentos e recreações, mas elle não se deixou afastar de seus costumados exercicios espirituaes. Seus passatempos eram: ir a miudo a uma egreja bastante celebre e frequentada que lhe ficava perto de casa, chamada de Nossa Senhora de Crea, e ahi fazer suas devoções; outras vezes retirar-se ao convento dos Frades Capuchinhos, ou á casa dos Padres Barnabitas, e discorrer com elle sobre cousas espirituaes; e achando em uns e outros correspondencia de espirito, parecia-lhe não poder mais deixal-os. Admirava em particular aquella expressão de alegria que geralmente via em todos, aquelle menosprezo das cousas emporaes, aquella observancia de tempos determinados para orar e psalmodiar, aquella tranquillidade sem espalhafato que se encontra em suas casas, aquella indifferença completa acerca da vida e da morte. Todas estas cousas lhe davam vontade de escolher para si estado similhante.

Um dia, em particular, entrando na casa dos Padres Barnabitas, e pondo-se deliberadamente a considerar a felicidade dos Religiosos, e como, por terem renunciado ao mundo e despido toda solici-

tude acerca das cousas temporaes afim de melhor servirem a Deus, obrigaram com isto o mesmo Senhor a velar sobre elles, começou a pensar, dizendo a si proprio como depois, em Roma, contou a mim e a outros: Vê, Luiz, que grande bem é a vida religiosa. Estes Padres estão livres de todas as ciladas do mundo, e afastados de toda occasião de peccar. O tempo, que os mundanos inutilmente gastam em correr atraz de bens transitorios e de vãos prazeres, estes o empregam todo, com grande merecimento, na conquista dos verdadeiros bens do Ceo; e estão seguros de que não hão de perecer seus santos trabalhos. Na verdade são os Religiosos os que vivem segundo a a razão, e não se deixam tyrannisar dos sentidos e das paixões. Não ambicionam honras, não prezam os bens terrenos e transitorios, não sentem o estimulo da emulação, não têm inveja dos bens alheios: contentam-se somente com servir a Deus, *a Quem servir é reinar*. Que admiração, pois, que estejam sempre alegres e contentes, e não temam nem morte, nem juizo, nem inferno, se vivem com a consciencia limpa de peccado, e vão noite e dia adquirindo novos merecimentos e empregando-se sempre em obras santas, com Deus ou por Deus? O testemunho da boa consciencia conserva-os naquella paz e tranquillidade interior de que nasce a serenidade que se lhes vê no rosto. Aquella bem fundada esperança de alcançar os bens celestes, o lembrarem-se a Quem servem, e em cuja côrte estão, a quem não consolaria? E tu que fazes? Que cuidas? Porque não poderás escolher para ti este estado? Lembra-te das grandes promessas que Deus lhes ha feito; vê com que commodidade poderás attender ás tuas devoções sem estorvo. Se, como ja resolveste fazer, cederes teu Marquezado a Rodolpho

teu irmão mais novo, mas quizeres comtudo ficar no seculo, verás talvez muitas cousas que não te agradarão; se te calares, vem-te o remorso da consciencia: se quizeres falar, serás importuno, ou não serás attendido. Ainda que te ordenes, e sejas ecclesiastico, nem por isso estarás livre de responsabilidade: antes, tendo, mais que os mundanos, obrigação de levar vida perfeita, ficarás nos mesmos perigos que elles, e de alguma sorte exposto a maiores tentações, que os mesmos casados. De nenhum modo estarás livre da convivencia mundana, e será necessario, vivendo no mundo, cuidar nelle, e ora entreter-se com uma pessoa, ora com outra. Se não conversares com mulheres e senhoras tuas parentas, serás notado, se com ellas conversares e tratares, eis por terra teu proposito. Se quizeres acceitar prelasias da Egreja, ficarás mais immerso nos negocios do mundo, do que o estás agora; se as recusares, os teus proprios farão pouco de ti, dirão que deshonras a familia, e de mil modos procurarão fazer-te acceital-as. Por isso, se te fazes Religioso, de um golpe cortas todos esses empecilhos, cerras a porta a todos os perigos: livras-te de todo respeito humano, e pões-te em estado de poder gosar para sempre inteiro repouso e servir a Deus com toda perfeição ».

Estas e similhantes idéas passando pela mente de Luiz, naquelle tempo, como elle depois contava, o trouxeram por muitos dias como que abstracto e alheio ao mundo: de modo que os de casa advertiram que alguma cousa grande lhe andava fervendo no animo, pois tanto e tão continuamente estava absorto: mas ninguem ousou perguntar-lhe o que tinha.

Finalmente, depois de dirigir a Deus muitas preces para que o illuminasse em tão grave deliberação:

depois de muitas Communhões feitas nesta intenção; parecendo-lhe que Deus o chamava ao estado religioso, deliberou deixar inteiramente o mundo e entrar em alguma Religião, na qual, alem do voto de virgindade que havia feito, pudesse ainda observar o de obediencia e de pobreza evangelica. Como, porem, nesse tempo tinha treze annos incompletos, e não podia pôr em execução seu proposito, não quiz determinar-se por Religião alguma em particular, nem revelar a ninguem o que assentara (posto que os Padres o descobriram, e cuidaram que um dia havia de ficar com elles).

Começou a apertar mais seu modo de viver, e a levar, no seculo e na côrte, vida de Religioso. Muito mais do que antes, conservava-se retirado em seu quarto. Ali costumava haver sempre fogo no inverno, pois por sua delicadeza muito padecia com o frio e se lhe entumeciam e rachavam as mãos; mas daquella data em deante ordenou que não levassem nem fizessem mais fogo em seu quarto. Tambem não se chegava á lareira, e se, alguma vez, por estar em companhia de outros, era obrigado a fazel-o, collocava-se de modo a não receber calor. Quando os de casa lhe levavam remedio para a frieira das mãos, dava mostras de acceital-os de bom grado e agradecia; mas não os applicava para assim soffrer alguma cousa por amor de Deus.

Fugia de ir a logares, onde houvesse concurso de gente, e ainda mais se esquivava a comedias, banquetes e festins, aos quaes nunca foi. Embora o Marquez seu pae, para distrahil-o, o convidasse e algumas vezes manifestasse enfado por vel-o tão retirado da sociedade, elle, comtudo, jamais quiz ir. Quando os outros iam a algum divertimento, elle ficava só em casa,

ora meditando, ora discorrendo com um ou mais homens graves e doutos acerca de assumptos litterarios ou de devoção. Ia tambem aos Padres Capuchinhos e Barnabitas, e com elles ficava em santa conversação, não tendo já nenhum gosto em passatempos do mundo.

Uma vez foi pelo Marquez seu pae levado a Milão, afim de ver a parada da cavallaria, á qual, pelo cargo que tinha, devia o Marquez assistir juntamente com muitos outros senhores. Ora, havendo enorme affluencia de povo para appreciał-a, por ser bellissimo espectaculo, Luiz não podendo deixar de ir, para não zangar o Marquez, que resolutamente o ordenara, achou outro remedio; e foi que de nenhum modo quiz estar nos primeiros logares, de onde mais commodamente teria podido ver a parada, e alem disso tanto quanto poude, engenhou-se em conservar sempre os olhos baixos, ou virados para outro lado.

Pode-se dizer, em summa, que passou a meninice sem ser menino, pois nunca em tal edade, se notou nelle a menor leviandade. Nunca leu livro nem deshonesto, nem vão; as obras com que se recreava eram as *Vidas dos Santos*, escriptas por Surio e por Lipomano.

Dos auctores profanos costumava ler os moralistas, como Seneca, Plutarco e Valerio Maximo; e dos exemplos que delles tirava, servia-se, chegada a occasião, para exhortar os outros á vida christã, ou aos bons costumes.

Discorria ás vezes tão judiciosamente sobre as virtudes e as cousas de Deus, ora em presença de muitas pessoas juntas, ora só com uma, que se espantavam todos de sua muita eloquencia e fervor, dizendo que a sua sciencia parecia infusa, por exceder os limites da capacidade de uma criança.

D'ahi vinha tambem, que os de casa, embora reparassem seu modo de proceder, e não gostassem de ver nelle tão grande reclusão e austeridade de vida, nem tanto horror ás cousas do mundo, comtudo, admirando-lhe a singular prudencia e virtude, não ousavam perguntar-lhe porque fazia isto ou aquillo, e o deixavam livre de fazer o que queria.

Capitulo VII.

Como voltou com o pae a Castiglione, e, levando vida extremamente austera, foi quasi milagrosamente salvo de um incendio.

Terminando o Marquez o prazo de seu governo em Monferrato, voltou com a familia a Castiglione. Ahi S. Luiz. não somente perseverou em seus costumados exercicios de austera penitencia e de devoção, mas ainda os augmentou de tal modo, que é milagre não ter cahido em alguma grave enfermidade que o acabasse de arruinar inteiramente, e que seus paes, vendo isso, com efficaz prohibição não o impedissem de fazel-o.

Alem da rigorosa abstinencia que começara em Mantua, e depois nunca deixou, poz-se a fazer muitos jejuns. De ordinario jejuava tres dias na semana: nos sabbados em honra da Santissima Virgem, nas sextas-feiras, sempre a pão e agua, em memoria da Paixão do Salvador, e nestes dias só tomava pela manhã tres fatias de pão molhadas na agua, e á tarde, por consoada, um unico biscouto com agua, e nada mais; e nas quartas-feiras, em que jejuava ora a pão e agua, ora segundo a disciplina commum da Egreja. Afora esses tres jejuns. fazia outros extraordinarios, conforme a occasião, ou a devoção e fervor que o transportavam.

Ordinariamente comia tão pouco, que algumas pessoas da côrte, não comprehendendo como elle assim podia viver, um dia, sem que elle soubesse, pesaram o alimento que elle costumava comer em uma refeição, e depuzeram com juramento, que não chegava tudo a pesar uma onça. Isto de tal modo transcende as com-

Bibiana Pernstein, mulher do Marquez è Principe D. Francisco Gonzaga irmão de S. Luiz, com as suas filhas.

(De um quadro a oleo da Egreja de S. Maria della Noce in Castiglione).

muns exigencias da natureza, que é forçoso dizer que Deus milagrosamente concorria para conservar-lhe a vida, como se lê ter feito a outros Santos; pois não parece possivel uma pessoa sem auxilio de extraordinaria graça, conservar-se viva com tão pouco alimento.

A' mesa tambem costumava escolher o que lhe parecia peior, e depois de o ter tocado um pouco, deixava-o estar sem comer mais nada.

Nos ultimos annos, elle mesmo queria que o pouco alimento que tomava, quando não jejuava, fosse pesado na balança, affirmando que basta sustentar a vida e o mais deve ser rejeitado como superfluo; tão grande era o seu cuidado em todas as cousas! De tudo isto que diz respeito ao comer, dão testemunho com juramento, alem de muitos outros, seu copeiro, seu mordomo e outras pessoas que o serviam á mesa, e por cujas mãos passava a comida.

Acompanhava tão rigorosas abstinencias com outras penitencias corporaes, e tomava disciplina até correr sangue ao menos tres vezes por semana. Nos ultimos annos que passou no seculo, disciplinava-se diariamente, e por ultimo, entre o dia e a noite, tres vezes, até correr sangue.

Não tendo, a principio, disciplinas, açoutava-se, ora com ajoujos de prender cães, que por acaso achava em casa, ora com pedaços de cordas, e, como outros affirmam, com uma cadeia de ferro. Frequentemente os que o serviam no quarto, davam com elle disciplinando-se de joelhos, e quando lhe faziam a cama, achavam, escondidas debaixo do travesseiro, as disciplinas de corda com que se açoutava. Muitas vezes mostraram á Marqueza as camisas do filho, todas ensanguentadas pelas disciplinas que tomava. Sabendo isto, o Marquez, uma vez, depois de o ter reprehendido, disse com magua á Marqueza: « Este nosso filho quer matar-se ».

Mui a miudo tomava uma acha de lenha ou outro pao, e punha-o ás escondidas na cama, debaixo dos lençoes, afim de dormir mal. E para que de dia não lhe faltasse ao corpo sua continua afflicção, não tendo cilicio – cousa nova e inaudita! – cingia-se com esporas de cavalgar em cima da pelle núa, e fincando-se

as pontas das estrellinhas de ferro em sua carne delicada, acerbamente o atormentavam.

Por tudo isto se pode ver quanto se tinha entregue á vida espiritual, pois sem humanas lições, tendo apenas treze annos e meio, vivendo entre delicias, tão asperamente tratava seu corpo.

Accrescentava o santo moço a estes jejuns e penitencias corporaes muitos exercicios mentaes, especialmente a oração, á qual era tão assiduo, que alguns officiaes da corte depoem no processo de canonisação, nunca terem entrado em seus aposentos, que o não achassem em oração, e ser-lhes necessario bem frequentemente esperar fora um bom pedaço primeiro que acabasse.

Todas as manhãs, apenas se levantava, fazia uma hora de oração mental, medindo-a mais pelo fervor e devoção que pelo relogio; e depois rezava suas costumadas orações vocaes. Ouvia, cada manhã, uma ou mais Missas, e muitas vezes acolytava com particular satisfação. Alem disso, tomava parte no officio divino, que recitavam os Religiosos do logar, servindo de exemplo e edificação a todos. No tempo que sobrava, estava quasi sempre retirado, ora lendo livros espirituaes, ora meditando e contemplando.

A' noite, antes de deitar-se, costumava ficar uma e duas horas em oração, e parecia não poder acabar. Os camareiros que estavam fora esperando para o deitarem na cama, em logar de impacientar-se ficavam edificados, e, ora pelas gretas espreitavam os actos de devoção de seu senhor, ora, movidos pelo exemplo, tambem se punham a fazer oração. Em summa, vivia tão retirado e meditava tão a miúdo, que se pode com verdade dizer que tinha continua oração.

O Marquez, muitas vezes lamentava-se de não podel-o arrancar do quarto e contou ao P. Prospero Malavolta, que frequentemente achava banhado de lagrimas o logar em que o filho fazia oração.

Se, por qualquer negocio que sobrevinha, era constrangido a sahir do quarto, não se distrahia de suas meditações, porque tudo que meditava pela manhã, ou sobre a Paixão do Senhor, ou sobre outro assumpto, de tal modo se lhe imprimia na lembrança, que em qualquer outra cousa que fizesse, estava sempre com o pensamento preso ao que meditava. Nem se contentava com a oração que fazia á tarde e durante o dia: queria ainda orar e contemplar durante a noite. Levantava-se da cama, de ordinario á meia noite, sem que os de casa o advertissem; e, emquanto os outros estavam repousando, elle, na escuridão e no silencio, ajoelhado no meio da camara, só com a camisa no corpo, sem nenhum encosto, levava boa parte da noite em santa contemplação.

Isto fazia não somente no estio, mas ainda em pleno inverno, na epoca dos grandes frios na Lombardia. O ar glacial fazia-o todo tremer, dos pés á cabeça, chegando o tremor a impedir algum tanto a applicação do espirito; mas elle, tendo isto como imperfeição, resolveu vencer-se, e tanta violencia fez para conservar o espirito attento ao que meditava, que, quasi alheio aos sentidos, já não sentia mais o tormento do frio. É bem verdade que no corpo ficava tão falto de vitalidade, tão debilitado, que não podendo, pela grande fraqueza, suster-se ajoelhado, e não querendo sentar-se ou encostar-se, deixava-se, assim em camisa, cahir no chão nú e frio, e deste modo, estendido por terra, proseguia suas meditações.

É de admirar não ter elle então contrahido alguma grave enfermidade, e não ter morrido gelado pelo frio e exhausto de fraqueza, tanto mais que elle mesmo disse a alguns amigos seus, a quem em Religião confiou o que elle chamava suas indiscreções passadas, que, ás vezes, quando assim estava prostrado por terra, ficava reduzido a tanta fraqueza, que nem para cuspir tinha alento.

Deste esforço e violencia que a si mesmo fazia para conservar o pensamento preso á oração, resultou-lhe uma dor de cabeça que por toda a sua vida grandemente o affligiu; porem elle, pelo desejo de padecer e de conformar-se a Christo Nosso Senhor na coroação de espinhos, não buscou remedio para melhorar, antes procurou por varios modos conserval-a e augmental-a para que aquella dor, sem impedir de ordinario suas occupações, lhe servisse de memorial da Paixão e lhe fosse occasião de merecimento.

Acouteceu porem que, por esse tempo, sendo, uma vez entre outras, mais gravemente que de costume, atormentado pela dor, foi forçado a ir para a cama mais cedo. Lembrando-se, porém, depois de deitado, que não havia naquelle dia rezado, como costumava, os sete Psalmos Penitenciaes, resolveu não fechar os olhos antes de recital-os. Tendo feito o camareiro deixar junto ao leito uma vela, despediu-o. Acabando de rezar os sete Psalmos, vencido pela dor da cabeça e pelo somno, adormeceu, sem se lembrar de apagar a vela, que se consumiu toda, e acabou pegando fogo na cama. O incendio, lavrando pouco a pouco, a foi cercando toda em roda, sem labareda, de modo que queimou o cortinado, o enxergão e tres colchões.

Ora, emquanto queimavam, despertou Luiz, e, sentindo-se todo abrasado, cuidou que tinha febre, tanto mais que se lembrava de se haver deitado com aquella intensa dor de cabeça; mas estendendo as mãos e os pés pela cama e achando-a toda escaldando, ficou grandemente maravilhado, sem poder atinar com a causa daquella extraordinaria quentura. Procurou adormecer de novo, mas não conseguiu; e vendo que cresciam o calor e a fumaça e quasi o suffocavam, resolveu levantar-se; e, pulando da cama, abriu a porta do quarto para chamar algum dos criados. Apenas tinha posto o pé na soleira da porta, levantou-se a chamma e queimou todo o restante do leito, que foi pelos soldados do castello, que accorreram, lançado pela janella ao fosso para que não communicasse o fogo á casa.

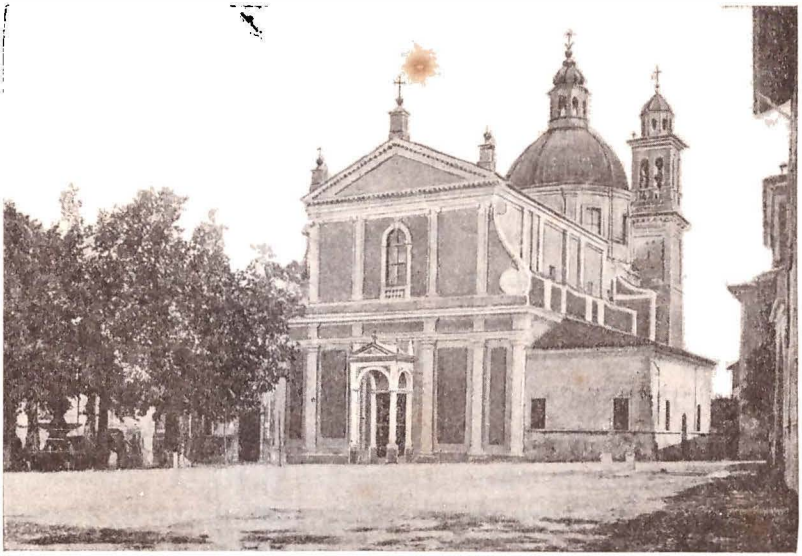
Sem a menor duvida, se elle tivesse demorado mais um istante a sahir da cama, teria morrido, ou queimado pelo fogo, ou suffocado pela fumaça; tanto mais que o quarto era pequeno e estava fechado. Porem Deus, que o tinha reservado para a Religião e sabia o que o puzera em tal perigo, salvou-o com singular providencia; e todos consideraram particular milagre de Deus o ter elle escapado.

Até aos ouvidos dos Duques de Mantua chegou a noticia de ter acontecido um milagre ao primogenito do Marquez, e a Serenissima Dona Leonor d'Austria, depois de não sei quanto tempo, pediu informações sobre o caso ao mesmo Luiz, que muito se envergonhou de o ver conhecido.

Assim, sabendo por experiencia a particular providencia e protecção de Deus a seu respeito, primeiro que tudo, em todos os successos e tambem nos negocios seus e de seu pae, recorria S. Luiz á oração, e

entregava-se nas mãos de Deus, rogando á Sua Divina Majestade, que, pois tudo sabe, o dirigisse de modo a acertar com o melhor, taes são as palavras textuaes com que costumava recommendar a Deus os negocios.

Nem se achou jamais enganado nesta esperança e confiança que tinha em Deus; pois elle proprio con-



Castiglione - Egreja de S. Luiz.

tou uma cousa verdadeiramente espantosa, e é que nunca recommendou a Deus uma cousa, quer grande, quer pequena, sem alcançar o fim que desejava, ainda que fossem não poucas vezes negocios embaraçados com muitas difficuldades e, ao parecer de todos, quasi inteiramente perdidos: tão propicio inclinava Deus o ouvido ás suas preces!

Deste seu trato tão frequente com Deus, parece que adquiriu S. Luiz aquelle dom que elle dizia estimar acima de todos: uma sabedoria e grandeza de animo, com que desprezava e tinha em nada tudo que

ha no mundo. Quando, nos palacios dos Principes e nas côrtes, via a prata, o ouro, as tapeçarias, as cortezias dos palacianos e cousas similhantes, a custo se podia ter que não risse; tão vis lhe pareciam todas as cousas e indignas da estima dos homens.

Muitas vezes, conversando com a Marqueza sua mãe, disse-lhe em confidencia, que não podia deixar de espantar-se, e não sabia achar a razão pela qual todos os homens não se fazem Religiosos, sendo tão patentes os grandes bens que traz comsigo a Religião, não só para a vida futura, mas até para a actual; pois que as cousas do mundo acarretam damnos presentes e vindouros, e depressa se acabam. Por estas palavras, a Marqueza adivinhava a resolução que o filho tomara e o que se havia de seguir, mas ainda não o dava a conhecer.

O pouco que elle conversava neste tempo era com Ecclesiasticos e Religiosos que viviam em Castiglione. Da mesma cidade ha tambem em varias Religiões, pessoas respeitabilissimas, que não moram em Castiglione, mas tornam comtudo ás vezes á patria. O santo moço, em o sabendo, logo os ia procurar para com elles praticar das cousas de Deus, e empenhavase por obter delles contas bentas, *Agnus Dei* e outros objectos de piedade, recebendo-os com admiravel devoção.

Gostava em particular quando chegavam monges Benedictinos da Congregação do Monte Cassino. Estes foram inquiridos no processo feito em Modena, e depuzeram varias cousas acerca de sua devoção e santidade.

Não consagrava menor veneração a alguns Padres da Ordem de S. Domingos, que no estio lá iam descansar, e com os quaes tratava familiarmente

das cousas espirituaes. Um destes foi o Reverendo Frei Claudio Fini, doutor e lente de theologia, e pregador de nomeada na Lombardia, o qual, sendo depois inquirido no tribunal do Bispo de Modena, fez, pouco antes de morrer, o seguinte depoimento que quero transcrever por ser da pessoa que é. Diz elle:

« Conheci pessoalmente e tive trato familiar com o Excellentissimo Senhor D. Luiz de Gonzaga, a quem revertia o Marquezado de Castiglione, por occasião de passar com meus companheiros algum tempo ahi e em outros logares, feudos de sua familia. A Senhora Marqueza sua mãe gostava de fazel-o discorrer comnosco, e commigo em particular, porque me via ficar edificado e arrebatado de gosto espiritual á vista do procedimento, dos discursos, modos e sentimentos do dito Senhor D. Luiz, no qual resplandecia exemplarissima santidade. Seu trato e convivencia denotavam assignalada humildade, e frequentemente louvava o desprendimento das grandezas e dignidades mundanas. Disse-me, uma vez, entre outras, em Castiglione: - Não é bem que pelo nascimento nos queiramos engrandecer: de nenhum modo se discernem as cinzas de um Principe, das de um pobresinho, senão em terem talvez cheiro peior.

Não mostrava, naquella tenra edade, cousa que denotasse meninice. Tinha singular modestia, vivia recolhido e quasi sempre em silencio, pensativo, grave e devoto. Tinha muitas vezes na bocca estas palavras: - O' Deus, quizera amar-Vos com o fervor que merece vossa tão grande Majestade, e corta-me a alma ver a ingratidão de tantos christãos!

« Acerca da modestia e honestidade, tinha uma pureza tão singela e sincera, que mais não pode haver. Se, ainda por brinquedo e desfastio, diziam alguma

cousa que cheirasse de algum modo a pouca modestia, corava, e, com semblante modestissimo mostrava intimo sentimento.

« Quando lhe falavam acerca de cousas espirituaes, e contavam que alguem entrava em Religião, mostrava grande jubilo, e, fazendo por tornar sereno o rosto, quasi mudando de cor, dizia suspirando : – Ai como devem ser grandes as alegrias do Céo, gosadas em verdade, se só de tratar dellas na terra tanta consolação se experimenta ?

'As vezes ia com elle á egreja, e, comquanto tão menino, excedia os mais antigos Religiosos em lagrimas e actos de mui humilde devoção. Não raro fixava os olhos em uma imagem de santo ou de santa, com tanta attenção, que parecia quasi fora de si. Se em taes occasiões o chamassem ou lhe dissessem alguma cousa, não sentia nem respondia ás primeiras investidas.

« Disse-me muitas vezes, que tinha singular devoção á Santissima Virgem, e que só em ouvir pronunciar-lhe o nome, todo se enternecia.

Não o conheci Religioso, embora advertisse pelos seus modos, que elle tinha interior designio de deixar o mundo; mas ouvi de pessoas respeitabilissimas em Milão, Brescia, Cremona, Ferrara, Genova, Mantua e outros logares, que elle mais tarde entrou para a Companhia de Jesus, onde viveu com applauso e reputação de santo. Em particular muitos Religiosos de autoridade me falaram de sua grande santidade e da sua morte; e muitos me disseram que têm por cousa mais segura encommendarem-se a elle, do que encommendal-o a Deus em suas orações. Corre tambem fama de seus milagres, de graças e signaes; são tidas em devotissima conta suas reliquias

Capitulo VIII.

Como foi com o Marquez á Hespanha, e de sua vida nessa côrte.

No outomno do anno de 1581, passou da Bohemia para a Hespanha, a Serenissima Dona Maria d'Austria, filha do Imperador Carlos V, nora do Imperador Fernando I, esposa do Imperador Maximiliano II, mãe do Imperador Rodolpho II, e irmã de Sua Majestade Catholica Philippe II. Para honral-a quiz este Rei, que, na viagem da Italia para a Hespanha, fosse ella acompanhada pelos Principes e senhores italianos dependentes da coroa hespanhola. Entre estes foi convidado o Marquez D. Fernando, pae de S. Luiz; e a Imperatriz fez que tambem a acompanhasse a Marqueza Dona Martha.

Foram pois ambos, levando comsigo seus tres filhos: uma filha chamada Isabel, que lá ficou e depois de alguns annos morreu como dama da Serenissima Infanta Dona Isabel Clara Eugenia; seu primogenito Luiz, que tinha então treze annos e meio, e Rodolpho, que era um pouco mais moço.

Nesta viagem para a Hespanha, não deixou Luiz suas costumadas meditações, nem afrouxou no fervor; antes, por mar e por terra, sempre tinha o espirito occupado em alguma cousa boa. Ouvindo dizer um dia, no navio, que corriam perigo de serem atacados pelos Turcos, levado de subito fervor,

exclamou: « Prouvesse a Deus, que tivessemos occasião de morrer martyres! » Disse-me tambem a Marqueza, que elle, tendo achado por acaso uma pedrinha que parecia trazer entalhadas ao vivo as Chagas sacratissimas do Salvador, e andando sempre com o pensamento occupado nas cousas divinas, cuidou que Deus com singular providencia assim o havia determinado para significar-lhe que devia imitar a Paixão de Christo Senhor Nosso; e chegando-se á mãe disse-lhe: Estaes vendo, Senhora, que cousa me fez Deus achar? E depois o Senhor meu pae não quererá talvez que eu me faça Religioso... Esta pedra conservou elle por muito tempo e com grande devoção.

Chegados á côrte, o Marquez proseguiu no seu antigo officio de camareiro, e Luiz e Rodolpho foram nomeados *meninos*, isto é, pagens de honor, do Principe D. Diogo, filho do Rei Catholico Philippe II, e irmão mais velho do Rei Philippe III.

Durante o tempo que passou S. Luiz em Hespanha, e foi mais de dous annos, alem de attender aos deveres da côrte, applicou-se com grande diligencia aos estudos. Recebeu lições de Logica de um Padre muito illustrado; estudou as Mathematicas, e todos os dias depois do jantar ia a uma aula de Philosophia e Theologia natural, de Raymundo Lullo. Aproveitou tanto, que, achando-se de passagem em Alcalá, na occasião em que um estudante defendia algumas theses de Theologia, sob a presidencia do Padre Gabriel Vasquez, que foi mais tarde seu lente de Theologia no Collegio Romano, e sendo convidado para argumentar naquella edade tão juvenil, fel-o com muita graça, tomando como thema da disputa o provar. que com a razão e luz natural, se pode conhecer

o mysterio da Santissima Trindade, deixando maravilhados todos os circumstantes.

Entre as occupações da côrte e dos estudos, advertiu Luiz, que não tinha a facilidade e commodidade que desejara para devotar-se á vida espiritual. Algumas vezes, no principio, não tinha tempo para fazer suas orações costumadas, e frequentar os santos Sacramentos como tinha por habito, de modo que parecia ir esfriando seu primitivo fervor e desejo de deixar o mundo assim que pudesse; parecia não sentir mais aquelles vivos e abrasados desejos que antes tinha experimentado. Ajudado, porém com a divina graça, resolveu romper com todo respeito humano, e, mesmo na côrte, levar vida santa e religiosa. Nesta intenção, tomou primeiramente por confessor o Padre Fernando Paternò, siciliano, da Companhia de Jesus, que naquelle tempo estava em Madrid, e continuou a confessar-se e commungar com frequencia.

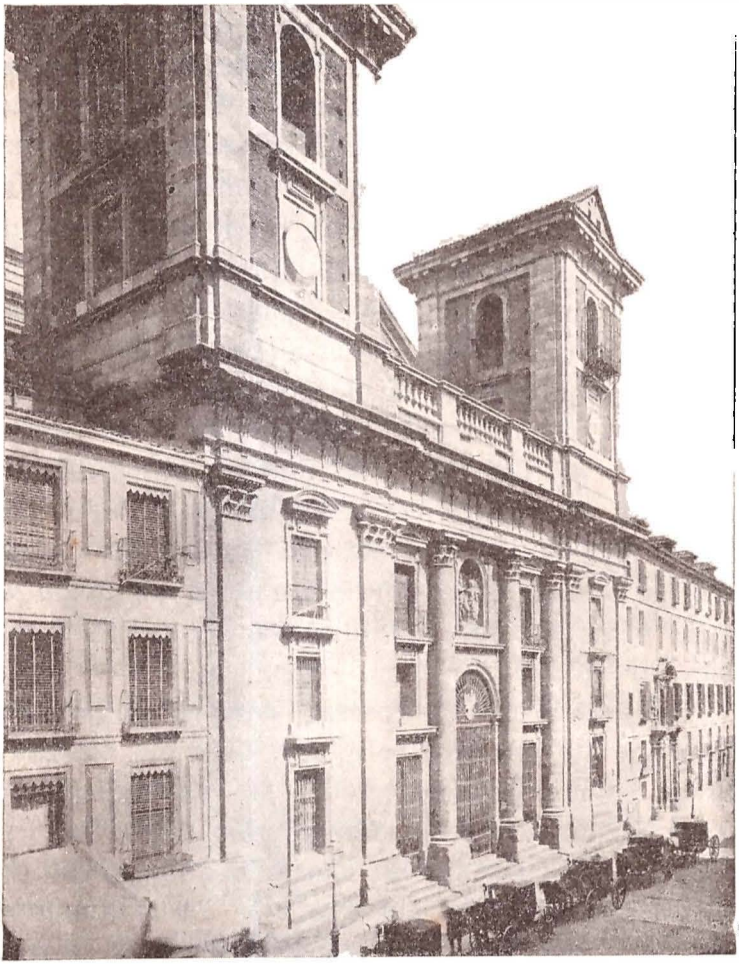
Com quanta innocencia e pureza viveu Luiz naquella côrte tão cheia de distracções, resumbra de uma carta escripta em testemunho pelo mesmo Padre, no anno de 1594, a qual começa textualmente por estas palavras: « Responderei brevemente ás perguntas propostas por Vossa Reverendissima. *Desde que conheci em Hespanha o Irmão Luiz, então ainda menino, notei nelle tão grande innocencia e pureza de consciencia, que não só nunca achei nelle peccado mortal, que elle aborrecia summamente e jamais commetteu, mas até muitas vezes nem encontrei materia para a absolvição. Não se pode dizer que fosse isto estupidez ou falta de juizo; porquanto, desde aquella edade, viam-se nelle gravidade de costumes e prudencia de ancião, e sabedoria muito superior á de um mancebo.*

Foi sempre inimicissimo da ociosidade, pelo que sempre estava occupado em algum bom exercicio, e particularmente em estudar a Sagrada Escriptura, com que grandemente se deleitava. Notei tambem nelle uma grande modestia no falar, e uma caridade que não murmurava nem maldizia de pessoa alguma, ainda em cousas minimas ».

Destas palavras do confessor, e outras que depois transcreveremos, pode-se facilmente recolher que Luiz, no meio das occupações da côrte, levava uma vida coleste e angelica, pois é grande cousa dizer que, em tal meio, se lhe não encontrasse materia de absolvição, nem ainda peccado venial.

Andava pelas ruas com tanta compuncção e modestia, que nunca levantava do chão os olhos. Disse mais tarde, em Religião, que nem em Madrid, onde estivera alguns annos, nem em Castiglione, onde nascera e se criara, seria capaz de andar sem levar um guia, como costumava fazer para não ter occasião de distrahir-se e poder, como elle dizia, empregar aquelle tempo em suas meditações. Direi mais uma cousa verdadeiramente extraordinaria de sua modestia e mortificação no olhar, que extrahi do depoimento do Padre Mucio Vitelleschi, que foi Provincial da Companhia de Jesus em Napoles, e seu intimo amigo. Diz elle que Luiz, como já dissemos, fez essa viagem da Italia para a Hespanha, em companhia da Imperatriz, e, alem disso, em quanto viveu na côrte hespanhola, ia quasi todos os dias com o Principe D. Diogo visital-a; teve mil outras occasiões de vel-a e miral-a, de longe e de perto; comtudo, era tão grande sua modestia e continencia dos olhos, que confessou ao sobredito Padre, nem uma só vez tel-a olhado, e que, se de novo a vira, não a conheceria se não lhe dissessem: È esta a Impe-

ratriz. – Entretanto todos sabem quão grande é de ordinario o desejo de conhecer e, em se apresentando occasião, de considerar longamente esses gran-



Madrid - Egreja e Collegio de S. Isidro.

des personagens, e como corre gente para vel-os, quando passam por algum logar.

Já naquelle tempo, folgava de trazer vestes usadas, e meias remendadas nos joelhos, cousa de que

mesmo os homens de baixa estirpe costumam envergonhar-se. Porem elle, que desprezava o mundo, não se importava com o que sobre elle pudessem dizer, antes, quando por ordem do Marquez seu pae lhe apromptavam alguma roupa nova, demorava o mais possivel a vestil-a, e, depois de a ter posto uma ou duas vezes, destramente a deixava e tornava á antiga. Não queria usar collares de ouro, nem outros ornatos em moda na côrte, porque dizia que as pompas são do mundo, e que elle queria servir a Deus, e não ao mundo. Por similhantes razões teve muitos contrastes com elle o Marquez, que a principio não podia soffrer estas cousas, achando-as de grande desdouro para si e sua casa; mas afinal, vencido pela constancia do filho, poz-se a admirar aquillo que sob outros pontos de vista não podia approvar. Note-se aqui que Luiz, embora amasse tanto a pobreza em sua propria pessoa, deixava os homens que o serviam e acompanhavam andarem bem vestidos, conforme a dignidade e condição de cada um.

Seu modo de conversar com os senhores da côrte, era tão grave e religioso, que, em chegando elle ou estando presente, todos se commediam, não só por jamais terem ouvido de sua bocca palavra, ou visto nelle acção que não fosse mais que honesta, como por saberem que nem a serio, nem por brinquedo, tolerava que em sua presença se dissesse cousa pouco decente. Costumavam os Barões da côrte dizer delle, a modo de proverbio: « O Marquezinho de Castiglione não é feito de carne

Nunca deixava de aproveitar uma occasião de fazer bem ao proximo. Um dia, o jovem Principe D. Diogo, estando a uma janella emquanto ventava

com muita força, aborrecido e com indignação infantil dirigiu-se ao vento, dizendo: Vento, eu te ordeno que não me molestes S. Luiz, que o acompanhava, aproveitando a occasião, com boas maneiras disse-lhe rindo: « Pode Vossa Alteza dar ordens aos homens, que obedecerão; quanto a imperar aos elementos, não pode, porque isto só pertence a Deus, a Quem tambem Vossa Alteza tem de obedecer ». Como tudo que dizia respeito ao Principesinho era relatado ao Rei, contaram-lhe esta passagem, e elle apreciou a resposta de Luiz como judiciosa e opportuna.

Ahi, na Hespanha, veiu ter ás mãos de S. Luiz um livrinho do Padre Luiz de Granada, que ensina o modo de orar mentalmente e de adquirir attenção. Determinou-o isto a fazer todos os dias ao menos uma hora de oração mental sem distracção. Para este fim, ficava de joelhos sem jamais se encostar, e começava a meditação. Se, por exemplo, depois de meia hora ou tres quartos, lhe viesse ao espirito alguma distracção, ainda minima, não punha em conta o que ja havia feito, e daquelle ponto recomeçava, e assim perseverava até fazer uma hora inteira sem a menor distração. Deste modo chegou algumas vezes a fazer em um dia cinco horas e mais de oração.

Para não ser interrompido pelos de casa, ou por estranhos, escondia-se em uns quartos escuros onde costumavam guardar lenha, e ahi, posto que com grande incommodidade, entregava-se com muita consolação ás suas devoções e meditações. Nunca puderam achal-o os de casa, posto que muitas vezes e com diligencia o buscassem, especialmente quando outros senhores, seus amigos iam visital-o. Por esta razão, foi muitas vezes reprehendido por seus paes: porem elle, que mais estimava as visitas do Ceo, que

as dos homens, fechando os olhos a respeitos huma
nos, jamais consentiu em negligenciar ou interrom
per seus exercicios espirituaes para dar satisfacção
ao mundo, querendo antes ser tido em conta de pouc
civil e sociavel pelos homens, que menos devoto po
Deus. Tendo-o notado, os proprios amigos deixaran
de usar com elle de similhantes civilidades, e ell
ficou livre de conversas inuteis e sem proveito e con
maior segurança poude entregar-se ás suas devoções

Capitulo IX.

Como resolveu entrar para a Companhia de Jesus, e descobriu aos paes sua vocação.

Estava já S. Luiz ha cerca de um anno e meio em Hespanha, quando, movido pelo Espirito Divino, que cada dia mais o animava, julgou chegado o tempo de entrar em alguma Religião, conforme á resolução que em Italia tomara. Querendo resolver que Ordem Religiosa em particular devia escolher, deu-se mais que nunca á oração, rogando a Deus, que em negocio de tanta importancia se dignasse illuminal-o.

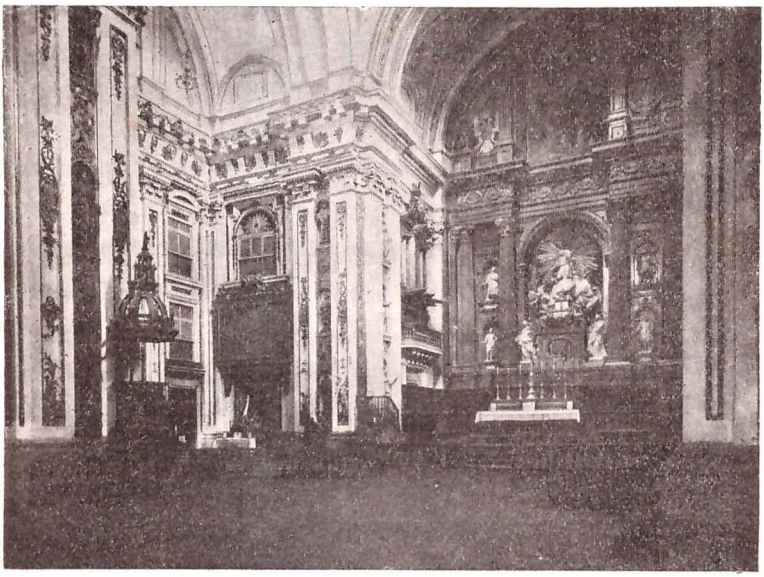
Fez a este respeito maduras reflexões, alguma das quaes confiou depois á Marqueza sua mãe, que m'as contou, e elle proprio referiu em Religião a mim e a outros; e em tudo tinha sempre por fim a maior gloria de Deus. Em primeiro logar, como era muito dado á vida austera e ás penitencias corporaes, sentiu-se inclinado a entrar na Ordem dos Frades Descalços de S. Francisco em Hespanha, que correspondem aos Capuchinhos da Italia, e são, pelo rigor da regra e aspereza das vestes, muito respeitados. Com effeito, qualquer habito vil e grossiero, quando apparece (como quasi sempre succede) unido ao retiro na solidão, ou á vida santa e exemplar na cidade, edifica grandemente, e dá alento ás almas desejosas do bem. Mas depois abandonou este primeiro plano, ou porque conhecesse que era de com-

pleição delicada, ainda gasta e enfraquecida pelas muitas penitencias, e temendo não poder resistir á regra e expor-se ao perigo de ter que sahir do convento; ou porque, estando habituado, mesmo na côrte, a entregar-se a jejuns, disciplinas e outras penitencias corporaes, esperasse, ficando forte, podel-as em qualquer Religião continuar e augmentar sem perigo; e, principalmente, por ter sido muito dissuadido pela Marqueza, que lhe disse que, por sua natureza franzina, não poderia viver muito tempo se continuasse a levar no seculo vida tão austera, ou entrasse em alguma Religião estreita pelas penitencias corporaes.

Lembrou-se tambem que talvez fosse bom entrar em alguma Religião em que tivesse decahido a observancia regular, por lhe parecer que assim poderia não só ajudar o mosteiro para onde fosse, mas ainda, aos poucos, reformar toda a Ordem prestando deste modo grande serviço á Egreja de Deus. Porem, de outro lado, parecendo-lhe não ter bastante virtude para esperar de si tão grande obra ficou em duvida de arriscar-se a algum damno se não conseguisse seu intento, e, em logar de fazer bem aos outros, fazer mal a si mesmo; e por isso determinou escolher uma Religião na qual florecesse a regra primitiva e se vivesse com observancia regular.

Entre as muitas que ha na Egreja de Deus, deixando de parte por não lhe parecerem conformes á sua inclinação as que se entregam puramente á vida activa e ao exercicio das obras de misericordia corporaes, via algumas Religiões que, totalmente afastadas do commercio dos homens, gosam um santo socego nos desertos e solidões, ou, nas mesmas cidades, attendendo só á perfeição da alma, entregam-se todas ao canto dos Psalmos, á lição espiritual e á

contemplação de Deus e das cousas do Céo, em perfeita caridade e santo silencio, como na maior parte as Ordens monasticas. Para estas não só nenhuma repugnancia sentia, mas tinha grande inclinação e sympathia, porque se, no meio da côrte e do bulicio do mundo, sabia tão bem achar o recolhimento do coração e paz da alma, muito melhor é de crer que os



Madrid - Egreja de S. Isidro - *Interior.*

encontrasse no claustro, afastado do mundo e longe de todo commercio humano. Como, porém, tinha em vista não somente o proprio socego e a gloria de Deus, mas a maior gloria de Deus, conheceu que, na solidão enterraria os talentos recebidos, que em outro logar poderiam servir para beneficio das almas. Como alguns affirmam, lera na *Summa* do Angelico Doutor S. Thomaz, que têm a palma entre as Religiões, aquellas que tomam por objecto o doutrinamento, prègação e cuidado das almas, e não somente contemplam, mas com-

municam aos outros as cousas contempladas; por serem mais conformes á vida que na terra levou o Filho de Deus, verdadeiro caminho e regra de toda perfeição, o Qual nem estava sempre retirado a orar e contemplar nos desertos e na solidão nem se occupava sempre em ensinar e prègar, mas ora se retirava aos logares solitarios e aos montes para contemplar, ora voltava-se para os ignorantes, falava-lhes, doutrinava-os, e pregava-lhes as cousas concernentes á salvação. Deliberou por isso renunciar por amor de Deus áquelle gosto e repouso espiritual que pudera gosar no silencio e solidão das Ordens monasticas, e entrar em uma Religião de vida mixta, que professasse as lettras, e na qual, alem do proprio aproveitamento, se tivesse por fim o aproveitamento e perfeição do proximo.

Muitas são, na santa Egreja, as Religiões de vida mixta, santamente observantes, cada uma segundo sua regra; por isso começou Luiz a comparal-as umas com as outras, considerando os meios, auxilios e exercicios que cada uma adopta para alcançar seu intento. Finalmente, depois de longa e madura deliberação, acompanhada de muitas preces, pareceu-lhe bem escolher esta minima Companhia de Jesus, mais recentemente vinda ao mundo, que as outras, e nella dedicar-se ao serviço divino, considerando como vindo de Deus esse chamamento, e tendo para si o Instituto como muito adequado a seu proposito.

Entre as outras razões que o moveram a preferir a Companhia ás demais Religiões, quatro havia que, como elle mesmo disse, o enchiam de grande consolação. A primeira é que nella a observancia estava em seu primitivo vigor, e conservava-se intacta a pureza do instituto, sem ter ainda soffrido alteração al-

guma. A segunda, porque na Companhia se faz particular voto de nunca procurar dignidade ecclesiastica, e de não a acceitar, quando offerecidas, senão por ordem do Papa; pois temia, entrando em outra Religião, ser della tirado um dia, a pedido da familia, e promovido, contra a vontade, a alguma prelasia, o que não era facil sendo elle Jesuita. A terceira é que apreciava na Companhia tantas escolas e congregações para ajudar a mocidade a criar-se com o temor de Deus e viver castamente; e achava que se presta grande serviço á Egreja de Deus, e se dá particular prazer á sua Divina Majestade cultivando essas tenras plantas e defendendo-as do frio do peccado e do incendio da concupiscencia com as trincheiras das exhortações e dos santos Sacramentos. A quarta, porque a Companhia especialmente se dedica a trazer ao gremio da Egreja Catholica os herejes, e a trabalhar pela conversão dos gentios nas Indias, no Japão e no Novo Mundo; e assim tinha esperança de lograr um dia a ventura de ser mandado áquellas partes e converter almas á nossa santa fé.

Feita esta escolha, buscou o santo mancebo, certificar-se, quanto possivel, de que tal era a vontade de Deus, e assentou commungar nesta intenção em algum dia dedicado á Santissima Virgem, e, por intercessão da Rainha do Ceo, pedir a Deus instantemente, que lhe desse a entender se era essa a sua vontade.

Ora, estando proxima a festa da Assumpção, do anno de 1583, e tendo elle já quinze annos e meio, dispoz-se com muitas orações e extraordinario preparo, e, chegado o dia, commungou. Emquanto estava pedindo a Deus devotamente que, por intercessão da Senhora, lhe significasse sua divina vontade, eis que

ouve como que uma voz clara e manifesta, que lhe diz que se faça Religioso da Companhia de Jesus, e accrescenta, como elle proprio referiu á sua mãe, e em Religião a outras pessoas, que, quanto antes, communicasse tudo a seu confessor.

Certo já da vontade divina, voltou para a casa muito alegre e desejoso de obedecer-lhe o mais depressa possivel. No mesmo dia foi ter com seu confessor e contou-lhe quanto se tinha passado, rogando-lhe que o ajudasse junto aos superiores da Ordem, para que o recebessem quanto antes. O Padre, depois de ter bem examinado os principios e progressos desta resolução, respondeu que a vocação lhe parecia boa e de Deus, mas que para pol-a em execução era necessario o consentimento do Marquez, sem o qual os Padres da Companhia o não receberiam; devia pois descobrir ao pae o seu intento, e procurar com rogos e argumentos arrancar-lhe a licença.

S. Luiz, pelo grande desejo que tinha de consagrar-se a Deus, não esperou muito tempo. Naquelle mesmo dia abriu-se com a Marqueza, que sentiu tanta alegria ao saber da resolução do filho, que deu graças ao Senhor, e, como outra Anna, de boa vontade o offereceu e consagrou á Sua Divina Majestade. Foi ella a primeira pessoa que o disse ao Marquez e reprimio os impetos de furor com que elle recebeu esta inesperada resolução. Depois, sempre, neste negocio, tanto o ajudou e favoreceu, que o Marquez, não tendo conhecimento do ardente desejo que ella sempre tivera de ter um filho consagrado a Deus, começou a suspeitar que sua esposa fosse movida por particular amor a Rodolpho, e desejasse que este tivesse a successão do Marquezado, e aquelle abraçasse o estado religioso.

Pouco tempo depois, Luiz, com a maior humildade e reverencia possiveis, expoz em pessoa ao Marquez o seu intento, e com grande confiança e energia significou-lhe estar resolvido a passar em Religião o resto de sua vida. O Marquez, fora de si, expulsou-o com palavras duras e asperas, ameaçando-o de fazel-o despir e açoutar, nú; ao que Luiz com muita humildade respondeu: « Prouvesse a Deus fazer-me a graça de padecer tal cousa por seu amor »; e retirou-se.

O Marquez, ferido de grande dor, virou sua colera contra o confessor ausente; fez e disse o que lhe suggeriram a paixão e o pezar, e, durante alguns dias, não teve repouso, tão pesado lhe parecia o golpe, e consideravel o mal que a resolução do filho lhe fazia. Depois, mandando chamar á sua casa o confessor de Luiz, queixou-se muito delle, accusando de ter incutido tal proposito a seu filho primogenito, em que repousavam todas as esperanças de sua casa. O Padre respondeu que só ha poucos dias lhe communicara Luiz esta deliberação, como elle mesmo podia confirmar; comquanto, pela vida que o mancebo levava, facilmente houvesse descoberto que elle um dia tomaria similhante resolução. Então o Marquez, mais abrandado, voltou-se para o filho, que estava presente, e mostrou-lhe que menos mal seria se elle houvesse escolhido outra Religião; porem Luiz soube tão bem responder-lhe, que o Marquez não teve mais que replicar.

Na seguinte carta, o confessor supracitado diz, falando de Luiz: *Acerca de sua vocação, occorreram duas cousas dignas de consideração. Eu nunca lhe havia falado a esse respeito, bem que por seu procedimento logo previsse o que se seguiu. No dia da Assumpção de Nossa Senhora tendo-se confessado e commungado – o que*

elle fazia a miúdo – veiu, depois do jantar, dizer-me que, tendo pedido a Deus instantemente na Communhão, por meio da Bemditissima Virgem, que lhe desse a entender sua santissima vontade acerca da eleição de estado, sentiu como que uma voz clara e manifesta que lhe disse que se fizesse Religioso da Companhia de Jesus. Alem disso, sentindo muito o Marquez, seu pae, esta sua resolução, e vendo-o tão constante, disse-lhe em minha presença: « Desejara, filho meu, que ao menos tivesses escolhido outra Religião, porque então não te faltariam dignidades com que viesses engrandecer nossa casa, e não as poderás ter na Companhia, que não as acceita ». Respondeu o mancebo: Pois, senhor pae, uma das razões pelas quaes preferi a Companhia ás outras Religiões, é esta: para fechar definitivamente a porta á ambição. Se eu quizesse dignidades, gosaria meu Marquezado, que Deus me deu, na qualidade de primogenito, e não deixaria o certo pelo duvidoso

Partido o confessor, e pensando o Marquez de continuo no caso, começou a suspeitar que fosse tudo plano de Luiz para tiral-o do jogo, ao qual era extremamente inclinado, tendo alguns dias antes perdido muitos milhares de escudos, e jogado, naquella mesma noite em que Luiz lhe confiou seu proposito, outros seis mil escudos. Na verdade tanto desagradava a Luiz este vicio, que bem frequentemente, emquanto o Marquez estava jogando, elle se retirava a um quarto para chorar, dizendo a seus camareiros, que menos lhe pesava o prejuizo que recebia, do que a offensa feita a Deus; de modo que apparentemente não foi sem fundamento a suspeita do pae. Nem foi só o Marquez deste parecer: pensou do mesmo modo toda a côrte, na qual, tendo-se divulgado o occorrido, louvavam grandemente a sabedoria

do mancebo, que, com temor de maior perda, procurava afastar do jogo o Marquez.

Continuando porém Luiz firme e constante em seu proposito, e solicitando cada dia licença para seguir a inspiração divina, protestando não ter outro fim, senão servir a Deus Nosso Senhor, veiu finalmente o Marquez a crer que o filho falava serio e inspirado por Deus, principalmente rememorando a vida angelica que desde pequeno sempre levara, e sua grande tendencia á devoção. Nesta crença muito mais se confirmou, com o parecer do Illustrissimo e Reverendissimo Padre Frei Francisco Gonzaga, Geral dos Frades Franciscanos da Observancia, parente e intimo amigo do Marquez, o qual se achava de visita em Hespanha. Tendo elle, a pedido do Marquez, examinado Luiz por espaço de duas horas, com toda diligencia, ficou tão satisfeito, que disse ao Marquez, que de nenhum modo se podia duvidar que viesse de Deus a vocação do mancebo.

Comtudo, embora o Marquez estivesse plenamente capacitado de que Deus chamava o jovem, não se podendo resolver a dar-lhe licença, entretinha-o com delongas. Percebendo isto D. Luiz, e não querendo mais esperar, principalmente porque, havendo fallecido de umas febres o Principe D. Diogo, se achava livre de obrigações na côrte, resolveu dar um golpe decisivo para ver se obtinha o que queria. Indo um dia á casa dos Padres da Companhia, voltou-se para Rodolpho, seu irmão, que tambem fora, e para as outras pessoas que o acompanhavam, e disse-lhes que tornassem á casa, porque elle ficava e nunca mais sahiria. Elles, depois de o terem supplicado, vendo-o firme e resoluto, volveram á casa e tudo referiram ao Marquez, que estava de cama, com gotta.

Este ouvindo a noticia, expediu logo o Doutor Sallustio Petrocini, seu auditor, dizer ao filho, que tornasse á casa; mas Luiz respondeu que, o que se ha de fazer amanhã, bem se pode fazer hoje, e que, tendo elle gosto de ficar naquella casa, supplicava que o não privassem dessa felicidade. Recebendo o Marquez esta resposta, retorquiu que era grande deshonra para sua casa, acabar a cousa desse modo. e que daria que falar a toda a côrte; e pelo mesmo emissario ordenou ao filho, que voltasse immediatamente, ao que este obedeceu.

Outro dia, falando o Marquez com o Geral Padre Gonzaga, que acima mencionámos, rogou-lhe que, assim pelo parentesco como pela amizade, pois que via quão grande damno seria para sua familia e seu dominio, o ficarem sem este filho tão cheio de prudencia, e que tão bem e religiosamente houvera governado, consentisse em persuadir-lhe que não entrasse em Religião, e que, mesmo em seu estado, poderia servir a Deus, ficando no seculo. Respondeu o Padre Geral pedindo que lhe perdoasse, mas que nem pela sua profissão lhe cabia tal officio, nem em consciencia o podia fazer. Instou o Marquez, que ao menos lhe pedisse que não tomasse o habito em Hespanha, e voltasse com elle á Italia para onde não tardaria a ir, dando-lhe sua palavra que ahi lhe daria licença de fazer o que quizesse. Mas o Geral, lembrou-se que quando, na côrte d'El-Rei Catholico quizera fazer-se frade de S. Francisco, os paes para dissuadil-o o tinham querido levar para a Italia, esperando tirar-lhe este pensamento, mas elle não quizera consentir, e tomara o habito em Hespanha. Disse pois ao Marquez, que, por este motivo, tambem não lhe ficava bem tal officio, e accrescentou que

tinha um pouco de escrupulo de fazel-o. Comtudo não recusou, e, falando depois com Luiz, relatou-lhe os pedidos do Marquez, e as respostas que lhe tinha dado, accrescentando que elle verdadeiramente teria escrupulo de fazer-lhe taes propostas, embora o Marquez promettesse dar em Italia ampla licença. O bondoso mancebo, esperando que o pae cumpriria a promessa apenas chegasse á Italia, disse ao Geral, que estava contentissimo por poder dar ao Marquez esta satisfacção, e que nenhuma difficuldade punha nisto, porque já tinha previsto tudo que poderia acontecer, e se sentia tão firme e constante na resolução tomada, que com a graça de Deus, esperava não mudar, e portanto não temia cousa alguma. O Geral deu a resposta ao Marquez, e ficou isto assentado, com consentimento de ambas as partes.

† Livros Católicos para Download

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

Capitulo X.

Como regressou á Italia, e do que soffreu por causa da sua vocação.

No anno de 1584, devendo ir com sua esquadra, da Hespanha para Italia, o senhor João André Doria, que acabava de ser nomeado Almirante por Sua Majestade Catholica, determinou o Marquez Dom Fernando, regressar por esta occasião á patria, levando comsigo a Marqueza e os filhos. Tambem o Padre Geral Gonzaga, tendo concluido sua visita e seus negocios em Hespanha, seguiu com elles.

Não se pode descrever a alegria que sentiu Luiz por viajar em companhia de tão virtuoso sacerdote, que lhe parecia uma verdadeira e viva imagem da vida religiosa e da observancia regular. Como elle mesmo me contou mais tarde, ia observando com diligencia todas as suas acções para d'ahi tirar proveito; e achou-o, por sua grande virtude e vida exemplar, digno do nome e do logar de Geral da Observancia. Quão bem fundada e verdadeira foi esta opinião que Luiz formou nesta viagem, poude-se ver mais tarde: o dito Padre foi feito Bispo, primeiro de Cefalú na Sicilia, e depois em Mantua, e sempre levou uma vida tão religiosa e santa, que, por commum parecer de quantos o têm conhecido e frequentado, segue as pisadas dos santos Bispos antigos, e merece ser dado como exemplo a todos os Religiosos promovidos ás dignidades eccle-

siasticas. Com tão boa e religiosa convivencia, fez D. Luiz bem alegramente a travessia, ora discorrendo sobre diversos textos da Escriptura, ora praticando sobre outros assumptos sagrados, ora propondo as duvidas que na vida espiritual lhe occorriam.

Chegaram á Italia no mez de julho do mesmo anno, tendo então Luiz já completos dezeseis annos e quatro mezes. Esperava elle que o pae lhe desse immediatamente licença para realizar seus desejos, e começou com toda diligencia a tratar deste negocio; porem o Marquez lhe disse que queria mandal-o primeiramente, com seu irmão Rodolpho, cumprimentar em seu nome a todos os Principes e Duques da Italia; e isto fazia com a esperança de distrahil-o pouco a pouco da idéa de entrar em Religião.

Poz-se Luiz a caminho com seu irmão e numerosa comitiva, e visitou todos os Serenissimos Senhores de Italia. Ia D. Rodolpho, que era mais moço, pomposamente vestido, como convinha á sua nobreza; emquanto o bom D. Luiz, trazia sobre si uma simples veste de sargeta preta, sem nenhum ornato vão. Tendo-lhe o Marquez mandado fazer certos vestidos magnificos e tão guarnecidos, que quasi se podiam chamar cobertos de ouro, para que com elles fosse visitar a Serenissima Infanta de Hespanha, Duqueza de Saboia, que se achava na Italia, não poude conseguir que o filho os vestisse nem uma só vez.

Em Castiglione aconteceu uma vez entre outras, que, tendo as meias todas rotas, as escondia e cobria com a capa, para que os de casa não as vissem e mudassem. Mas succedeu que um dia, subindo uma escáda, cahiu-lhe das mãos o rosario, e, emquanto elle se abaixava para apanhal-o, viu-lhe o aio as meias rotas, e reprehendeu-o, ordenando que immediatamente

as tirasse e vestisse outras; ao que elle não ousou resistir, com medo que o fosse contar ao Marquez seu pae.

Nesta viagem que fez pela Italia, ia sempre ou recitando orações vocaes, ou meditando; não deixava seus jejuns costumados, nem a oração da noite. Chegando ás estalagens, recolhia-se a algum quarto; e olhando se havia alguma imagem de Christo Crucificado, se a não achava, com carvão ou com tinta fazia uma cruz em uma folha de papel, e ajoelhava-se, ficando uma ou mais horas, entregue á sua devoção.

Quando chegava em alguma cidade em que houvesse casa ou collegio da Companhia, depois de ter cumprimentado os Principes, ia sempre visitar os Padres. A primeira cousa que fazia ao entrar nos collegios, era ir direito á egreja saudar o Santissimo Sacramento, e depois se entretinha com os Padres, conforme a commodidade e o tempo de que dispunha.

Na visita que fez ao Serenissimo Duque de Saboia, succederam duas cousas dignas de menção. Uma foi que estando hospedado em Turim no palacio do Illustrissimo Senhor Jeronymo della Rovere, seu parente, que depois foi Cardeal e conversando em uma sala com muitos fidalgos, um destes, velho de setenta annos, começou a proferir discursos pouco honestos; pelo que, Luiz, agastando-se contra elle, disse-lhe livremente estas formaes palavras: « *Não se envergonha um ancião da qualidade de Vossa Senhoria, em dizer similhantes cousas na presença destes jovens fidalgos? Isto é dar escandalo e mau exemplo, porque "corrumpunt bonos mores colloquia prava" diz S. Paulo* ». Dito isto, tomou um livro espiritual para ler, e retirou-se a outra sala, longe daquella sociedade, mostrando-se offendido. O velho ficou mortificado, e os outros muito edificados.

A outra cousa foi que, tendo noticia de sua estada em Turim, o Senhor Hercules Taui, seu tio, irmão da Marqueza, foi visital-o, e rogou-lhe que, juntamente com seu irmão, fosse a Chieri, para ver e favorecer com sua presença todos os parentes, pois nunca ahi estivera. Acceitou Luiz o convite e foi com Rodolpho, seu irmão. Ora, tendo, o Senhor Hercules, para honrar seus nobres sobrinhos, preparado uma festa em que se devia dançar, Luiz fez a principio todo o possivel para não comparecer; depois, rogado por muitos, que lhe diziam que só para houral-o e festejar sua vinda era aquella festa, consentiu em apparecer na sala, onde se achavam muitos senhores e damas. Logo protestou que apenas ficaria alli presente, mas não queria dançar, nem tomar parte em divertimento algum, e todos concordaram. Apenas, porém, se tinha sentado, uma daquellas senhoras levantou-se e convidou-o para dançar. Elle, vendo isto, sem dizer uma palavra, sahiu da sala immediatamente, e não voltou mais. Logo depois foi procural-o o senhor Hercules, mas não o poude encontrar; afinal, passando para outro fim pelo quarto de um criado, viu o sobrinho escondido em um canto, entre a cama e a parede, de joelhos, entregue á oração; do que ficou tão admirado e edificado, que nem ousou interrompel-o.

Capitulo XI.

Dos novos assaltos que soffreu em Castiglione, e como finalmente alcançou do pae licença para entrar em Religião.

Terminadas as visitas, regressou Luiz a Castiglione, certo de que o Marquez cumpriria o promettido, dando a licença; achou-se porém muito enganado, pois o pae nem queria ouvir falar em tal, e empregava todos os ardis para fazel-o mudar de idéa, sem resolver-se a crer que fosse madura a vocação de seu filho, e julgando-a antes um fervor juvenil que com o tempo passaria. Outros grandes personagens dignos de acatamento pelo parentesco e pelo amor que lhe tinham deram-lhe diversos assaltos, que não esperava.

O primeiro foi o Serenissimo D. Guilherme, Duque de Mantua. que sempre o amara com singular, affecto. Mandou elle a Castiglione um Bispo muito eloquente, para dizer a Luiz que, se estava desgostado da vida secular, se fizesse Ecclesiastico, porque neste estado se poderia empregar em cousas de maior gloria para Deus e proveito para o proximo, do que em qualquer Religião; que não faltavam exemplos de homens santos, tanto nos tempos antigos, como nos nossos, qual o Eminentissimo Cardeal Carlos Borromeu e outros, que, investidos de dignidades, haviam sido mais uteis á Egreja, que muitos Religiosos. Fi-

nalmente promettia e offerecia toda a sua diligencia e favor para fazel-o promover a altos cargos.

Cumpriu o Bispo sua missão com muita eloquencia e bellas razões. Luiz, porém, depois de ter respondido a tudo com grande prudencia, rogou-lhe por fim que agradecesse muito a Sua Alteza o amor que lhe havia sempre mostrado, origem daquelles offerecimentos; mas que, tendo já renunciado a todas as regalias que lhe provinham de sua casa, renunciava tambem ás mercês tão liberalmente offerecidas por Sua Alteza; e confessava que a razão particular de ter escolhido a Companhia, fora por não acceitar dignidade alguma, pois tinha determinado não querer senão Deus nesta vida.

O segundo assalto foi do Illustrissimo Senhor Affonso Gonzaga, seu tio, a quem elle devia succeder no dominio de Castel Giuffredo. Tendo este feito a Luiz muitas propostas no genero das do Duque, recebeu identica resposta.

Outra pessoa de muita autoridade, tambem da casa Gonzaga, depois de ter dito muitas cousas para tiral-o de seu proposito, poz-se por fim a falar mal da Companhia, aconselhando-lhe que, pois resolvera deixar o seculo, ao menos não entrasse na Companhia, que vivia no mundo, e antes elegesse alguma Religião, isenta de tais occupações, como a dos Capuchinhos, dos Cartuxos e outras similhantes. Talvez dissesse isto para, se Luiz mudasse, tomar de sua inconstancia occasião para reprovar e condemnar sua vocação ou porque achava mais facil affastal-o daquellas Religiões, como desproporcionadas ás suas forças e á sua compleição delicada, ou retiral-o dellas e fazel-o promover ás dignidades da Egreja. Porem Luiz em poucas palavras respondeu que não via de

que modo se poderia mais afastar do mundo, do que entrando na Companhia; porque, se por mundo entendia riqueza, nella se guarda perfeitamente a pobreza; sem que nenhum possa ter cousa alguma propria; se por mundo entendia honras e dignidades, a estas tambem tinha cerrada a porta pelo voto de não as buscar, nem acceitar quando offerecidas, como muitas vezes acontece pelos Reis e Principes, a menos de virem acompanhadas de ordem formal do Papa. Com taes respostas impoz silencio áquelles senhores e convenceu aos outros, que era solida sua vocação.

Fez tambem o Marquez que o tentassem outras pessoas, em particular João Jacome Pastorio, Arcipreste de Castiglione, a quem S. Luiz muito considerava, para que o determinassem a governar seu Marquezado. Mas Luiz, com vivas razões, soube tão bem convencer o Arcipreste que elle se viu obrigado a trocar a embaixada e foi falar ao Marquez em favor do filho, procurando persuadil-o de que vinha de Deus esta vocação; e depois sempre falou de Luiz a todos, como de um santo.

O Marquez não contente ainda com as diligencias que fizera, rogou com instancia a um Religioso, seu grande amigo, Frei Francisco Panigarola, prègador de muita fama naquelle tempo, e que depois morreu Prelado de uma egreja, que quizesse, por seu amor dar um valente assalto a D. Luiz, tentando por todos os modos arredal-o daquella vocação. O Padre, se bem que de má vontade, para não dizer que não ao Marquez, resolveu cumprir o encargo, o que fez com toda a arte e eloquencia; porém nada conseguiu. Querendo elle mais tarde louvar a constancia do mancebo a um Cardeal de muita importancia, disse as seguintes palavras: *Constrangeram-me a fazer com este*

joven o officio de demonio, e eu embora de má vontade, empreguei todo o meu saber e industria para convencel-o; todavia nada consegui, porque elle estava tão firme e inabalavel, que nada o podia mover.

Milão - Egreja de S. Celso (columnata).

Apezar de tudo isto, o Marquez tinha esperança de vel-o rendido a tantos assaltos. Para mais se certificar, estando um dia retido no leito pela gotta, mandou chamal-o, e lhe perguntou que determinação tomara. Respondeu Luiz com reverencia, mas positivamente, que sua intenção era e sempre fora servir a Deus na Religião que já havia dito. Ouvindo esta res-

posta, irou-se grandemente o Marquez, e, com aspereza e pungentes palavras, ordenou que se sahisse de sua presença nem tornasse mais a apparecer-lhe diante dos olhos.

Luiz, tomando como ordem estas palavras, retirou-se logo ao Convento de Santa Maria. dos Frades da Observancia, a uma milha de Castiglione. Está situado este Convento á margem de um grande e formoso lago formado por meio de represas, pelas aguas que descem de uma amena collina, em um logar assás apreciado nos tempos passados, como ainda mostram até agora uma especie de sala subterranea ornada de mosaicos antigos, que ahi se vê, e um claro jorro de salutiferas aguas que, levadas por meio de canaes antigos pelo Marquez D. Fernando, a certas casas de recreio que construira para ahi se retirar com seus filhos, arrebentam e formam uma limpidissima fonte cheia de encantos. A este logar se retirou S. Luiz levando consigo cama, livros e outros objectos de seu uso; e ahi viveu ainda mais retirado, disciplinando-se mais vezes ao dia, e consagrando o tempo todo á oração.

Ninguem ousou dar parte disto ao Marquez para que não se encolerisasse. Elle porém, passados alguns dias e continuando de cama com a gotta, perguntou que era feito de D. Luiz; e, sabendo que estava no dito mosteiro, mandou immediatamente chamal-o, e fazendo-o vir a seus aposentos, com palavras acerbas e grande colera o reprehendeu do atrevimento de sahir de casa para dar-lhe (como elle dizia) mais desgosto. S. Luiz, com grande paz e acatamento, respondeu que tinha ido por cuidar que desse modo obedecia á ordem de sumir-se para longe de seus olhos. O Marquez retorquiu com muitas palavras e amea-

ças, e finalmente mandou-lhe que se retirasse a seus aposentos, e Luiz, inclinando a cabeça disse: « Por obediencia vou ». Chegando ao quarto, fechou a porta, ajoelhou-se deante de um crucifixo, e começou a chorar abundantemente, pedindo a Deus constancia e fortaleza no meio de tantos trabalhos; depois, tirando a roupa, disciplinou-se por muito tempo.

Entretanto o Marquez, em cujo peito se debatiam o amor natural e a consciencia, pois de um lado não podia resolver-se a ficar sem um filho tão amado e perfeito em tudo, e de outro não queria offender a Deus, um tanto enternecido e receando ter com tão aspera reprehensão magoado o filho, chamou o Governador da terra, que estava na antecamara, e ordenou-lhe que fosse ver o que Luiz estava fazendo. Foi o Governador, mas chegando á porta do quarto encontrou um camareiro que lhe disse que o senhor D. Luiz se fechara e não consentia que o fossem incommodar. Elle, porém, dizendo que tinha ordem do Marquez para ver o que o mancebo fazia, chegou-se á porta, e, não podendo entrar, fez com o punhal uma pequena abertura pelas gretas, e viu Luiz despido, com os joelhos em terra, chorando e disciplinando-se aos pés de um crucifixo. A' vista deste espectaculo, ficou tão commovido e enternecido, que voltou ao Marquez com as lagrimas nos olhos e disse: *Senhor, se Vossa Excellencia visse o que está fazendo o Senhor D. Luiz, certamente não procuraria tiral-o do seu bom proposito de fazer-se Religioso.* E, perguntando o Marquez que era o que vira, e porque chorava daquelle modo, respondeu: *Senhor, vi uma cousa que faria chorar as pedras;* e contou quanto vira.

O Marquez ficou tão admirado, que não podia resolver-se a acreditar. No dia seguinte, á mesma hora,

avisado de que a scena se repetia, fez-se levar, numa cadeira, á porta do quarto de Luiz, que era no mesmo pavimento do seu, e pelo buraco feito viu-o a chorar e disciplinar-se como na vespera. Vendo isto, commoveu-se de tal modo, que ficou por algum tempo attonito e como fora de si. Depois, dissimulando, man-

Milão - Praça e Egreja de S. Fiel.

dou fazer algum barulho e bater á porta da camara, e, entrando com a Marqueza, achou o chão salpicado de gottas de sangue pelas disciplinas, e o logar onde estava o filho, banhado de lagrimas, como se houvessem derramado agua.

Em consequencia deste espectaculo, e pelas muitas instancias que Luiz de continuo fazia, resolveu finalmente o Marquez dar a desejada licença. Escreveu para Roma ao Illustrissimo Senhor Scipião Gonzaga, seu primo, que era então Patriarcha de Jeru-

salem, e depois foi Cardeal da Santa Egreja; pedindo-lhe que em seu nome offerecesse ao Reverendissimo Geral da Companhia de Jesus, que era naquelle tempo o P. Claudio Acquaviva, filho do Duque d'Atri, a cousa mais cara e de maior esperança que tinha no mundo: seu filho primogenito; e perguntasse a Sua Paternidade, em que logar ordenava que fizesse o noviciado.

Respondeu o Padre Geral como convinha em tal negocio; e quanto ao noviciado primeiro se falou em Novellara, depois por muitas razões fixou-se Roma.

Luiz, ao receber a feliz nova, sentiu alegria indizivel, e não poude deixar de escrever logo uma carta ao Geral, agradecendo-lhe o mais possivel tão grande beneficio, e dizendo-lhe que, visto não corresponderem as palavras á grandeza do affecto, todo se lhe offerecia e dedicava. Recebeu o Padre Geral com particular gosto esta affectuosa missiva, e respondeu-lhe que o acceitava e aguardava.

Em seguida, começou-se a tratar da renuncia ao Marquezado, do qual, como já dissemos, recebera Luiz investidura do Imperador. Quiz o Marquez que a renuncia fosse em favor de Rodolpho, no que Luiz de muito bom grado concordou, dando-lhe licença para que elle mesmo compozesse a formula em que desejava a renuncia; que por sua parte ficaria contentissimo com tudo o que o pae quizesse, comtanto que liquidasse o mais depressa possivel o negocio, para que desembaraçado de tudo pudesse acolher-se á Religião.

Arranjou-se o negocio do seguinte modo: Luiz renunciaria a qualquer jurisdicção em seu Marquezado, e a toda successão nos outros feudos que lhe tocavam; e de todo o seu patrimonio apenas receberia immediatamente dous mil cruzados em dinheiro,

de que poderia dispor a seu gosto, e, depois, emquanto vivesse, quatrocentos cruzados por anno. Este contracto foi mostrado a varios Doutores em leis e tambem ao Senado de Milão, para ver se poderia dar origem a alguma duvida, ou materia de demanda; e foi finalmente enviado á corte do Imperador para ser confirmado por sua Imperial Majestade sem cujo consentimento não se podia transferir a jurisdicção, por ser o estado dos Senhores de Castiglione dependencia imperial.

Foi expedido para este fim á côrte do Imperador o Doutor Sallustio Petroceni. Muito contribuiu para o feliz despacho da renuncia na côrte do Cesar a Serenissima Dona Leonor d'Austria, Duqueza de Mantua, á qual se recommendou S. Luiz como a quem o podia ajudar, e costumava de boa vontade favorecer taes negocios. Vê-se quanto ella trabalhou neste ponto, no livro de sua *Vida*, terceira parte, capitulo quinto, onde se lêm as seguintes palavras: *Aconteceu que um mancebo muito illustre, primogenito e marquez, sendo movido por Deus a deixar o mundo, sem que alguem o pudesse tirar de seu santo proposito, e restando-lhe obter do Imperador licença para transferir o feudo a um seu irmão, Leonor, á qual recorrera, depois de ter examinado tudo e indagado as qualidades daquelle que queria deixar o mundo, não só o animou a corresponder á vocação divina, como escreven com enthusiasmo ao Imperador Rodolpho seu sobrinho, e alcançou o que queria. Cumpriu o mancebo seu santo designio, e poucos annos mais tarde morreu Religioso, e depois de ter vivido santamente, foi receber a gloria no Ceo.*

Capitulo XII.

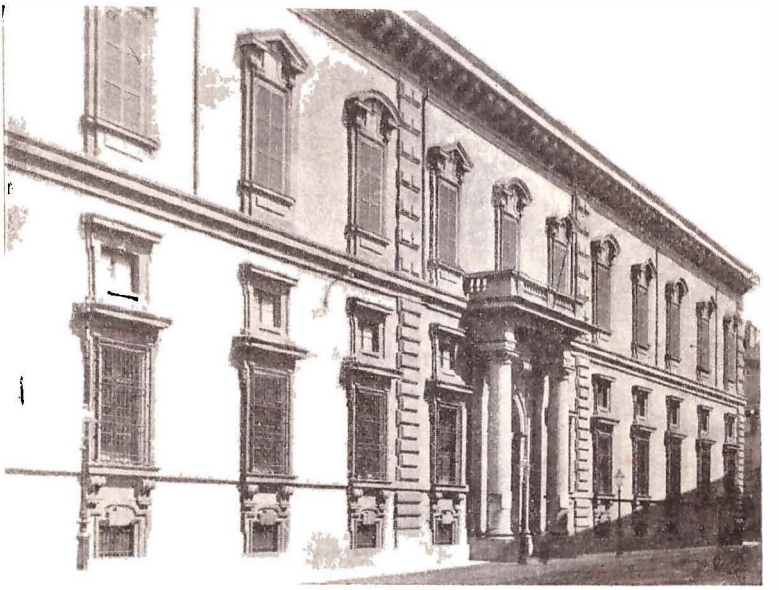
Como S. Luiz foi mandado a Milão a tratar alguns negocios, e do que ahi lhe succedeu.

Emquanto se esperava que o Imperador sanccionasse a renuncia. surgiram ao Marquez, em Milão, alguns negocios de maxima importancia. Para resolvel-os, não podendo ir em pessoa, por estar retido no leito pela gotta, determinou mandar em seu logar Luiz, em cuja prudencia e juizo muito confiava: e com razão, porque, tendo-o muitas vezes incumbido de negocios com varios Principes, elle os havia sempre encaminhado e concluido do modo mais satisfactorio.

Partiu Luiz em obediencia á ordem do pae, e foi obrigado a demorar-se em Milão cerca de oito ou nove mezes. Tratou os negocios com tal habilidade e prudencia, que, embora muito difficeis e intricados, alcançou o fim desejado pelo Marquez.

Nem para elle foi este tempo perdido, pois tendo estudado na Hespanha toda a Logica, como dissemos, estudou em Milão Physica, então leccionada no Collegio de Brera, da Companhia de Jesus, pelo P. Bernardino Salino; e, como tinha bella intelligencia e grande applicação, aproveitou grandemente. Assistia todos os dias, pela manhã e á tarde, ás aulas, e, quando pelos negocios era obrigado a faltar, fazia escre-

ver a lição para poder estudal-a em casa. A's disputas, não só queria estar presente, mas argumentava e defendia theses como os outros estudantes, não querendo isenção alguma em seu favor. Na argumentação mostrava a agudeza de seu engenho: porém com tanta



Milão - Collegio Brera.

modestia o fazia, que nunca deixou escapar palavra inconsiderada, nem alguma leviandade de rapaz, quer nos gestos, quer nas palavras, como o testifica o proprio mestre. Esta singular modestia no argumentar e em tudo mais, o tornava a todos muito amavel. Alem disto, ouvia todos os dias, no mesmo Collegio, uma lição de Mathematica: e como o lente a não dictava elle, por não se esquecer, logo em tornando a casa, a dictava a um seu camareiro com tanta facilidade, clareza e felicidade de memoria, que quando em Castiglione me foram mostrados estes apontamentos pelo

mesmo que os escreveu e os guarda como reliquias, fiquei maravilhado ao ver que Luiz nunca se esquecera da demonstração, nem trocara os numeros, as medidas, os cómputos, os pontos, as linhas e os termos proprios daquella materia. Costumava ir ao Collegio com muita modestia, vestido todo de preto, e sem espada. Pelo caminho não trocava palavras com os officiaes de sua casa, que o acompanhavam, e andava geralmente a pé, comquanto tivesse carro e cavallos.

Emquanto esteve em Milão, todo o seu passatempo foi conversar com os Padres da Companhia.

Boa parte do tempo que lhe sobrava das occupações, entretinha-se no Collegio, praticando ora com este, ora com aquelle Padre, sobre assumptos litterarios, ou espirituaes. Notou seu mestre de Philosophia, que quando elle falava com Religiosos ou seculares de alguma autoridade era com tanto respeito e reverencia, que conservava sempre os olhos baixos, e mui raras vezes os levantava. Não conversava só com os Sacerdotes ou estudantes: entretinha-se tambem com os Irmãos coadjuctores, especialmente com o porteiro do Collegio; e tinha-se por muito honrado quando este accidentalmente lhe deixava na mão as chaves da portaria emquanto ia chamar alguns dos Padres, illudindo-se deste modo a si proprio, que já era da Companhia.

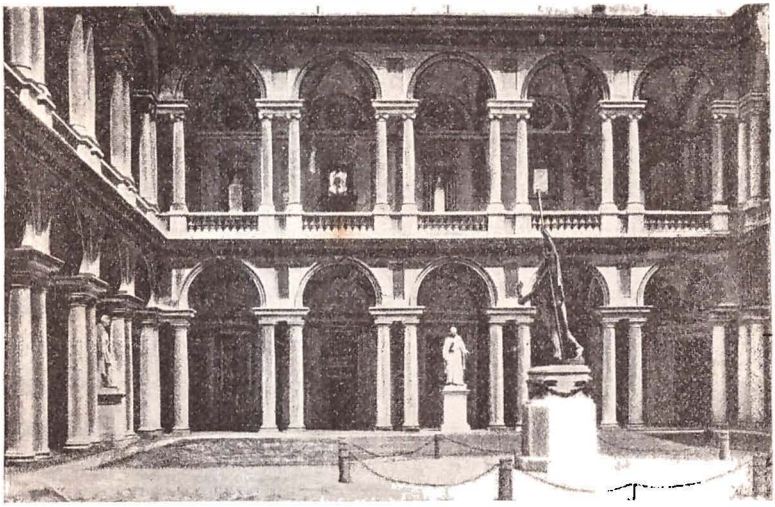
Sabia que em todas as quintas-feiras, desde que não houvesse dia santo de guarda, os Padres Jesuitas costumavam não dar lições, e fazer um passeio até uma quinta chamada a Chisolfa, cerca de uma milha e meia fora da porta Comasina. Por esta razão, logo de manhã cedo, ia Luiz para as mesmas bandas, e deixando um tanto atraz os seus criados, ia só, ora lendo livros espirituaes e meditando, ora entreten-

do-se em colher violetas, no tempo da primavera, até avistar algum dos Padres. Depois os ia seguindo, com os olhos fitos emquanto os podia acompanhar pelo caminho; e só de vel-os sentia tanto gosto e consolação como se vira outros tantos Anjos do Paraiso. Intimamente os considerava bemaventurados por não terem impedimento de servir a Deus como elle que aspirava ainda a esse estado. Quando os Padres que vinham na frente entravam na quinta elle voltava para ir encontrando os outros pelo caminho e finalmente tornava a casa cheio de consolação.

No tempo de Carnaval ia cada dia para o Collegio afim de fugir ás festas mundanas e tratar das cousas de Deus. Costumava dizer que suas festas eram os Padres da Companhia, em cuja convivencia encontrava maior prazer, que em nenhuma outra cousa do mundo; e falava das vaidades mundanas com tanto desprezo, que bem mostrava não fazer dellas o menor caso.

Num dos dias de Carnaval, fazendo-se em Milão um famoso torneio, a que concorreu toda a cidade, especialmente todos os jovens fidalgos montados em cavallos o mais ricamente ajaezados que lhes era possivel, elle, para morrer mais ao mundo, e soffrer publica mortificação, resolveu ir tambem. Tinha na estrebaria bons cavallos, e, quando sahia, costumava as mais das vezes levar atraz de si um pagem decentemente montado; entretanto, nesse dia, compareceu sobre um jumento ordinario, proprio de velho, acompanhado apenas por dous criados, e assim atravessou as ruas cheias de todos aquelles cavalleiros; e se o mundo se podia rir delle, ainda melhor se podia elle rir do mundo. Foi esta acção notada por muitos Religiosos, que o viram com grande consolação e edificação.

Quanto á devoção, continuou nas praticas de antes, e nunca descurou as meditações costumadas. Visitava frequentemente e com grande gosto os logares piedosos, e em particular a Virgem de S. Celso, á qual n'aquelle tempo, pelos muitos milagres que fazia, accorriam muitos peregrinos. Commungava,



Milão - Collegio Brera (claustro).

todos os domingos e festas, na egreja de S. Fiel, da Companhia de Jesus; e com tal humildade e devoção o fazia, que todos ficavam edificados, sentindo que delle se desprendia um perfume de devoção e santidade. Um Padre que naquelle tempo prégava na dita egreja, quando se achava no pulpito e queria, encher-se de fervor e devoção, se punha a olhar para Luiz, e logo se sentia abalado e enternecido como quando se vê uma cousa sagrada. Tão grande era o conceito de santidade em que, já naquelle tempo, era tido!

Capitulo XIII.

Como, obtido o consentimento do Imperador, é de novo tentado pelo pae, e sae victorioso.

Era já chegada a resposta do Imperador dando sancção á renuncia; e, tendo Luiz dezesete annos completos, esperava a cada momento ser chamado pelo pae a Castiglione, e poder, livre e desprendido de tudo, voar á Religião. Eis que se levanta contra elle nova tempestade que, de visinho ao porto, o lançou outra vez em alto mar. O Marquez, cuidando que Luiz, cansado já de tanto esperar, houvesse algum tanto esfriado em seu primeiro proposito; ou movido pelo amor de pae, que não se resignava a dar licença, ou por outros motivos humanos, resolveu, um dia, ir em pessôa a Milão, para de novo experimentar a vocação do filho e fazel-o examinar por outras pessoas, afim de certificar-se irrevogavelmente de que era ou não vontade de Deus, que o mancebo tomasse tão importante resolução. Chegado a Milão, de improviso, perguntou a Luiz, que determinava fazer: e achando-o mais firme e constante do que nunca concebeu grandissima afflicção. Mostrou-lhe primeiro indignação e resentimento: depois começou a falar-lhe amorosamente, dizendo que não era elle tão mau christão que quizesse offender a Deus, nem ir de encontro á divina vontade: mas que a razão lhe dictava que aquelle designio era mais um capricho que chamamento divino, porquanto

a piedade filial e muitos outros motivos concernentes ao serviço de Deus, exigiam justamente o contrario: e com mil razões suggeridas pelo affecto, começou a provar ao filho, que sua entrada em Religião seria a ruina de sua casa, e a precipitaria no abysmo. Mostrou-lhe a boa natureza que havia recebido de Deus,

D. Rodolpho Gonzaga, Marquez de Castiglione.
(De um quadro antigo).

quasi inteiramente isenta do perigo de ser desviada do bem, de modo que não devia ter medo de ficar no mundo, onde poderia viver como um Religioso, mantendo na observancia da Lei divina os subditos que recebera de Deus, e levando-os com seu exemplo á piedade christã, e deste modo teria aberta a porta para o Ceo. Recordou-lhe a reverencia, o credito e a affeição que lhe consagravam seus vassallos, e como desejavam e esperavam anciosos ser governados por

elle. Ponderou-lhe tambem que tinha com seus bons modos grangeado o favor dos Principes com que havia conversado e tratado, e delles era tido em grande estima: emquanto Rodolpho, a quem queria passar o estado, embora tivesse grande engenho e desse boas esperanças de si, comtudo, por ser de natureza muito ardente, e ter pouca edade, não revelava tanta aptidão para o governo. Finalmente: *Vê,* disse, *como estou enfermo: continuamente atacado e atormentado pela gotta, mal me posso mover, e preciso ser alliviado do peso do governo, o que desde já poderias fazer. Se entras em Religião e me deixas, sobrevirão negocios a que não poderei attender, e succumbirei a tantos males e desgostos, de modo que serás causa de minha morte.* Dizendo isto prorompeu num grande choro, accrescentando outras palavras cheias de dor e affecto.

Luiz, depois de ouvil-o e agradecer-lhe humildemente o amor e a paterna solicitude que lhe mostrava, respondeu que já tinha pesado todas essas cousas, ou boa parte dellas; que conhecia seus deveres: que, se não fora chamado por Deus a outro estado, faria mal em não ceder ás considerações que lhe eram propostas, principalmente tratando-se de obedecer e servir a seu pae, a quem, depois de Deus, era summamente obrigado: mas que, querendo entrar em Religião não por capricho senão para obedecer á vontade divina que o chamava, esperava que Deus, que tudo vê e sabe tudo, disporia as cousas do melhor modo, em benefício de sua casa e estado.

Conhecendo o Marquez que o filho estava convencido de que Deus o chamava, e só por isso tomara tão grande resolução, viu que era necessario tiral-o dessa crença, para em seguida o fazer abandonar seu proposito. Rogou pois a diversas pessoas,

tanto seculares como Religiosos, que de novo o examinassem e experimentassem sua vocação e seu animo. Cumpriram estes sua missão, e depois de o examinarem e lhe mostrarem, para desanimal-o, as difficuldades da vida religiosa o mais eloquentemente que souberam, ficaram tão satisfeitos e admirados da firmeza do mancebo, que prestaram ao Marquez testemunho de que a vocação era de Deus, e lhe disseram ainda muitas cousas em louvor do filho.

Recebendo o Marquez tantas informações contrarias á sua opinião, e todas concordes, para acabar de certificar-se de que tal era a vontade de Deus, não podendo andar por causa da gotta, fez-se um dia levar á S. Fiel, casa da Companhia de Jesus. Mandou chamar o P. Achilles Gagliardi, que era muito conceituado, e disse-lhe que num negocio que tanto lhe importava, como era perder seu filho primogenito, e um filho de tal ordem. tinha resolvido fiar-se em seu julgamento e tomar seu conselho; mas que, antes disso, desejava que, em sua presença, examinasse Luiz acerca da vocação, e rogava que lhe apresentasse, para dissuadil-o, as mais vivas razões dictadas pela sua prudencia e sabedoria; promettendo acalmar-se depois quanto lhe fosse possivel.

O Padre, para satisfazer ao pedido do Principe, acceitou a proposta, e, fazendo vir Luiz, examinou-o em presença do pae durante uma hora a fio, com muita seriedade, propondo-lhe as maiores difficuldades que se podem apresentar para conhecer o espirito de uma pessoa, e se é ou não verdadeira sua vocação. Acerca da escolha que fizera da Companhia, em particular, disse-lhe tantas cousas e propoz-lhe taes objecções, dando mostras de fazel-o espontaneamente por ser este seu modo de ver, que Luiz ao

ouvil-o, começou a suspeitar que falasse a serio e assim pensasse; confessou-me depois em Religião, que pelo respeito e confiança que lhe consagrava, ficou um pouco pensativo, porque ninguem como este Padre lhe tinha especificado assim as cousas e combatido seus designios tão *ex propriis*: era a phrase de que usava. Comtudo respondeu sempre com tanta franqueza a todas as perguntas, e de tal modo resolveu todas as duvidas não só com argumentos, mas com a autoridade da Sagrada Escriptura e dos Doutores da Egreja, que o Padre ficou não só edificado, mas admiradissimo de vel-o tão firme na vocação e tão bem versado nas sagradas lettras, chegando a crer que o mancebo tivesse lido o que acerca da Religião escreve S. Thomaz na *Summa Theologica*; tão proprias e acertadas eram suas respostas e argumentos. Afinal, não se podendo mais conter, cheio de admiração prorompeu nestas palavras: « *Senhor D. Luiz, tendes razão; na verdade é tudo como dissestes, não ha duvida; e eu fico edificado e satisfeito* ». Estas palavras consolaram o mancebo, e fizeram-no conhecer que o Padre não era da opinião que, para proval-o, sustentara.

O Marquez mandou retirar Luiz, e confessou que ficara convencido de que grande era aquella vocação e vinda de Deus; e poz-se a contar a vida santa do filho desde pequenino, accrescentando que agora lhe dava licença para entrar em Religião. Poucos dias depois partiu para Castiglione, ordenando que Luiz, depois de terminados os negocios, fosse para lá afim de dar cumprimento á renuncia; a qual elle desejava fazer o mais depressa possivel, parecendo-lhe cada hora mil annos; tal sua ancia de ver-se fora do mundo e seus perigos.

Capitulo XIV.

Como foi primeiro a Mantua fazer os Exercicios espirituaes, e depois a Castiglione.

Chegado o tempo de tornar a Castiglione, e presagiando Luiz pelo que se tinha passado em Milão, que uma borrasca o esperava, escreveu, antes de partir, ao Padre Geral da Companhia uma carta cheia de fervor, na qual, depois de narrar todos os seus trabalhos, lhe pedia conselho sobre o que devia fazer no caso do Marquez procurar de novo impedir ou demorar sua entrada em Religião; e perguntava se parecia bem a sua Paternidade, que, sem mais licença, fugisse para alguma casa da Companhia, já que se tinham todos certificado de que sua vocação vinha de Deus. O Padre Geral, posto que com grande compaixão do santo mancebo, e receio pelo apuro em que se achava, julgou que elle não devia entrar sem a licença do pae, e aconselhou-lhe que por todos os modos procurasse obtel-a, visto ser assim indubitavelmente de maior gloria para Deus, e de maior proveito seu e de toda a Companhia. Acceitou S. Luiz o conselho. Partindo de Milão, antes de chegar a Castiglione demorou-se em Mantua, e ahi, parte por consolar-se, parte por confirmar-se na vocação e fortalecer-se contra os assaltos que receava, quiz fazer os exercicios espirituaes de Santo Ignacio no Collegio da Companhia.

Corria o mez de julho de 1585, e eram esperados em Mantua os embaixadores japonezes vindos daquellas longinquas paragens a Roma, para render homenagem á cadeira de S. Pedro, e, em nome de seus Reis e dos fieis de seu paiz submetter-se e prestar obediencia ao Summo Pontifice, Vigario de Christo na terra. Depois de cumprida a embaixada, primeiro com o Papa Gregorio XIII, que reinava quando chegaram, e depois com Sisto V, seu successor, eleito quando ainda estavam em Roma, fizeram-se na volta da sua patria. De caminho visitaram a Santa Casa de Loreto, e, depois de atravessarem parte da Lombardia, chegaram a Mantua no mez de julho, onde foram recebidos pelo Duque D. Guilherme e por seu filho D. Vicente com regia magnificencia e honras pomposas. Ora, emquanto de todas as partes corria gente, e os povos se abalavam para ver os preparativos, as festas, e ainda mais, os proprios embaixadores, a cuja vista ficavam como fóra de si, e erguiam ao Ceo mil acções de graças, Luiz, não querendo saber de festas, nem de espectaculos, preferiu ficar só e retirado. Foi para o Collegio, e, apezar dos grandes calores do estio, encerrou-se em um cubiculo bem pequeno, e ahi se conservou, durante duas ou tres semanas, dando todo o tempo á oração e santas meditações, com tanto fervor, que não estava um momento sem orar vocal ou mentalmente, ou ler algum livro espiritual. Em todo este tempo alimentava-se tão parcamente, que quasi se pode dizer que não comia. O Irmão Miguel Angelo Pasqualini, e outros, que lhe levavam o jantar, admiravam-se de que elle pudesse com tão pouco conservar a vida.

Deu-lhe os Exercicios espirituaes o P. Antonio Valentino, sacerdote muito experimentado e conhe-

cedor da vida espiritual, por ter sido durante vinte e cinco annos Reitor e Mestre de noviços na Provincia de Veneza. Ao terminar, fez-lhe Luiz uma confissão geral de toda a vida passada, com grande dor e devoção, deixando ao Padre muito admirado e edificado de suas raras virtudes. Sendo mais tarde perguntado o mesmo sacerdote, pelo Bispo de Reggio, em Novellara, se podia informar se D. Luiz fora um joven de vida perfeita e ornado de raras virtudes e dons espirituaes, depoz com juramento o seguinte: « *Sim, Senhor, eu o sei, não só pelo que ouvi dizer aos nossos Padres, mas pelas grandes cousas que um seu camareiro secreto, pessoa de muita virtude, que lhe escrevia as lições e era como seu companheiro de estudo, me referiu acerca das penitencias, recolhimento, actos extraordinarios de virtude e santa vida desse mancebo. Ainda o sei com maior certeza porque tive occasião de tratar com elle, e dei-lhe os Exercicios espirituaes de nossa Companhia afim de conhecer mais claramente, em conformidade com os desejos do Excellentissimo Senhor Marquez, seu pae, sua vocação á vida religiosa. Por esta occasião ouvi-lhe uma confissão geral, na qual nada encontrei que pudesse condemnar como peccado mortal, antes muito me admirei de sua vida santa e virtuosa. Desta confissão concebi a seu respeito um conceito de santidade, innocencia e grande pureza, que sempre tenho externado* ».

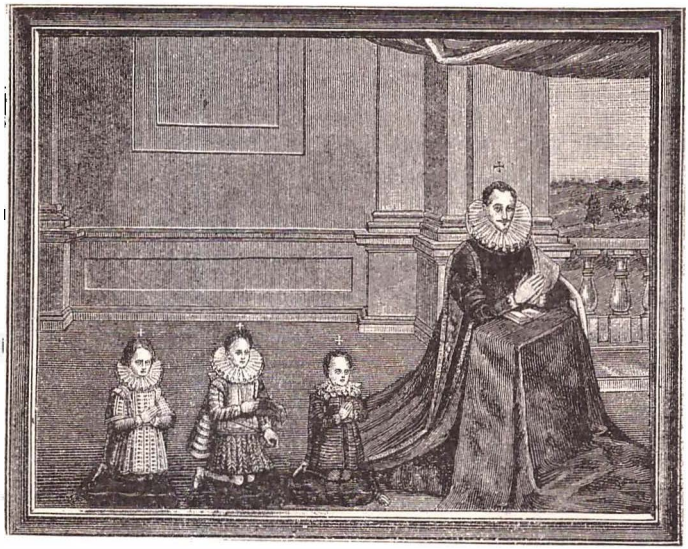
Tendo que se ausentar este Padre, não sei por que motivo, acabou de dar-lhe os Exercicios outro sacerdote, que mais de uma vez o ouviu em confissão, e tambem depoz com juramento que nelle admirou singular bondade, pureza, devoção, humildade, mortificação e muitas outras virtudes.

Mostraram-lhe ahi, no Collegio, as Constituições e Regras da Companhia; e elle, tendo-as lido com

grande diligencia, disse que em nenhuma encontrava difficuldade. Antes de partir, pediu uma copia das meditações sobre a Paixão, afim de continuar a fazel-as, e finalmente voltou a Castiglione.

Ahi chegado, logo quiz tratar de seu negocio, mas, para não exasperar o Marquez, esperou alguns dias para ver se elle falava nisso espontaneamente. Entretanto, deu-se a uma vida muito santa e austera que era a admiração da côrte e de todo o povo. Se sahia do castello, ia sempre com os olhos baixos e só os erguia para corresponder aos cumprimentos dos vassallos, no que era muito cortez, trazendo quasi sempre a cabeça descoberta. Quando ia á egreja ouvir Missa, comquanto houvesse sempre preparado para elle e seu irmão genuflexorios com tapetes e coxins de velludo, e Rodolpho, conforme a sua dignidade, occupasse o seu, elle nunca os quiz, nem em casa, nem na egreja. Ajoelhava-se no chão, com os dous joelhos, e durante horas ficava immovel, com os olhos baixos, primeiro a ouvir a Missa, e depois a recitar o Officio ou a fazer oração mental. Nos dias de festa, e especialmente nos domingos, em que sempre commungava, levava tanto tempo dando graças, que D. Rodolpho sahia, dava um passeio, e quando voltava para buscal-o, ainda o encontrava em oração. Durante as Vesperas, a que sempre assistia, nunca se sentava; ficava de joelhos todo o tempo com grande edificação dos que o viam. Em casa fazia as suas costumadas abstinencias e orações, e conservava-se quasi sempre só, retirado numa sala, sem falar. Passavam-se muitos dias em que apenas dizia uma palavra, e, quando falava, eram sempre cousas necessarias ou espirituaes. Elle mesmo nos costumava dizer que mais falava na Religião em um dia,

que no mundo em muitos mezes; e que se tivesse que voltar á sua terra, lhe seria necessario mudar o modo de viver e vigiar muito mais sobre si, para não escandalisar aos que o tinham conhecido no seculo, e não os fazer pensar que mais se tinha relaxado na Religião, do que aperfeiçoado. Entretanto sabemos



D. Francisco Gonzaga, Marquez de Castiglione.
(De um quadro antigo).

que, como Religioso, foi sempre exactissimo observador do silencio, e nunca o quebrou, a menos que os superiores para distrahil-o dos exercicios mentaes lhe ordenassem que falasse.

Augmentou de tal modo as penitencias corporaes, que, de extenuado, parecia não se poder ter em pé. Não ha duvida, que neste ponto se entregou a excessos e passou os limites, levado pelo fervor; mas julgava poder fazel-o, e, não tendo guia espiritual, fazia o que o fervor lhe dictava. Por isso a Marqueza, sua mãe,

entre as outras razões com que buscava alcançar do Marquez licença para o filho se fazer Religioso, apresentava-lhe esta: que se elle ficasse em casa, bem de pressa o perderiam, porque era impossivel que durasse muito com tal modo de vida: emquanto que, dando-o á Religião, os superiores o vigiariam, modeariam seu indiscreto fervor, e elle seria obrigado a obedecer, como effectivamente aconteceu. Elle mesmo confessava que a Religião lhe fora salutifera não só á alma, mas tambem ao corpo, graças á caridade dos superiores que haviam posto freio (como costumava dizer) ás suas indiscreções.

Deu-se por este tempo, mais do que antes, á formação de seus irmãosinhos mais moços na piedade, ensinando-lhes a fazer oração, dando-lhes doces e acariciando-os para que orassem de boa vontade. Entre os seus irmãos mostrou sempre muita affeição a D. Francisco, que mais tarde succedeu ao Marquez Rodolpho; ou fosse porque pela edade já começava a comprehender as lições, e dava signaes de juizo e sensatez, ou porque previsse, como outros querem, o bem que havia de fazer á sua casa e estado. Com effeito costumava contar a Marqueza, que, estando um dia Francisco, ainda pequeno, brincando com os pagens, ella, ouvindo-o gritar, chegara á porta da camara, dizendo a Luiz, que estava a seu lado: « Tenho medo que façam algum mal áquella criança Mas o Santo respondeu: « Nada temais, Senhora, Francisco saberá bem defender-se, e notai o que vos digo: Francisco será o sustentaculo de nossa casa ». A Marqueza notou estas palavras; e se se verificaram, sabem quantos têm noticia do modo com que D. Francisco se houve nas difficuldades occorridas em sua casa, e como a governou e fez prosperar. Quanto ao predizer o fu-

turo, conta seu aio Pedro Francisco del Turco, que Luiz, estando ainda no seculo, predisse a varios de seus vassallos muitas cousas que depois se cumpriram á risca, do modo por que as havia annunciado.

Capitulo XV.

Dos novos contrastes que teve com o Marquez seu pae.

Eram já passados muitos dias sem que o Marquez houvesse trocado palavra acerca do negocio de Luiz; pelo que este, ancioso por deixar o mundo, resolveu falar-lhe, e um dia com muito bons modos lembrou-lhe que já parecia chegado o tempo de pôr em execução seu intento. O Marquez vendo-se constrangido a dar o sim ou o não, e ferido interiormente com a insistencia do filho, respondeu-lhe que não sabia ter dado jamais tal licença, nem tão pouco estava para dal-a, emquanto a vocação não amadurecesse mais, e elle tivesse edade e forças para seguil-a: vinte e cinco annos pouco mais ou menos; que, no mais, poderia ir, se quizesse, mas que elle nunca daria o consentimento, nem o teria mais por filho.

Quando o pobre D. Luiz ouviu esta resposta inesperada, ficou semi-morto, e começou a queixar-se respeitosamente e a supplicar ao pae que pelo amor de Deus não lhe quizesse dar tão grande dor; porem, vendo o Marquez cada vez mais firme em lhe negar terminantemente a licença, e as cousas tão mal paradas, resolveu tomar tempo para pensar. Retirou-se á sua camara, chorando desconsoladamente afim de recommendar tudo a Deus, e escrever ao Padre Geral, pedindo conselho; mas o Marquez tanto o provocou

a responder com urgencia, que elle não podendo ter o parecer do dito Geral, julgou que o mais acertado era responder ao Marquez o seguinte: que embora não podesse acontecer-lhe nesta vida cousa que mais o fizesse soffrer e lhe perturbasse a paz da alma, como ver differida sua entrada na Religião para servir a Deus, comtudo obedecia para contentar a Sua Excellencia, a quem, abaixo de Deus, desejava dar satisfacção em todas as cousas possiveis, principalmente tendo ordem do Padre Geral para buscar de todos os modos o consentimento paterno, quando o podesse fazer com pureza de consciencia e sem offensa de Deus. Se se observassem duas condições, consentia em esperar ainda dous ou tres annos; porem se alguma dellas lhe fosse negada, não podia em consciencia descontentar a Deus por contentar a seu pae. e antes iria sem sua licença por esse mundo, se os Padres da Companhia o não quizessem receber, do que discreparia em um ponto do que julgava de seu dever. As condicções eram as seguintes: 1º que este tempo de espera passaria em Roma, afim de melhor conservar a vocação, e entregar-se com mais commodidade ao estudo; 2º que o Marquez desde logo daria por escripto ao Padre Geral da Companhia o consentimento para a epoca que havia determinado, afim de que não surgisse depois qualquer outra difficuldade. Perturbou-se o Marquez ao ouvir estas condições tão contrarias a seus intentos, e por dois dias esteve duro, sem querer obrigar-se a tempo algum determinado, nem a qualquer outra cousa; mas finalmente, vencido pela constancia e justiça da causa do filho, e receando exasperal-o e dar-lhe occasião de tomar outro partido que ainda mais o desgostasse, cedeu e prometteu tudo.

Escreveu logo Luiz ao Padre Geral avisando-o de tudo, e dizendo-lhe as razões que o tinham movido a fazer tal ajuste com o pae; ajuntando no fim muitas palavras que exprimiam a sua grande dor por ver differida tão desejada ventura.

Estava o santo jovenzinho muito pezaroso naquelle dia, e com muitas lagrimas deplorava a sua desgraça (como elle dizia) de ter nascido primogenito e tão nobre, e invejava santamente aquelles que por terem origem mais obscura encontram menos impedimentos para entrar em Religião. Deus, porém, que é o consolador dos afflictos e attende promptamente ás preces dos atribulados, achou, quando menos se pensava, modo de consolal-o, cortando de um golpe todos os impecilhos para que seu amado Luiz alcançasse quanto desejava.

Quando se começou a tratar da sua residencia em Roma, quiz o Marquez que fosse para casa do Cardeal Vicente Gonzaga, e pediu ao Duque Guilherme, que escrevesse á Sua Eminencia neste sentido. O Duque pela particular affeição que consagrava a Luiz prometteu fazel-o de boa vontade, mas depois levantando-se uma differença entre elle e o Marquez, porque nenhum dos dous queria ser o primeiro a escrever, a cousa ficou por aqui e não foi adeante. Parece que assim aconteceu por especial providencia de Deus, e como tal o reconheceu D. Luiz: pois, como elle dizia, se o Duque por comprazer ao Marquez se tivesse resolvido a escrever ao Cardeal, elle ficaria sujeito a um captiveiro de que se não poderia livrar, por muitos annos.

Posto de lado este projecto, lembrou ao Marquez, que poderia Luiz viver no Seminario Romano, com aposentos particulares para si e alguns criados seus, conforme convinha á sua posição. Ahi estaria sob a

disciplina da Companhia, e podia entregar-se aos estudos até ao tempo determinado: mas como isto era contra a regra do instituto e nunca fora concedido a alguem, para mais facilmente obtel-o, mandou um proprio a Roma, com cartas ao Illustrissimo Senhor Scipião Gonzaga, para que tratasse com o Geral, e tentasse com todos os meios alcançar este favor. O fidalgo empenhou-se com ardor, mas tendo ouvido as razões apresentadas em contrario, ficou persuadido, e communicou-o em carta ao Marquez. Este, comtudo, sem desanimar, voltou-se para Luiz aconselhando que elle mesmo se empenhasse com Dona Leonor d'Austria, Duqueza de Mantua, a quem tantas obrigações devia a Companhia, para que ella alcançasse a graça em questão. Luiz prudentemente respondeu que a elle, menos que a qualquer outro convinha êsse papel, por ser contra seu proveito espiritual e reputação, podendo-se mesmo vir a suspeitar que elle houvesse mudado de parecer, ou pelo menos afrouxado; tanto mais que, poucos mezes antes pedira á mesma senhora que o ajudasse para que fosse despachada quanto antes a renuncia na corte do Imperador. Deste modo ainda esse alvitre não surtiu effeito.

Emquanto se estava imaginando outra solução, Luiz, cobrando animo, entregou-se com novo fervor ás penitencias, aos jejuns e á oração, commungando sempre por esta intenção, afim de pedir a Deus, que se dignasse supprimir de uma vez todos os impecilhos. Um dia, em particular, tendo permanecido, pedindo esta graça, umas quatro ou cinco horas em oração, sentiu interiormente grande fortaleza, e animou-se a ir ao Marquez, que estava de cama com a gotta, para de novo lhe pedir com instancia a licença. Convencido de que esta força lhe vinha de Deus, e por inspira-

ção particular do Espirito Santo, cobrou animo, e suspendendo a oração, foi directamente á camara do Marquez, e com grande energia e seriedade, disse-lhe estas precisas palavras: « *Senhor pae, entrego-me inteiramente em vossas mãos: fazei de mim o que vos aprouver; mas protesto-vos que fui chamado por Deus á Companhia de Jesus, e que fazendo opposição a este*

Ferrara - Vista geral.

designio, resistis á vontade de Deus Ditas estas palavras, sem esperar resposta, sahiu do quarto. Ficou o Marquez tão impressionado, que não poude articular palavra. Começou a ver a resistencia que até então fizera ao filho, e a ter escrupulo de haver com isso offendido a Deus: mas, por outro lado, sentindo acerbamente ficar privado de tal filho, enterneceu-se e commoveu-se tanto, que, virando-se para a parede, começou a desfazer-se em lagrimas, e por muito tempo esteve chorando amargamente, com lamentos, soluços e clamores taes, que toda a côrte estava anciosa por saber o que havia de novo. Depois de algum tempo, mandou vir Luiz a seu quarto, e disse-

lhe estas palavras: « *Meu filho, abriste-me uma chaga no coração, por que eu te amo e sempre te amei como mereces, e em ti puzera todas as esperanças minhas e de nossa casa; mas, pois que Deus te chama, como dizes, não te quero servir de impecilho; vae, meu filho, onde te pede o coração, eu te dou a minha benção* ». Disse isto com tanto affecto, com tanta ternura e sentimento, que de novo prorompeu em grande e inconsolavel pranto.

Luiz, depois de lhe agradecer em poucas palavras, sahiu do quarto para não o contristar mais, e. voltando a seus aposentos, fechou-se sósinho, e ahi, de braços abertos, de olhos fitos no ceo, poz-se com muitas lagrimas a render graças a Deus, pela inspiração que pouco antes lhe havia mandado, e pelo feliz successo que della resultara; e offereceu-se todo em holocausto á Sua Divina Majestade, com tão grande doçura interior, que não se podia saciar de louvar e bemdizer a Deus.

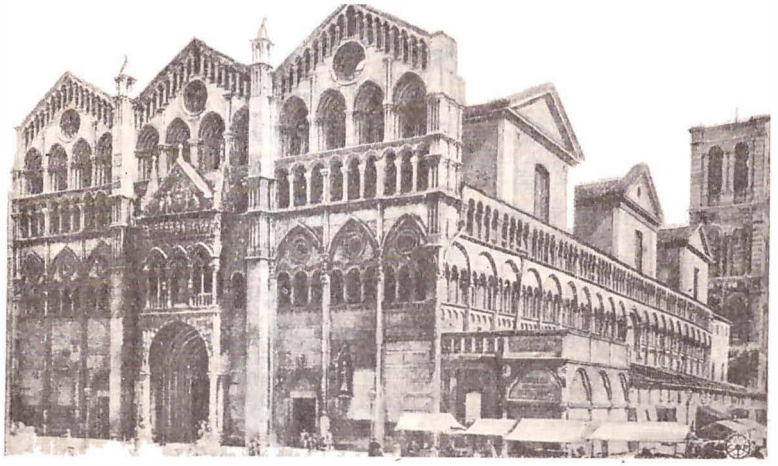
Capitulo XVI.

Renuncia finalmente ao Marquezado, e veste o habito clerical.

Mal o Marquez deu a licença tão desejada por Luiz, espalhou-se esta noticia por toda a cidade de Castiglione, causando grande sentimento e dor aos vassallos, como bem mostravam as lagrimas que muitos delles derramavam em abundancia. Nos poucos dias que Luiz teve de demorar-se em Castiglione, antes de partir todas as vezes que sahia corriam os homens e mulheres ás janellas e portas para vel-o e fazer-lhe reverencia, e punham-se a chorar com tanto affecto, que elle mesmo era forçado a enternecer-se. Todos o chamavam santo, e lastimavam não serem dignos de ter tal senhor para governal-os. Alguns que tinham mais entrada no paço, e mais intimidade com o santo joven chegando-se uma vez a elle, disseram com as lagrimas nos olhos: « Senhor D. Luiz, porque nos deixaes? Tendes tão bello dominio, vassallos tão devotados, que alem do amor que naturalmente se tem a um principe, vos consagram particular amor e dedicação. Todos tinhamos posto em vós nossos affectos e esperanças, e quando já estavamos certos de que assumirieis o governo, quereis abandonar-nos? » Luiz respondeu: « Pois eu vos digo que quero ir conquistar uma coroa no Ceo, e que um principe tem muita difficuldade em salvar-se. Não se pode servir a dous se

nhores, ao mundo e a Deus; quero ver se asseguro a minha salvação, e vós fazei o mesmo

Desejava elle ardentemente sahir o mais depressa possivel da casa paterna para a de Deus, mas foi obrigado a demorar-se algumas semanas, parte para esperar que a senhora Marqueza, sua mãe, regressasse de



Ferrara - Cathedral.

Turim, onde fora visitar a Serenissima Infanta Duqueza de Saboia; parte para concluir o negocio da renuncia, á qual, por ordem expressa do Imperador, deviam achar-se presentes os mais proximos parentes da casa Gonzaga, que, em caso de extinguir-se a descendencia do Marquez, poderiam de qualquer modo succeder-lhe no governo. Como aquelles senhores moravam em Mantua, o Marquez resolveu ir para lá, afim de poupar-lhes incommodo.

Quando Luiz partiu de Castiglione, não só choravam os da côrte, homens e mulheres, que ficavam, mas levantou-se um pranto que se pode chamar universal, por toda a terra, ao verem-no passar no côche e lem-

brarem-se que nunca mais o haviam de ver. Naquelles primeiros dias não se falava nas casas e pelas ruas, senão em sua bondade e santidade, exaltando este uma virtude, aquelle outra, que nelle havia notado. Todos o proclamavam santo, e quedavam cheios de pasmo ao ver que para servir a Deus deixara de tão bom grado seus dominios, e para chegar a este ponto arrostara e vencera com tanta fortaleza e constancia os assaltos e contradicções de seu pae e de muitas outras pessoas.

Deteve-se Luiz em Mantua quasi dous mezes, que passou na maior parte no Collegio da Companhia, praticando com os Padres, confessando-se e commungando a miudo, com edificação de toda a cidade, na qual, por já se ter divulgado, principalmente entre os nobres, o movel de sua viagem, todos o contemplavam com reverencia, e confessavam que rescendia devoção.

A razão de deter-se tantos dias em Mantua, foi a seguinte: uma das clausulas da renuncia era que Luiz, em quanto vivo, receberia 400 cruzados por anno para seu gasto; mas depois foi o Marquez informado pelo Reitor da Companhia naquella cidade, de que a Religião não permittia a ninguem possuir cousa alguma em particular, nem para distribuir a seu gosto, nem para o proprio uso; que tudo ficava á disposição do superior; que só os Collegios possuiam rendimentos com que prover em commum ás necessidades da casa, e que esta regra era inviolavelmente guardada, afim de manter pura a pobreza. Começou logo a querer que Luiz nada recebesse, dizendo que quando ordenara aquella clausula, era sua intenção que o dinheiro ficasse nas mãos do filho, mas que, visto não ser permittido, queria supprimil-a. Por parte de Luiz não havia difficuldade alguma, pois pouco se-

importava com o teor da renuncia, comtanto que a despachassem o mais breve possivel; mas alguns Doutores observaram ao Marquez, que tendo sido a renuncia confirmada pelo Imperador com a dita clausula, corria o perigo de ser tida por nulla, se a modificassem. Emquanto tratavam este negocio e consultavam diversos juristas, passou mais tempo do que a principio cuidavam, com immenso desprazer de D. Luiz, que tanto instou, que afinal conseguiu que removessem esta ultima difficuldade, e fizessem a renuncia com todas as precauções requeridas.

Depois de tudo arranjado, na manhã do dia 2 de novembro de 1585, reuniram-se no palacio de S. Sebastião, onde morava o Marquez em Mantua, o Illustrissimo Senhor Prospero Gonzaga, como o parente mais chegado, e os outros senhores determinados pelo Imperador; e ahi, em presença das necessarias testemunhas e de outras pessoas, consummou-se a renunciá. Referem os mesmos senhores, que emquanto o notario esteve lendo aquella comprida escriptura, o Marquez pela dor que sentia, não fazia senão chorar abundantemente, e pelo contrario, Luiz, vendo-se chegar ao termo desejado, estava tão cheio de jubilo, que o Senhor Prospero Gonzaga affirma nunca o ter visto tão alegre, embora naquella mesma manhã, pouco antes da ceremonia, alguns senhores notaveis, vindos em companhia do Principe D. Vicente que comparecia como parente, aproveitando a occasião em que este conversava com o Marquez, tivessem molestado grandemente o santo mancebo, zombando delle por querer fazer-se Religioso, e empregando todos os esforços para que não desse effeito á renuncia.

Logo que foi assignada e authenticada a escriptura, Luiz já desembaraçado de seu patrimonio e

estado retirou-se só a um quarto e ahi por mais de uma hora, ajoelhado agradeceu a Deus o tel-o elevado á posse tão ambicionada do thesouro da santa pobreza; e sentiu-se cheio de tanta consolação e doçura espiritual, que costumava contar esta como uma das mais assignaladas visitas e mercês que havia jamais recebido de Deus.

Na verdade causou não pequena estranheza que o Marquez D. Fernando, Principe tão liberal, que merecia o nome de prodigo, se mostrasse neste caso tão apertado para com seu filho primogenito e tão ternamente amado, ainda mais quando elle, e não outro, imaginara a pensão dos 400 cruzados annuaes. É de crer, porém, que Deus assim permittiu para tornar completa a felicidade Luiz, que sempre, ainda nas primeiras côrtes da Europa, se mostrara tão zeloso amante da santa pobreza.

Tendo dado graças a Deus, levantou-se S. Luiz, e, mandando chamar a seus aposentos um respeitavel sacerdote, por nome D. Luiz Caetano, fel-o benzer uma roupeta de Jesuita, que secretamente mandara fazer em Mantua; e, despojando-se de todas as vestes seculares, até da camisa e meias de seda, vestiu o habito, e assim appareceu inesperadamente na sala, onde tinham ficado para jantar todos aquelles senhores. Vendo-o assim vestido, moveram-se todos a lagrimas, sobretudo o Marquez, seu pae, que por mais esforço que fizesse para não chorar, não se poude conter todo o tempo da mesa. Luiz, com modesta jovialidade, aproveitando o ensejo, começou a discorrer agradavelmente sobre as muitas occasiões e perigos de offender a Deus que ha no mundo, sobre a vaidade dos bens transitorios desta vida, e as grandes difficuldades que tem os principes e senhores para

salvar-se, mostrando con quanta solicitude deve cada um empenhar-se em procurar sua salvação, e falava com tanto espirito e auctoridade, que todos aquelles fidalgos o ouviram com acatamento e veneração, e ainda hoje repetem suas palavras.

Capitulo XVII.

Despede-se de todos, e parte para Roma, onde entra na Companhia.

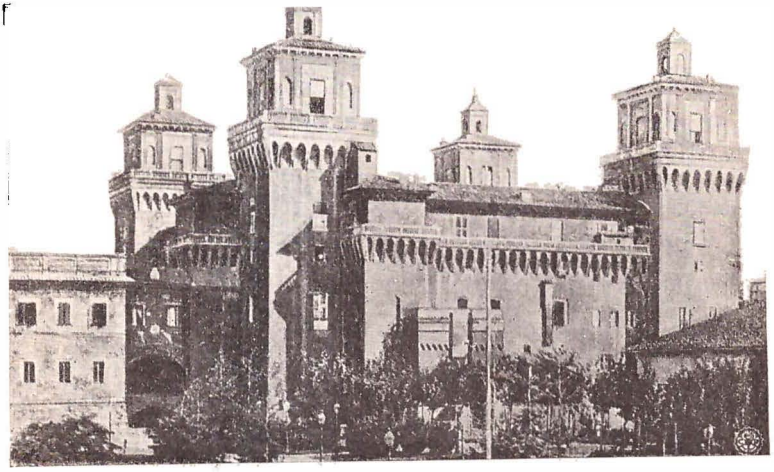
No dia seguinte, que foi o terceiro de novembro, despediu-se Luiz do Serenissimo D. Guilherme, de Dona Leonor e do Principe D. Vicente, e á tarde, em casa, ajoelhando-se com muita humildade, pediu a benção a seu pae e a sua mãe, que já regressara do Piemonte. Com quantas lagrimas lh'a dessem, principalmente o pae, facil é avaliar; elle, porém, como attestou Clemente Ghisoni, seu camareiro, não derramou uma lagrima, pela alegria de deixar o mundo.

Na manhã seguinte, poz-se a caminho para Roma com a comitiva mandada pelo Marquez; da qual faziam parte D. Luiz Caetano, que levou para padre espiritual na viagem, Pedro Francisco del Turco, seu aio e o Doutor João Baptista Bono, um camareiro e outros creados.

Ao deixar os seus para sempre é incrivel quão pouco sentimento mostrou em relação á carne e ao sangue, emquanto os outros com copiosas lagrimas deploravam sua partida. A D. Rodolpho, seu irmão, que o acompanhou no carro até o rio Pó, onde embarcou para Ferrara, apenas dirigiu algumas palavras pelo caminho e na hora da separação. Dizendo-lhe pouco depois na barca, um dos senhores: « Creio que

o Senhor D. Rodolpho sentiu grande alegria por succeder-vos no Marquezado ». Elle respondeu: « Não foi tão grande sua alegria em succeder-me, quanto a minha em renunciar ».

Chegando a Ferrara, visitou o Serenissimo Duque Affonso d'Este e a Serenissima Marqueza Margarida Gonzaga, sua parenta, e logo partiu para Bo-



Ferrara - Castello dos Estenses.

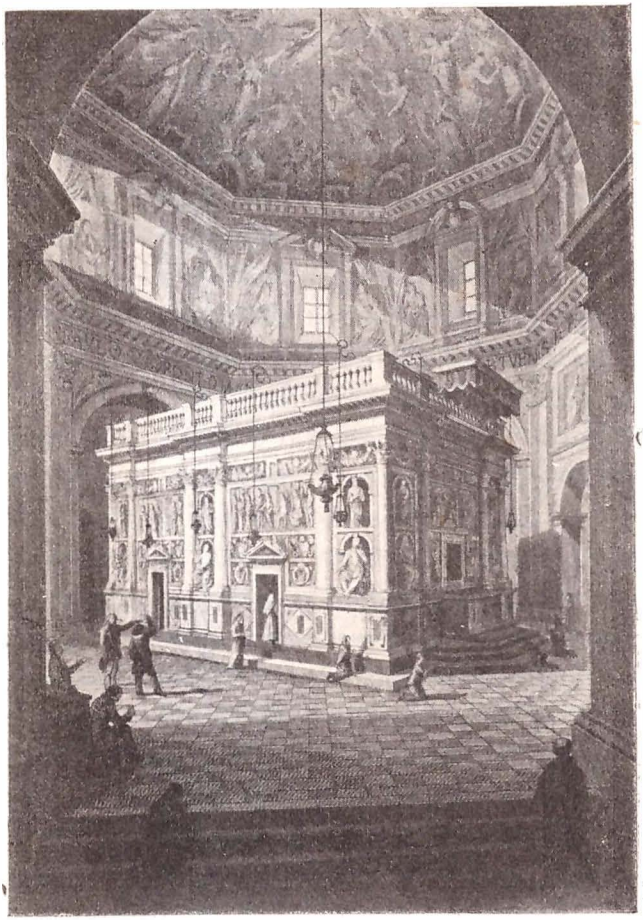
lonha. Queria elle a todo custo visitar a santa Casa de Loreto, não só por devoção áquelle logar sagrado em que nunca estivera, como para cumprir o voto que sua mãe fizera por occasião do seu nascimento. Na verdade, por justa causa, já fora este commutado a ambos, por occasião de um Jubileu, e já haviam satisfeito ás condições impostas na commutação; comtudo era desejo de Luiz satisfazer á primeira intenção da mãe, e á sua devoção particular; por isso tencionava ir a Florença visitar o Serenissimo D. Francisco, e de lá partir para Loreto. Chegando porém a Petra Mala, limite do estado do Grão Duque do lado de

Bolonha, achou rigoroso cordão sanitario por suspeita de peste. Por mais que os seus dissessem o para onde ia, não o quizeram deixar passar, de modo que foi obrigado a voltar para Bolonha, de onde escreveu a Sua Alteza, excusando-se de não ter podido cumprir em pessoa o que desejava.

De Bolonha foi direito a Loreto, chegado la não se pode dizer quanta consolação lhe communicaram Deus e a Santissima Virgem. Ouviu logo na manhã seguinte cinco ou seis Missas na santa Capella, e depois commungou com grandissima devoção, e considerando a grande mercê que naquelle logar tinha recebido o genero humano, e quão grande majestade e santidade ahi estivera occulta, todo se desfazia em lagrimas, e parecia não poder apartar-se d'alli. Para poder com mais liberdade levar o dia todo orando e meditando no logar santo, não quiz acceitar o offerecimento de hospedar-se no Collegio que lhe fez o Padre Reitor da Companhia em Loreto; preferiu ficar com todos os seus na estalagem. Depois de jantar, tornou á Santa Casa; e, como já se tinha divulgado quem elle era, e com que fim ia a Roma, todos o apontavam com o dedo, e ficavam edificados ao ver que um mancebo tão nobre e tão rico tivesse trabalhado tanto para chegar a uma condição humilde e pobre, como poucos têm valor de fazer para adquirir riquezas e dignidades. No dia seguinte, antes de partir, quiz de novo ouvir Missa e commungar na santa Capella e ahi ficar ainda algum tempo em oração, e depois de ter vertido muitas lagrimas, montou a cavallo e poz-se a caminho de Roma.

Foi o seguinte seu modo de vida nesta viagem: pela manhã, logo ao levantar fazia um quarto de hora de oração mental; depois recitava as horas canoni-

cas, Prima, Terça, Sexta e Nona, em companhia de D. Luiz Caetano, com quem aprendeu a rezar o officio que, até então não tinha costume de rezar. Acabadas



Loreto - Vista da Santa Casa.

as horas, lia o itinerario e montava a cavallo. Por muitas milhas cavalgava só, afastado de todos, ora entregue ás suas devoções e orações vocaes de cada dia, meditando e contemplando: e assim, a cavallo, orava com tanta attenção, como os outros retirados

nos quartos. Os que o acompanhavam, sabendo o seu amor ao silencio e retiro, não ousavam estorval-o, e propositadamente iam um tanto retirados. Quando queria falar, chamava D. Luiz, e com elle discorria sobre cousas de Deus. Chegada a hora do descanço, tomava ligeira refeição, rezava Vesperas e Completas com o sacerdote, e depois tornava a montar. Pelo caminho ia muitas vezes pensando ora nas penitencias, a que era muito inclinado, e que esperava poder praticar livremente na Religião; ora nas cousas da India e conversão dos gentios, cheio de desejo de ser para lá mandado um dia pelos superiores, com outros padres que da Europa vão quasi cada anno; ora em outras cousas semelhantes.

A' noite, chegado ao logar da pousada, com quanto se sentisse gelado por ser em pleno inverno, nunca se aquecia. Encerrava-se só em um quarto, e tirando um crucifixo que comsigo levava, punha-se de joelhos a fazer oração mental; e todas as noites durante duas horas seguidas orava com tantas lagrimas, soluços e suspiros, e com tam vehemente affecto, que ouvindo-o os seus, de fora, olhavam uns para os outros admirados e ao mesmo tempo compungidos. Finda a oração tomava uma comprida disciplina; e chamando depois D. Luiz Caetano, com elle rezava Matinas e Laudes: por ultimo se punha á mesa e ceiava com a maior sobriedade. Queria continuar os costumados jejuns ás quartas, sextas e sabbados, mas aquelle sacerdote, vendo-o tão fraco e que já lhe bastavam os soffrimentos da viagem, não consentiu e ordenou que os supprimisse: o mancebo obedeceu, mas, assim que chegou a Roma, recomeçou.

A' noite, quando se ia deitar, não queria que lhe aquecessem a cama, nem que o ajudassem a despir-se;

e succedia que não tendo nunca em sua vida usado meias de algodão senão depois de ter em Mantua vestido o habito de Jesuita, custava-lhe a tiral-as. Uma vez, em particular, vendo-o naquelle trabalho o P. Luiz, cheio de compaixão, correu a ajudal-o, e achou-lhe os pés e pernas enregelados: instou para que se aquecesse, mas elle não quiz.

Chegando a Roma, apeou-se em casa do Illustrissimo Senhor Patriarcha Gonzaga, e, depois de descançar um pouco, foi ao *Gesù*, falar com o P. Acquaviva, Geral da Companhia. Este desceu ao jardim a recebel-o, e Luiz, prostrando-se a seus pés, offereceu-se-lhe por filho e subdito, com tanta humildade e devotamento, que o não podiam fazer levantar.

Apresentou Luiz ao Geral uma carta do Principe seu pae, que com prazer deixo aqui registada. É a seguinte:

Illustrissimo e Reverendissimo Senhor,

Da mesma forma que, pelo passado, julguei conveniente não dar immediatamente a meu filho licença para entrar nessa santa Religião, por temor de qualquer inconstancia proveniente de sua pouca edade; assim parecendo-me agora poder asseverar que Nosso Senhor o chama, não só não me atrevi negar-lhe ou differir por mais tempo a licença que com tanta instancia sempre solicitou, mas para lhe fazer a vontade, com animo tranquillo e consolado, o mando a Vossa Senhoria Reverendissima, como a quem melhor lhe servirá de pae, que eu. Não peço favores especiaes para elle; apenas certifico a V. S. Rma que se torna possuidor do mais precioso thesouro que tenho no mundo, e da principal esperança que tinha para conservação de minha casa, a qual de ora em deante terá

grande confiança nas orações deste filho e nas de Vossa Senhoria Reverendissima, a cujas boas graças me recommendo, pedindo a Nosso Senhor, que lhe conceda as felicidades que deseja.

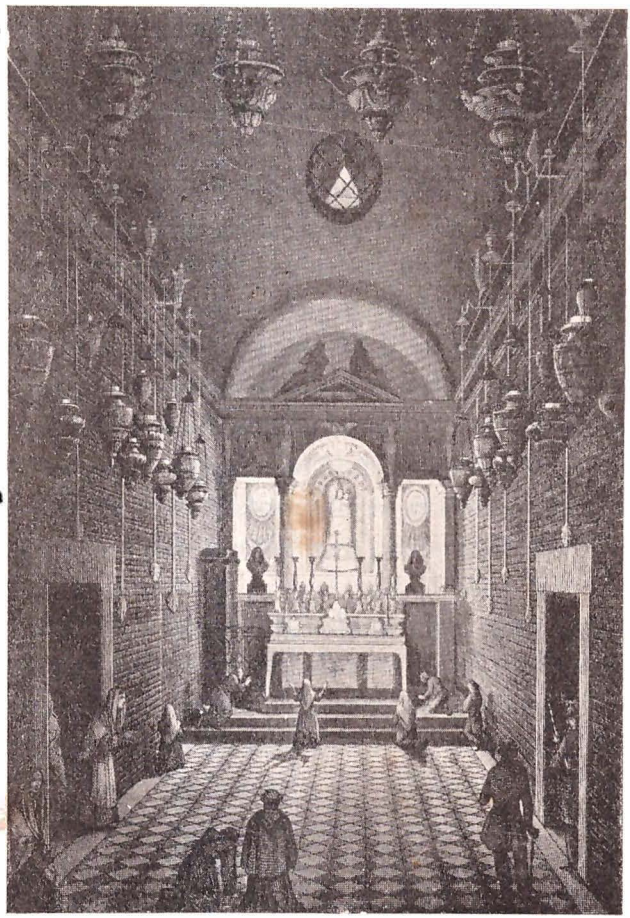
Mantua, 3 de novembro de 1583.

De Vossa Senhoria Illustrissima e Reverendissima
servo affectuosissimo
O Principe Marquez de Castiglione.

Sahindo do *Gesù,* começou Luiz a visitar alguns Cardeaes, e em particular os Eminentissimos Senhores Farnese, Alexandrino, Este e Medici, mais tarde Grão Duque de Toscana. Por todos foi acolhido com muita affabilidade e cortezia, especialmente pelos Cardeaes Farnese e Medici, que queriam a toda força hospedal-o em seus palacios. Depois destas visitas indispensaveis, percorreu as sete basilicas e outros logares de mais nomeada e devoção. Não se pode conceber quão santamente fazia o caminho de uma para outra egreja; ia meditando e rezando psalmos, e no logar santo fazia mil actos de adoração exterior que bem demonstravam a devoção e piedade que lhe iam na alma.

Visitadas as egrejas, foi tomar a benção ao Santo Padre Sisto V, e levar-lhe algumas cartas do Marquez, seu pae. Apenas chegou á antecamara de Sua Santidade, tendo-se já divulgado o seu intento, muitos cortezãos o cercaram, olhando para elle como para um milagre. Introduzido junto a Sua Santidade, beijou-lhe os pés e entregou-lhe as cartas. Fez-lhe o Papa varias perguntas acerca de sua vocação, e em particular perguntou-lhe se tinha bem pesado os trabalhos da Religião; ao que respondendo elle

que durante muito tempo havia bem considerado e examinado tudo, Sua Santidade, approvou sua resolução e fervor, deu-lhe a benção, e despedin-o com muitas demonstrações de amor.



Interior da Santa Casa de Loreto.

Foi isto num sabbado, e talvez por ter jejuado na vespera a pão e agua e ficar até muito tarde sem comer por causa da audiencia do Papa, talvez por outra qualquer razão, chegando a casa começou

a sentir-se mal e receou complicação, porém o incommodo não foi adeante. No dia seguinte, domingo, foi ao Gesù, ouviu Missa e commungou na capella dos Santos Abundio e Abundancio, por baixo do altarmór. Depois subiu a uma das tribunas para ouvir o sermão e com o Senhor Patriarcha Gonzaga ficou para jantar com os Padres no refeitorio, convidado pelo Geral, que por este motivo mandou que houvesse prègação em logar de leitura.

Pasmava o Patriarcha, da modestia e composição exterior do santo mancebo, mas sobretudo de suas palavras e respostas, e dizia: O que mais me admira é que este menino nunca diga uma palavra desacertada, e fale sempre com tanta prudencia e sabedoria ». Tambem os cortezãos estavam muito edificados de seu procedimento, e em particular reparavam que cada manhã ao ouvir Missa, logo que o sacerdote chegava á elevação, começava a derramar rios de lagrimas, que não podia esconder, por mais que fizesse.

Finalmente na manhã da segunda-feira, 25 de Novembro de 1585, festa de Santa Catharina, virgem e martyr, tendo elle dezesete annos, oito mezes e dezeseis dias, cheio de alegria e contentamento subiu a Monte Cavallo, e entrou no noviciado da Companhia de Jesus, chamado de Santo André. Acompanharam-no todos os seus, e em particular o Senhor Scipião Gonzaga, que celebrou a Missa e lhe deu a Communhão, ficando depois para jantar com o Padre Geral, vindo de proposito para assistir á cerimonia. Era Reitor do Collegio e Mestre de noviços o Padre João Baptista Pescatore, santo homem, como depois mostraremos.

Ao entrar, voltou-se para os que com elle tinham

vindo de Mantua, e lembrou-lhes que trabalhassem para se salvarem. Agradeceu ao Doutor Bono a boa companhia que lhe fizera; deu ordem ao mordomo, que levasse a Livorno suas cartas, e cumprimentasse em seu nome ao Grão-Duque de Toscana; ao camareiro mandou que saudasse a Senhora Marqueza sua mãe. Por fim disse a D. Luiz Caetano: « Repeti ao Senhor Marquez meu pae estas palavras, de minha parte: « *Obliviscere populum tuum et domum patris tui* », querendo com isto dar a entender que elle d'ahi em deante queria esquecer a casa paterna, os vassallos e o estado que havia deixado. Perguntando-lhe o mesmo sacerdote se queria alguma cousa para o Senhor D. Rodolpho, respondeu: « Dizei-lhe: *Qui timet Deum, faciet bona* Com estas palavras despediu-os, e elles partiram chorando a perda de tão bom senhor e principe. Finalmente agradeceu com muito affecto ao Senhor Patriarcha Gonzaga, como a quem o ajudara em sua vocação, e prometteu rogar a Deus por Sua Senhoria Illustrissima. O bom senhor, enternecido com estas palavras, não poude reter as lagrimas, e confessou ter-lhe uma santa inveja ao vel-o escolher a melhor parte, e, ao sahir, disse aos Padres, que tinham aquelle dia recebido um Anjo do Paraiso.

Desligado Luiz de todas as pessoas e cousas do mundo, foi levado pelo Mestre de noviços a um quarto onde por alguns dias devia ficar só, retirado. sem conversar com os outros, e passar pela primeira provação, segundo o costume da Companhia. Ao entrar pareceu-lhe que entrava num paraiso, e disse: *Haec requies mea in saeculum saeculi, hic habitabo quoniam elegi eam.* Ficando só, ajoelhou-se, e, cheio de consolação, com lagrimas de amor, agradeceu

a Deus que o tinha tirado do Egypto, e trazido á Terra da Promissão, que mana o leite e mel das celestiaes doçuras; offereceu-se e consagrou-se todo em sacrificio e perfeito holocausto á Divina Majestade, e pediu graça para habitar dignamente na casa do Senhor, perseverar e morrer em seu santo serviço. Depois sempre, emquanto viveu, celebrou cada anno com particular devoção o anniversario de sua entrada na Religião, e tomou por advogada Santa Catharina, cuja festa naquelle dia se celebrava.

SEGUNDA PARTE

† Livros Católicos para Download

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

Roma vista da cupola de S.-Pedro.

SEGUNDA PARTE

Capitulo I.

Com quanta perfeição começou o noviciado.

Tendo até agora narrado a vida de S. Luiz emquanto esteve no seculo, e suas virtudes antes de entrar em Religião, é tempo de contar como viveu santamente depois de admittido na Companhia. Ahi se póde dizer que foi uma candeia, accesa sim, mas escondida sob o alqueire da disciplina religiosa, sem nunca apparecer á vista do mundo e á convivencia dos homens, pois morreu muito joven, quando ainda

não tinha inteiramente terminado seus estudos de Theologia, nem podia, por causa da edade, ser ordenado Sacerdote. Alem disto, nos poucos annos que viveu, os superiores com paternal providencia lhe ataram as mãos, e com a obediencia lhe refrearam o nimio fervor que tinha no seculo, de forma que foi obrigado a moderar o rigor excessivo com que se costumava maltratar a si mesmo, e resignar-se a viver de modo mais regrado e discreto.

Quem julgasse apenas por uma certa apparencia exterior, poderia cuidar facilmente que elle, sujeitando-se á obediencia, dera fim a obras mais meritorias, que costumava fazer em casa de seus paes. Mas os que tiverem experiencia das cousas de Deus, e com olhar puro e esclarecido considerarem a vida religiosa de S. Luiz, verão claramente como fez notaveis progressos na perfeição sob a direcção da santa obediencia, e como foram mais preciosas suas obras em Religião, do que as que fazia no seculo. Servia a Deus na Religião com maior luz e conhecimento, acompanhando de muitas virtudes cada acto que praticava inteiramente despido de toda vontade propria, e revestido da divina. Por mais insignificantes exteriormente que fossem as suas acções dava-lhes grande nobreza, elevação e valor, pela continua intenção com que as referia á maior gloria de Deus, e pelo intenso affecto de perfeita caridade.

Entre muitas virtudes que em grau heroico, exercitou de duas, em particular, queremos fazer menção nesta segunda parte de sua vida. Uma é que, não obstante ser Principe de nascença e educação, e de compleição assás delicada e franzina, de tal modo se accommodou ao viver commum e á disciplina religiosa, que em nada parecia differente dos outros.

Nunca acceitou os mimos ou concessões que os superiores, de sua livre vontade, principalmente nos primeiros tempos, lhe offereciam: e applicava-se com tanto gosto a todos os serviços domesticos, por vis e baixos que fossem, como se fora sempre acostumado a servir, e não a ser servido em tudo. A outra é que, persuadido de que o verdadeiro e perfeito Religioso é aquelle que observa lettra por lettra todas as regras de seu santo instituto, e se esforça com toda diligencia por fazer com perfeição todos os exercicios ainda minimos, marcados pela Religião para cada dia, se deu com toda diligencia á perfeita observancia de todas as regras. Com grande applicação de espirito e exactidão, entregava-se aos exercicios communs e diarios, e por este caminho chegou a tão sublime perfeição, que merece ser proposto como modelo de consummada santidade a todos os Religiosos que desejam viver santamente, e em particular aos da Companhia, para cujo beneficio espiritual, principalmente, determinei escrever esta Segunda Parte com particulares minudencias, afim de que em cada pequenina acção domestica possam seguir-lhe o exemplo.

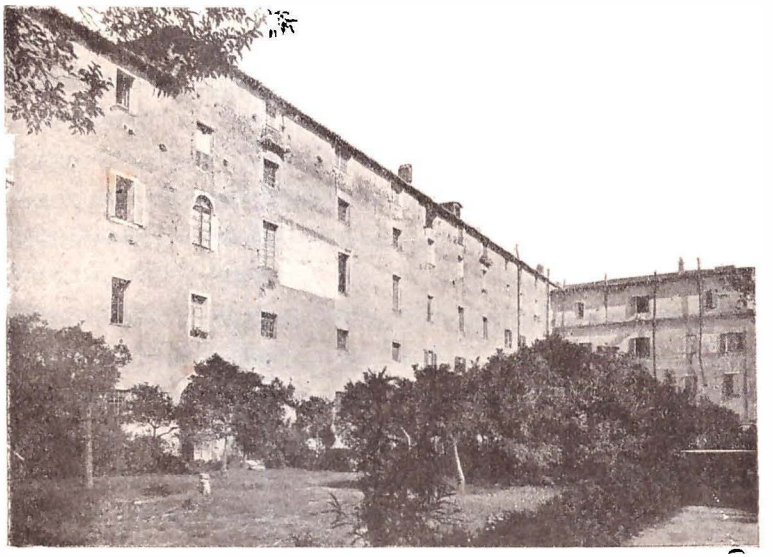
No noviciado começou Luiz a lançar solidos fundamentos de todas as virtudes. Tendo entrado na primeira provação, do modo que acima vimos, conservou-se todos aquelles dias recolhido e retirado com immensa quietação e alegria de animo, ora meditando, ora lendo, se bem que sua leitura se pudesse chamar meditação, tão enlevado em Deus tinha sempre o espirito. Sobreveiu-lhe por este tempo não sei que indisposição, causada talvez pela differença dos ares e do modo de vida, ou pelas penitencias que continuava a fazer, ou finalmente porque com

maior ardor e contenção de espirito todo se applicava aos exercicios mentaes. Por causa deste incommodo foram os superiores obrigados a tiral-o da provação um pouco mais depressa do que é costume e fizeram-no de tanto melhor vontade, quanto elle mais instruido já vinha, tendo pouco antes feito os Exercicios espirituaes em Mantua, e visto todas as regras e constituições; e quanto á vocação não havia necessidade de prova, tendo já sido provado por tantas contradicções. Sahindo da provação, foi entregue aos medicos até que se restabeleceu da indisposição. Dando-se a lavar a roupa branca que trouxera na viagem de Roma, acharam suas camisas tintas de sangue, pelas continuas disciplinas que tomava cada dia.

Quando foi admittido á convivencia dos outros, achou o mestre de noviços, que elle andava com a cabeça muito abaixada, e, parte para corrigil-o, parte para mortifical-o, mandou fazer-lhe um collarinho de papelão coberto de linho, e fez que durante muitos dias o trouxesse ao pescoço, de modo que não podia abaixar a cabeça, e era forçado a frazel-a erguida, o que elle fazia com grande alegria, sorrindo de assim andar, quando conversava com os outros. Tinha a todos os noviços tanto respeito e reverencia, como se fosse o ultimo da casa. Começou logo a pedir jejuns, disciplinas, cilicios e outras penitencias e mortificações. Notando que os noviços não usavam barrete quadrado e clerical como elle trouxera, nem roupeta de panno tão fino como a que mandara fazer no seculo, rogou com muita instancia ao Superior, que lhe mandasse dar barrete e habito como os dos outros noviços, o que lhe foi concedido. Não contente com isso, porque o seu breviario tinha as folhas e encadernação douradas, pediu licença para trocal-o

por algum dos ordinarios da casa. Assim se foi aos poucos privando e despojando de quanto levara comsigo, nada querendo que lhe cheirasse ao Egypto.

É doutrina dos Santos Padres, confirmada pela Sagrada Escriptura, que Deus Nosso Senhor, com alto conselho e particular providencia. exercita os



Noviciado de S. André no Quirinal.

(VISTA TIRADA DO JARDIN).

que se dedicam a seu serviço, e com fidelidade O servem, não por meio de Satanaz, nem porque tenham alguma culpa, mas de um modo immediato, por si mesmo, só para experimental-os. Costuma especialmente usar assim com pessoas que têm luz do Ceo, tirando-lhes a consolação espiritual que lhes costuma communicar ordinariamente no curso de seu divino serviço. Ainda mais, diz S. Bernardo, que não só é costume ordinario de Deus obrar deste modo, mas é necessario que assim seja, por muitas razões que apresenta. Deste favor não quiz Sua Divina Maje-

stade privar seu servo Luiz. No principio do noviciado teve uma desconsolação d'alma extraordinaria, que, comquanto não lhe causasse inquietação ou perturbação alguma, e ainda menos o incitasse a qualquer mal, comtudo o privava daquella doçura e alegria espiritual que costumava ter quasi continuamente no seculo; e elle sentia tel-a perdido. Ficou-lhe porém um refrigerio: todas as vezes que se punha em oração se sentia muito alliviado. Pouco tempo depois desvaneceu-se toda aquella nuvem de tristeza, e Deus que se tinha escondido para experimental-o e fazer-se desejar, tornou a manifestar-se e a consolal-o com novas visitas, restituindo-lhe a paz e tranquillidade antigas.

Outra vez suggeriu-lhe o demonio este pensamento, para fazel-o cahir em pusillanimidade: Que fará de ti a Companhia? Porem elle, conhecendo a tentação, logo resistiu, e em meia hora ficou perfeitamente victorioso.

Como elle mesmo me confessou, foram estas as unicas tentações que teve durante o tempo de seu noviciado, no resto gosou continua paz e repouso.

Nem deve isto causar espanto, pois pelo affecto estava superior a todo acontecimento humano, e todas as cousas referia ao divino beneplacito; razão pela qual se tornou quasi impassivel.

Capitulo II.

Como se portou por occasião do fallecimento do Marquez seu pae.

Claramente demonstrou S. Luiz este dominio de si mesmo em todos os acontecimentos humanos, ao receber, dois mezes e meio depois de ter entrado na Companhia, a noticia do fallecimento de seu pae, a qual não o abalou mais do que se não lhe dissera respeito. No mesmo dia, aconselhando-lhe os superiores, que escrevesse á Marqueza consolando-a, obedeceu, mas começou a carta dizendo que dava graças a Deus porque d'ahi em deante O poderia mais livremente chamar: Padre nosso, que estaes no Ceo. Isto causou grande espanto a todos, especialmente aos que conheciam Luiz mais intimamente, e sabiam que o grande amor que consagrava a seu pae, era tamanho, que tirando o que devia ao Ceo, costumava dizer que nada na terra lhe era mais caro, que o pae. O proprio Luiz confessou a alguem, que, se considerasse isoladamente a morte de seu pae, teria, sem duvida, experimentado grandissima dor, mas, quando pensava que viera da mão de Deus. não podia receber desgosto de uma cousa que sabia ter sido do agrado de Sua Divina Majestade. É que elle era superior a todo humano acontecimento, porque tudo subordinava ao divino beneplacito.

Esta mesma morte, tão subita, foi-lhe occasião de conhecer o particular amor que Deus lhe tinha, e a singular providencia com que o tratava. Com effeito, se o Marquez tivesse morrido dous ou tres mezes antes, quando Luiz não tinha ainda feito a renuncia, ou se se dilatara por mais tres mezes sua entrada em Religião, havia grande risco de que, ou o Padre Geral não o quizesse receber para não privar aquella casa de um guia tão excellente para o governo, ou os mesmos povos, que muito o amavam, o retivessem á força; ou elle proprio, para não deixar o estado entregue a seu irmão mais moço, jovenzinho ainda inexperiente, por dedicação ao bem geral, fosse induzido a ficar, ao menos por algum tempo, com o governo de seus vassallos: e sabe Deus o que se teria seguido! Mas o Senhor, pelo grande amor que lhe tinha, quiz primeiro conceder-lhe a graça da Religião, e desligal-o totalmente do mundo, para depois chamar a si o Marquez.

Não foi menos admiravel a Providencia divina para com o proprio Marquez. Tendo sido sempre cavalheiro muito fidalgo, todo empenhado em grangear honras e grandezas mundanas para si, seus filhos e sua casa, depois que Luiz entrou em Religião, mudou tanto de vida, e applicou-se tanto á devoção, que causava espanto a quantos o viam. Deixou inteiramente o jogo, a que era antes não pouco inclinado. Todas as noites, fazendo pôr em frente ao leito em que jazia com a gotta,um crucifixo deixado por Luiz, recitava os sete psalmos penitenciaes ajudado por um camareiro do mesmo seu filho, Ghisoni, que tomara para si; depois rezava as ladainhas, no que queria ser acompanhado pela Marqueza e pelos outros filhos. Durante a oração, derramava tão grande copia de

lagrimas, com suspiros e soluços, que bem deixava ver quão commovido e compungido estava intimamente. No fim de tudo, tomando nas mãos o crucifixo, e batendo no peito, com muitas lagrimas dizia estas palavras: *Miserere, Domine; Domine peccavi, miserere mei.* Maravilhado elle mesmo daquella insolita facilidade de chorar, dizia: « Bem sei donde procedem estas lagrimas: tudo isto vem de Luiz; Luiz me alcançou de Deus esta compunc̃ção Alem disto, mandou chamar D. Luiz Cataneo, que já voltara de Roma, levou-o comsigo a Nossa Senhora de Mantua, e ahi lhe fez uma confissão geral de toda a sua vida com muita integridade e contrição, como me disse o mesmo sacerdote, e continuou sempre no mesmo fervor com que havia começado.

D. Fernando Gonzaga
Marquez de Castiglione, Pae de S. Luiz.
(DE UMA GRAVURA MUITO ANTIGA).

Vendo-se depois cada dia mais atribulado pela doença, fez-se levar a Milão, para ver se ahi os medicos saberiam achar meios de cural-o; mas em poucos dias chegou ás portas da morte. Tendo conhecimento d'isto, o padre Frei Francisco Gonzaga, que continuava como Geral de sua Ordem, e se achava em Milão, foi vel-o uma noite afim de aconselhar-lhe que se preparasse: mas o marquez vendo-o áquella

hora, logo comprehendeu o seu designio, e pediu-lhe espontaneamente que lhe mandasse um Padre dos seus, que fosse mais de sua confiança, porque se queria confessar. Veiu o confessor, e elle, naquella mesma noite confessou-se. No dia seguinte fez testamento, e, depois de ter disposto tudo como devia, poz-se a consolar os seus, que choravam, dizendo-lhes que se deviam alegrar por Deus o chamar a Si em tão boas disposições. Assim morreu no dia 13 de Fevereiro de 1586. Seu corpo foi, per determinação sua, levado a Mantua e sepultado na egreja de S. Francisco.

Sabendo S. Luiz as circumstancias da morte do pae, por meio do Geral Gonzaga e das pessoas de casa, teve grande consolação, e deu graças a Deus.

Capitulo III.

Como foi dado á mortificação durante o seu noviciado.

Costumava dizer S. Luiz, que aprendera do Marquez seu pae, que quando uma pessoa elege um estado de vida, ou se encarrega de fazer alguma cousa, deve esforçar-se por tudo levar a termo com a maior perfeição possivel; e que tendo seu pae esta opinião acerca das cousas do mundo, muito justo era que elle a applicasse ás de Deus. Em toda a sua vida mostrou Luiz quão profundamente compenetrado estava deste principio; pois com grandissimo fervor trabalhou sempre por mortificar-se e adquirir todas as virtudes e perfeição.

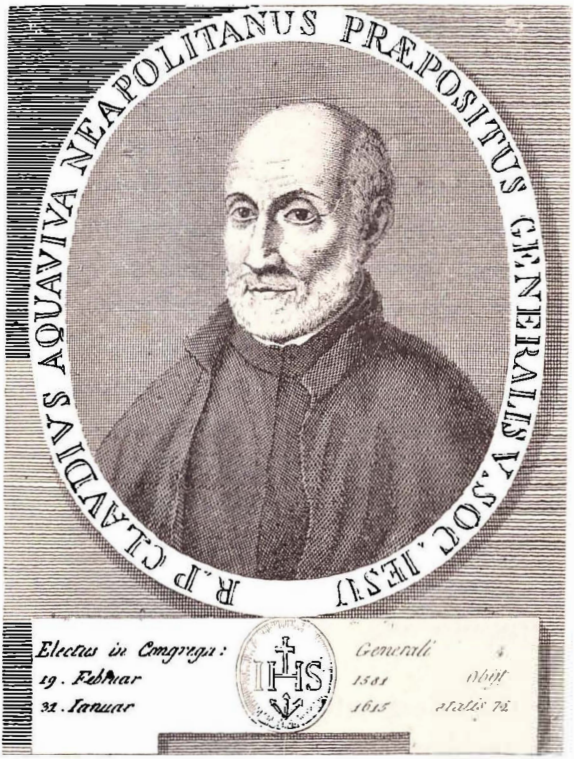
Digamos algumas cousas que desde este tempo se contavam delle com admiração. De tal modo poz de parte toda a lembrança de seus parentes, que parecia tel-os esquecido inteiramente. Tendo-lhe alguem perguntado uma vez, quantos irmãos tinha no seculo, não soube logo responder, precisando primeiro contal-os, de cabeça. Inquirindo, outro dia, um Padre, se não o molestavam lembranças dos parentes, respondeu que não, porque não pensava nelles senão quando, em commum, os queria encommendar a Deus, e que pela graça divina, era tão senhor de seus pensamentos, que os não detinha senão no que julgava conveniente.

Guardava com grande diligencia todos os seus sentidos, e não deixava escapar occasião de mortifical-os. Nunca, em Religião, se viram cousas cheirosas em suas mãos, nem se mostrou amigo de perfumes; e quando ia ao hospital, tratar dos enfermos, o que pedia muitas vezes, chegava-se quasi sempre aos mais repugnantes, e tolerava o mau cheiro sem dar o menor signal de asco. Mortificava a carne e o tacto com disciplinas, cilicios, jejuns a pão e agua. e outras penitencias e austeridades corporaes, em que se exercitava bastante, mas não tanto como quizera, porque, por sua fraca compleição, nem sempre lh'as permittiam. Nada sentia mais, do que não poder fazer neste ponto tudo que desejava. Abrindo-se um dia com o Padre Decio Striverio, disse-lhe que. como Religioso, nenhuma penitencia ou mortificação fazia, em comparação ao que fizera no seculo: mas se consolava sabendo que a Religião é como um barco, em que tanto avançam na viagem os que por obediencia ficam ociosos, como os que se afadigam aos remos.

Num dia de vigilia pediu licença ao Mestre de noviços para jejuar a pão e agua, o que lhe foi concedido. Vendo depois o Mestre, que, á hora da refeição, elle quasi nada comera á mesa, para dar-lhe outra occasião de mortificar-se, chamou-o e ordenou-lhe que voltasse á segunda mesa, e comesse quanto lhe apresentassem. Voltou elle por obediencia, e fez tudo que lhe fora imposto. Terminada a refeição. o Padre Decio Striverio, que tinha percebido o caso, chegou-se a elle, e, para gracejar, disse-lhe: « Boa moda de jejuar é esta, Irmão Luiz, comer pouco da primeira vez para tornar a comer segunda... » E elle, sorrindo. respondeu: Que quer[illegible] que eu

faça? *ut jumentum factum sum apud te,* como diz o Propheta ».

Nunca dava ouvidos a pessoas que, contassem novidades, ou outras cousas inuteis. Se podia, mu-



P. Claudio Acquaviva.

(De uma gravura antiga).

dava de conversa, e se eram pessoas de respeito, com sua attitude e silencio dava bem a entender que não ouvia de boa vontade.

Na guarda dos olhos foi extremado no seculo, e ainda mais na Religião. Costumavam os noviços, por recreação, ir em alguns dias do anno a uma certa quinta, e já S. Luiz nella estivera com os outros

muitas vezes. Aconteceu que, não sei por que razão, foram levados a outra. De volta a casa perguntando-lhe alguem, qual das duas quintas lhe agradava mais, elle ficou não pouco admirado, porque até então estava crente de que fora á quinta costumada, onde já estivera varias vezes; comtudo o caminho e as casas eram bem diversos. Depois, reflectindo, lembrou-se que na segunda achara uma capella que nunca vira na primeira.

Comia já ha tres mezes no refeitorio do noviciado, e não sabia ainda em que ordem estavam as mesas, e sendo, um dia, mandado pelo Ministro a buscar no refeitorio não sei que livro deixado no logar do Padre Reitor, precisou que lhe ensinassem onde era o dito logar. Outra vez, tendo já alguns mezes de noviciado, referiu ao Mestre de noviços; como escrupulo grande que muito trabalho lhe dava, que, por acaso e sem querer, olhara o que estava fazendo um seu visinho, e temia que fosse curiosidade, e, o que mais é, accrescentou ser este o primeiro escrupulo que em materia de olhar tivera na Companhia.

O sentido do gosto parecia ter perdido inteiramente: não achava o menor sabor nos alimentos, nem se importava que a comida fosse boa ou má, saborosa ou insipida. Procurava sempre escolher o peior do que lhe offereciam, e emquanto comia tinha o espirito occupado em alguma pia meditação. Alem de estar attento á leitura no refeitorio pensava, ao jantar, no fel com que foi amargurado na cruz o Salvador, e á noite, na ultima e sacratissima ceia, cheia de tantos mysterios, que o Senhor celebrou com seus discipulos.

Sobretudo, sempre se desvelou tanto na guarda

da lingua, que quem não considerasse quantos males della nascem, e quão facilmente nos faz cahir e peccar, julgal-o-ia extremamente escrupuloso. Repetia frequentemente como oração jaculatoria o verso do psalmo: *Pone, Domine, custodiam ori meo, et ostium circumstantiae labiis meis.* Em conversa, costumava dizer muitas vezes: *Qui non offendit in verbo, hic perfectus est vir, et si quis putat se Religiosum esse, non refraenans linguam suam, hujus vana est Religio.* Gostava muito mais de calar, que de falar; pelo que não se pode dar idéa de quão exactamente observava a regra do silencio, tanto em casa, como fóra. Foi mandado um dia a passeio com um Sacerdote, e, como ouvira dizer que nem sempre quando havia licença para sahir, a havia tambem para falar, levou um livrinho espiritual e, mal sahiu, poz-se a ler, e passou todo o tempo ora lendo, ora meditando, sem dirigir palavra ao companheiro, o qual, gostando daquelle acto, o deixou continuar, e tambem se entregou ás suas meditações.

A razão pela qual tanto amava o silencio, era de um lado, porque temia offender a Deus com as palavras; de outro, porque as consolações intimas e espirituaes que continuamente gosava, lhe tiravam todo gosto de conversar com os homens. Quando tinha necessidade de falar, era muito ponderado nas palavras, e pesava cada syllaba, por assim dizer.

Costumam, os da Companhia, quando saem de casa dizer ao porteiro aonde vão; e como os noviços de Roma são frequentemente mandados á Casa professa, para ajudar ϕ Missa, ou ouvir as praticas e as lições nos dias festivos, perguntou Luiz ao Superior, se era palavra ociosa dizer: Vou á Casa professa bastando para ser entendido dizer só: « Vou

á Casa ». Na hora do recreio, falava sempre das cousas de Deus; e, se começava a discorrer sobre algum ponto, e lhe occorria por qualquer razão que era melhor calar-se, parava no meio sem acabar a phrase, embora o incitassem a proseguir, elle se calava ficando um breve espaço silencioso.

Acerca do vestir, pedia com grande instancia, que se lhe desse o mais ordinario e usado que houvesse em casa; e porque uma vez o Superior ordenou que lhe fizessem uma batina nova, sentiu tanto pezar ao vestil-a, que o alfaiate e as outras pessoas presentes o notaram. Contando elle depois ao Superior a mortificação que sentira, foi-lhe respondido que aquelle desgosto podia nascer do amor proprio e do desejo de conservar na opinião dos homens o bom nome e conceito de virtuoso. Estas palavras foram-lhe occasião de examinar por muitos dias todos os seus pensamentos para ver se podia encontrar a origem daquelle pezar; porém, por mais que examinasse, não poude achar culpa, antes conheceu que, se no principio do noviciado lhe tinham vindo alguns pensamentos de estimação propria, elle com a divina graça fora tão senhor de si, que não tinha consciencia de ter consentido uma só vez. Comtudo, para maior segurança durante alguns mezes, em todas as meditações que fez sobre a Paixão do Salvador, teve por objecto o arrancar de sua alma todo germen de complacencia propria, e de adquirir o desprezo e santo odio de si mesmo.

Nas mortificações da honra era tanto mais solicito, quanto julgava que estas, ao homem de juizo, são mais proveitosas e necessarias, que as afflicções do corpo. Com o uso continuo de similhantes mortificações, chegou a ponto de não sentir a menor re-

pugnancia em fazel-as, quer em casa, quer fóra. Pediu licença para ir muitas vezes pela cidade de Roma, com vestes remendadas e alforge ás costas, pedindo esmola. Perguntando-lhe alguem, se sentia vergonha ou repugnancia em fazel-o, respondeu que não, porque tinha em vista a imitação de Christo, o merecimento e premio eterno que ganhava, e que isto era bastante para tudo fazer com alegria e boa vontade.

Até, humanamente falando, não ha nisto mortificação – dizia elle, – porque os que me vêm, ou me conhecem, ou não: se não me conhecem, não me devo importar com o juizo delles, nem posso sentir humilhação, não sendo conhecido; se me conhecem, alem de edifical-os, eu nada perco para com elles; mais depressa farão tal conceito de mim, que haverá mais perigo de vangloria, que ensejo de mortificação; porque o ser pobre, não por condição, mas por amor de Deus, até para os mundanos é cousa honrosa ».

Tambem quando era mandado nos dias de festa a ensinar a doutrina e catechisar os pobres e miseraveis pelas ruas e praças publicas de Roma, com tanta alegria e caridade o fazia, que quantos o viam ficavam edificados, e grandes Prelados paravam ás vezes em seus coches para vel-o e ouvil-o. Uma vez, entre outras, achando um homem que não se confessava havia seis annos, tanto instou com elle, e falou-lhe com tanto espirito, que o convenceu, e o levou a um Padre no Gesù para confessar-se; e o mesmo fez a outros, de outras vezes.

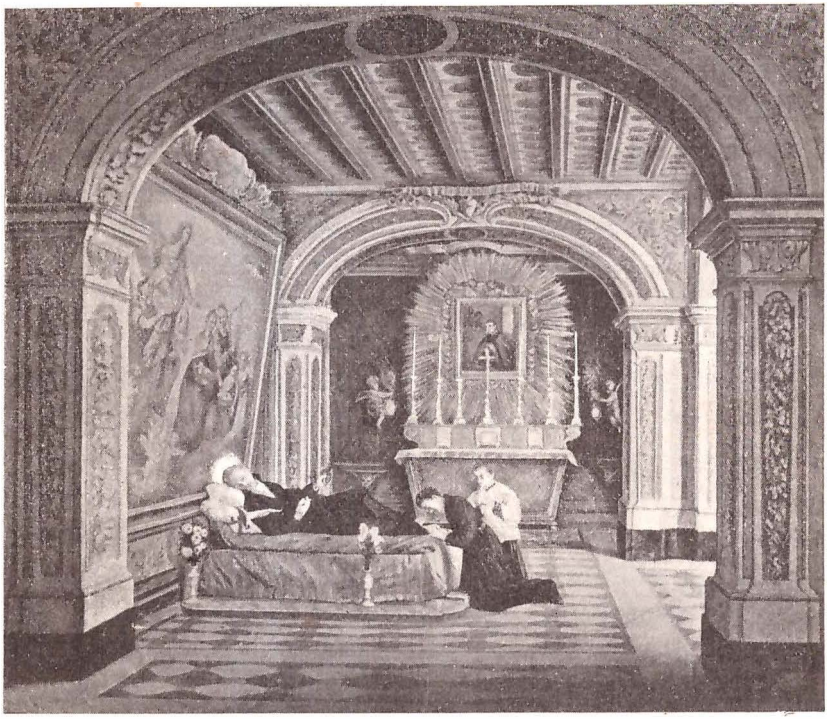
Só numa cousa confessava sentir alguma mortificação: – quando publicamente, no refeitorio ou na sala, era reprehendido de suas faltas; não pelo conceito de pouca virtude, que poderiam formar a

seu respeito, que disto nenhum caso fazia: mas unicamente por lhe desagradarem, em si mesmas, aquellas faltas. Por isso, nada pedia mais a miudo do que ser reprehendido publicamente, e dizia que d'ahi tirava muito proveito. Comquanto, pelo dominio que tinha adquirido sobre a imaginação, pudesse facilmente desviar o pensamento para outro objecto, de modo a não ouvir a censura, comtudo não o fazia para não defraudar (como elle dizia) a santa obediencia, e ter maior merecimento; e emquanto era publicamente reprehendido, procurava mover-se á alegria com o pensamento de que padecia alguma cousa que o tornava de certo modo similhante a Christo Nosso Senhor: o que. bem a miudo, lhe fornecia materia para longa meditação.

Vendo-o o Mestre de noviços tão circumspecto em tudo, quiz uma vez proval-o em alguma cousa que elle não soubesse, e fel-o por alguns dias ajudante do refeitoreiro, incumbindo-o de varrer, limpar e arrumar o refeitorio commum; e ao refeitoreiro ordenou que, de proposito, em todas as occasiões se mostrasse aspero e desagradavel, e com varias reprehensões o exercitasse todo o dia. Mas, ainda que este cumprisse á risca o que lhe fora ordenado, nunca poude fazer que Luiz se desculpasse, ou justificasse o que havia feito; de modo que, cheio de espanto de ver tanta humildade e paciencia, a custo acreditava nos proprios olhos.

Foi um dia visitar a Luiz no noviciado o Patriarcha Gonzaga, que ao retirar-se, tomou de parte o Padre Reitor, e se informou acerca do procedimento do mancebo. « *Senhor*, respondeu o Padre, *apenas posso dizer a Vossa Senhoria Illustrissima, que todos nós muito temos que aprender de seu exemplo* ».

Em summa, desde os primeiros mezes de seu noviciado, era tão recolhido e modesto; tão rigido domador do corpo; tão inclinado ás mortificações da alma, principalmente ás que dizem respeito á honra; tão perfeito observador de todas as regras, ainda das



Quarto de S. Estanislao, hoje convertido em capella, onde Leao XIII disse a primeira missa.

mais insignificantes; tão intimamente humilde; tão affavel para com todos; tão cheio de respeito aos superiores; tão obediente ás suas ordens, tão devoto para com Deus, tão desprendido do affecto ás cousas do mundo; tão inflammado em caridade e perfeito em todas as virtudes; que todos os noviços o consideravam santo, e beijavam por devoção as cousas que

elle tocava ou usava, e falavam-lhe com grande veneração, como á pessoa sagrada. Outros tambem, além dos noviços, procuravam ter como reliquia alguma cousa usada por elle.

Foi assim que naquelle tempo arranjei o Officio de Nossa Senhora que elle rezava no seculo; já tinha passado pelas mãos de duas pessoas, e ainda é devotamente conservado na Sicilia, para onde foi levado. Um Padre pregador conserva o Breviario que elle usava antes de Religioso, como reliquia, e este como tal foi considerado desde aquelle tempo até nossos dias: – tão depressa foi conhecida sua grande perfeição e santidade.

Capitulo IV.

Da alegria que sentiu por ser mandado á Casa Professa e da sua devoção ao Santissimo Sacramento.

Depois que os noviços da Companhia em Roma, estiveram por algum tempo no noviciado de Santo André, tomaram melhor conhecimento da vida espiritual, e se acclimataram sufficientemente á disciplina religiosa, é costume serem mandados por algumas semanas ou mezes ao Gesù, Casa professa da Companhia, onde têm logar apartado dos mais, e se occupam em ajudar à Missa, ler á mesa, e em outros exercicios similhantes, proprios do noviciado. Ahi são elles geralmente entregues a um Padre sabio e espiritual que os confessa e governa, fazendo as vezes de Mestre de noviços. Alem disso, o Superior escolhe um dentre elles, a quem encarrega de distribuir a cada um os officios que lhe tocam, e velar para que seja tudo feito á hora marcada; e este é chamado Prefeito pelos outros.

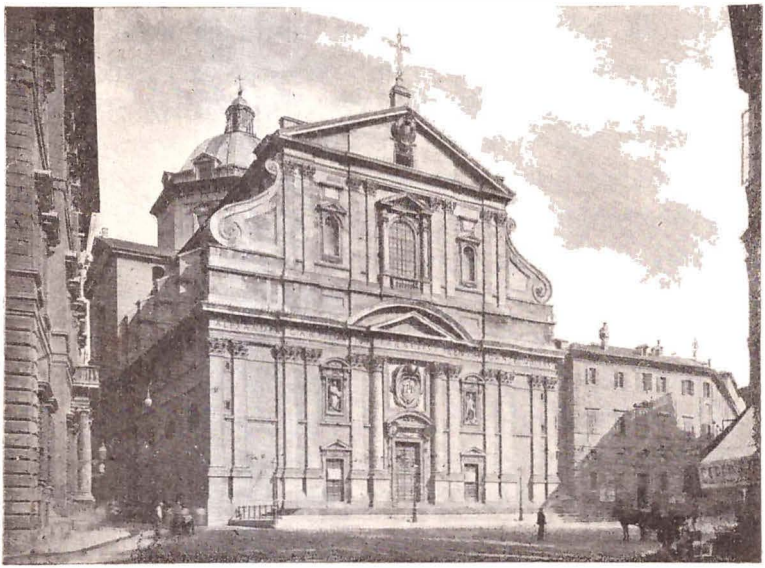
Estava já S. Luiz ha cerca de tres mezes no noviciado, quando recebeu do Reitor ordem para transferir-se á Casa professa. Sentiu elle grande alegria, por duas razões, ambas espirituaes. A primeira é que esperava ter ensejo de aproveitar os santos exemplos daquelles Padres antigos que, na maior parte, tendo envelhecido nos governos e outros ministerios da Religião, ahi se acham, uns occupados

nos trabalhos da egreja e da casa, outros ajudando no governo universal da Religião o seu chefe, que lá reside; e todos podem ser tomados como regras da vida religiosa. A segunda razão foi que, pela grande devoção que tinha ao Santissimo Sacramento do altar, desde que estava no seculo em casa de seu pae, gostava de ajudar á Missa; e vendo-se mandado de proposito para exercer este officio, sentiu immensa consolação.

Este particular amor a Jesus Sacramentado, é cousa tão notoria de quantos o conheceram, que algumas pessoas, em Roma, tendo de mandar pintar seu retrato, lembraram-se de represental-o em adoração perante o Santissimo Sacramento. Tão grande devoção nascia dos gostos e consolações sobrenaturaes que recebia na Communhão; o que não deve causar espanto a quem considere a pureza de sua alma e a diligente preparação com que se dispunha a commungar. Servia-lhe uma Communhão de preparação para a outra. Alem de varias devoções que fazia, dividia a semana de modo que nos tres, primeiros dias, isto é, segunda, terça e quarta-feira, dava graças a cada uma das tres Pessoas da Santissima Trindade, em particular, pelo beneficio da Communhão recebida no domingo; e nos tres dias seguintes, isto é, quinta-feira, sexta e sabbado, pedia ás mesmas tres Divinas Pessoas, a graça de poder, no domingo seguinte, dignamente chegar-se á sagrada mesa. Durante a semana, ia muitas vezes por dia, a certas horas determinadas, á egreja ou ao côro visitar o Santissimo Sacramento, e fazer um pouco de oração.

No dia anterior á Communhão, todos os seus pensamentos e palavras eram sobre este santo mys-

terio, do qual falava com tanto sentimento e fervor, que alguns noviços e até sacerdotes, tendo-o já observado, procuravam no sabbado passar com elle o tempo da recreação, para ouvil-o discorrer, com grande elevação de pensamentos, sobre este ineffavel mysterio; e affirmavam depois, que nunca celebravam com maior devoção a santa Missa, que no domingo;



Egreja do Gesù e Casa Professa.

tão commovidos e inflammados ficavam com as suas palavras. Era isto já tão notorio, que todas as vezes que alguem desejava no meio da semana commungar ou dizer Missa com maior devoção, arranjava as cousas de modo a estar com elle no dia anterior e fazer cahir a conversa sobre este assumpto.

No sabbado á noite, ao deitar-se, pensava S. Luiz na graça que ia receber; no domingo pela manhã, logo ao despertar, applicava-se ao mesmo pensamento: fazia uma hora de meditação sobre a Communhão,

e depois ia para a egreja com os outros a ouvir a Missa, durante a qual se conservava sempre de joelhos immovel. Tendo recebido a Communhão, retirava-se a um canto, e ficava por muito tempo como que arrebatado dos sentidos. Finda a acção de graças, parecia ter difficuldade em levantar-se e sahir da egreja, e sentia encherem-se-lhe o coração e a alma de amorosos affectos divinos e de celestial doçura. Todo o resto da manhã passava em santo silencio, orando vocal ou mentalmente, e tambem lendo algumas vezes trechos devotos de Santo Agostinho e de São Bernardo.

Capitulo V.

Juizo que de S. Luiz formava o Padre Jeronymo Piatti.

Pelas razões que apontámos foi S. Luiz alegremente para a Casa professa. Ahi achou encarregado dos noviços o Padre Jeronymo Piatti, varão muito virtuoso e espiritual, e entendido na perfeição religiosa, como claramente mostram um livro que publicou e outros escriptos que deixou sobre esta materia, e que, ficando incompletos por sua prematura morte, não foram publicados, com perda das pessoas religiosas, a quem ensinavam com maravilhosa facilidade o meio de despir todo o affecto ao mundo; mortificar e subjugar o corpo; refrear e ordenar as paixões da alma; desarraigar os vicios e maus habitos; adquirir todas as virtudes necessarias ao Religioso, tanto em si mesmo, como para tratar com o proximo; e unir-se a Deus pela perfeita caridade. Já tinha composto dous livros e meio sobre este assumpto, quando morreu deixando a obra incompleta.

Este devoto e sabio sacerdote, alegrou-se grandemente ao ver Luiz confiado a seus cuidados, porque, desde o primeiro dia em que o conheceu, delle formou singular conceito, como se pode ver numa carta escripta por seu punho ao Padre Mucio Vitelleschi, que então terminava seus estudos de Theologia no Collegio de Napoles: na qual conta com grandes louvores muitas

cousas acerca da vocação de S. Luiz, que já foram ditas acima.

Não o conhecia ainda bastante o Padre quando escreveu essa carta, comtudo nella preconisa altamente suas virtudes. Começando depois a confessal-o e a tratar com elle das cousas de Deus e da alma, fel-o contar pormenorisadamente muitas particularidades

Egreja do Gesù - Interior.

que deixou escriptas, como dissemos no começo desta obra, e nelle descobriu tanta innocencia, tanta luz sobre tudo o que se refere a Deus, e tão alta perfeição, que d'ahi em deante o teve por grande santo, e como tal o louvava a todos, sempre que succedia falar nelle. Uma vez, entre outras, discorrendo sobre a patria celeste com um Padre, e dizendo que os Santos do Paraiso de tal modo se transformam na divina vontade que conhecem e vêem, que nada mais amam e querem, do que o que Deus quer e ama, disse: *Julgo que*

vejo claro exemplo disto no nosso Irmão Luiz, em cuja alma, vendo os Santos do Ceo, que Deus Se compraz summamente, tambem elles, transformados na divina vontade, se esmeram por adornal-o de dons e graças celestes, e por lhe fazerem mercês e rogarem por elle; e parece-me que estão apostando a quem lhe poderá fazer maior bem; tão favorecido o vejo por Deus e por elles, e tão cheio de virtudes e graças sobrenaturaes ».

O mesmo Padre Piatti, passando por Sena, e celebrando as heroicas virtudes de S. Luiz, disse ao Padre Antonio Francisco Guelfucci, « que se admirava, pela muita santidade que nelle via resplandecer, que não fizesse em vida, muitos e manifestos milagres ».

O mesmo me recordo de ter ouvido ao Cardeal Bellarmino, o qual, attenta a extraordinaria santidade que via em S. Luiz, affirmava maravilhar-se por elle não fazer evidentes milagres, que publicamente se soubessem.

Capitulo VI.

Como se portou em quanto esteve na Casa professa.

Esteve S. Luiz na Casa professa mais tempo, do que costumam os outros noviços. Todas as manhãs, acabada sua hora de oração mental, ia á sacristia, e ajudava cinco ou seis Missas, com grandissima devoção e gosto espiritual. Era tão compassivo para com seus companheiros de noviciado, principalmente para com dous que lhe pareciam fracos, que chegava a ir avisar ao Superior, que elles não tinham cuidado de sua saúde, e ajudavam muitas Missas. No tempo que ficava na sacristia, entre uma e outra Missa, conservava-se sempre silencioso, sem dizer palavra: e se retirava a um canto ora meditando, ora rezando o Officio de Nossa Senhora, ou lendo algum livro espiritual. Quando tinha necessidade de avisar ou interrogar o sacristão, falava-lhe com a cabeça descoberta, as mãos junto do peito, com tanta reverencia e submissão, que o mesmo sacristão ficava confundido. Obedecia ao que este ou seus companheiros lhe ordenavam, com tanta presteza e perfeição, como se lhe falara Christo Nosso Senhor. Tendo-o o sacristão encarregado, na quinta-feira santa, de ficar no *sepulchro* tomando conta das velas accessas, ficou muitas horas sem levantar nunca os olhos para ver a ornamentação e apparato do logar, que era bellissimo, e attrahia grande concurso de povo. Perguntando-lhe

depois um de seus companheiros como achara o sepulchro, respondeu que não o tinha visto, pois não lhe parecera licito entreter-se a olhar para elle tendo sido encarregado de outro officio pelo sacristão.

Guardava tambem tanto respeito e reverencia ao noviço que tinha aquella pequena superintendencia sobre os outros, que maior não pudera ter ao mesmo

Roma - Casa Professa.

Geral. Sempre que o via passar, levantava-se, tirava o barrete da cabeça e fazia-lhe toda sorte de reverencias; de modo que, confuso o noviço por se ver tão honrado, queixou-se ao Superior, que ordenou a S. Luiz, que nisto se moderasse, o que elle fez.

Não é maravilha, que votasse aos superiores tanta reverencia, e obedecesse com tanta promptidão ás suas palavras, pois nunca olhava a pessoa a quem obedecia como a homem, senão como áquelle que estava em logar de Deus; e ouvia a voz de

quem lhe mandava, como a propria voz de Christo Nosso Senhor. Affirmava proceder assim não tanto pelo maior merito que ha em obedecer deste modo, como porque sentia particular doçura em cuidar que Christo lhe falava, e que elle tinha uma occasião de servir a Sua Divina Majestade. Accrescentava ainda, que com maior prazer obedecia aos superiores subordinados e subalternos, que aos absolutos e supremos; não tanto por humildade, como por uma certa soberba (dizia elle); porquanto, a considerar humanamente, com difficuldade se dobrará um homem a obedecer a outro homem, principalmente se este lhe for inferior no saber, na nobreza, ou em outros dons e talentos; mas sujeitar-se a Deus, ou – o que é o mesmo – a um homem que faz as vezes de Deus, é summa gloria, e isto é tanto mais sensivel, quanto menos humanamente elevado e recommendavel é quem manda.

Passada a manhã e terminadas as Missas, vae cada noviço para o serviço que lhe cabe: um lê á primeira mesa, outro á segunda, e os outros vão para a cosinha ajudar o serviço. Tocou tambem a Luiz a vez de servir, e elle com tanto gosto se occupava naquelles trabalhos grosseiros, como se foram conformes á qualidade de sua pessoa. Puzeram-no depois a ler á mesa, e lia devagar e pausadamente. Succedeu uma vez, que, estando a ler, fizeram não sei que ruido junto ao refeitorio, de modo que não poude ser bem ouvido pelos circumstantes; tomando d'aqui, occasião, o noviço que tinha a superintendencia, para ver o que elle dizia, poz-se a reprehendel-o, dizendo que por sua culpa os Padres e Irmãos tinham perdido naquelle dia a lição da mesa, e exaggerou muito este damno espi-

ritual. O bom S. Luiz não se excusou, e lhe pediu perdão, promettendo emendar-se para o futuro, e de proposito repetiu depois o que tinha lido, afim de reparar o damno espiritual causado aos irmãos.

Vendo-o o Padre Jeronymo Piatti, tão applicado á oração e aos exercicios mentaes, para distrahil-o ordenou-lhe que de manhã e de tarde, depois da refeição, ficasse em recreio com os que comessem á segunda mesa, embora tivesse comido e feito recreação com os da primeira, e elle obedeceu. O Ministro, não tendo conhecimento desta ordem, e achando-o no segundo recreio, impoz-lhe uma penitencia publica no refeitorio, ordenando-lhe que se confessasse culpado, como tendo infringido uma regra que manda guardar silencio fora do recreio atodos concedido depois da mesa. Cumpriu elle a penitencia ordenada, sem se excusar nem declarar a ordem recebida do Superior, e depois, continuou a ficar no segundo recreio, como antes, em obediencia á ordem recebida. O Ministro, vendo-o de novo, admirou-se, e tornou-lhe a dar identica penitencia, que elle acceitou e cumpriu sem dizer palavra. Depois da mesa chamou-o o Padre Piatti, e disse-lhe que tinha dado escandalo, porque, sendo noviço, tinha duas vezes seguidas feito penitencia da mesma culpa; e perguntou-lhe o motivo de não ter descoberto ao Ministro a ordem recebida. Respondeu elle, que tambem lhe occorrera a lembrança de que talvez calando podia escandalisar mas receando algum engano do amor proprio, que, descobrindo a licença e ordem que tinha, pretendesse escapar á penitencia, determinara calar-se, e cumpril-a ainda da segunda vez, e depois, se o Ministro lhe tornasse a dizer alguma cousa, significar-lhe a

ordem que tinha, para não dar escandalo calando por mais tempo.

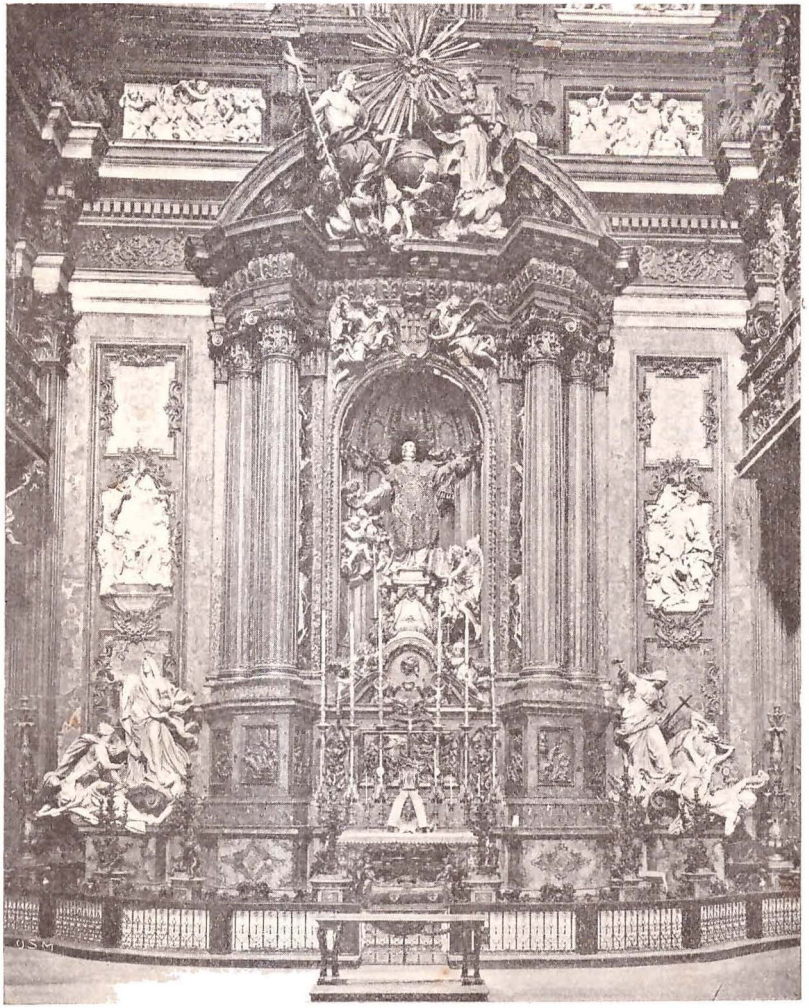
Era materia de grande edificação ver com quanta paciencia e promptidão acceitava as penitencias que lhe davam, e com quanta alegria as cumpria, ainda que não houvesse culpa, nem descuido de sua parte, porque estas duas cousas – culpa e negligencia – ou nunca se acharam nelle, ou mui raramente. Muitas vezes, sendo-lhe por engano imputadas as faltas de outro, não se excusava, e cumpria a penitencia como se o erro fora seu; o que se vinha a saber porque o culpado, vendo-o fazer a penitencia, ia accusar-se, com santa emulação de humildade.

Durante o dia, costumava acompanhar algum Padre, ora á cadeia, ora ao hospital, que costumam visitar muitas vezes na semana os confessores daquella casa; e, emquanto o Padre confessava os enfermos, ou presos, elle ensinava a doutrina aos outros e preparava-os para a confissão. Quando ficava em casa, occupava-se em varrer ou fazer outros trabalhos egualmente baixos. Uma vez, estando com os outros noviços num eirado dobrando uma roupa, lembrou-se, depois de algum tempo, que naquelle dia não tinha lido S. Bernardo, o que nunca lhe acontecia. Quiz sahir para satisfazer sua devoção, e podia fazel-o, como tambem os outros noviços, depois de terem por algum tempo trabalhado; porem não quiz, e respondeu deste modo a seu desejo:

Se lesses S. Bernardo, que outra cousa te ensinaria elle senão a obediencia? Pois faze de conta que o leste, e obedece

Era tão observante das Regras, que nunca, em attenção a pessoa alguma, se deixou levar a infringir nem ainda a mais minima. Aconteceu um dia que,

indo á sacristia para falar-lhe o Eminentissimo Senhor Cardeal della Rovere, seu parente, elle se excusou, dizendo que não tinha licença para falar, do



Egreja do Gesù - Altar e tumulo de S. Ignacio de Loyola.

que o Prelado ficou muito edificado, e não quiz dirigir-lhé mais palavra antes de ter pedido autorisação ao Padre Geral.

Em summa, mostrou-se em todas as cousas tão perfeito, e deu tão bom èxemplo, e edificação, que todos o amavam com particular affecto, e o admiravam como um santo joven; e, depois de ahi estar cerca de dous mezes, foi de novo chamado ao noviciado de Santo André.

Capitulo VII.

Com quanta perfeição passou o resto do noviciado.

Tornando S. Luiz ao noviciado de Santo André, muito edificado dos virtuosos exemplos que na Casa professa tinha visto, primeiro que tudo relatou ao Mestre de noviços tudo quanto se passara em sua alma no tempo em que estivera ausente; e depois, com maior fervor e deligencia que nunca, continuou os exercicios de costume no noviciado. Vivia com tanta observancia e perfeição, que, não só não lhe podiam os outros notar defeito algum, mas elle mesmo, que estava tão acostumado a reflectir sobre si, que, por assim dizer, fazia a anatomia de seus pensamentos, quanto mais das obras, nada achava em si que reprehender.

Isto se veiu a saber porque elle, um dia, foi conferir com o Mestre de noviços a seguinte duvida, que não pouco o affligia: examinando-se com toda a diligencia possivel, nada achava em si que chegasse a peccado venial, o que muito o perturbava, porque temia ser isto proveniente de não se conhecer a si mesmo, e pensava ter cahido naquellas trevas espirituaes que poem a alma em grande perigo, como por vezes tinha lido e ouvido dizer. Por

ahi se póde ver quão grande era a pureza de sua alma.

Não é maravilha que conservasse tão pura e limpa a consciencia, porque tinha em si varias graças que para isso muito contribuiam. Primeiramente, pelo continuo cuidado, com que desde menino mortificara as paixões da alma, e pelo habito que havia adquirido, parecia ter chegado a tal insensibilidade e impassibilidade, que nem mesmo sentia os primeiros movimentos das paixões para qualquer objecto humano. Muitos que com elle viveram na Religião, depuzeram com juramento, que não só jamais notaram nelle cousa que chegasse a peccado venial, mas nem ainda descobriram o menor signal ou gesto de colera ou de impaciencia, ou qualquer movimento das outras paixões. Esta insensibilidade é tanto mais digna de espanto, quanto não nascia de natureza apathica, como já dissemos; pois alem de ser moço e de compleição sanguinea, era muito vivo e perspicaz, ainda mais do que parecia possivel em sua edade; provinha da singular graça de Deus, e de habitos virtuosos adquiridos por meio do continuo exercicio da mortificação.

Accrescentava-se a isto, que em nada se deixava levar pelo affecto, que muitas vezes faz ao homem ultrapassar os limites da razão: guiava-se em tudo pelas luzes e conhecimentos que tinha. Costumava dizer que a pessoa que se deixa governar pelo affecto, corre perigo de cahir frequentemente em erro. Não se mettia em querer levar ao cabo porfias leves na conversa ou no recreio: dizia singellamente o que sentia, e se o contradiziam, não teimava; apenas, em defesa da verdade, ajuntava uma simples resposta com boas palavras e animo socegado; e depois, ainda que

instassem, aquietava-se como se a cousa não fosse com elle.

Com grandissima diligencia expulsava de si todo desejo, não só indifferente, mas ainda, bom e santo,

Noviciado de S. André.
Quarto-Capella de S. Estanislau: altar de S. Maria Maior.

quando presentia que poderia de algum modo perturbar a paz e o repouso do coração, e originar-lhe superflua solicitude; por isso gosava de uma grande tranquillidade e paz da alma, que pelo continuo uso já fazia, de um certo modo, parte de sua natureza. Porém o que sobre tudo o afervorava, era que,

não só estava continuamente na presença de Deus em todas as suas acções, – razão pela qual procurava fazel-as com a maior perfeição possivel, mas conservava-se sempre unido a Deus por meio da oração, a que se applicava com tanto cuidado, como se nella estivesse o ganho de toda a perfeição. Costumava dizer que é quasi impossivel, que quem não é homem de oração e recolhimento, chegue á perfeita victoria de si mesmo, e a um grau eminente de santidade e perfeição, como a propria experiencia mostra. Toda a immortificação, perturbação de espirito, dessocego e descontentamento que não raro se vêm em pessoas religiosas, dizia elle provir de não se darem ao exercicio da meditação e oração, a que chamava « caminho abreviado e summario da perfeição ». Quizera poder persuadir a todos, que o experimentassem; porque tinha para si, que quem uma vez a provasse, não poderia mais resolver-se a deixal-a. Admirava-se e doia-se de alguns pregadores que, se alguma vez por urgente necessidade não têm tempo para fazer a meditação ordinaria, vão pouco a pouco descuidando-se deste santo exercicio, e acabam por deixal-a, por falta de gosto, ainda quando tem tempo e commodidade para a fazer.

Capitulo VIII.

Do insigne dom de oração de S. Luiz.

Era S. Luiz tão dado á oração, que punha suas delicias no tempo dado para orar e meditar, e, pela pratica que tinha, recolheu bellissimos documentos sobre este santo exercicio. O Padre Roberto Bellarmino, depois Cardeal, ao pregar no Collegio Romano os Exercicios espirituaes aos estudantes da Companhia, quando lhes dava algum bello conselho sobre o modo de bem fazer a meditação, costumava dizer: « Isto aprendi de nosso Irmão Luiz ».

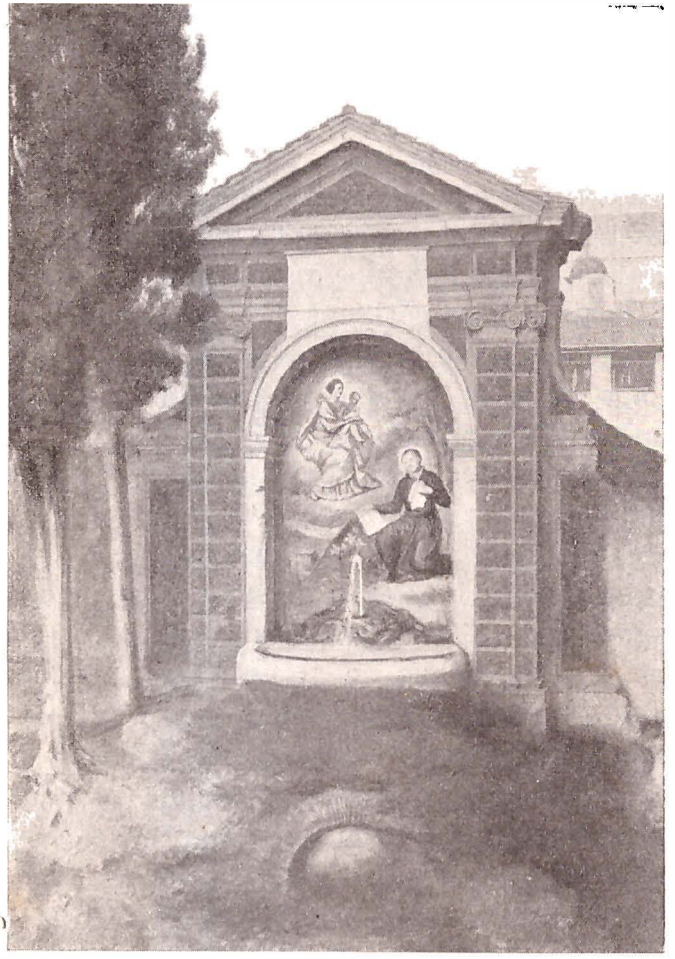
Costumava com toda diligencia preparar-se para a oração. Todas as noites, antes de deitar-se, levava perto de um quarto de hora, ou mais, dispondo e ordenando a meditação para a manhã seguinte. Chegada esta, procurava achar-se desembaraçado um bom pedaço antes de se dar o signal de começal-a; e neste tempo recolhia-se e tratava de manter o espirito tranquillo e livre de todo cuidado e desejo, porque affirmava ser impossivel que uma alma que no tempo da meditação tem em si qualquer cuidado, affecto ou desejo de outra cousa, possa estar attenta ao que medita, e receber em si mesma a imagem de Deus, em Quem, pela meditação, procura transformar-se. Lembra-me ter-lhe ouvido, a tal proposito, esta comparação: assim como a agua batida dos ventos não re-

presenta a imagem do homem que se lhe chega, quando está toldada; ou, se fica limpa, não representa os membros unidos ao corpo, senão divididos, parecendo cortados e separados uns dos outros; assim a alma que na contemplação é batida pelos ventos contrarios das paixões, ou abalada e commovida pelas affeições e desejos, não está apta nem disposta para receber em si a imagem de Deus, nem para transformar-se na similhança da Divina Majestade a Quem contempla.

Dado o signal da oração, punha-se de joelhos, com a maior reverencia possivel, deante de seu pobre oratorio, e empregava todos os meios para estar com a alma attenta á meditação: de modo que até de cuspir se abstinha, com medo de distrahir-se. Internava-se com o pensamento nas cousas que meditava; e pela grande applicação do entendimento accorrendo os espiritos vitaes ás partes superiores, ficava com o corpo tão fraco e amortecido, que, finda a oração, não se podia pôr em pé. Acontecia tambem muitas vezes, que, levantando-se da oração, ficava por algum tempo tão fóra de si, que não sabia onde estava, nem reconhecia o logar; o que succedia especialmente quando contemplava os attributos divinos, como a bondade, a providencia, o amor de Deus para com os homens, e, em particular, a sua infinita immensidade, que quando se punha a contemplal-a ainda mais abstraido ficava dos sentidos.

Na oração tinha tão grande dom de lagrimas, e de ordinario as derramava em tanta copia, que foi necessario que os superiores lhe suggerissem razões e meios para moderal-as, temendo que o muito chorar, lhe prejudicasse cada vez mais á cabeça e aos olhos: mas nenhum remedio foi efficaz. O que me parece

mais admiravel é que na oração, de ordinario, não tinha distracção alguma; do que dão testemunho seus confessores e, em particular o Senhor Cardeal Bel-



Noviciado de S. André no Quirinal.
Fonte existente no jardim, á qual vinha S. Estanislau refrescar o peito abrasado em amor de Deus como representa o afresco.

larmino. Quão insigne dom de Deus seja este, poderá julgar cada um pelo que em si mesmo experimenta na oração. Nascia nelle esta firme e continua atten-

ção, não só do grande concurso da graça de Deus, mas tambem de que com o longo uso de meditar tinha reduzido a imaginação á perfeita obediencia, de modo que só lhe vinham os pensamentos que queria ter, e fixava de tal modo a attenção no objecto escolhido, que depois nada percebia do que os outros dissessem ou fizessem, nem corria mais risco de distrahir-se. Não se lembrava de ter sido visitado durante a oração em todo o tempo que viveu na Religião (e foram seis annos); entretanto, no noviciado, todas as manhãs, e nos Collegios quasi todas, faz-se a visita pelos quartos, para verificar se todos fazem a oração á hora determinada: donde se pode ver quão arrebatado aos sentidos, e embebido na meditação estava durante aquelle tempo.

São obrigados pela Regra todos os membros da Companhia, no principio do noviciado, e depois, por toda a vida, de seis em seis mezes, a dar conta ao Superior de todo o interior de sua consciencia, e manifestar-lhe não só as faltas, mas ainda todos os dons, graças e virtudes que de Deus Nosso Senhor têm recebido. Faz-se isto para que o Superior que governa, estando bem informado, possa com paternal providencia moderar os excessos, livrar dos enganos que occorrem na vida espiritual, e encaminhar seus subditos para maior perfeição. Deste modo se souberam muitas virtudes de S. Luiz, o qual por observancia da Regra, e desejo de ser guiado, com grande sinceridade e singelleza descobria a seus superiores e padres espirituaes tudo o que Deus operava em sua alma. É de notar, para que ninguem se admire de elle manifestar suas virtudes, que o fazia obrigado pela obediencia e pela Regra; fóra disso, ninguem o ouvia falar de si mesmo. Dando elle uma vez conta de sua

consciencia, e perguntando-lhe o Superior, se soffria distracções na oração, respondeu ingenuamente que juntas todas as distracções que durante aquelles seis mezes tivera em todas as suas meditações, orações e exames, não occupariam o espaço em que se reza uma *Ave Maria*.

Na oração vocal encontrava um pouco mais de difficuldade; não que nella se distrahisse com o entendimento, mas porque não podia tão depressa e commodamente penetrar o sentido dos psalmos ou de outra cousa que rezasse. Neste ponto, dizia elle acontecer-lhe o que costuma succeder aos que estão a uma porta fechada ou semi-cerrada: nem podem entrar, nem se vão embora. Não obstante tambem na oração vocal, tinha grandissimos sentimentos e gostos espirituaes, especialmente quando rezava os psalmos, imprimindo em sua alma os affectos de que estão cheios. Eram estas effusões ás vezes tão vehementes, que não podia sem grande difficuldade e esforço pronunciar as palavras; por isso, tendo elle o costume de rezar por devoção, no noviciado, o Officio divino, levava ao menos uma hora para recitar só as Matinas.

Quanto á materia das meditações, tinha grande devoção, e recebia particular sentimento de Deus Nosso Senhor ao meditar sua santissima Paixão, cuja memoria costumava renovar ao meio dia recitando uma breve antiphona, e pondo deante dos olhos a Christo Crucificado; e isto fazia com tanto sentimento e intimo recolhimento, que, como elle mesmo dizia, sempre lhe parecia estar, nessa occasião, no sagrado tempo da sexta-feira santa. Dos gostos e consolações que recebia ao meditar o mysterio da santissima Eucharistia, já falámos acima. Aos santos Anjos, e particularmente ao de sua guarda tinha espe-

cial devoção; gostava de meditar sobre elles, e recebia de Deus Nosso Senhor bellissimos sentimentos ao contemplar essas intellectuaes creaturas; como se pode avaliar por sua bella e extensa meditação dos Anjos, posta na segunda parte das Meditações do Padre Vicente Bruno, e citada com muitos louvores pelo Doutor André Vittorelli no seu erudito livro *De Custodia Angelorum*. Esta meditação, tanto nas palavras, como nos pensamentos, é toda de S. Luiz; e muito de proposito lh'a fez compor o Padre Vicente, porque sabia a particular devoção que elle tinha aos Anjos, e desejava conservar escriptos seus sentimentos, como contou o mesmo sacerdote. Em um escripto, do punho de S. Luiz, encontrado ultimamente entre uns papeis, ha a seguinte nota relativa aos santos Anjos:

Devoção aos Anjos em commum.

« *Imaginarás que estás entre os nove côros de Anjos que estão em oração deante de Deus, cantando aquelle hymno:* " Sanctus Deus, Sanctus fortis, Sanctus et immortalis, miserere nobis " *e repetindo-o tu tambem nove vezes, farás com elles oração.*

Ao teu Anjo da guarda encommendar-te-ás particularmente tres vezes ao dia, pela manhã com a oração Angele Dei, " *á noite com a mesma oração, e entre dia quando fores á egreja visitar os altares.*

« *Faze de conta que pelo teu Anjo deves ser guiado como um cego, que, não vendo os perigos do caminho, todo se entrega á providencia daquelle que com o bordão o guia*

São estas suas palavras.

Pode-se dizer finalmente, com toda a verdade, que sua vida religiosa toda era uma continua oração, porque pelo exercicio de orar durante tantos annos,

e de afastar-se das cousas sensiveis, tinha adquirido tal habito, que em todo logar em que se achava, e em todas as cousas que fazia, sempre estava mais attento ás cousas interiores, que ás exteriores.

Tinha chegado a tal estado, que pouco se servia dos sentidos, como, por exemplo, dos olhos para ver

Estatua de S. Estanislau (LE GROS).
que se venera no quarto onde o santo morreu.

e dos ouvidos para ouvir: — tão applicado estava no interior, onde só achava seu repouso e suas delicias. Se succedia que por algum motivo, embora justo, o tiravam desta concentração intima, comquanto fizesse o que era necessario, sentia um certo malestar moral, como se um membro se lhe deslocara. Nenhuma cousa lhe parecia maior felicidade, do que estar todo o dia unido pelo pensamento a Deus Nosso Senhor, ainda nas mesmas occupações exteriores, no meio das quaes facilmente conservava o seu recolhi-

mento e intima attenção; e bem difficil lhe seria distrahir-se. Uma vez confessou-me que quanta difficuldade lhe diziam alguns sentir para recolherem a alma em Deus, tanta sentia elle em distrahil-a de Deus: porque em todo o tempo que procurava não pensar em Deus, padecia grande violencia, por ser forçado a fazer resistencia a si mesmo, e deste esforço resultava maior damno para seu corpo, que da mesma continuada applicação do espirito.

Pelo dia adeante, e no meio de suas occupações, era visitado por Deus com grandissimas consolações, não somente passageiras, mas que duravam ás vezes uma hora, e mais, e enchendo-lhe a alma, transpareciam no corpo, que todo parecia abrasado no celeste ardor, e mostrava no afogueado do rosto a chamma que dentro ardia. Outras vezes, tanto se lhe inflammava o coração neste divino fogo que, pelorapido e vehemente palpitar, parecia querer saltar-lhe do peito. Por causa de tantas consolações interiores que gosava em sua alma, cuidava tão pouco do corpo, que a olhos vistos se ia extenuando e perdendo as forças; e a continua dor de cabeça, em logar de diminuir, augmentava.

Os superiores, vendo não ser possivel que elle vivesse muito com tal applicação de espirito, principalmente vista a sua fraca compleição de mais a mais gasta pelas penitencias passadas, prohibiram-lhe os jejuns, abstinencias, disciplinas e outras penitencias corporaes; accrescentaram-lhe o tempo do somno e diminuiram-lhe o da oração, tirando-lhe primeiro meia hora, e depois a hora toda, e ordenando-lhe que as orações jaculatorias, que até aquella epoca costumava fazer muito a miudo, não usasse senão mui raramente. Em summa, disseram-lhe que quanto

menos oração fizesse, tanto mais se chegaria á vontade da obediencia. Alem disso, deram-lhe varias occupações manuaes para distrahil-o, quanto fosse possivel, dos exercicios mentaes, e tirar-lhe o tempo de se occupar em suas devoções, e com amiudados avisos procuravam persuadir-lhe que para gloria de Deus era obrigado a moderar-se para conservar a saúde. Nem tinham difficuldade alguma em convencel-o e dirigil-o como queriam, porque era obedientissimo e indifferentissimo, como mostrou nesta occasião.

Deu-lhe um Padre, seu superior immediato, esperança de alcançar do Padre Reitor licença para fazer cada dia uma hora de oração mental. Elle, porém, como se sentia muito inclinado a pedil-a, com perigo de perturbação se lhe fosse negada, julgando ser isto contra a indifferença que deve ter um verdadeiro subdito, e contra o que lhe impuzera a obediencia, tratou com todo cuidado de tirar de si aquella inclinação, e de reduzir-se á costumada indifferença. Todo o seu trabalho era por não saber como faria para obedecer neste ponto á vontade dos superiores; porque, comquanto se esforçasse para desviar o pensamento das cousas de Deus, comtudo, pouco a pouco, sem advertir, nellas se achava de novo arrebatado e engolfado. Como a pedra corre para o centro, assim parecia que sua alma naturalmente estava com Deus, e quando com violencia d'ahi era tirada, por si mesmo, como para seu centro, a Elle tornava. Assim um dia, encontrando difficuldade em obedecer neste ponto aos superiores, disse confidencialmente ao Padre Gaspar Alpieri, seu companheiro de noviciado, em quem muito confiava, estas palavras: « Verdadeiramente não sei que faça. Prohibe-me o Padre Reitor, que faça oração, a fim que a attenção não

me prejudique á cabeça, e eu maior esforço e violencia emprego em procurar distrahir de Deus o espirito, que em conserval-o sempre preso a Elle; porque isto já pelo uso como que se me tornou natural, de modo que me causa quietação e repouso, e não trabalho. Todavia esforçar-me-ei por fazer quanto me mandam, o melhor que puder ».

Vendo-se prohibido de ter toda sorte de oração, ia, em compensação, muito a miudo ao côro para fazer reverencia ao Santissimo Sacramento; mas apenas se tinha ajoelhado logo se levantava e fugia, afim de não ser arrebatado por algum bom pensamento de Deus, que o abstrahisse dos sentidos, ou detivesse. De pouco, porém, lhe servia tal diligencia, porque quanto mais procurava fugir por obediencia, mais parecia que o Senhor o perseguisse e se lhe communicasse. Visitava-o a miudo durante o dia com luz celestial e divinas consolações que lhe enchiam a alma; e elle, sentindo-as e não as querendo acceitar, por não ir contra a ordem dos superiores, dizia com grande humildade: « *Recede a me, Domine, recede a me* »; isto é, « Apartae-Vos de mim, Senhor, apartae-Vos de mim »; e procurava distrahir-se. Tinha tambem grande difficuldade em applicar os sentidos exteriores, porque, quando se sentia intimamente arrebatado, se tornava como que incapaz de ver ou ouvir qualquer cousa.

Com esta santidade e perfeição passou todo o tempo que esteve no noviciado de S. André, que foi até o fim de Outubro de 1586, com grande admiração dos superiores que dirigiam sua alma, e com muito proveito e edificação dos noviços seus companheiros, que andavam á contenda por tratar com elle, afim de se aproveitarem de suas palavras e exemplos.

Capitulo IX.

Da grande santidade de seu Mestre de noviços a quem elle procurava imitar.

Na epoca em que S. Luiz fez o noviciado em Santo André de Monte-Cavallo, era Reitor do Collegio, e ao mesmo tempo Mestre de noviços o Padre João Baptista Pescatore, natural de Novara, varão de maravilhosa santidade e perfeição, de cuja bondade e raras virtudes dão verdadeiro testemunho muitos de seus noviços e filhos espirituaes, que se gloriam de ter tido tão santo homem por mestre e guia no caminho da virtude. Era este bemdito Padre mui austero em macerar o corpo, affligindo-o com continuas abstinencias, amiudados jejuns, asperos cilicios e disciplinas e longas vigilias, e todas estas cousas fazia o mais secretamente possivel, posto que as não pudesse occultar tanto, que não chegassem ao conhecimento de tantos filhos seus, que estavam com os olhos abertos para observal-as e imital-as. No modo de estar assentado, no de estar em pé, no andar, conservava suas vestes, sua pessoa, todo o seu exterior tão bem composto, que parecia um verdadeiro retrato da modestia. Resplandecia-lhe sempre no rosto uma aprazivel serenidade, e na bocca um sorriso modesto e agradavel, a ponto de serenar o animo de quem o fitava. Nunca, em qualquer circumstancia

extraordinaria, quer alegre, quer triste, alguem o viu mudar de semblante, ou perder a serenidade do rosto, ficar melancolico, ou entregar-se a desordenada alegria: conservava sempre o mesmo animo, mostrando ter as paixões da alma domadas, e gosar interna paz e tranquillidade imperturbavel, sem que nelle se pudesse descobrir o minimo signal de impaciencia ou colera. A si proprio desprezava extremamente; fazia de si o mais baixo conceito, e em todas as suas obras mostrava profunda humildade.

Não se póde facilmente exprimir quão dado era á oração, assim de dia como de noite. Quão grande dom de Deus houvesse alcançado neste ponto, se póde colligir do seguinte: uma noite, estando já os outros recolhidos para dormir, foi elle achado em oração, no meio da sala do noviciado, arrebatado no ar, elevado alguns palmos acima do chão, como me testificou o Padre Bartholomeu Ricci, que lhe succedeu no cargo, e se lê nos Annaes da Companhia, no anno de 1591, nos quaes se contam varias virtudes suas, ao tratar do Collegio de Napoles.

Era grande observador dos preceitos da vida religiosa escriptos por S. Basilio, e muito amigo das Collações de Cassiano Abbade, as quaes se pode dizer que sabia de cór, e procurava executar com minuciosa exactidão tudo quanto sabia ter sido ensinado e praticado por aquelles antigos e santos Padres. No falar era extremamente considerado e moderado; nunca dizia cousa que pudesse offender, ou não desse edificação. Na conversação mostrava-se muito ameno, e em seu tempo e logar acondimentava a conversa com alguns ditos argutos e engraçados, dentro dos limites da modestia religiosa, que o tornavam amavel a todos. Para com os pobres pedintes, e principal-

mente para com os envergonhados, era tão compassivo, que chegou a tirar a propria roupa para vestil-os.

No governo dos subditos moderava a severidade com uma grande brandura, e sabia unir a gravidade á affabilidade e humildade; pelo que se fazia respeitado sem ser molesto. Amava a todos com muita caridade, e com os noviços, em particular, tinha tanto cuidado e providencia, como se fora pae, mãe e ama de cada um. Soffria suas imperfeições com grande paciencia e longanimidade, até que, pouco a pouco, os conformasse ao molde que desejava. Nunca, por qualquer imperfeição ou falta, lhes mostrava descontentamento, ou desgosto com perturbação de animo, nem parecia diminuir o bom conceito que delles tinha, ou conceber má opinião a seu respeito; antes, com piedosa caridade, admoestava benevola e bondosamente, e algumas vezes com semblante risonho para suavisar a vergonha de quem era admoestado, e para dar-lhe a entender que não fazia muito caso d'aquellas faltas. Animava-os, consolava-os, e não os deixava sahir do quarto, senão confortados e animados. Accommodava-se aos diversos genios com caridosa condescendencia, e podia dizer: « *Omnibus omnia factus sum, ut omnes*

P. IOANNES BAPTISTA PISCATOR NOVARIENSIS
DIGNESCITUR HOC TYROCINIUM 30 SEPT. 1565.
VIRTUTUM ET CAELESTIUM CHARISMATUM PLENUS

P. João B. Pescatore
Mestre de noviços de S. Luiz.
(De uma gravura antiga).

Christo lucrifaciam ». Encaminhava-os á perfeição conforme a diversidade de compleições e inclinações, sabendo que é muito difficil levar a todos pelo mesmo caminho. Não queria que seus noviços fizessem consistir todo o seu empenho em adquirir uma exaggerada composição exterior, que depois deixam mal saem do noviciado; mas que logo se acostumassem a guardar com exactidão aquella modestia que depois devem sempre manter na Religião; e que seu principal trabalho empregassem em deitar os fundamentos das solidas virtudes. e da verdadeira abnegação de si mesmos, imitando o exemplo de Christo Nosso Senhor, e seguindo suas pisadas, conforme ao que na Regra ordena o Padre Santo Ignacio, que com graves palavras o aconselha a seus filhos, para que sejam verdadeiros homens espirituaes e perfeitos Religiosos. Desejava que os noviços reverenciassem aos mais antigos na Religião, e delles tivessem o bom conceito que merecem; e costumava dizer-lhes que se convencessem, que ha tanta differença em materia de virtude e de espirito entre os noviços e os que já estudam nos Collegios, como entre os que aprendem o *A B C* e os que já são provectos nas sciencias.

Tenho falado com centenas daquelles que foram seus noviços e subditos, e posso dizer, que todos o tinham em conceito de santidade, e louvavam seu modo de governo. Isto talvez porque com cada um se mostrava cheio de caridade, brandura e humildade; e, – o que mais importa, – no governar era tão egual com todos, que cada um se conhecia singularmente amado, e não podia ter desconfiança de que outro lhe fosse preferido, ou mais amado. Pela mesma razão, tambem era ternamente amado pelos

seus, que a elle recorriam com a maior confiança em todas as suas necessidades. Ensinava a vida religiosa não menos com o exemplo, que com as palavras e exhortações, nas quaes era tanto mais efficaz para persuadir, quanto com as obras melhor cumpria o que aos outros ensinava. Não havia quem o pudesse tachar em alguma cousa, ainda que minima.

Contam-se e escrevem-se delle cousas que têm algo de milagrosas; por exemplo, só com sua presença apagou um fogo que muitas pessoas juntas, com agua e trabalho, não tinham podido apagar. Possuia o dom de ver o que faziam seus subditos ausentes, e de penetrar-lhes o interior da alma, e seus mais occultos pensamentos; do que Padres respeitabilissimos apontam varios exemplos de factos succedidos em Roma e em Napoles. No fim do anno de 1582, corria fama que, achando-se o noviciado em grande aperto temporal por falta de viveres, e estando elle em seu quarto encommendando a Deus a necessidade da casa, viera á portaria um Anjo em forma de mancebo, e fazendo-o chamar, depois de ter-lhe mettido na mão o dinheiro sufficiente para remediar a difficuldade, logo desapparecera.

Por todas estas cousas era tido em tal opinião de santidade, que elle mesmo quando morreu, sendo Reitor do Collegio de Napoles, depois de ter recebido o sagrado Viatico, procurou tiral-a da cabeça dos circumstantes, que estavam recolhendo como de um santo todas as suas acções naquelle ultimo passo; quanto mais, porém, procurou occultar sua santidade, mais revelou sua modestia e humildade, deixando dellas um ultimo exemplo ao voar da terra para o Ceo.

A este bemdito Padre consagrava S. Luiz grande respeito e amor, não só porque era seu superior,

que estava em logar de Deus, mas tamben porque, vendo-o cheio de tantas virtudes, tão completo e perfeito Religioso, o tinha tomado como ideal e modelo a quem imitar; e, quanto podia, observava todas as suas palavras e acções, e dava-lhe conta de todo o interior de sua alma, para ser por elle guiado e instruido. Tambem o Padre tinha grande gosto em tratar com a alma pura de S. Luiz, vendo-a tão apta para os ensinamentos espirituaes, e cheia de virtudes e dons de Deus. Se antes de morrer tivesse podido abrir-se a este respeito, sem duvida muito mais cousas souberamos sobre S. Luiz.

Capitulo X.

Como S. Luiz foi a Napoles, e do que ahi fez.

Com este theor de vida ia o nosso Santo cumprindo o noviciado, quando os Superiores julgaram conveniente fazer-lhe mudar de ares, a ver se com elles melhorava na saude. E primeiro foi mandado a Tivoli, onde poucos dias se deteve, mas foram o bastante para deixar na cidade geral conceito de santo; porque segundo o depoimento de varias testemunhas, revelava de tal maneira no exterior a belleza de sua alma, que só o por nelle os olhos movia a devoção.

Por este tempo, corria o outomno de 1586, adoeceu o Padre Pescatore, lançando copioso sangue pela bocca; em consequencia determinou o Padre Geral mandal-o a Napoles, com esperança de que o curassem os ares d'aquella cidade. Estando isto resolvido, perguntou elle um dia casualmente a S. Luiz, se gostaria de o acompanhar, e o Santo, sem hesitar, respondeu que sim.

Quiz o Padre Geral, que o Reitor levasse comsigo tres noviços, que eram mais fracos, para ver se melhorariam com a mudança de ares. Deste numero foi o nosso S. Luiz, para cuja grave dor de cabeça se buscava remedio.

Quando S. Luiz soube que effectivamente ia, ficou muito afflicto com receio de ter tido alguma

parte nesta resolução, por dizer em absoluto ao Padre, que gostaria de ir, devendo (dizia elle) responder que se entregava á vontade dos superiores, sem mostrar inclinação, nem aversão. Comtudo o Padre Geral não se tinha movido por seu dito, senão porque assim julgava melhor, attenta a sua indisposição. Por este

Panorama de Napoles.

escrupulo, determinou elle, não só em todas as cousas mostrar-se indifferente, mas ainda aconselhar os outros a nunca dizerem sim ou não, e a mostrarem-se sempre indifferentes, remettendo-se á santa obediencia. Contou a varios o escrupulo que tivera, dizendo que em fazer sua vontade achava grandissima afflicção de espirito. Tendo, porém, que ir, estimou muito ser em tal companhia, e disse a um de seus collegas de noviciado, que lhe era muito agradavel aquella viagem, porque das obras e ditos do Padre Pescatore desejava aprender

o modo por que deve viajar um Religioso da Companhia.

Partiram de Roma no dia 27 de Outubro do mesmo anno. Chegados a um logar onde se começava já a perder de vista Roma, voltou-se S. Luiz para a cidade, e, com grande affecto e devoção, recitou a antiphona *Petrus Apostolus et Paulus Doctor gentium*, com a oração dos dous Santos, *Deus, cujus dextera*.

Ia o Padre Pescatore em uma liteira, que os medicos assim haviam ordenado por causa das hemoptyses; e, devendo um dos tres noviços ficar com elle, emquanto os outros seguiam a cavallo, procurou S. Luiz, o mais que poude, ceder a liteira aos companheiros, querendo privar-se da continua conversação espiritual de seu mestre, que extremamente apreciava, só pelo desejo de ceder aos outros aquelle prazer. Sendo elle entre todos o mais fraco e necessitado de repouso, mandaram que elle, e não outro, fosse na liteira. Todavia, neste mesmo gosto, soube achar um incommodo: tomando o sobretudo fez uma trouxa e sentou-se em cima, de modo que ficou mais contrafeito, do que a cavallo.

No caminho rezou sempre o officio com o Padre. e teve com elle largas praticas espirituaes, propoz-lhe varias duvidas, e procurou enriquecer-se com os avisos e documentos que recolhia de sua bocca.

O Padre, sabendo que semeava em boa terra, abria-se com prazer, e communicava-lhe os segredos da vida espiritual e a pratica adquirida em tantos annos de Reitor e de Mestre de noviços.

Nas pousadas, punha S. Luiz em jogo toda a sua industria para que aos companheiros tocasse o mais commodo, tomando sempre o peior, e usando com os outros de muita caridade e benignidade. No fim da

viagem disse aos companheiros, que aprendera mais naquelles poucos dias de continua convivencia e largas praticas com o Padre, observando-lhe as acções e o modo de tratar com os seculares, que em muitos mezes de noviciado.

Chegaram a Napoles no primeiro dia de Novembro; e como nesse tempo se reabrem as aulas,

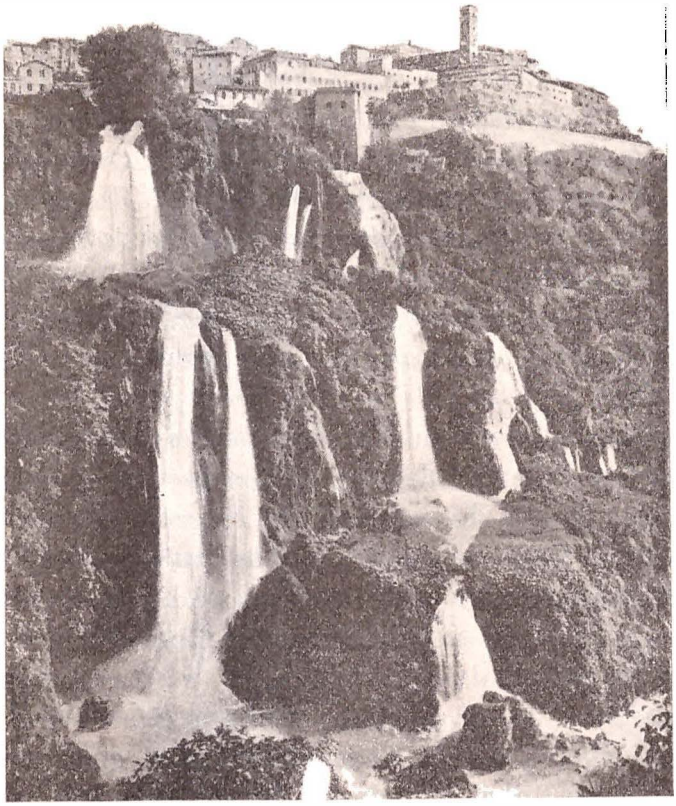
Napoles - Quarto onde morou S. Luiz, hoje convertido em capella

julgaram conveniente os superiores, que S. Luiz, depois de algum repouso, ouvisse as lições de Metaphysica, porque o restante da Philosophia já o estudara no seculo, como dissemos; e elle se applicou a quanto lhe foi ordenado.

Era então Reitor do Collegio um Padre que, por applicar-se muito ás mortificações e penitencias, vendo este santo mancebo ser-lhes tão inclinado, alegrou-se e alargou a mão, fazendo-lhe neste ponto mais con-

cessões do que em Roma; e S. Luiz folgava com isto, parecendo-lhe que attingira a felicidade.

Em Napoles logo descobriram nelle singular modestia, prudencia, humildade, obediencia e santidade;



Tivoli, com a vista das pequenas cataractas (*Cascatelle*).

e todos, ao falar nelle, mostravam ter em grande conceito sua virtude. Seu mestre de Metaphysica, em um processo feito ultimamente na Archidiocese de Napoles, entre outras cousas, depoz o seguinte: *Co-*

nheci o Beato Luiz por muito humilde e desprezador de si proprio; a todos dava vantagem, e procurava toda occasião de ser desprezado. Era dado sobremaneira á mortificação, muito devoto, applicado á oração e communicação com Deus Nosso Senhor; muito observador da Regra, e de muito boa consciencia. Juntamente com a bondade de vida, tinha engenho muito agudo e perspicaz, acompanhado de uma grande modestia. Sei estas cousas porque o conheci e segui de perto em muitas e continuas acções suas, no tempo em que esteve em Napoles, e foi meu discipulo. Por suas santas obras o tinha em conceito de muita virtude e santidade, e na mesma conta era tido por todos no Collegio de Napoles. Em particular o Padre João Baptista Pescatore, pessoa de grande virtude e santitade, que é morto agora, e foi seu Mestre de noviços e confessor, por tal o tinha, e falou-me delle algumas vezes, como de pessoa de mais que ordinaria santidade ».

Outros, que no mesmo tempo estavam estudando naquelle Collegio, dão em outros escriptos testemunho de que elle determinou em Napoles conservar-se ignorado, tratar a miudo com os irmãos coadjutores e esconder, quanto pudesse, sua nobreza. Sendo-lhe dada a nova de que o Patriarcha Gonzaga fora feito Cardeal, não se alvoroçou mais, que se fosse de pedra, e a cousa não lhe tocasse; comtudo, alem do parentesco, sabe-se que tinha particular affeição a este senhor, que o tinha ajudado no negocio de sua vocação.

Capitulo XI.

Da sua vida como estudante no Collegio Romano, e das virtudes de que era ornado.

Durante a sua estada em Napoles, adoeceu S. Luiz de uma grave erysipela com febre, que o reteve no leito por mais de um mez com grande risco de vida. Nesta enfermidade mostrou sempre grande paciencia, e, comquanto soffresse dores gravissimas e continuas, conservava sempre o semblante sereno, e com muita humildade e modestia discorria com os que o visitavam. Depois que sarou conhecendo-se que não lhe convinham aquelles ares, pois cada dia mais se lhe aggravava a dor de cabeça, foi chamado outra vez a Roma pelo Padre Geral. Para ahi partiu com o Padre Gregorio Mastrilli, aos 8 de maio de 1587, tendo passado em Napoles apenas seis mezes.

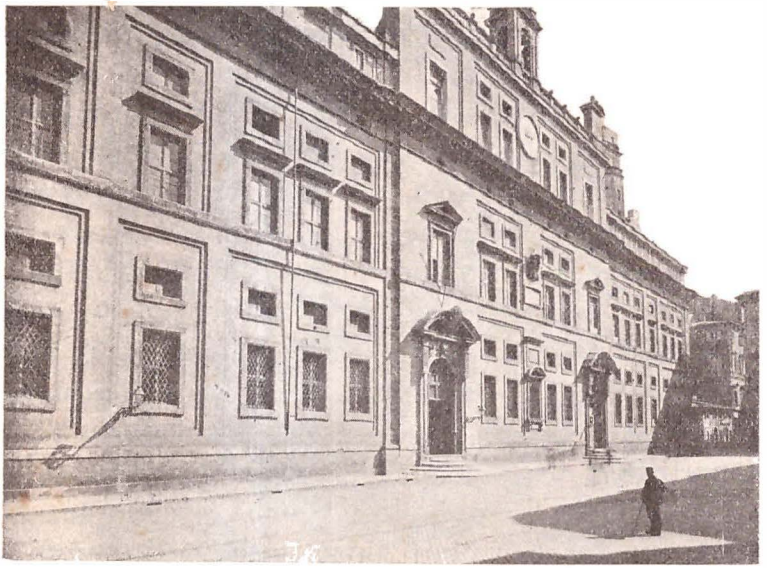
Grande alegria e contentamento causou o regresso de S. Luiz a todos os jovens do Collegio Romano, especialmente aos que, tendo-o conhecido e praticado no noviciado de Santo André, esperavam colher não pequeno fructo de seu virtuoso exemplo e religiosa conversação. Não menos se alegrou tambem elle por caber-lhe a sorte de terminar seus estudos em Roma, onde reside a cabeça da Religião. Desde este tempo até sua morte bemaventurada, sou testemunha de vista

da maior parte das cousas que vou dizer, pois, assim como muitos outros do Collegio, com elle convivi familiarmente; ainda mais: desde então as notava para escrevel-as, como disse no prologo.

Continuou S. Luiz em Roma o estudo da Metaphysica, e em pouco tempo aproveitou tanto, e mostrou-se tão bem habilitado na Logica e Physica, que foi julgado, por seus mestres e superiores, muito apto para defender e sustentar publicamente toda a Philosophia. Fizeram-lhe imprimir conclusões sobre todas as materias philosophicas que se costumam leccionar; e, estando apenas ha seis mezes no Collegio Romano, publicamente as defendeu. Quizeram achar-se presentes ao acto os Eminentissimos Senhores Cardeaes della Rovere, Mondovì e Gonzaga, com outros prelados e senhores; e por isso, costumando serem as outras disputas dos Padres na Escola de Theologia, foram estas no salão nobre do Collegio. Defendeu Luiz as theses com universal applauso de quantos o ouviam, e com particular approvação das Eminencias, que ficaram admirados de que elle tivesse podido aproveitar tanto em tão breve tempo, e com tão graves indisposições.

Já que começámos a falar destas disputas, duas cousas devemos consignar. Uma é que, antes de defender, ficou um tempo em duvida, pensando se poderia responder mal, de proposito, para humilhar-se e mortificar-se. Não querendo resolver por si mesmo, aconselhou-se com o P. Mucio de Angelis, que era um dos professores de Philosophia no Collegio, homem não só muito lettrado, como muito espiritual e virtuoso, com quem tinha grande communicação nas cousas da alma. Ainda que fosse por elle dissuadido com prudentes razões, com tudo, no acto mesmo de defender,

tornando-lhe o desejo de fazer aquella mortificação, ficou algum tanto suspenso; mas afinal prevaleceram as razões apresentadas pelo Padre, e determinou responder o melhor que sabia, como fez. A outra foi que, não podendo elle por sua humildade soffrer que o louvassem, um Doutor, que entre outros argumentou



Collegio Romano.

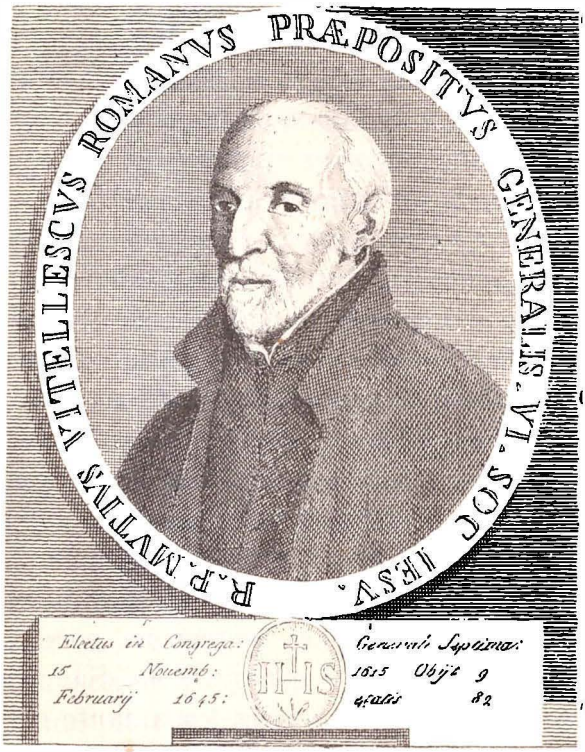
com elle, fez não sei que proemio em louvor seu e da familia Gonzaga e sua linhagem; pelo que o pobre Luiz se fez tão vermelho, que quantos estavam presentes, e conheciam o desprazer que sentia, ficaram com pena. O Senhor Cardeal de Mondovì em particular, notou aquelle ingenuo rubor e modesta vergonha, que muito lhe agradaram. Até o fim respondeu sempre S. Luiz aos argumentos daquelle Doutor, de modo que parecia meio agastado contra elle.

Acabada a Philosophia, foi immediatamente applicado ao estudo da Theologia, que aprendeu por

espaço de quatro annos com varios mestres, Italianos e Hespanhoes, todos lentes antigos, e pessoas de elevado saber e doutrina, como claramente mostram as obras que deixaram. Consagrava-lhes S. Luiz grande respeito e reverencia, e falava delles com muito louvor. Nunca se ouviu que divergisse de suas opiniões e sentenças; que os censurasse no modo de explicar ou dictar, e os achasse demasiadamente breves ou prolixos no tratar das questões; que os comparasse e mostrasse adherir ou estimar mais a um do que a outro, cousas em que se pode facilmente incorrer; antes a todos tratava com reverencia. Procurava fazer sua a opinião do mestre, e buscava razões para a defender e comprovar. Nunca se mostrou amigo de opiniões extravagantes; toda a sua affeição tinha posto nos escriptos de S. Thomaz de Aquino, de que extraordinariamente gostava, pela ordem, clareza e segurança da doutrina, alem da particular devoção que lhe tinha, como Santo.

Possuia S. Luiz bello engenho e clara intelligencia, unidos a maduro juizo, como temos visto, e seus proprios mestres confessavam. Um delles disse uma vez, que nenhum estudante lhe dera que pensar para responder, senão Luiz de Gonzaga, com uma difficuldade que lhe propuzera. Unia ao engenho, a applicação ao estudo, tanto quanto aguentavam sua saúde e poucas forças, e o permittiam os Superiores. Antes de principiar a estudar, sempre se ajoelhava e fazia breve oração. Não lia grande variedade de autores, ou escriptos de diversas pessoas, mas aprofundava e assimilava as lições dos mestres. Se lhe occorria alguma duvida ou difficuldade que não podia resolver, tomava nota e propunha-a ao professor na repetição, depois que os outros haviam apre-

sentado as suas; ou juntava algumas, e á hora que julgava menos incommoda aos mestres, ia procural-os em seus aposentos, e pedia que o esclarecessem. Ao propor as duvidas, falava sempre latim, e ficava com o barrete na mão, se não era obrigado a cobrir-se:



P. Mucio Vitelleschi.
(DE UMA GRAVURA ANTIGA).

e, depois de ter ouvido a resolução, logo tornava a seu quarto.

Não era capaz de ler livro algum, em materia de estudo, sem licença e conselho de seus lentes. Estando uma vez na camara do Padre Agostinho Justiniano, por não sei que duvida na materia de predestinação, o Padre, depois de lhe ter dado resposta,

abriu o setimo tomo de Santo Agostinho, e com o dedo apontou-lhe e mandou que lesse o que sobre o assumpto escreve o Santo no fim do livro « *De Bono perseverantiae* ». Leu elle toda a pagina, porem não quiz virar a folha para ler cerca de dez linhas que ficavam do outro lado, só porque o Padre as não tinha apontado.

Argumentava e defendia na escola e em casa sempre que lh'o mandava o bedel, e offerecia-se para argumentar todas as vezes que se não achasse quem o fizesse. Nas suas objecções e respostas, via-se muito bem o seu engenho, porque com um ou dous argumentos chegava ao ponto da difficuldade, ainda que jamais desse o minimo signal de ostentação de intelligencia ou de saber, ou de querer supplantar os outros. Disputava com modestia e efficacia, sem dizer palavra que magoasse o adversario sem se exaltar e sem prorromper em gritos. Aos outros dava tempo de responder e externar sua opinião, sem os interromper, e quando via resolvida a duvida e satisfeita a difficuldade, com grande singelleza se aquietava.

Antes do signal para entrar na escola, costumava ir á egreja visitar o Santissimo Sacramento, e o mesmo fazia ao tornar para casa, tanto de manhã, como á tarde. No caminho reluzia nelle singular modestia e recolhimento; a ponto que muitos estudantes de fora se punham no pateo do Collegio para o ver passar, e ficavam muito edificados. Em particular, um Padre estrangeiro, que no collegio tinha completado o curso de Theologia, attrahido por sua modestia, ia assistir ás aulas só para vel-o, e durante as lições não tirava os olhos delle. Não deve isto parecer maravilha, porque, como testemunhou o Padre Provincial de Veneza no processo feito pelo Patriarcha

da mesma cidade, em S. Luiz verificavam-se as palavras de Santo Ambrosio sobre o verso do psalmo: *Qui timent te, videbunt me, et laetabuntur: os que te temem,* ó meu Deus, *ver-me-ão* caminhar pelos teus mandamentos, *e encher-se-ão de alegria.* Diz o Santo: *Pretiosum est videre virum justum: plerisque enim justi aspectus admonitio correctionis est, perfectioribus vero laetitia est.* Isto é: « Cousa preciosa é ver o homem justo; porque o seu aspecto á maior parte das pessoas serve de aviso de emenda, e aos mais perfeitos causa alegria ». Taes eram justamente os effeitos produzidos pela vista do bemdito joven nas pessoas que o olhavam, de modo que tambem se verificava nelle o que o mesmo Santo accrescenta: « *Justi sanat aspectus et ipsi oculorum radii virtutem quandam videntur infundere iis, qui fideliter eum videre desiderant* »; o que significa: « *O aspecto do homem justo cura, e os mesmos lampejos de seus olhos parecem infundir uma certa virtude naquelles que com fidelidade o desejam ver* ». Isto acontecia porque seu exterior era tão bem composto, que movia á devoção e compuncção quantos o viam. Ainda mais: fazia ficarem suspensos os que com elle tratavam; não só seculares e jovens Religiosos, seus companheiros, mas até Padres gravissimos, que em sua presença pareciam recolher-se, e não eram capazes de fazer ou dizer a menor leviandade á sua vista.

No caminho das escolas, nas lições e disputas nunca o viram, nem ouviram dizer a minima palavra a alguem, nem secular, nem de casá: observava sempre perfeito silencio.

Considerando os superiores sua constante fraqueza e indisposição, não quizeram que escrevesse as lições na aula, principalmente porque, não estando acostumádo, não poderia egualar a presteza

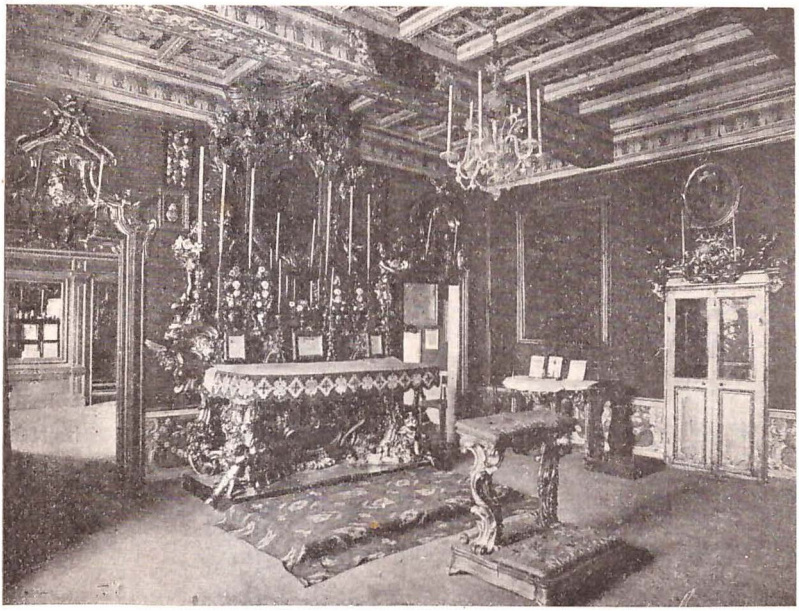
com que os lentes dictavam; ordenaram-lhe pois que as fizesse escrever. Elle obedeceu; mas como julgava não ser conveniente que os que por indisposição mandavam escrever, tivessem comsigo dinheiro, e pagassem por sua mão aos copistas, vendo nisto perigo de muitas imperfeições contra a pureza do institnto e da pobreza, mandava ao seu copista, que fosse cobrar a paga ao depositario do Collegio, a quem compete correr com todas as despezas. Estes apontamentos emprestava de boa vontade a quem lh'os pedia, e não os reclamava, até que espontaneamente lhe fossem restituidos.

Aconteceu um anno, que o Padre Gabriel Vasquez, não poude acabar de dictar na escola o tratado *De Trinitate;* mas dictou as cousas mais necessarias, e o restante deu-o a copiar aos estudantes. Os superiores disseram a S. Luiz, que o fizesse copiar: e elle, examinando primeiro os escriptos do mestre, deixou algumas cousas mais faceis, e só mandou escrever as mais difficeis e necessarias; e perguntandolhe alguem qual o motivo, respondeu: « *Porque son pobre, e para guardar a pobreza; pois os pobres não devem fazer gastos senão por cousas necessarias* ».

Nos ultimos annos de seus estudos, temendo que o fazer escrever em seu logar, na escola, pudesse ser tomado antes por um certo apreço de si mesmo, ou demasiado amor ao proprio commodo, que por necessidade, instou com os superiores para elle mesmo escrever, e soube dar tão boas razões, que alcançou a licença. Não podendo, porém, acompanhar os mestres, pela celeridade com que dictavam, attentava por algum tempo ao que diziam, e depois o notava brevemente; no fim das lições via os escriptos dos condiscipulos, e delles copiava o que omit-

tira se era necessario; e folgava de tornar todo este trabalho só para dar bom exemplo e edificação aos outros.

Não queria na camara livros de que não precisasse a miudo; tendo para si não ser proprio de um Religioso amante da pobreza, conservar em seu poder



Quarto de S. Luiz no Collegio Romano, hoje transformado em capella.

livros de que só raras vezes se serve, podendo ir consultal-os na bibliotheca commum, ainda que com pequeno incommodo. Afinal chegou a ponto de só ter a Biblia e a Summa de S. Thomaz, indo á bibliotheca quando precisava consultar os Santos Padres ou outros livros. Sabendo um dia, que um dos estudantes, chegado de fresco ao Collegio, não tinha a Summa de S. Thomaz, porque havendo na casa, alem dos Padres e mestres, mais de quarenta estu-

dantes de Theologia não havia tantas Summas na communidade, que se pudesse dar uma a cada um, e em particular não era permittido possuir ou arranjar livros, foi S. Luiz supplicar ao Padre Reitor licença para dar a que tinha para seu uso, allegando, que, em caso de necessidade, poderia servir-se de uma que tinha seu companheiro de quarto. Soube tão bem apresentar a cousa, que o Reitor concedeu a permissão; o que lhe causou grandissima alegria, não só por usar de caridade com aquelle irmão, como tambem por lhe parecer que ficava mais pobre do que antes, pois que do proprio nada tinha, e do commum só lhe restava a Biblia.

Isto é o que posso contar quanto aos estudos de S. Luiz. Muito mais resta a dizer sobre as virtudes christãs que por este mesmo tempo nelle resplandeciam, nas quaes era insigne e vivo exemplo de toda perfeição interior, e exterior; do que somos testemunhas mais de duzentos Religiosos da Companhia, que estavamos no mesmo Collegio, e de continuo com elle conversavamos.

Capitulo XII.

Faz os votos, e recebe Ordens menores.

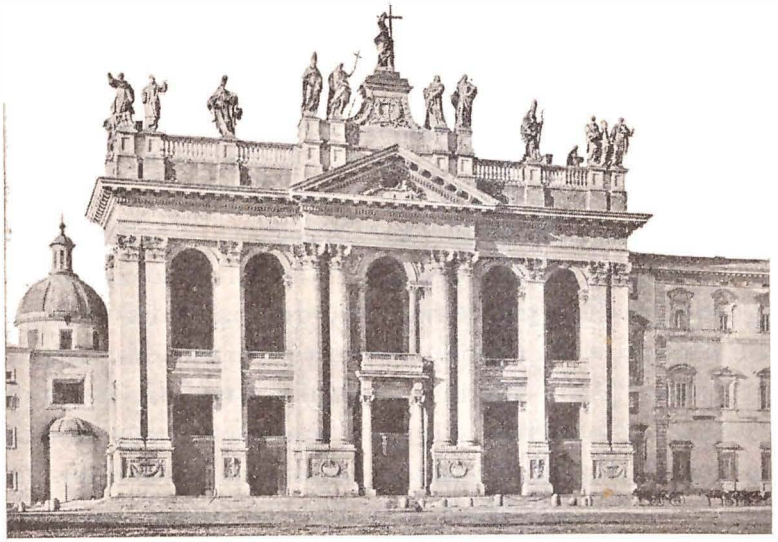
Estava já S. Luiz ha dous annos inteiros na Companhia, e achando-se elle satisfeitissimo com a Religião, e a Religião com elle, depois de haver feito por alguns dias um pouco de retiro e os Exercicios espirituaes, aos 25 de novembro do 1587, na festa de Santa Catharina, virgem e martyr, na mesma data em que dous annos antes entrara no noviciado, fez seus votos de pobreza, obediencia e castidade, em presença de muitas pessoas, na capella do novo edificio, que fica por cima das escolas do Collegio Romano. Celebrou a Missa o Padre Vicente Bruno, que então era Reitor; deu-lhe a Communhão, e recebeu seus votos. Durante o acto encheu-se S. Luiz de jubilo espiritual, por se ver já Religioso, e unido a Deus por laços mais estreitos.

No dia 25 de fevereiro de 1588 recebeu, em S. João de Latrão, a primeira tonsura com muitos outros da Companhia, entre os quaes o Padre Abrahão Jorge, maronita, que no caminho da Ethiopia foi martyrisado pela santa fé.

Na mesma egreja, e com os mesmos companheiros, recebeu ordens de ostiario a 28 do mesmo mez: de leitor a 6 de Março, e de acolyto a 20 do

mesmo mez; como consta de um livro do Collegio Romano, destinado a estes assentamentos.

Continuou depois a levar sempre uma vida cheia de todas as virtudes que em um Religioso e clerigo



Roma - Basilica de S. João de Latrão - Fachada principal.

se podem desejar, das quaes me parece bem tratar em quanto estou falando do Collegio Romano, porque este se pode dizer que foi sua morada constante, e ahi, mais do que em qualquer outro logar, foram conhecidas e admiradas suas virtudes.

Capitulo XIII.

De sua humildade.

Começarei pela humildade, fundamento de toda perfeição religiosa e santidade, e guarda de todas as virtudes, na qual foi S. Luiz tão extraordinario, que, embora tivesse recebido de Deus Nosso Senhor tantos dons e favores, nunca se encheu de soberba antes se conservou sempre em santa humildade, e em nenhuma virtude se exercitou mais do que nesta. Achámos depois de sua bemaventurada morte alguns apontamentos espirituaes escriptos por sua mão, entre os quaes havia um que elle tinha composto para norma de suas acções, no qual põe alguns motivos para adquirir a humildade. Por ser muito breve, e poder servir a todos, transcrevo-o aqui textualmente:

« *Primeiro principio: és feito por Deus, e obrigado a caminhar para Elle, a titulo de creação, redempção, e vocação, do que deduzirás que deves guardar-te não só de qualquer má obra, mas tambem de qualquer obra ociosa e indifferente, e pelo contrario, trabalhar para que todas as tuas operações, quer interiores, quer exteriores, sejam virtuosas, afim de caminhares sempre para Deus.*

« *Depois, para te regulares mais em particular no caminho de Deus, te compenetrarás de mais estes tres principios:*

O primeiro seja que pela vocação commum aos Religiosos da Companhia de Jesus, e pela tua particular, és chamado a seguir a bandeira de Christo e de seus Santos, donde se segue que qualquer cargo, officio, ou exercicio, em tanto deves cuidar que é conforme á tua vocação, em tanto deves abraçal-o ou evital-o, quanto for conforme ao exemplo de Christo e de seus Santos; e para este fim procurarás tornar-te familiares a vida e acções de Christo, meditando-as, e as dos Santos, lendo-as com attenção e reflexão.

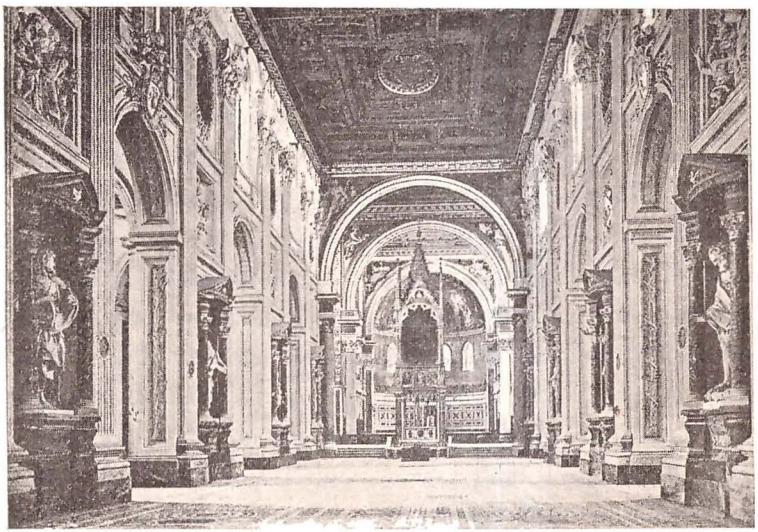
« *O segundo, para regular teus affectos, seja que a tua vida será tão religiosa e espiritual, quanto no interior procurares reger-te* secundum rationes aeternas, et non secundum temporales, *de modo que em tudo que amares ou desejares, ou de que te alegrares, assim como no que aborreceres ou detestares, sejas inspirado por motivo espiritual, persuadindo-te que nisto consiste o ser um espiritual.*

O terceiro princípio, que como os mais continuos assaltos que te dá o demonio tem por origem a vaidade e o amor proprio, por ser este o lado fraco de tua alma, deves, por tua vez, empregar o maior e mais contínuo cuidado em resistir-lhe pela humildade e desprezo de tí mesmo, tanto interior, como exteriormente, e assim formarás para te empregares em adquirir esta virtude, algumas como regras de officio particular, ensinadas por Deus Nosso Senhor, e confirmadas pela experiencia.

Para exercitar-me na humildade.

O primeiro meio seja entender que, comquanto esta virtude convenha especialmente aos homens, pela baixeza que lhes é propria, todavia non oritur in terra nostra, *não nasce de nós, antes é preciso pedíl-a ao Ceo,* ab illo,

Virgem Mãe de Deus, como á mais assignalada de todas as creaturas que foram insignes nesta virtude. Depois, entre os apostolos, valer-te-ás de S. Pedro, que de si dizia: Exi a me, Domine, quia homo peccator sum: *Senhor, afastae-vos de mim que sou um peccador; e de S. Paulo, que apezar de ter sido arrebatado ao terceiro ceo. se tinha em tão baixo conceito, que dizia:* Venit



S. João de Latrão - Interior.

Jesus peccatores salvos facere, quorum primus ego sum: *vein Jesus salvar aos peccadores, dos quaes sou o primeiro. O primeiro destes dous pensamentos servir-te-á para entender quanto estes Santos podem com Deus para te alcançarem esta virtude. O segundo, não só quanto podem, mas quam promptos estão a fazel-o* ».

Por estas palavras de S. Luiz pode-se conhecer quanto elle amava a santa humildade. Em outro escripto, tambem de seu punho, a que deu por titulo: *Affectos de devoção* tem o seguinte, que exprime os mesmos sentimentos: *Os desejos que tens*

a quo est omne datum optimum, et omne donum perfectum. *Por isso, ainda que sejas soberbo, esforça-te por pedir o mais humildemente que puderes, a mesma virtude da humildade á infinita Majestade de Deus, como a seu primeiro e principal autor; e isto pela intercessão e pelos meritos da profunda humildade de Jesus Christo, o qual,* cum in forma Dei esset, exinanivit semetipsum, formam servi accipiens, *sendo Deus, como que se anniquilou a Si mesmo, tomando a forma de servo.*

« *Segundo meio: recorre á intercessão dos Santos, que foram particularmente assignalados nesta virtude. Primeiramente cuidando que, assim como elles cá na terra foram dignos de alcançar particularmente e em tão alto grau esta virtude, assim lá no Ceo, onde são mais acceitos a Deus, do que eram na terra, tanto mais dignos e merecedores serão de alcançal-a; e já que não têm mais necessidade de humilhar-se em suas pessoas, tendo já por este caminho, subido ás magnificencias do Céo, roga-lhes que hajam por bem agora impetral-a de Deus para ti.*

« *Em segundo logar cuida tambem que, aqui na terra, quem se assignalou numa profissão, procura naturalmente favorecer os que querem seguir a mesma carreira. Por exemplo: um grande capitão, na corte de um rei, procura especialmente proteger junto ao principe os que aspiram á milicia; um litterato celebre, os que attendem ás lettras; e da mesma forma, um distincto architecto ou mathematico os que aspiram ou pretendem dedicar-se á architectura ou ás mathematicas. Assim tambem no Ceo, os que foram assignalados em uma virtude mais que nas outras, particularmente favorecem e ajudam a adquiril-a aos que mais trabalham para obtel-a, e para este fim se valem de sua intercessão. Por isso te lembrarás de recorrer especialmente á Bemditissima*

deves encommendal-os a Deus, não como estão em ti, mas como estão no Coração de Jesus; pois se são bons, primeiro estarão em Jesus, do que em ti, e serão, com affecto incomparavelmente maior, apresentados por Elle ao Eterno Padre, etc.

Tendo desejo de qualquer virtude, deves recorrer aos Santos que mais se assignalaram nella, verbi gratia: *para a humildade a S. Francisco, Santo Aleixo, etc. para a caridade a S. Pedro e S. Paulo, a Santa Maria Magdalena, etc. Assim como quem quer de um Principe da terra alcançar uma mercê tocante ás armas mais facilmente a obtem recorrendo ao general da milicia e a seus coroneis, do que a alcançaria se se valesse do mordomo, ou de outros officiaes da casa real; assim, querendo impetrar de Deus a fortaleza devemos recorrer aos Martyres, querendo a penitencia aos Confessores*, et sic de singulis, *e assim por deante* ».

Tinha um baixissimo conceito de si mesmo, que mostrava assim nas palavras, como nas obras. Nunca fez cousa, nem disse palavra que redundasse, ainda que de longe, em proprio louvor, antes occultava com admiravel silencio toda sua grandeza, tanto do seculo: nobreza da sua familia, dominios etc., como de sua propria pessoa, da sua intelligencia, do muito que sabia, e de qualquer outra cousa que lhe pudesse attrahir louvor. Só com a suspeita de um elogio, corava como uma donzella: quem o quizesse ver vermelho, não podia achar melhor meio que louval-o. Como prova apontarei dous exemplos. Estando uma vez indisposto, veiu visital-o um medico que começou a louval-o pela nobreza do sangue dos Gonzagas, parentes proximos dos Duques de Mantua e do mesmo tronco que estes. Elle, que não queria ser tido por quem era, enfadou-se muito, e deu a

conhecer o pezar que sentia; e porque encontrava muitas occasiões similhantes, tinha desgosto de ter nascido tão nobre, e não se lhe podia dar maior desprazer do que lembrar-lh'o, ou mostrar-lhe estima por alguma prerogativa sua natural e do seculo. Todas as paixões parecia ter inteiramente desarraigado da alma, tirando um certo resentimento que sentia quando era por tal modo acatado ou louvado.

Outra vez, fez no refeitorio um sermão muito judicioso e espiritual sobre a Purificação da Santissima Virgem, o qual foi por todos justamente apreciado. Louvando-o o Padre Jeronymo Piatti em sua presença, fez-se tão vermelho e deu mostras de ouvir aquelles louvores com tanto desprazer e humildade, como se lhe não foram devidos: do que os presentes muito se deleitaram. Isto mesmo o fazia bemquisto e amavel a todos que o conheciam.

Dava a todos, assim em casa, como fóra, o melhor logar. Se succedia sahir com algum Irmão coadjutor, dava-lhe o logar de honra, como fez muitas vezes com o cozinheiro do Collegio Romano; e, posto que elles se mortificavam em acceitar, sabia dar-lhes tão boas razões, que para não o contristarem eram forçados a acceitar. Por causa disto foi depois S. Luiz reprehendido pelos Superiores, que lhe prohibiram tornar a fazel-o, pelo respeito á tonsura clerical, á qual devia attender mais, que á propria humilhação.

Em casa conversava a miudo com os Irmãos coadjutores, e, quando se dava o signal para o refeitorio, ia por-se quasi sempre a um canto no fim da sala, em uma mesa, onde costumavam ficar os Irmãos que se occupam na cozinha e outros officios similhantes. Os superiores, vendo-o de fraca com-

pleição e enfermo, ordenaram-lhe que fosse comer á mesa dos convalescentes, e que pela manhã, não se levantasse com os outros; alliviando-o e desobrigando-o ainda de outros trabalhos. Elle, porém, com medo que o tratassem assim por ser quem era, soube, por diversas vezes, tão bem e com razões tão convincentes representar ao Superior, que não tinha necessidade de resguardo, que conseguiu acompanhar em todas as cousas os exercicios da communidade. Alguns dos seus mais intimos rogavam-lhe que acceitasse o que lhe fora concedido, dizendo-lhe que de outro modo, adoeceria, porem elle respondia que, sendo Religioso, devia fazer todos os esforços para viver como os outros Religiosos; e que, quanto a adoecer por cumprir aquillo a que seu Instituto o obrigava, comtanto que não fosse contra a obediencia, pouco se importava.

Ha de ordinario no Collegio Romano mais de duzentas pessoas. Não é possivel dar um quarto a cado um dos Irmãos; por isto os superiores sómente aos sacerdotes, mestres e a alguns outros ou necessitados, ou officiaes. costumam pôr sós em suas camaras, os outros ficam juntos em salas onde ha mais ou menos leitos, e mesas para estudar, conforme a disposição dos superiores. Vendo elles que S. Luiz era dos mais necessitados, quizeram reservar-lhe uma camara; elle porém foi dizer ao Reitor, que, para exemplo dos outros, era mais conveniente que lhe dessem um companheiro, e alcançou-o. Não se importava que este fosse theologo, parecendo-lhe que seria de mais; preferia algum de menos importancia, comquanto se acommodasse com o que lhe davam.

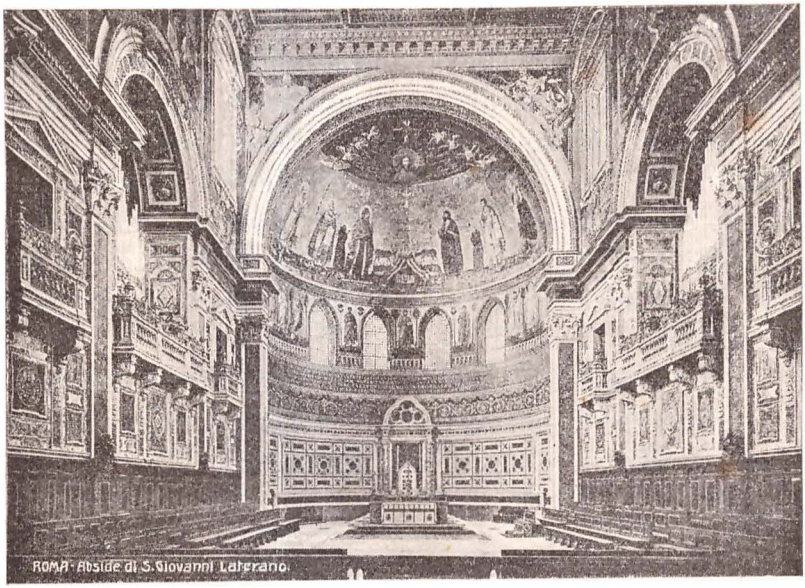
Desejava ser mandado como prefeito ao Semi-

nario, onde, alem da humilhação que por amor de Deus se soffre de bom grado, padecem os prefeitos toda sorte de incommodidades, e têm uma grande e continua sujeição; mas não lhe deram licença os superiores porque não julgavam que elle tivesse forças bastantes para aguentar por muito tempo em tal officio.

Tinha tambem desejo de ser posto a ensinar na ultima classe de Grammatica, logo que acabasse a Théologia; tanto para poder implantar nos meninos a virtude e a piedade christã, pelo que tinha uma santa inveja aos mestres de Grammatica, e falando com elles os chamava bemaventurados; como pela sua grande humildade, e para não ser singular em cousa alguma. Por diversas vezes pediu com instancia esse logar, e, para não parecer que o pedia por humildade e por virtude, disse ao Padre Reitor, que não sabia bem a Grammatica, nem era forte na lingua latina, e para servir a Companhia era necessario aprendel-a. O mesmo dizia ao Prefeito das escolas inferiores, a quem levava ás vezes certas composições latinas que fazia para os alumnos daquella classe, afim de que o Padre, conhecendo seu desejo, o ajudasse a impetrar o que ambicionava. O Padre Reitor a seus rogos, e para ver se era verdade que elle não soubesse latim, deu-lhe um companheiro de quarto, com quem pudesse repetir, e ficou provado que na realidade sabia bem. Comtudo, ainda tornou ao Padre Reitor, dizendo que via que por este modo não aprenderia a falar bem o latim, e que lhe era necessario aperfeiçoar-se ensinando-o aos outros.

Ia muitas vezes pelas ruas de Roma com vestes remendadas, e uma sacca ou cesta ás costas, pe-

dindo esmola com muita alegria. Em casa não havia occupação baixa e vil que não desejasse com maior affecto, do que os ambiciosos cobiçam as honras e dignidades. De ordinario, ás segundas e terças feiras de cada semana, pela manhã e á noite, servia na



S. João de Latrão - Abside.

cozinha. Seu officio era tirar os pratos da mesa, limpal-os, e recolher os restos para dal-os aos indigentes. Quando lhe tocava este officio (o que succedia muitas vezes porque o pedia aos superiores), ia á portaria levar aos pobres aquella esmola, com muita humildade e caridade. Todos os dias uteis, depois da lição, occupava-se em outros exercicios vis, ora varrendo o quarto, ou outros logares que lhe indicavam, ora tirando com um bambù ou outro pau as teias de aranha das paredes e pateos externos. Por muitos annos teve como officio ordi-

nario limpar e concertar os lampeões dos corredores e das escadas, pondo-lhes azeite e torcidas novas sempre que precisavam. Sentia nestes vis exercicios tanto gosto, que, não podendo conter o jubilo interior, era forçado a external-o. Alguns, quando o viam em taes occupações, costumavam dizer-lhe que estava triumphando, e tinha conseguido o que desejava; e elle affirmava que aquelle prazer se lhe tinha tornado natural, sem que fizesse algum estudo, ou mesmo prestasse attenção. Estas cousas, comquanto aos da Companhia, que commummente as fazem e vêm fazer, não causem grande admiração, não deixam comtudo de ser muito edificantes, tanto por si mesmas, como pela qualidade das pessoas que as fazem.

Em summa, de S. Luiz se pode dizer que teve o verdadeiro desprezo de si mesmo, e em todas as cousas buscava a propria humilhação.

Capitulo XIV.

De sua obediencia.

A esta tão profunda humildade, unia S. Luiz uma perfeita obediencia, da qual basta dizer que elle não se recordava de ter alguma vez resistido á vontade dos superiores, ou a ordem sua; e nem ainda de ter tido affecto, inclinação ou mesmo primeiro movimento que lhes fosse opposto, a não ser talvez quando o tiravam de suas devoções. Nisto mesmo, de ordinario, nenhum movimento tinha, e se por acaso lhe vinha algum, – o que era muito raro, – logo com incrivel diligencia e presteza o reprimia. D'ahi resultava que em todas as cousas tinha, não só a vontade, mas ainda o juizo e o modo de ver conforme ao do superior. Nunca perguntava por que razão se dava esta, ou aquella ordem: bastava-lhe saber que vinha de um superior para julgal-a justa.

A fonte de onde brotava esta perfeição de obediencia, era que considerava a Deus em todos os superiores. Dizia elle, que devendo nós obedecer a Deus, e não podendo receber delle immediatamente as ordens, porque é invisivel, põe Elle na terra os seus vigarios e interpretes de sua vontade, que são os superiores, por meio dos quaes nos faz saber o que deseja de nós, e quer que lhes obedeçamos como a nuncios de sua vontade. Isto, queria significar S. Paulo

aos Ephesios quando disse: « *Obedite dominis carnalibus sicut Christo, et ut servi Christi, facientes voluntatem Dei ex animo* »; e aos Collossenses, sobre o mesmo assumpto: « *Quodcumque facitis ex animo operamini, sicut Domino, et non hominibus* ». Deve-se considerar a ordem como vinda de Deus, e o superior como o embaixador que traz o mandamento divino. Quando um Rei, ou outro Principe manda pelo seu camareiro-mór, ou por outro qualquer official, alguma ordem ou embaixada a um seu vassallo, não se diz que a ordem é do official, mas do Rei e como tal a recebe e cumpre o vassallo. Assim o Religioso deve receber as ordens do superior como vindas de Deus, por intermedio de um homem, e, como taes, executal-as com toda presteza e reverencia.

Desta sua persuasão nascia o respeito, a veneração que tinha a todos os superiores, e a dedicação que lhes votava. Olhava para elles como para officiaes de Deus, e interpretes da vontade de Sua Divina Majestade; e por isso encontrava grande gosto em suas ordens, e quer o superior fosse supremo ou infimo, douto ou indouto, santo ou imperfeito, graduado ou não graduado, a todos obedecia do mesmo modo, porquanto estavam todos em logar de Deus. Accrescentava elle, que quem se acostuma a obedecer por este motivo, tem dous lucros: um é que não só não encontra difficuldade, nem repugnancia, mas tem grandissima facilidade em obedecer, porque faz a vontade de Deus, a quem considera summo favor e graça poder servir. O outro é que se torna verdadeiro e formal obediente, e está seguro de receber o premio promettido aos verdadeiros obedientes. Pelo contrario, quem obedece, ou porque as cousas ordenadas são conformes a seu gosto e desejo, ou pela

qualidade, talento e amor do superior que manda, não parece que seja digno do merecimento da obediencia, nem se póde chamar formalmente obediente, pois que em suas obras não é inspirado por esta virtude; e se depois encontrar superiores ou menos qualificados ou menos de seu gosto, e se delles receber ordens contrarias a seu genio, ha de forçosamente soffrer muito e ficar exposto a muitos perigos.

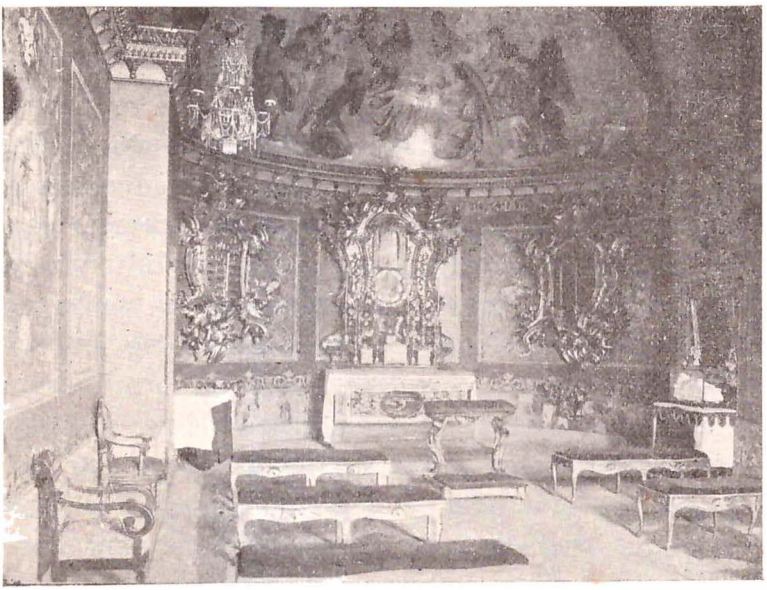
Considerava vileza de animo, sujeitar-se um homem a obedecer a outro homem por qualquer respeito humano, e não pelos motivos espirituaes que citámos. Duvidava tambem que os superiores que, ás vezes, accommodando-se á fraqueza e imperfeição de seus subordinados, se servem, no governar e ordenar as cousas, de razões meramente humanas, para alcançar o que desejam, não fossem occasião de damno aos mesmos subditos. Desejava que os superiores, assim com elle, como com os outros, procedessem confiadamente e que, no mudar os subditos de um logar ou de um officio para outro, e em tudo que ordenassem, allegassem motivos de serviço de Deus, ou de maior gloria divina, como, por exemplo: *Julgamos ser conveniente para o serviço de Deus, ou maior gloria sua, que vades a tal logar, que exerçaes tal officio: por tanto ide, ou fazei-o, com a benção do Senhor* ». Accrescentava que, deste modo, os superiores mostram confiança no subdito, dão signal de consideral-o bom e obediente Religioso, acostumam-no a obedecer formalmente, e dão-lhe occasião de merecimento tanto maior, quanto neste modo ha menos de humano. Se, pelo contrario, adduzem outros motivos, ou pretextos, não exercitam os subditos na obediencia formal, privam-nos dos bens já apontados, e dão-lhes occasião de se excusarem, principalmente quando sem

custo podem conhecer ou suspeitar que os motivos e causas de serem tirados de um logar ou officio, não são os que lhes apresentam verbalmente ou por escripto.

Costumava tambem dizer que tinha amor ás cousas da obediencia por ter experimentado nas ordens dos superiores uma particular Providencia de Deus a seu respeito; e que bem frequentemente, sem elle pedir, lhe era concedido ou ordenado espontaneamente pelos superiores o que elle por sua devoção, ou por inspiração divina, estava desejando. Assim, aconteceu uma vez, que, meditando elle os varios logares a que Nosso Senhor foi levado no tempo da Paixão, lhe veiu grande desejo de visitar naquelle dia as sete basilicas de Roma; e, sem o pedir, eis que, naquella mesma hora, contra toda esperança, e tambem fora do costumado, o Superior o faz chamar e manda visitar as sete egrejas, o que lhe causou dupla alegria, pela cousa em si, e por ver quanta providencia tinha Deus para com elle, ainda nas pequenas occasiões. Destes exemplos muitos se poderiam apontar, que, por brevidade se omittem.

Quando era reprehendido de alguma cousa pelo superior, todo se compunha exteriormente: ficando com a cabeça descoberta, os olhos baixos e postos no chão, ouvindo humildemente o que se dizia, sem mostrar repugnancia, e sem se excusar. Succedeu uma vez, que sendo reprehendido por mim, que então era seu superior, por não sei que inadvertencia em que frequentemente cahia por andar arrebatado dos sentidos, foi tal o sentimento, que desmaiou; e, apenas tornou a si, poz-se de joelhos, e, com as lagrimas nos olhos, começou a pedir perdão, com tanta humildade, que eu o não podia fazer levantar-se.

A esta mesma virtude da obediencia pertence a observancia das regras da Religião, que S. Luiz guardou com tanta exactidão, que aos profanos poderia parecer exaggerada. Não se recordava de haver transgredido voluntariamente alguma regra, por minima que fosse; e com tanto rigor as observava todas



Capella domestica do Collegio Romano, onde S. Luiz fez os votos.

á risca, como se em transgredir ainda a menor, houvesse grandissimo perigo e damno. Neste ponto procedia com toda a liberdade com quem quer que fosse, não só da Religião, mas do seculo. Foi mandado, um dia, pelo Superior, a visitar o Senhor Cardeal della Rovere, seu parente; e, sendo convidado por este para jantar, respondeu-lhe: « *Eminentissimo Senhor, não posso, porque é contra a nossa Regra* ». Ficou o Cardeal edificado com a resposta, e nunca mais

lhe pediu ou propoz cousa alguma sem accrescentar: Se não é contra a vossa Regra ». O mesmo Cardeal referiu ao Reitor do Collegio Romano, que usava desta cautela e accrescentava esta condição, para não magoar a delicada consciencia do Santo, e para cooperar á graça do Senhor, que nelle via.

Estava S. Luiz, uma vez, no quarto, em companhia de um Irmão que, querendo escrever uma carta, e não tendo papel, lhe pediu meia folha. Elle, por guardar uma regra que prohibe que se dêm ou emprestem as cousas uns aos outros, não respondeu, como se não tivera ouvido; mas immediatamente sahiu da cella, e foi pedir licença ao superior para dal-a. Depois, voltando, disse com affabilidade ao companheiro: « Parece que ha pouco me pediu papel »; e offereceu-lh'o. Cousas similhantes fez com muitas pessoas.

Emfim, não sei como melhor possa dar a entender a sua vigilantissima observancia da Regra, do que pizendo que em todo o tempo que esteve na Religião nunca transgrediu a lei do silencio, nem o preceito de falar latim emquanto estudante; e comtudo, bem se deixa ver quanto é facil faltar neste ponto.

Capitulo XV.

De sua pobreza religiosa.

Da pobreza religiosa era S. Luiz sobremaneira solicito, e nella se deleitava e comprazia como o não fazem os avarentos em suas riquezas. Se ainda estando no seculo tanto a amava, que queria andar mal vestido, cada um pode imaginar com quanto fervor a guardou na Companhia, á qual costumava chamar casa propria da santa pobreza. Aborreceu sempre tudo que pudesse dar idéa de propriedade. Nunca usou roupa senão da commum a todos; nem teve livro para o proprio uso, que pudesse levar comsigo, nem relogio, nem estojo de nenhuma sorte. Objectos de devoção nem tinha para dar aos outros, nem gostava que lhe dessem.

Jamais quiz ter relicario de qualquer especie, rosario de materia preciosa, ou curiosa, pintura ou quadro, em particular. Tinha no quarto as estampas que ahi encontrava; ou, quando muito, duas imagens em papel, uma de Santa Catharina, virgem e martyr, por ter entrado na Religião em seu dia, e outra de S. Thomaz de Aquino, porque estudava a sua doutrina; e essas mesmo, tinha-as, porque outros o obrigaram a tomal-as, com licença dos superiores. Alem disso, nem no Breviario, durante o noviciado, nem no Officio de Nossa Senhora, no Collegio, jamais

quiz ter imagens, como muitos costumam usar. Não faltavam pessoas que pela devoção que lhe tinham, não só lhe offereciam varios objectos de devoção, mas, por assim dizer, o forçavam a acceital-os com previa licença alcançada do Superior. Elle, porém, se podia, recusava-os com destreza e bons modos, e se era obrigado a acceitar para não desgostar a quem os offerecia, tomava-os e depois os levava ao Superior, ou pedia licença para desfazer-se delles, o que fazia na primeira occasião.

Todo o seu gosto era nada possuir neste mundo, nada desejar, e estar desapegado de todas as cousas. Quando lhe davam roupa de verão, ou de inverno, nunca dizia que era curta, ou comprida, ou estreita, ou larga; mas interrogado pelo alfaiate, costumava sempre responder: « Parece que está bem ».

Alegrava-se immensamente quando alcançava para si as peiores cousas; e, dependendo delle, em tudo escolhia sempre o peior. Ensina e quer uma das nossas Regras, que cada um se persuada que, das cousas que ha em casa, a peior lhe ha de ser dada, para sua maior mortificação e proveito. Elle costumava interpretal-a deste modo: Assim como um pobre mendigo quando pede esmola, está persuadido que vae de certo receber não os melhores vestidos que ha em casa, porém os mais rotos e esfarrapados, e de tudo sempre o peior; da mesma forma nós tambem, que somos verdadeiros pobres, nos devemos persuadir, que em casa se nos ha de dar sempre o peior; e esta palavra – *persuadir* – tem tal força, que a Regra quer que tenhamos como certo que assim ha de ser, e assim convem.

Muitas vezes contou a seu director, como beneficio e grande privilegio que Deus Nosso Senhor lhe

havia feito, que, nas distribuições das cousas de casa, frequentemente lhe tocavam as peiores; e pela affeição que tinha á pobreza, prezava estes successos como particularissimo favor de Deus.

Vivia na Religião com tanto commedimento, como se verdadeiramente fora um pobre mendigo acolhido em casa por misericordia, e recebia como obulo de caridade qualquer cousa que se lhe dava. Quando estava á mesa, e via que lhe serviam alguma comida que lhe poderia prejudicar á saude, deixava-a de lado, buscando com geito que o não reparassem os que serviam, pois de nenhum modo quizera que lh'a trocassem.

Capitulo XVI.

De sua pureza, sinceridade, penitencia e mortificação.

De sua castidade basta dizer que conservou sempre o precioso dom da virgindade do corpo e da alma, de um modo tão sublime e extraordinario, como contámos no segundo capitulo da primeira parte.

No seu falar e conversar era summamente verdadeiro e sincero, simples e leal. Todos podiam estar seguros, que o seu *sim* era sim, e o seu *não* era não, sem risco de algum equivoco ou dissimulação. Costumava dizer que os artificios, ambiguidades, dissimulações, amphibologias e fingimentos usados no seculo, em palavras ou obras, impedem a concordia entre os homens, e na Religião são o veneno da simplicidade religiosa, e a peste unica da juventude; e que difficilmente se podem accomodar taes cousas com o verdadeiro espirito religioso.

Quanto á mortificação, era tão inclinado ás penitencias corporaes, que, se os superiores lhe não tivessem posto freio, teria abreviado a vida, porque o fervor o arrebatava e transportava alem de suas forças. A alguns que, considerando sua pouca saúde, lhe diziam que se admiravam de vel-o não ter escrupulo de pedir constantemente penitencias aos superiores, costumava responder que, de um lado co-

nhecendo suas poucas forças corporaes, e de outro sentindo-se interiormente movido a taes exercicios, lhe parecia que, indo ter com o superior, que estava informado de tudo, este só lhe concederia o que fosse vontade do Senhor, e o resto lh'o negaria. Accrescentava ainda que algumas vezes pedia cousas que tinha certeza de lhe serem negadas; mas já que não podia fazel-as, como desejava, queria ao menos offerecer a Deus o seu desejo, e fazer aquelle acto de propol-o aos superiores, no que não podia deixar de lucrar por muitas razões, entre as quaes contava o ser algumas vezes humilhado pelos outros, que se admiravam de vel-o pensar em taes cousas, parecendo-lhes que não se conhecia neste ponto; alem de que Deus permittia que, uma vez ou outra, lhe fossem concedidas cousas de que todos se maravilhavam.

Perguntou-lhe alguem propositadamente, um dia, como era possivel que elle, sendo tão prudente, desprezasse o conselho de Padres tão piedosos e autorisados, que a miudo o exhortavam a diminuir a extrema severidade na penitencia, e contensão de intelligencia nas cousas espirituaes. São Luiz respondeu: « *Ha dous generos de pessoas que me dão esses conselhos: uns levam vida tão santa e perfeita, que nelles nada vejo que não me pareça digno de ser imitado, e muitas vezes pensei em seguir os conselhos que me davam; vendo, porem que os não tomam para si, julguei melhor imitar suas obras, que seguir seus conselhos, que só me dão movidos pela caridade e compaixão. Outros ha que poem em pratica o que me aconselham, e não são tão dados ás penitencias; porém eu julgo mais acertado imitar as obras e exemplos dos primeiros, que seguir os conselhos dos segundos* ». Dava tambem outra

razão, e era que duvidava grandemente que pudesse a natureza sem o exercicio da penitencia e da mortificação conservar-se por muito tempo bem inclinada, e que não tornasse, pouco a pouco, ao que antes era, e perdesse o costume de soffrer, em tantos annos adquirido.

Costumava dizer de si, que era um ferro torto, e viera á Religião para ser endireitado com o martello das mortificações e penitencias; e quando alguns diziam que a perfeição consiste no interior, e cumpre antes castigar a vontade do que o corpo, respondia: *Haec oportet facere, et illa non omittere;* querendo dizer que é necessario unir uma cousa á outra, e que assim o fizeram geralmente os Santos antigos, e tambem os primeiros Padres da nossa Religião, especialmente o Padre Santo Ignacio, que tão dado foi ás penitencias, e tanto castigou o corpo, como se lê em sua vida; e alem disso deixou escripto nas Constituições, que aos professos e Coadjutores formados na Companhia, não se prescrevem vigilias, jejuns, disciplinas, orações e penitencias determinadas, porque se suppõe que sejam tão perfeitos e dados a estas cousas, que tenham mais necessidade de freio, que de espora, quando conheçam elles, que as penitencias do corpo não impedem a acção do espirito. Accrescentava mais, que o tempo de fazer estas penitencias é emquanto o homem está joven e são; porque na velhice sobrevêm as enfermidades que não deixam forças para aguental-as; e que os Santos na velhice e para o fim da vida, de ordinario, se mais se entregavam aos exercicios mentaes, mais iam diminuindo as penitencias corporaes, posto que nunca as deixassem de todo.

Quando lhe era negada pelo Superior alguma

S. LUIZ GONZAGA

Modelo da juventude.

penitencia, procurava compensal-a com alguma outra obra espiritual, como, por exemplo, ler um capitulo de Gerson, visitar o Santissimo Sacramento, ou outra. Em pé, sentado, ou andando, nunca deixava de encontrar occasião de mortificar o corpo. Vendo-o fraco, prohibiam-lhe ás vezes as disciplinas e jejuns extraordinarios; porem elle tinha industria para achar mortificações que não fossem contrarias á vontade dos superiores, nem nocivas ao corpo. Emfim, de suas mortificações e penitencias, basta dizer, que as fazia em tão grande numero e com tão pouco resguardo da saúde, que muitas pessoas lhe disseram que temiam que na hora da morte lhe viesse escrupulo de ter tão mal tratado seu corpo, e talvez fizesse disso penitencia no Purgatorio, como de cousa indiscreta. A esta observação respondeu elle em sua ultima enfermidade, como se dirá em seu logar.

Na mortificação das paixões não tinha necessidade de usar grande diligencia, porque as tinha tão mortificadas, que parecia isento dellas. Com extrema solicitude examinava todos os movimentos de sua alma; e quando conhecia ter commettido alguma falta, não se affligia demasiadamente, mas logo se humilhava na presença de Deus, e pedia perdão á divina misericordia, fazendo proposito de confessar-se, e depois não se perturbava mais com isso. Tinha-o aprendido de seu Mestre de noviços, de quem acima falámos, que costumava em geral dizer a todos, que quando alguem cae em alguma falta moral, o melhor remedio, que muito agrada a Deus, e confunde o demonio, é humilhar-se logo na presença de Deus, e, com estas ou similhantes palavras, levantar o coração ao Ceo, dizendo: « Ó Senhor, vêde como sou fraco e miseravel, quão facilmente caio! Perdoae-me,

Senhor, e dae-me graça para não recahir mais »; e, feito este acto, tranquillisar-se. Isto observava S. Luiz, e tambem dizia que a demasiada afflicção póde ser indicio de que a pessoa não se conhece bem, pois quem bem se conhece, sabe que o terreno de seu coração, por si mesmo, só é fertil em espinhos e abrolhos.

Com solicitude investigava o principio e a fonte de seus pensamentos e desejos, para ver se ahi achava culpa; trabalhava até conhecer a verdade para bem poder confessar-se e nas confissões era claro, breve e sem escrupulos. Conforme referiu o Padre Roberto Bellarmino, seu confessor, sabia dizer a que termo ou ponto chegara um pensamento, um desejo, uma acção, tão clara e distinctamente, como se os estivesse vendo com os olhos do corpo: – tão illuminado era, e conhecedor da propria alma.

Tinha grande desejo de receber publicas reprehensões, para o quê dava aos superiores a lista dos defeitos que julgava ter; advertindo, porem, que, em logar de o reprehender, o louvavam e proclamavam suas virtudes, não achando defeitos os que elle por taes apontava, resolveu-se emfim a não pedir mais taes cousas, dizendo que nellas antes encontrava perda, que lucro.

Capitulo XVII.

Da sua grande estima pelos Exercicios espirituaes de Santo Ignacio.

Tinha em grande estima os Exercicios espirituaes do Padre Santo Ignacio, não só como meio excellente para tirar a alma do peccado e trazel-a á boa vida; mas ainda como efficaz instrumento para reavivar o fervor e renovar o espirito nas pessoas religiosas. Pedia cada anno licença para retirar-se por alguns dias no tempo das ferias a fazer os Exercicios; e, porque são repartidos em quatro semanas, tinha composto certas sentenças latinas, e avisos appropriados a cada semana, conforme a materia que nella se medita e o fim a que visa: mas, como seus escriptos espirituaes foram tomados logo depois de sua morte, apenas pude achar o que notou sobre a primeira semana. É o que segue.

Pro Exercitiis primae hebdomadae.

Judicia Dei inscrutabilia; quis scit num adhuc mihi mea saecularia scelera condonaverit?

Columnae coeli ceciderunt et confractae sunt; quis mihi pollicebitur perseverantiam?

Mundus nunc in profundo ma-

Para os Exercicios da primeira semana.

Imperscrutaveis são os juizos de Deus. Quem sabe se já me perdoou os peccados que commetti no seculo?

Cahiram por terra, e despedaçaram-se as columnas do ceo: quem me prometterá perseverança?

O mundo jaz agora no abys-

litiae jacet; quis Omnipotentem placabit iratum?

Viri religiosi plerique, et ecclesiastici vocationis oblivisuntur; quomodo ulterius feret Dominus tantum regni sui detrimentum?

Fideles magna tepiditate tota vita quasi adimunt Deo gloriam suam, et quis eam restaurabit?

Vae saecularibus, qui poenitentiam differunt ad mortis articulum. Vae etiam religiosis, qui usque ad eundem articulum dormierunt.

His quasi excitamentis excutienda est somnolentia, et renovandum propositum poenitentiae, ac Deo recte et immobiliter serviendi.

Vera poenitentia ex Dei amantissimi contemptu et ignominia a me affecti ingenti dolore concipitur.

Eadem peccata gravia ita deflere facit, ut etiam de venialibus omnibus maximam excitet compunctionem.

Eadem eo usque pertingit, ut non solum Dei misericordiam culpas remittentem agnoscat et veneretur, sed ad honorem divinae justitiae vehementissime cupiat justas omnes suorum peccatorum poenas subire.

Hinc infundit Deus bene dispositis odium grande sui ipsorum, quo excitatur, et firmatur propositum acriter in seipsum per poenitentias etiam externas saeviendi.

mo da malicia: quem aplacará a ira do Omnipotente?

São muitissimas as pessoas religiosas e ecclesiasticas que se esquecem de sua vocação: por quanto tempo ainda soffrerá Deus tanto damno do seu reino?

Os fieis pela grande tibieza de toda a sua vida, como que tiram a Deus sua gloria: quem a restaurará?

Ai dos seculares que differem a penitencia até á hora da morte! Ai tambem dos Religiosos que dormiram até chegar essa mesma hora!

Com estes pensamentos como com despertadores, se ha de expulsar o somno, renovar o proposito da penitencia, e de servir a Deus com rectidão e constancia.

A verdadeira penitencia na alma nasce de uma grande dor de ter desprezado e offendido a um Deus digno de todo amor.

A mesma faz que de tal modo se chorem os peccados graves, que tambem de todos os veniaes excita grande compuncção.

Chega a tanto, que não somente reconhece e venera a misericordia de Deus, que perdoa as culpas; mas ainda, para honra da divina justiça, deseja ardentemente padecer por seus peccados todas as penas devidas.

Em consequencia infunde Deus nos corações bem dispostos um grande abborrecimento de si proprios, com o qual se esperta nelles um firme proposito de se tratarem asperamente com penitencias, ainda exteriores.

Capitulo XVIII.

De sua caridade para com Deus e para com o proximo.

Amava grandemente a Deus, e, quando delle se falava em sua presença, de tal modo se enternecia, que no rosto se lhe viam os signaes, e isto em todo tempo e logar.

Foi extraordinario na caridade para com o proximo. Procurava ir sempre aos hospitaes para servir aos enfermos; e, quando ia, fazia-lhes as camas, dava-lhes de comer, lavava-lhes os pés, varria a casa, e exhortava-os á paciencia e á confissão. Na Religião obtivera do Geral licença de poder durante o dia visitar os doentes de casa, e ninguem era mais assiduo e diligente do que elle em exercer este officio de caridade para com todos, indifferentemente; e não só os visitava e consolava, mas ainda, quando os superiores lhe prohibiam estudar por causa de sua dor de cabeça, ia ter com os enfermeiros, e ajudava-os a limpar os talheres, pôr a mesa, e fazer todo o serviço necessario aos doentes.

Não trabalhava só para o corpo: ainda mais se esforçava em prol das almas, por cuja salvação tinha grandissimo zelo. Se houvesse parecido bem aos superiores, teria ido ás Indias a converter os pagãos, cousa de que, assim no seculo, como na Religião, teve

sempre particular desejo. Emquanto estava estudando, não podia tratar com o proximo, que isto compete propriamente aos que, tendo acabado seus estudos, são já sacerdotes, e por officio se empregam em ajudar as almas, com as confissões, predicas, exhortações e outros meios. No emtanto, procurava o aproveitamento espiritual de seus irmãos e companheiros de Religião, valendo-se, para este intento, de muitas industrias, com a prudencia que Deus lhe tinha dado.

Alem do bom exemplo, que a todos dava com sua vida irreprehensivel, perguntou ao Padre Reitor do Collegio, se lhe parecia bem, que trabalhasse para que no tempo da recreação, de manhã e á noite, se falasse sempre de cousas espirituaes, evitando as conversas, já não digo sobre cousas ociosas e inuteis, porque estas não são permittidas nem toleradas, mas sobre assumptos indifferentes ou litterarios. Tendo obtido o beneplacito do Reitor, communicou este mesmo designio ao Prefeito das cousas espirituaes, que era naquelle tempo o Padre Jeronymo Ubaldini, que, de Prelado romano se fizera da Companhia, onde viveu e morreu santamente; pediu-lhe que promovesse esta obra, e elle mesmo a recommendou muito a Deus. Depois, escolheu alguns jovens espirituaes do Collegio, que lhe pareceram mais appropriados ao fim que tinha em vista, e disse-lhes que desejava, para proprio adeantamento espiritual, poder juntar-se com elles algumas vezes, para falarem das cousas de Deus durante o recreio.

Alem disto, cada dia, por espaço de meia hora, lia algum livro espiritual, ou de vidas de Santos, para ter assumpto de conversa; e finalmente com os já mencionados companheiros deu inicio á obra. Quando estava com pessoas mais novas que elle, era o pri-

meiro a introduzir santas praticas, e os outros com grande gosto continuavam, principalmente porque de suas palavras tiravam não pequeno proveito. Com os sacerdotes e com os mais velhos, costumava propor alguma duvida espiritual pedindo-lhes a decisão, com desejo de aprender, e deste modo levava a conversa para as cousas de Deus.

Já elles assim que o viam, sem máis nada, conheciam que não gostava de outras praticas e lhe faziam a vontade; antes se estavam falando sobre outros assumptos, mudavam-n'os para lhe dar gosto, ainda que fossem superiores.

Quando se achava com eguaes: ou eram aquelles com quem havia feito o contracto e então não tinha difficuldade para falar de cousas santas; ou eram outros, e nesse caso introduzia confiadamente na conversa algum assumpto devoto, e como eram todos bons Religiosos, desejosos do proprio proveito espiritual, correspondiam ao convite com toda a promptidão.

Quando chegava algum de fora, vindo do noviciado ou de outro logar, para estudar, elle, por si mesmo, ou por meio de outro que houvesse sido companheiro do primeiro, procurava ajudal-o a conservar o espirito e fervor que trazia. Insinuando-se com bons modos, começava logo a conversar com elle no recreio, e dizia-lhe com confiança, que, se desejava conservar a devoção e progredir nella, encontraria muitos que o poderiam auxiliar, mas em quanto por si mesmo, conversando com todos, os não conhecia, nomeava-lhe quatro ou cinco dos mais fervorosos e espirituaes. Depois avisava a estes, que buscassem occasião de conversar com o recemchegado e deste modo conseguia felizmente seu intento.

Se conhecia que algum, no Collegio, tinha necessidade de ajuda espiritual, empregava de mil modos todo o seu engenho para ganhar-lhe a affeição; e, durante muitos dias e semanas, de manhã e á noite, conversava com elle no tempo do recreio, não se importando, por então, com o que poderiam dizer os outros. Quando lhe parecia que o tinha trazido ao

Panorama de Frascati.

ponto de virtude e perfeição que nelle desejava, ia pouco a pouco deixando de andar com elle, dizendo-lhe que convinha para edificação commum ser mais universal no tratar; exhortava-o a buscar bons companheiros, indicava-lhe alguns em particular, e depois ia dizer a estes que o procurassem, porque sabia que tinha bons desejos. Deste modo, deixado um, tomava outro.

Com estas santas industrias, em poucas semanas fez bem a muitos, e inflammou até aos mais frios. Viu-se em todo o Collegio Romano tanto fervor de

espirito e devoção, que era mesmo uma benção de Deus. Havendo então mais de duzentas pessoas no dito Collegio, lembro-me de ter no tempo de verão muitas vezes contemplado a todos, na hora do recreio, espalhados pelo jardim e pelas galerias, aqui dous, alli tres, acolá quatro juntos, e, conhecendo a todos, tinha certeza de que nenhum grupo havia em que se não falasse das cousas de Deus. A recreação era como que uma conferencia espiritual. Muitos confessavam tirar della não menos fructo, e muitas vezes até mais, que da propria oração, principalmente porque, não raro, communicavam uns aos outros com simplicidade os sentimentos espirituaes que Deus lhes dava na oração, e assim uns participavam da luz dos outros.

Tudo isto se fazia com tanta suavidade e com tanto gosto de todos, que com pezar teria cada um tornado ao quarto, se, por qualquer motivo, não tivesse podido durante o recreio falar das cousas de Deus. Os mesmos assumptos de conversa tinham quando sahiam juntos a espairecer ou quando iam ao campo nos dias feriados.

Nessas occasiões parecia que não podiam encontrar melhor passatempo e mais agradavel recreio do que retirarem-se aos dous, tres ou quatro juntos para tratarem de Deus e das cousas celestes.

No tempo das ferias grandes de Setembro e Outubro, quando, cessando todas as lições, são os jovens do Collegio Romano, mandados por alguns dias a Frascati para se refazerem das fadigas do estudo levavam, com licença dos superiores, uns Gerson, outros a vida de S. Francisco, de Santa Catharina de Sena e do Padre Santo Ignacio. Alguns liam as Chronicas de S. Domingos, outros as de S. Francisco;

estes gostavam das Confissões e dos Soliloquios de S. Agostinho; aquelles dos Commentarios de S. Bernardo sobre os Canticos. Alguns mais adiantados na vida espiritual achavam não pequeno encanto na vida de Santa Catharina de Genova; outros, inclinados ao desprezo de si mesmo liam as dos Bemaventurados Jacopone e João Columbino. Cheios das lições destes livros e outros similhantes, sahiam pela manhã e á tarde, aos dous e aos tres, a fazerem exercicio pelos outeiros, falando a respeito do que tinham lido; e, encontrando-se ás vezes dez ou doze, por aquelles mattos e bosques, juntavam-se a fazer conferencias espirituaes, com tanta doçura e devoção, que pareciam outros tantos Anjos do Paraiso. Deste modo, com as ferias de Frascati não menos restaurada se sentia a alma, do que o corpo; e uns serviam aos outros de exemplo e incitamento no caminho de Deus.

De todas estas cousas são testemunhas tantos Padres e Irmãos, membros da Companhia, que o viram e experimentaram porque foram desse tempo, e agora andam dispersos pelas varias partes do mundo a produzirem fructos na vinha do Senhor. De tudo isto se devia a gloria a S. Luiz, como a principal autor depois de Deus, por isso todos o amavam e admiravam devotamente. Corriam atraz delle para falar-lhe ouvil-o, e, quando não podiam, sentiam pezar como quem se vê apartado de uma cousa santa, de muito proveito para sua salvação e aperfeiçoamento.

Uma das cousas que o tornavam muito amavel a todos, era que não trazia sempre entesado o arco, sem nunca o afrouxar; antes com prudencia e discernimento accommodava-se aos logares, aos tempos e ás pessoas, com suavidade de espirito. Sendo tão

sisudo em suas acções, comtudo na conversa não era enfadonho nem desagradavel, e mostrava-se com todos meigo, gracioso e affavel, temperando alguma vez a conversa com um dito arguto ou engenhoso, e contando alguma historia ou exemplo desenfastiado para alegrar aos companheiros dentro dos limites da modestia religiosa.

Tal foi a vida de S. Luiz nos primeiros dous annos e meio que passou no Collegio Romano, e taes os effeitos que ahi produziu.

Capitulo XIX.

Como foi mandado á sua terra para desfazer graves desavenças entre o Duque de Mantua e o Marquez, seu irmão.

Succedeo por este tempo em Mantua a morte do Illustrissimo Horacio Gonzaga, Senhor de Solferino, e este feudo tocava por legitima successão ao Marquez Rodolpho, seu sobrinho: mas como o finado fizera testamento deixando por herdeiro o Serenissimo Duque de Mantua, achou-se Sua Alteza com direito de tomar posse daquelle senhorio.

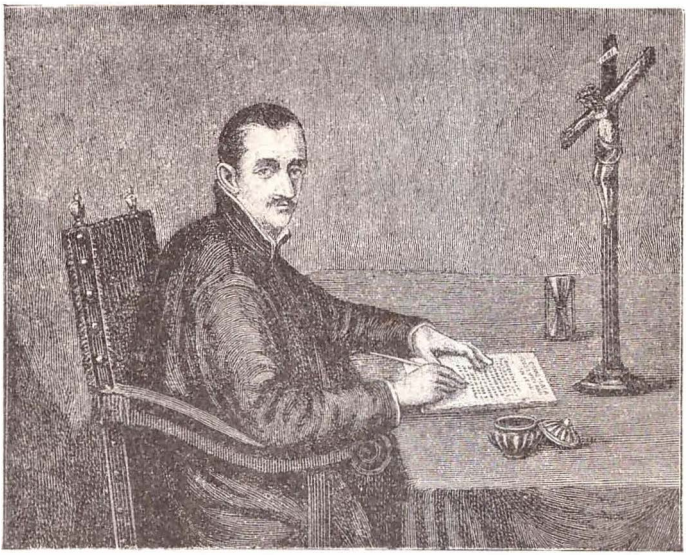
Depois de varias controversias e hostilidades, a Marqueza de Castiglione Dona Martha foi a Praga, deixando o governo do Marquezado a D. Rodolpho, e levando consigo tres outros filhos que tinha, dos quaes o maior era D. Francisco, que é hoje Marquez. Este, que apenas tinha nove annos, recitou ao Imperador um longo discurso, com tanta graça, que ganhou a benevolencia de Sua Majestade, que o pediu á Marqueza para pagem, e ella lh'o deixou. Mandou Sua Majestade um Commissario imperial para em seu nome tomar posse do governo de Solferino, até que Sua Majestade, por sentença definitiva, decidisse a quem devia ser entregue. Vista a causa, sahiu a sentença de que o feudo pertencia ao Marquez D. Rodolpho, parente mais proximo do finado.

Entretanto não faltaram ministros infernaes que com sinistras intrigas atiçaram o fogo, e procuraram fazer que tanto mais terrivel se tornasse o odio, quanto maior fora o amor entre os dous parentes. Multiplicaram-se e augmentaram de tal modo os desgostos e desconfianças, que a questão de Solferino, que corria no civel, veiu a ser das menores causas da desavença. Aggravando-se sempre mais o estado de cousas, temia-se grave ruina; e comquanto se puzessem de permeio para reconcilial-os grandissimos personagens, entre os quaes o Serenissimo Archi-Duque Fernando, irmão do Imperador Maximiliano, nada puderam conseguir.

Finalmente, Dona Leonor d'Austria, mãe do Duque D. Vicente, e a Marqueza Dona Martha, mãe do Marquez D. Rodolpho, vendo as cousas mal paradas, e desejando promover a paz, e impedir escandalos, tiveram o pensamento, que não havia para apazigual-os melhor medianeiro do que Luiz, pois sabiam quanto era amado pelo Duque, e quanta autoridade tinha sobre o Marquez seu irmão, pelo beneficio que lhe fizera com a renuncia. Sem que o soubessem seus filhos, recorreram a S. Luiz, que então estava em Roma. Elle a principio não se sentia inclinado a enredar-se em similhantes intrigas, para não perder sua tranquillidade e poder conservar a observancia regular; mas tendo depois recommendado o negocio a Deus na oração, e fazendo-o recommendar tambem pelos seus companheiros, pediu conselho ao Padre Roberto Bellarmino, seu confessor, que, depois de ter feito oração, lhe disse estas palavras: « *Ide, Luiz, que eu tenho para mim, que é para o serviço de Deus* ». Recebeu o Santo esta resposta como um oraculo, e entregou-se á maior in-

differença, deliberando fazer o que lhe ordenasse o Padre Geral.

Durante isto, a Archiduqueza Leonor, sabendo as primeiras difficuldades que Luiz punha, e convencida de que só por seu intermedio, abaixo de Deus, se podiam prevenir os inconvenientes temidos, e que um acto de caridade, como é reconciliar os parentes, não



P. Virgilio Cepari S. J.

(De uma gravura antiga).

é incompativel com a observancia regular, tratou com os superiores de S. Luiz, que o mandassem a Mantua, e assim se fez, como se lê na vida da mesma senhora.

Tinha já S. Luiz estudado dous annos Theologia, e estava em Frascati com muitos outros, por occasião das ferias de Setembro, quando chegou o Padre Bellarmino, levando-lhe ordem do Padre Geral para tornar a Roma, e partir o mais depressa possivel para Mantua e Castiglione. Não demorou elle mais

de um quarto de hora, e partiu deixando-nos a todos os que alli estavamos, com grande pezar de havermos de ficar, por tantos mezes, privados de sua convivencia e do fructo de seus santos exemplos. Acompanhámol-o todos até uma quinta do Collegio. Na volta começou o Padre Roberto Bellarmino a falar com muito affecto sobre a virtude do mancebo, e a louvar-lhe a santidade, contando varias cousas que excitavam devoção, e então, em particular, disse que o tinha para si como confirmado em graça. Accrescentou mais que não podia melhor imaginar a vida de São Thomaz de Aquino quando joven, do que considerando S. Luiz. Estas palavras foram ouvidas por mim, e notadas por diversos, que as repetiram depois nos processos.

Chegando a Roma, e recebendo ordem do Padre Geral para partir, foi primeiro despedir-se dos Cardeaes seus parentes. Emquanto estava com o Cardeal della Rovere, pela grande fraqueza de cabeça e extenuação do corpo, desmaiou. Puzeram-no a repousar no leito do Cardeal, que o reprehendeu de tanta mortificação e penitencia, exhortando-o a ter mais cuidado com a propria conservação; ao que S. Luiz respondeu que, pelo contrario, nem cumpria o que deveria fazer.

Foi-lhe dado por companheiro um Irmão coadjutor, por nome Jacome Borlasca, muito prudente, a quem os superiores recommendaram muito cuidado com a saúde de Luiz, e a este foi ordenado que nas cousas tocantes á saúde se deixasse governar pelo companheiro. O Padre Luiz Corbinelli, homem grave e grande bemfeitor do Collegio Romano, sabendo quanto S. Luiz padecia da cabeça, fez quanto poude para que elle levasse comsigo um chapeo de sol, porem não o conseguiu.

Partiu S. Luiz de Roma a 12 de Setembro de 1589, em companhia do Padre Bernardino de Medicis, muito seu amigo, que ia explicar a Sagrada Escriptura em Milão. Durante toda a viagem, nunca deixou suas costumadas orações, exames, ladainhas e devoções; e nas estalagens e pelos caminhos nunca falou senão de cousas piedosas e espirituaes. Era de admirar a reverencia com que o ouviam os cocheiros: abriam-lhe o coração, não se apartavam delle, mostrando grande devoção para com sua pessoa, – cousa que raramente se vê em similhante gente.

Em Sena não quiz acceitar certas commodidades que lhe pareciam exceder os termos ordinarios da Religião, e proceder do respeito á dignidade que tivera no seculo. Gostou de rever Florença, antiga mãe de sua devoção e fervor, e deixando ahi o Padre Bernardino de Medicis, que fora retido por alguns dias pelos Senhores de Medicis, seus parentes, passou a Bolonha. Em chegando, foi logo cercado pelos Padres daquelle Collegio, que já tinham ouvido celebrar-lhe a santidade; e elle começou a discorrer com elles sobre as cousas de Deus. Deteve-se aqui um dia, durante o qual sendo pelo Reitor mandado com o sacristão a ver a cidade, ao sahir do Collegio pediu que o não levasse senão a alguma egreja ou logar de devoção, porque com o mais não se importava; e elle depois de o ter conduzido a duas ou tres egrejas de maior devoção, o tornou a trazer a casa.

Chegando a uma estalagem entre Bolonha e Mantua, no territorio de Ferrara, deram-lhes um quarto só com uma cama. Elle nada disse; porem o companheiro, tomando á parte o hospede disse-lhe que, sendo Religiosos, não costumavam dormir juntos, e necessitavam de outra cama. O estalajadeiro respon-

deu que não podia dar-lh'a porque a reservava para algum fidalgo que porventura apparecesse. Instando e esquentando-se o companheiro, ouvio-o S. Luiz, e impoz-lhe que se aquietasse; ao que elle respondeu: « *Este hospedeiro quer os leitos para os fidalgos, como se fossemos camponezes; entretanto deveria ter-vos algum respeito* ». Então S. Luiz, com grande calma e semblante sereno, disse: « *Irmão, não vos inquieteis, porque não tendes razão. Fazemos profissão de pobreza, portanto, tratando-nos elle como convem á nossa profissão, não podemos, nem devemos lamentar-nos* ». Á noite, porém, não tendo chegado outros hospedes, conseguiu o companheiro o que desejava.

Apenas chegou a Mantua, visitou a Senhora Dona Leonor d'Austria, já muito avançada em annos. Esta santa Princeza grandemente se alegrou ao vel-o, recebeu-o com muito affecto, e por algum tempo estiveram conversando juntos.

De Mantua avisou de sua chegada ao Marquez D. Rodolpho, que logo mandou quem o acompanhasse a Castiglione. Não quiz mandar adeante a avisar que já se puzera a caminho; apenas, chegando a Castiglione, com o companheiro e com o Padre Antonio Giunio, que por acaso passava para Brescia, pediu a um homem que encontrou que desse parte de sua chegada ao Senhor Marquez. O homem foi correndo, e espalhando a novidade pelas ruas; de modo que logo se poz ás janellas e sahiu das casas grande multidão de gente.

Todos o recebiam com extraordinaria devoção e alegria; os sinos repicavam festivamente; a fortaleza soltou uma bellissima salva de artilharia; e as pessoas ajoelhavam-se por terra, no meio das ruas ao vel-o passar: – tão alto era o conceito que faziam de

sua santidade. De todas estas demonstrações muito se envergonhou S. Luiz.

Desceu o Marquez a recebel-o ao sopé da fortaleza, e, assim que sahiu do carro, logo um de seus vassallos se lhe lançou aos pés, pedindo-lhe perdão de não sei que falta, confiado na presença de Luiz, e o Marquez lhe disse que por amor do Padre Luiz perdoava.

Entrado no castello, porque alguns da côrte e outros lhe davam o titulo de *Illustrissimo e Excellentissimo*, como costumavam fazer antes que fosse Religioso, elle mudava de côr fazendo-se vermelho, e recebia nisto mortificação. Não achou em Castiglione a Senhora Marqueza sua mãe, que estava em outro dominio seu, chamado S. Martinho, á distancia de doze leguas. Mandaram-lhe logo um proprio, e no dia seguinte voltou ella a Castiglione com seus dous filhos mais moços. Chegando ao palacio onde costumava morar, que era distincto e um pouco distante do Marquez, mandou avisar ao Santo, de sua vinda. Foi logo S. Luiz, com o companheiro, a seu encontro, e foi recebido por ella mais como cousa sagrada, que como filho. Não se atreveu a abraçal-o ou beijal-o, como lhe teria dictado o amor materno, mas deixando que a reverencia vencesse o amor, recebeu-o de joelhos, e, inclinando até o chão a cabeça, fez-lhe profunda reverencia. Não deve isto comtudo causar espanto, pois, desde o tempo em que elle era ainda menino e estava no seculo, ella o tinha por santo, e costumava chamal-o seu Anjo.

Capitulo XX.

Do seu modo de viver em Castiglione e outros logares.

Passou S. Luiz com a mãe todo aquelle dia, e emquanto discorria com ella sobre os negocios que alli o trouxeram, quiz que estivesse presente o companheiro. Este, porém, vendo que com sua presença constrangia a Marqueza, que não ousava conferenciar livremente com o filho sahiu a rezar o rosario, e voltando depois de muito tempo, achou a ambos em oração. A' noite, depois de se retirarem aos seus aposentos, perguntou Luiz ao companheiro, por que razão tinha sahido; ao que elle respondeu que « *tendo a Senhora Marqueza alcançado do Padre Geral, que lhe mandasse o filho de tão longe, agora, que estavam juntos, não julgava conveniente impedil-a de abrir o coração com toda liberdade; e que se falasse com outras senhoras, afóra sua mãe, de bom grado lhe obedeceria, conservando-se presente* ». Estas palavras tranquillisaram S. Luiz.

Deteve-se elle muitos dias em Castiglione afim de se informar minuciosamente, com o Marquez e outros, acerca dos negocios e divergencias com o Serenissimo Duque de Mantua, e, durante este tempo, não se pode conceber a edificação que causava em todo logar, tempo e occasião.

Não andava senão a pé, comquanto, por ordem da mãe e do irmão, tivesse sempre ás suas ordens

um coche; e pelas ruas era tão cumprimentado, que tinha de andar sempre com o barrete na mão.

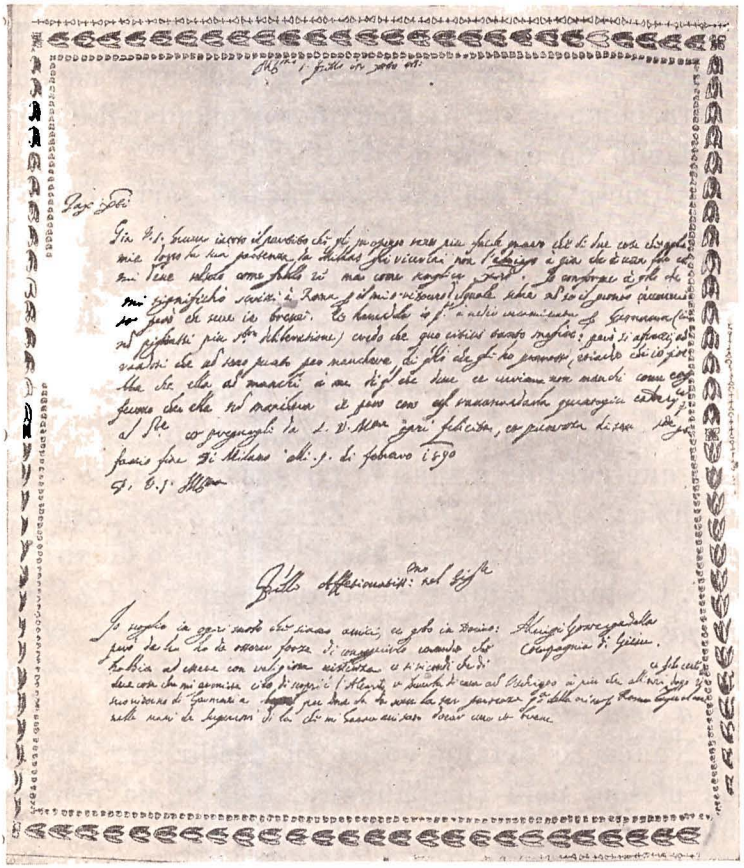
Falava a todos, indifferentemente, com humildade, mansidão e reverencia, como se fosse o menor de todos. Jamais consentiu em acceitar qualquer serviço dos de casa, dizendo, que se tivesse necessidade de alguma cousa, recorreria ao companheiro; comtudo, mesmo deste, nunca acceitou serviço senão indispensavel, instado e quasi obrigado a acceitar, porque em suas necessidades esperava que a Providencia divina inspirasse os outros a ajudal-o, sem que o pedisse.

Não se teria hospedado em casa da mãe ou do irmão, mas na do Arcipreste, se os superiores, a quem submetteu seu designio, não lhe tivessem ordenado o contrario. Em todo o tempo que esteve em Castiglione portou-se sempre com extrema moderação em tudo, e nunca pediu em casa cousa alguma. Sobrevindo o inverno, e tendo necessidade de agazalhar-se, não quiz que os seus lhe fizessem a roupa necessaria; communicou sua necessidade e a do companheiro ao Padre Reitor de Brescia, de quem recebeu sobretudos e outras roupas necessarias, usadas porém, porque novas não queria.

Instou a Marqueza com elle para que acceitasse duas camisolas de Mantua, uma para si, e outra para o companheiro; mas não o podendo conseguir do filho, que dizia nada querer do que com tanto gosto havia deixado, pediu ao companheiro, que lh'a fizesse tomar.

Este, chegando uma manhã a seu leito no momento em que ia levantar-se, levou-lhe uma, e mostrando S. Luiz repugnancia de acceital-a: « *Tomae-a,* disse, *que vossa mãe vos dá esta esmola pelo amor de*

Deus, e, como tendes necessidade, quero que a tomeis ». Elle, a este titulo de esmola, e pela vontade expressa do companheiro, a quem obedecia em materia de saúde, tomou-a sem dizer mais nada. Da mesma forma,



Carta de S. Luiz - Autographo.

estando já gasta a roupa branca que lhe fora dada no Collegio Romano, não quiz acceitar alguma que a mãe por devoção lhe fez com as proprias mãos, e ordenou que lhe remendassem a velha: apenas o companheiro por necessidade, e sob o mesmo titulo de

esmola, conseguiu que tomasse uma camisa para cada um.

Nunca ordenou a alguem, de casa ou de fóra, cousa alguma. Vivia com tanto commedimento, como se fora um pobre peregrino agasalhado naquella casa por amor de Deus. Quando tinha de falar com o Senhor Marquez, seu irmão, esperava a audiencia na antecamara, como os outros, sem querer mandar-lhe aviso, com medo de causar estorvo.

A' mesa do Marquez deixava-se servir como os outros, sem nada dizer; mas em casa da mãe tinha mais liberdade, principalmente porque ella só desejava dar-lhe gosto, e seguia os usos da Companhia. A' mesa era muito mortificado, conforme o seu costume, nem se importava com a escolha das iguarias e dos vinhos, pois com a pratica da mortificação tinha como que perdido o sentido do gosto. Quando a mãe lhe dizia: *Tomae, Padre Luiz, isto é bom, aquillo é melhor* », acceitava, agradecia, e depois o deixava no prato. Costumava dizer ao companheiro: *Oh! como estamos bem em nossa casa! Mais sustancia me dá um de nossos pobres pratos, que todos os manjares que vêm a esta mesa* ».

Nunca se deixou vestir ou despir por alguem, nem mesmo pelo companheiro, e indo, na primeira noite, alguns pagens a despil-o, disse-lhes claramente que não se deitaria emquanto não sahissem. Alem disso, tendo no braço esquerdo uma ferida, curava-a, elle proprio, sem querer que o ajudasse o companheiro: - tão modesto era, e inimigo de que o servissem no que elle por si mesmo podia fazer. Em casa da mãe, e, quando podia, tambem em casa do Marquez, fazia a propria cama, e gostava de ajudar o companheiro a fazer a sua, se bem que os famulos,

tendo-o descoberto, usavam de toda diligencia para impedil-o.

Nenhum cuidado tinha com sua saúde, nem solicitude com sua conservação, só cuidava nisso quando o companheiro lh'o lembrava. Gostava de estar só; comtudo com a mãe, como com pessoa muito espiritual, falava de bom grado, e procurava dar-lhe consolação.

De manhã, apenas se levantava, fazia uma larga hora de oração, e ouvia Missa. Recitava todos os dias o Officio divino e o Rosario, rezando este ás vezes alternadamente com o companheiro. Quando durante o dia podia furtar algum tempo, dizia ao companheiro: « Irmão, vamos fazer um pouco de oração Todas as noites conservava-se tres horas só e retirado, e antes de ir para o leito rezava as ladainhas e fazia o exame de consciencia. Confessava-se ao Arcipreste, e todos os dias de festa ia ouvir Missa e commungar na egreja matriz dos Santos Nazario e Celso, onde accorria muito povo a contemplal-o com devoção e com pezar de ter perdido tal senhor. A primeira festa em que lá foi, estava a egreja tão cheia de povo accorrido para vel-o, que lhe veiu a idéa de fazer um sermão, e exhortar todos a viverem no temor de Deus e na frequencia dos santos Sacramentos; não o fez porem, porque quiz primeiro endireitar os negocios dos seus e começar a dar bom exemplo por sua casa.

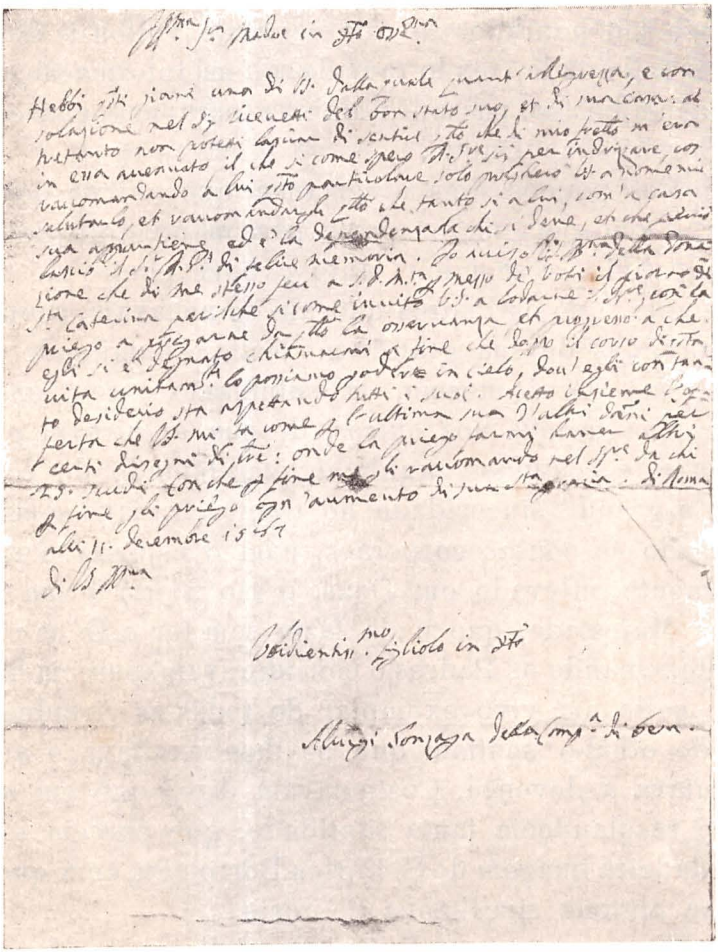
Jamais dirigiu ao companheiro uma palavra menos agradavel, nem mostrou desprazer de cousa que fizesse. No discorrer com elle, cedia sempre ao seu parecer, e accommodava com facilidade o entendimento ao seu juizo, obedecendo-lhe no tocante á saúde. Admirava o companheiro sua santidade, e gostava de ver nelle

tanta sinceridade e singelleza em tudo, conhecendo que nada se lhe dava das cousas do mundo, antes as desprezava todas, e estava morto a todos os respeitos humanos.

Fizeram juntos, por este tempo, varias viagens a Brescia, Mantua e outros logares, onde os chamavam os negocios, e pelas estradas S. Luiz mergulhava-se em Deus por meio das cousas visiveis, e começava a falar extensamente sobre as divinas. Quando o companheiro, de cansado, queria cessar, ou tomar outro assumpto, não conseguia distrahil-o de seu objecto.

Aconteceu um dia ir S. Luiz a Castel Giuffredo para tratar certo negocio com D. Affonso Gonzaga, seu tio e senhor do dito dominio, de que elle havia de ser herdeiro, se não se fizera Religioso. Tendo-lhe o Marquez dado alguns criados para o acompanharem, não os quiz levar, e não podendo resistir ao irmão face a face, apenas sahiu de Castiglione, mandou-os todos embora. Errando, porém, o caminho, chegaram a Castel Giuffredo duas horas depois do sol posto, quando já estavam fechadas as portas. Por ser fortaleza e não costumar abrir-se áquella hora, foi necessario primeiro informar as sentinellas de muitos particulares acerca das pessoas que eram, e do objecto de sua vinda, e depois esperar que de tudo se desse conta ao castellão. Passado bastante tempo, ouviu-se abrir a porta e abaixar a ponte, e appareceram muitos fidalgos daquelle principado com tochas accesas. Ao entrar, achou S. Luiz uma multidão de soldados armados, que lhe fizeram alas pelo caminho desde a porta até o palacio do senhor, que tambem lhe sahiu ao encontro, o recebeu com summa alegria e muitas honras; e, depois de acompanhal-o

a um aposento regiamente apparelhado e com soberbos leitos, retirou-se para o deixar reposar. O pobre Luiz, vendo-se cercado de tantas honras, e na-



Fac-simile de uma carta de S. Luiz a sua Mãe.

quelle quarto tão ricamente ornado, voltou-se para o companheiro e disse-lhe: *O' irmão meu, Deus nos ajude durante esta noite! Onde viemos parar por mal de nossos peccados? Veja que sala, que leitos! Oh!*

quão melhor estariamos nos quartos nús de nossa casa, e em nossos pobres leitos, sem tantas honras e commodidades Parecia-lhe que faltavam mil annos para terminar o negocio e partir, não podendo soffrer o ver-se tão honrado. No dia seguinte voltou a Castiglione, de onde, tendo tomado plena informação, de toda a questão, passou a Mantua para negociar com o Serenissimo Duque.

Nos poucos dias e semanas que ahi se demorou, e que pela maior parte passou no Collegio da Companhia, rescendeu tanto o bom cheiro de seu exemplo, que os Padres que ahi se achavam, contam maravilhas de sua grande modestia e humildade, do desprezo de si mesmo, da submissão e reverencia com que tratava aos outros, de sua admiravel perfeição de costumes, unida á simplicidade de coração e grande sinceridade no tracto. Andava sempre alheado ás cousas corporaes, com o espirito perpetuamente enlevado em Deus, e tão unido á Sua Divina Majestade, que nada fazia sem ter a Deus presente. Quando os Padres o consideravam, parecia-lhes ver nelle um vivo exemplar de todas as virtudes, e só de olhal-o sentiam que se lhes excitava e augmentava a devoção. Costumavam dizer que em sua face resplandecia tanta santidade, que parecia uma verdadeira imagem de S. Carlos Borromeu, com quem tinha alguma similhança de rosto.

Era nesse tempo Reitor do Collegio de Mantua o Padre Prospero Malavolta, que fora recebido na Companhia pelo Padre Santo Ignacio, nosso fundador e primeiro Geral. A exemplo de S. Pacomio, que mandou um noviço seu discipulo fazer uma exhortação aos monges, vendo tanta santidade e sabedoria no santo jovem, julgou elle acertado, mandal-o fazer numa

sexta-feira uma pratica a todos os Padres do Collegio, cousa que na Companhia só costumam fazer os superiores, e certos sacerdotes mais provectos e graves e nunca os que ainda não foram promovidos ao sacerdocio. Elle, posto que confundido, acceitou por obediencia, e fez uma exhortação sobre a caridade fraterna, tomando por thema as palavras do Salvador: « *Hoc est praeceptum meum, ut diligatis invicem, sicut dilexi vos* », com tanto espirito e fervor, que todos ficaram consoladissimos.

Capitulo XXI.

Do prospero resultado de suas negociações.

Começou depois a tratar a questão com o Serenissimo Duque de Mantua, posto que, antes de começal-o com os homens da terra, a tivesse já concluido com o Rei do Céo, que tem na mão os corações dos homens, obtendo de Sua Divina Majestade, com fervorosas orações, o bom exito do negocio. Isto se sabe pela relação de testemunhas authenticas, e os mesmos acontecimentos claramente o demonstraram. Com effeito, desde a primeira vez que parlamentou com Sua Alteza, em hora e meia concluiu tudo, desfez todas as divergencias, e obteve quanto desejou e pediu. Com quanto o Duque estivesse muito irado pelas intrigas que lhe tinham feito do Marquez, e Luiz fosse mais proximo parente deste, do que seu, podendo, por conseguinte, humanamente falando, ser suspeito de parcialidade, e com quanto não faltassem pretextos apparentes para poder-lhe negar o que pedia, pois já o tinha negado aos principes e grandes senhores que se tinham interposto para reconcilial-os, comtudo reconheceu nelle alma tão santa e intenção tam perfeita, que não teve animo de lhe negar coisa alguma, antes, confiado em sua bondade e rectidão, lhe disse estar disposto a fazer quanto elle quizesse.

Não faltou quem procurasse impedir, ou, pelo menos, differir esta reconciliação de tanto serviço de Deus. Entre outras, uma pessoa de muita autoridade suggeriu ao Duque, que, já que a isso estava disposto, não o fizesse só a rogos de Luiz, mas esperasse um pouco para dar ao mesmo tempo satisfacção aos principes que primeiro haviam trabalhado para esse fim. Respondeu o Duque que era sua vontade concluir o negocio sem demora, porque o fazia unicamente para satisfazer ao Padre Luiz, tanto que por nenhum outro motivo o faria jamais; – do que todos ficaram admirados.

Tomou Luiz por escripto, do Senhor Tullio Petrozzari, todas as imputações feitas ao Marquez Rodolpho, e levando-as a Castiglione, fez que o irmão se justificasse de tudo, e respondesse ponto por ponto dando satisfacção ao Duque. Tornando depois a este, mostrou-lhe, elle proprio, as respostas, e ficando Sua Alteza completamente aplacado, voltou a Castiglione e levou o irmão ao Duque, que o acolheu com muito amor, retendo-o para jantar e passar todo o dia com elle em divertimentos. Instou muito Sua Alteza para que tambem S. Luiz jantasse em sua companhia, porem elle de modo nenhum quiz acceitar o convite, e foi para o Collegio da Companhia; e dizendo o Duque ao Marquez, que, ao menos, era preciso fazel-o voltar para assistir ao theatro, Luiz sorrindo disse que não era do agrado de seu companheiro.

Nesse mesmo dia o Duque restituiu e cedeu ao Marquez o castello e senhorio de Solferino, que, de então para cá, sempre possuiram e possuem ainda os herdeiros e irmãos de S. Luiz.

Accommodado o negocio com o Duque, poz-se Luiz a tratar de outro caso muito importante que

tambem dizia respeito ao Principe e Marquez D. Rodolpho, seu irmão. Este, sendo joven e livre, tinha se enamorado de uma joven de Castiglione, bem nascida, comquanto de nobreza inferior á sua, filha unica e herdeira de um seu vassallo muito rico. Levado pela grande affeição que tinha a esta honrada donzella, determinou tomal-a por sua legitima mulher, o que fez, desposando-a occultamente, a 25 de Outubro de 1588, com previa licença do Bispo, que dispensou os costumados proclamas, em presença unicamente do Arcipreste de Castiglione, que era seu proprio parocho, e das necessarias testemunhas.

A razão pela qual o Marquez quiz que o casamento se fizesse tão clandestinamente, de modo que nem mesmo a Marqueza sua mãe o soubesse, foi para que não viesse ao conhecimento de seu tio, o Principe D. Affonso Gonzaga; pois devendo succeder-lhe no estado de Castel Giuffredo, temia que não pouco se irasse contra elle, sabendo que desposava qualquer outra pessoa, que não sua filha unica, que desejava, com licença do Pontifice, dar-lhe por esposa afim de que por meio deste casamento, pudesse a filha tambem gosar de seu estado.

Tinha o Marquez desposado a dita senhora um anno antes de Luiz vir a Castiglione; mas como se tinha conservado secreto o matrimonio, todos pensavam que ella não fosse sua legitima mulher. Ignorando a verdade, e instado por sua mãe, empenhou-se Luiz valentemente com o Marquez, para que, deixando a senhora em questão, desse satisfacção ao Principe seu tio, tomando-lhe a filha por esposa. Elle, porém, por seus interesses, andava fugindo de descobrir o segredo, até que Luiz, temendo que, se não arranjasse tudo em quanto estava presente, nada al-

cançasse depois, apertou de tal forma o irmão, que este lhe deu palavra e jurou satisfazel-o, e estando Luiz de viagem para Milão, prometteu-lhe que iria lá ter com elle, e seguiria fielmente seu conselho.

Com esta promessa, retirou-se S. Luiz muito consolado a Milão aos 25 de Novembro de 1589, e ahi se entregou aos estudos e aos costumados exercicios espirituaes, á espera do Marquez. Este chegou ao Collegio não muito tempo depois, numa manhã de festa, justamente quando S. Luiz tinha acabado de commungar, e estava dando graças no coro. Logo correu o porteiro a avisal-o, dizendo-lhe que o Excellentissimo Senhor Marquez, seu irmão, o esperava na portaria; elle, porém, sem dar resposta, conservou-se cerca de duas horas immovel, em oração. Finalmente foi a Sua Excellencia, que, depois dos cumprimentos de estylo, lhe revelou confidencialmente os laços matrimoniaes que o uniam áquella senhora, e como havia quinze mezes a tinha desposado, mas conservava secreto o matrimonio para não irritar o Principe seu tio. Muito alegre ficou S. Luiz ao saber que o Marquez seu irmão não vivia em peccado, como pensavam, e tinha tido escrupulo de offender a Deus. Disse-lhe que queria consultar o caso com Padres graves e doutos, para ver qual era neste ponto a sua obrigação no que o Marquez veio de bom grado.

Escreveu logo o Santo para Roma e consultou tambem em Milão, e foi-lhe respondido que o Marquez era obrigado em consciencia a manifestar o matrimonio, afim de destruir a má opinião do publico, como prejudicial á honra de Deus e á da esposa. Prometteu fazel-o o Senhor Marquez, e S. Luiz encarregou-se de aquietar os parentes. Assentado isto, partiu o Marquez para Castiglione, para onde pouco

depois foi tambem S. Luiz com um companheiro, a quem disse que já duas vezes tinha feito aquella viagem, que na primeira accommodara as cousas do mundo, e na segunda queria accommodar as de Deus.

Conseguiu effectivamente que o Marquez manifestasse o matrimonio já feito á Marqueza, e lhe pedisse que se dignasse reconhecer sua esposa como filha e nora sua, e tratal-a como tal. Depois, o proprio Luiz descobriu tudo ao povo, e o participou por cartas ao Serenissimo Duque de Mantua, e aos dous Eminentissimos Cardeaes João Vicente e Scipião Gonzaga, que eram vivos naquelle tempo, e ainda a outros senhores, principes e parentes de sangue; e de todos recebeu resposta satisfactoria. Em particular alcançou que o Excellentissimo Senhor D. Affonso, seu tio, desse por bem feito e approvasse tudo. Deste modo foram destruidas todas as suspeitas e opiniões falsas acerca do matrimonio do Marquez, e á sua virtuosa esposa foi restituida a honra aos olhos do mundo, como o exigia toda razão, divina e humana. Por occasião de manifestar este casamento, alcançou S. Luiz, que muitos que viviam em mau estado se casassem, e fez tambem que se concluissem muitas pazes de importancia.

Succedeu depois o Marquez D. Rodolpho ao tio, no estado de Castel Giuffredo, que, depois de algum tempo foi trocado pelo Excellentissimo Principe e Marquez D. Francisco com o Serenissimo Duque de Mantua pelo de Medole, com approvação do Imperador Rodolpho, que o uniu ao de Castiglione. Hoje tem sobre Medole dominio absoluto o Principe de Castiglione.

Terminados os negocios, foi S. Luiz instado pela Marqueza sua mãe para fazer um sermão; e elle, de-

pois de se aconselhar com o companheiro, fel-o em um sabbado, na egreja visinha a S. Nazario, chamada a Companhia da Disciplina. Comquanto procurasse fazer tudo o mais secretamente possivel, e prohibisse tocar os sinos, achou a egreja repleta. Fez um bello e devoto sermão, no qual exhortou todos á santa Communhão no dia seguinte, que era a dominga da Quinquagesima. Com tanto fervor foi acceito o convite, que os Padres e Frades se viram obrigados a levar a noite toda ouvindo as confissões. Pela manhã commungaram a Marqueza sua mãe, o Marquez com sua esposa e mais setecentas pessoas, entres homens e mulheres. O proprio Luiz quiz ajudar á Missa, e dar a ablução aos que tinham commungado, com grande consolação e edificação de todos: e depois do jantar foram todos á Doutrina christã.

Tendo deste modo accommodado as cousas de sua casa, e recommendado ao Marquez, que tratasse bem a esposa, partiu para Milão a 12 de Março de 1590, tendo justamente a 9 do mesmo mez completado vinte e dous annos de edade.

Por causa dos grandes frios do inverno, na Lombardia, se lhe inchavam e gretavam as maõs a ponto de sahir sangue. Varias pessoas, doendo-se delle, rogaram-lhe que ao menos pelo caminho consentisse em levar luvas, ou cousa equivalente, e quasi lhe fizeram violencia, elle, porem, como amigo do soffrimento e do desprezo proprio, não consentiu em acceitar cousa alguma.

Na ida para Milão, passou por Placencia, e, chegado ao Collegio desta cidade, logo um dos Padres foi ao seu quarto visital-o e abraçal-o, como se costuma na Companhia, quando alguem vem de longe; e, achando-o a limpar as botas com um panno velho,

ficou cheio de devoção e compuncção; primeiro, pela expressão de santidade que lhe reluzia no rosto; segundo, por vel-o entregue a um acto tão humilde, recordando-se que o vira secular em Parma, acompanhado de uma multidão de pagens.

Chegando finalmente ao Collegio da Companhia em Milão, « *Oh! quanta consolação sinto,* disse, *ao verme definitivamente em nossa casa! É similhante ao que sentiria uma pessoa que, fria e enregelada, no coração do inverno, se visse collocada em um leito macio e bem aquecido: – tanto frio me parecia sentir fora de nossa casa, e tanta suavidade experimento agora tornando a ella* ».

Capitulo XXII.

Da grande edificação que deu no Collegio de Milão durante o pouco tempo que alli passou.

Chegou S. Luiz a Milão tão maltratado da viagem, que logo cahiu em grave enfermidade, na qual foi tratado pelo Irmão Agostinho Salombrini com grande attenção e caridade. E como era tão santo edificou-se grandemente da piedade e santidade que resplandeciam no enfermeiro; cujas palavras repetia com grande consolação, e o mesmo fazia o Irmão com as do enfermo. Falavam longamente de Deus e das cousas espirituaes; – que em animar-se uns aos outros a louvar a Deus, como os Seraphins de Isaïas, e em tomar alento para servil-O, consiste a recreação dos Santos. Assim se avigoravam, ao mesmo tempo, um no corpo e o outro no espirito.

O fogo nunca deixa de aquecer, a luz de illuminar, o precioso unguento de exhalar suave odor: assim nunca deixou S. Luiz de inflammar a todos com suas palavras de fogo, de illuminar com seus santos exemplos, de espargir o suave odor das muitas virtudes que lhe adornavam a alma: sempre e em toda parte mostrou o que era. Como a agua por muito tempo reprezada em seu curso natural, arrebenta depois com maior impeto e violencia, assim tendo elle ficado por alguns mezes e semanas occupado em Castiglione sem poder fazer suas costumadas mortifi-

cações e penitencias, agora mal se recolheu ao Collegio da Companhia em Milão, parecia não se poder fartar de pedir e fazer mortificações. Apenas chegado, appareceu no refeitorio com uma veste toda remendada

Roma - Frontaria da Egreja de S. Ignacio, onde se venera o tumulo de S. Luiz.

a dizer sua culpa e fazer outras penitencias de muita edificação.

Sentiu particular alegria em achar naquelle Collegio muita observancia, e ver que a juventude attendia com fervor não menor á devoção e perfeição religiosa, que ao estudo das lettras e das sciencias.

Da mesma forma alegraram-se todos no Collegio por habitar entre elles um vivo exemplar de toda a perfeição como era S. Luiz. Todos o amavam e admiravam como santo, e procuravam tirar proveito de sua convivencia. Não poderei neste capitulo contar muitas de suas acções em Milão, parte porque são mortos alguns que me poderiam dar informação cabal, entre os quaes o Padre Bartholomeu Recalcati, que morreu com fama de santidade sendo Reitor daquelle Collegio, e era amigo intimo de S. Luiz; parte por não estar terminado o processo que acerca delle se offereceu a fazer o Eminentissimo Senhor Cardeal Frederico Borromeu, Arcebispo da mesma cidade. Narrarei apenas algumas cousas referidas em outros processos e inqueritos, por pessoas que naquelle tempo se achavam em Milão, e foram, a meus rogos, recolhidas com muita diligencia pelo Padre Reitor daquelle Collegio.

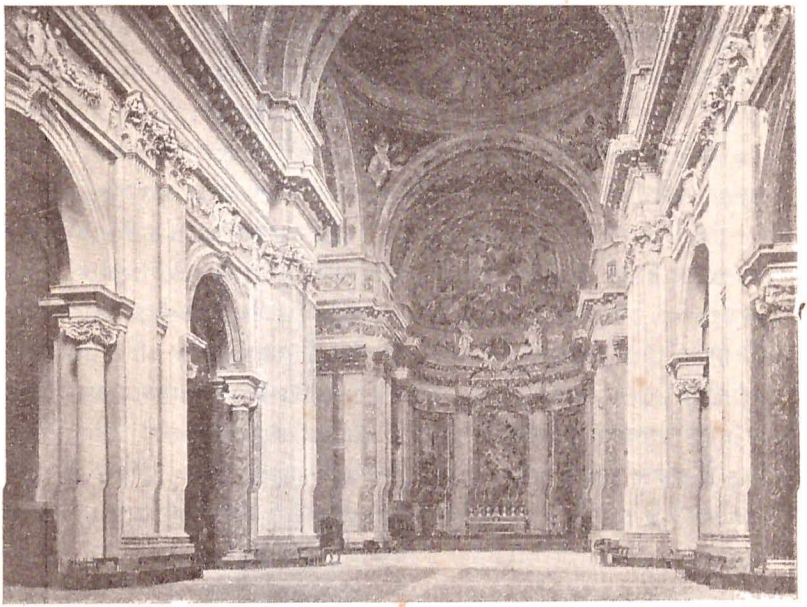
Durante o tempo que S. Luiz passou em Milão, continuou seus estudos de Theologia, assistindo ás aulas de manhã e á tarde, como os outros, e fazendo todos os demais exercicios proprios de collegial, sem querer o menor privilegio, ou isenção. Como os outros, não tinha um quarto só para si, com muita edificação do companheiro, que notava seu procedimento e recolhia grande fructo espiritual. Tendo recebido para seu uso uma Summa de S. Thomaz, bem encadernada e com a capa e paginas douradas, não houve meio de acceital-a: com lagrimas supplicou ao superior que lh'a tirasse e lhe desse uma velha e commum, e para consolal-o foi necessario condescender. Tudo isto fazia pelo desejo de ter cousas pobres: e pela mesma razão não queria senão roupas velhas e remendadas.

Pelo dia adiante e em todo o tempo que podia furtar aos estudos, ia, com licença do superior, ajudar a servir na cozinha e no refeitorio, levando agua ao cozinheiro, e lavando muitas vezes as panellas, e outras vasilhas. Quando preparava o refeitorio, afim de conservar-se mais unido a Deus, e fazer o serviço com maior merito, punha diversos nomes ás mesas. A' do Superior chamava mesa de Nosso Senhor, á outra visinha, mesa de Nossa Senhora, e depois ás outras dava o nome dos Apostolos, dos Martyres, dos Confessores, das Virgens. Quando ia estender as toalhas com o refeitoreiro, dizia-lhe: *Vamos por a toalha de Nosso Senhor, ou de Nossa Senhora* », e assim das outras; e com tanto affecto e devoção fazia aquelle serviço, como se realmente houvessem de comer áquellas mesas Christo Nosso Senhor, a Virgem Santissima, e os outros Santos, a quem imaginava servir.

Gostava extraordinariamente de fazer recreio, ou sahir de casa com Irmãos coadjutores, assim por sua grande humildade, como porque lhe parecia falar de Deus com maior liberdade, e se deleitava de ajudar a todos no espirito. Quando estava conversando com outros, se se assentavam, corria ordinariamente ao ultimo logar, ou ao mais incommodo, onde nem se pudesse encostar; se se conservavam em pé, em circulo, costumava occultar-se atraz dos outros, e assim ficava ouvindo-os discorrer. No passeio, cedia o logar de honra a quem quer que fosse, e via-se claramente que fazia estas cousas não por cumprimento ou cerimonia, mas por verdadeiro sentimento de humildade, sem affectação alguma.

Indo um dia com o refeitoreiro a ouvir um sermão na egreja de S. Fiel, no meio do caminho che-

gou-se a elle um seu antigo vassallo que, com profundas mesuras, e dando-lhe titulo de *Excellencia,* lhe pediu que o protegesse numa causa em que andava por motivo de umas terras. O Santo, de cabeça descoberta. retribuindo-lhe o cumprimento com toda a modestia e humildade, respondeu: « *Eu não son mais que o Irmão*



Egreja de S. Ignacio - Interior.

Luiz da Companhia de Jesus. O unico auxilio que vos posso dar é pedir a Deus por vós, e aconselhar-vos que vades expor vossa necessidade a meu irmão ». Isto disse com tanta candura e tão profunda humildade, que o vassallo ficou não menos attonito, que edificado.

Notou-se tambem nelle grande sentimento de gratidão para com quem lhe prestava algum serviço, ainda que minimo: parecia não saber pôr termo aos agradeçimentos, e isto com grande simplicidade, e sem a menor affectação.

Perguntando-lhe um dia um Irmão, se era difficil a um grande senhor deixar as vaidades deste mundo, respondeu que era de todo impossivel, se Christo Nosso Senhor não lhe puzesse, como ao cego de nascença, lodo nos olhos, isto é, se não lhe desse a conhecer a vileza dessas cousas, mais baixas do que a lama.

Recorreu um dia a elle um Padre do Collegio, e com muitos suspiros pediu-lhe auxilio espiritual, porque se sentia muito imperfeito. O Santo para consolal-o citou-lhe as palavras do psalmo: « *Imperfectum meum viderunt oculi tui, et in libro tuo omnes scribentur* »; dizendo-lhe que, comquanto seja materia de desolação o vermo-nos imperfeitos; comtudo grandemente nos devemos consolar considerando que, assim mesmo, estamos escriptos no livro de Deus, que vê nossas imperfeições não para condemnar-nos, mas para tornar-nos mais humildes, e dellas tirar maior bem para nós. Estas palavras, explicadas por elle com muita devoção e espirito, deram ao Padre não pequena consolação.

Mostrou-se S. Luiz amicissimo das mortificações do amor-proprio, tanto em casa, como fóra. No tempo de Carnaval iam alguns Irmãos estudantes prégar nas praças de Milão. Elle pediu ao Padre Reitor com tanta instancia, que o deixasse acompanhar um delles, que foi necessario conceder-lh'o. Sahiram e Luiz andava pelas ruas recolhendo gente, e supplicando aos transviados, que fossem ouvir a predica do Irmão, e pedia-o com tanta humildade, caridade e modestia, que conseguia convencel-os.

Nos domingos e festas, andava pelas praças ensinando a doutrina christã, o que fazia de bom grado e espontaneamente, e, comquanto padecesse muito

com o frio, que nesse tempo era intenso em Milão, não se importava. Uma noite, ouvindo dizer que um Irmão ia no dia seguinte mendigar pela cidade para depois fazer os votos (mortificação e prova que é costume fazer na Companhia), foi pedir licença para acompanhal-o, e, tendo-a alcançado, sentiu tamanha alegria, que, depois do exame, foi ao quarto daquelle Irmão dar-lhe a noticia. No dia seguinte, esmolando, teve grandissima consolação espiritual, e pelo caminho repetia a miudo, cheio de jubilo, estas palavras: « *Tambem Jesus Christo Nosso Senhor andou assim pedindo esmola, principalmente naquelles tres dias em que esteve perdido de sua Mãe* ».

Outra vez, andando com uma veste remendada a pedir esmola, perguntou-lhe uma senhora de apparencia muito vaidosa se era do Collegio de Santa Maria de Brera, onde estava um Padre que ella conhecia; e respondendo elle que sim, disse a Senhora: « Pobre Padre, onde foi sepultar-se! » Destas palavras tirou S. Luiz ensejo de illuminal-a e arrancal-a do erro; disse-lhe com muito fervor que aquelle Padre era bemaventurado e não miseravel, que o seu estado era a vida perfeita, e não a morte, como ella cuidava: que ella, sim, vivia em um estado miseravel e infeliz, no mundo, e em perigo de morte eterna, mormente attendendo a tantas vaidades, como exteriormente denotava. Estas palavras produziram grande compunc̃ção naquella senhora, e notavel mudança de vida, como se viu depois.

Encarregara-se S. Luiz de limpar as teias de aranha no Collegio, e com diligencia fazia este officio. Alem disto, estava alerta, e, se por acaso via passar no claustro de baixo algum senador, ou outro personagem de importancia, logo appar[illegible]cia com um bascu-

lho na mão, e começava a limpar o claustro, á vista delles, para ser tido em conta de pessoa de baixa condição e indigna de estima. Isto fazia tão a miudo, que quando os Padres do Collegio o viam sahir com o seu basculho, logo concluiam que estava em casa algum personagem de fora.

Devendo de ir jantar ao Collegio alguns Bispos e Prelados, ordenou o Superior a S. Luiz, que prégasse durante a mesa, afim de o tornar conhecido daquelles hospedes. De bom grado fugiria S. Luiz ao encargo, porque não era amigo de comparecer em occasiões solemnes, e gostava de conservar-se desconhecido; todavia, não podendo replicar á ordem da obediencia, acceitou e fez um substancioso discurso acerca do officio dos Bispos. Cumprimentando-o depois um Padre pela bella pregação que fizera, e pela acceitação que encontrara, respondeu que o maior prazer que sentira naquella manhã, fora dar publicamente a conhecer o defeito que tinha de se lhe pegar a lingua e não poder pronunciar bem a lettra R.

Pedia frequentemente publicas reprehensões e penitencias no refeitorio, cousa que já tinha deixado no Collegio Romano, porque, em logar de o reprehenderem, o louvavam. Estava sempre absorto em Deus, e d'ahi vinha que ás vezes não reparava nos que o saudavam. Em uma reprehensão que pediu, sendo avisado disto, accusou-se de muita soberba, e d'ahi em deante sempre se mostrou em Milão exactissimo neste ponto, esforçando-se para em publico estar de tal modo unido a Deus que não faltasse aos deveres da civilidade.

Era um singular exemplo de humildade, modestia, obediencia e observancia regular para todo o Collegio, e, como todos o consideravam por tal, fallavam-lhe

sempre com grande confiança e sentimento de devoção; posto que elle, quanto era da sua parte, se chegasse de preferencia aos mais fervorosos. para poderem com mutua consolação tratar de cousas devotas.

Capitulo XXIII.

Testemunho que de S. Luiz deram dous Padres que viveram com elle em Milão.

Depois da morte de S. Luiz, o Padre Bernardino de Medicis, Florentino, homem não menos illustre pelas virtudes religiosas, que pela nobreza do sangue, e muito familiar do Santo, escreveu-me de Milão o seguinte: *Dizia-me o nosso bom Irmão Luiz, que tinha em grande apreço a constancia e perseverança nas cousas pequenas, considerando esta pratica como virtude muito necessaria para aproveitar na vida espiritual: por isto em suas acções e distribuição do horario sempre observava a mesma ordem. Affirmava que é cousa perigosa guiar-se pelo affecto; e que a estrada segura é caminhar segundo o conhecimento e luz da razão. E elle esforçava-se, quanto podia, por attingir em suas obras a perfeição que a luz de Deus lhe mostrava, embora depois lhe parecesse que jamais o conseguia; pois quanto mais progredia com as obras, mais vastos horizontes de perfeição descortinava. Era ávido de padecer tribulações, e disse-me que não conhecia mais evidente signal de santidade numa pessoa, do que vel-a soffrer com boa consciencia, isto é, ver que sendo boa, lhe proporcionava Deus occasião de padecer. Formava sempre boa opinião de todos, posto que não approvasse as faltas evidentes; e interpretava bem tudo o que podia. Avisava aos outros de suas faltas com grande*

(Ir. A. Pozzo da C. de J.).

Egreja de S. Ignacio - Glorificação de S. Ignacio.

Fresco da abobada.

caridade e prudencia, e pedia que o avisassem tambem. Mostrava piedade, caridade e grande prudencia em todos os seus actos, e jamais leviandade. Em todo o tempo que convivi com elle, nunca vi nelle primeiro movimento de paixão alguma, nunca o vi faltar a virtude moral, nem commetter algum erro voluntario, ainda em cousa minima, nem transgredir nenhuma Regra. Era assignalado em todas as virtudes, mas, em particular, admirei, que, tendo tanta santidade, não se mostrava singular em cousa alguma, o que eu tenho por grandissima virtude.

Por este mesmo tempo, espalhou-se pelo Collegio de Milão fama de que S. Luiz tinha insigne dom de oração, e não soffria a menor distracção. O Padre Achilles Gagliardi, pessoa doutissima e de muita auctoridade buscou de proposito occasiões de discorrer com elle a miudo sobre as cousas do espirito, e em conversa, entrando na via unitiva da perfeita caridade, pelos Theologos chamada Theologia mystica, conheceu claramente que alem de muitos outros extraordinarios dons de Deus, com que era ornada aquella bemdicta alma, tinha mais uma grandissima união com Deus, e continuamente se exercitava nessa via mystica, em torno daquella divina obscuridade de que fala o grande Dionysio Areopagita. Conhecia e gosava este exercicio, e nelle havia penetrado tão profundamente que, o Padre ficou ao mesmo tempo consolado e attonito, vendo tão profundas raizes de virtudes heroicas e de sublime perfeição em um mancebo que, tendo apenas quatro annos de Religioso, a seu ver tinha chegado ao grau a que muito poucos já provectos e consummados na Religião alcançam a graça de chegar.

Como ordinariamente quem está tão adeantado na via unitiva parece sentir pezar em conversar

com o proximo, e gosta de conservar-se retirado em alta contemplação com o Senhor longe do bulicio do mundo, o Padre, para proval-o, disse-lhe, que se admirava de que elle não tivesse por suspeito tal exercicio, que parecia inteiramente opposto á profissão que fàz a Companhia, de tratar e conviver com todos, afim de trabalhar na salvação das almas; porquanto a via mystica e unitiva, por sua natureza, aparta de toda sorte de conversação, e escolhe a melhor parte, isto é, a contemplativa, deixando que outros se occupem com a activa. Respondeu S. Luiz: « Se eu experimentasse que ella produzia em mim esses effeitos de que fala Vossa Reverencia, então sim, tel-a-ia por suspeita e impropria para mim ». Com esta resposta ficou o Padre muito mais admirado ainda, do que a principio, porque conheceu que elle, por dom assignalado, e singular graça divina, unia as duas vias, de modo que a unitiva não impedia a activa, nem esta estorvava áquella, e era chegado ao summo grau de união com Deus por conformidade e amor á divina vontade, nó qual a alma enamorada de Deus, conhecendo o zelo que Elle tem pela salvação dos homens, se sente impellida das alturas da contemplação ao exercicio do apostolado. D'ahi em deante o Padre a todos encarecia esse grande dom de S. Luiz, e em tres testemunhos escriptos depoz com juramento isto mesmo que deixamos referido.

Capitulo XXIV.

Revela-lhe Deus que ha de morrer breve e volta a Roma.

Estava já este santo mancebo por tantas virtudes maduro para a eternidade e, pela vida angelica que havia levado entre os homens, na terra, tornara-se digno de ir habitar entre os Anjos no Ceo; quando Deus lhe revelou que o queria chamar a Si, para dar-lhe o premio que, no breve espaço de sua vida, com tanto trabalho e diligencia havía conquistado.

Estando elle ainda em Milão, pouco mais de um anno antes de seu bemaventurado transito, uma manhã, durante a oração, tendo-se elevado a uma alta contemplação, deu-lhe o Senhor uma luz interior com que o fez claramente conhecer que seriam breves os dias de sua vida, e alem disto inspirou-lhe que naquelle anno se esforçasse por servil-O com toda perfeição e desprendimento total de todas as cousas, e se desse, com maior diligencia do que antes, ao exercicio interior e exterior de todas as virtudes.

Com tal illustração, sentiu intimamente uma tão grande mudança, que lhe pareceu ficar, mais do que antes, com o affecto desprendido de todas as cousas do mundo. Conservou encoberta a todos esta revelação, e não a descobriu senão ao Padre Vicente Bruno, e a alguns outros, muito poucos, depois que tornou a Roma.

Continuou a applicar-se a seus estudos de Theologia com a mesma diligencia, embora não com tanto gosto e inclinação sensivel como antes, porque de continuo se sentia intimamente incitado a pôr todo o seu coração em Deus. Gostaria de tornar a Roma, onde colhera as primicias do espirito religioso, e tinha tantos companheiros e conhecidos espirituaes; querendo porem conservar-se indifferente em todos os pontos, e deixar que delle dispuzessem livremente os superiores, nem mesmo este desejo manifestava.

Deus, porém, quiz que elle tornasse a consolar tantos de seus irmãos espirituaes que no Collegio Romano summamente o desejavam.

Vendo o Padre Geral, que elle já concluira os negocios que o tinham levado á Lombardia; que passara o inverno, e chegara o tempo commodo para fazer viagem, e tambem solicitado pelo Padre Bernardino Rossignoli, Reitor do Collegio Romano, que o desejava para utilidade espiritual de tantos joveus que lucravam com sua presença e convivencia, ordenou que fosse outra vez chamado a Roma. Encarregou-me o Padre Reitor de lhe annunciar esta determinação, da qual sentiu tanta alegria, que receou que fosse demasiada, e rogou ao Padre Bernardino de Medicis que celebrasse uma Missa, pedindo a Deus, que, no caso de ser para maior gloria sua, elle fosse mortificado neste seu desejo. Tendo, pouco depois, recebido do Padre Geral a mesma ordem de voltar, escreveu a varios cartas affectuosissimas em que exprimia as razões por que tanto gostava de estar em Roma. Em uma, que me escreveu, diz:

Creio que não será difficil persuadir-vos da consolação que sinto com a minha ida para o Collegio Romano, por tornar a ver os padres e irmãos espirituaes de lá, o que

muito desejo; mas, entretanto venho, por meio desta, participar daquella convivencia que em Nosso Senhor espero de novo ter comvosco e com tantos conhecidos nossos, aos quaes vos peço que me recommendeis particularmente, posto que em geral, ex toto corde, mente et animo,

Imagem da SS. Annunciada,
diante da qual costumava S. Luiz fazer oração.
(*E' a unica parte que existe do fresco de* Zuccari, *que se venerava no altar mor da Egreja da Annunciada – hoje incorporada na de S. Ignacio – onde esteve sepultado S. Luiz até á trasladação de 1699*).

me recommendo com o maior affecto a todo o Collegio Romano ».

Tambem ao Padre Gaspar Alpereo, que fora seu companheiro de noviciado, referindo-se á primeira noticia que teve de seu regresso a Roma, escreveu o seguinte: « *Com tanto maior gosto obedecerei logo que for chamado, quanto,* si nobis est patria super ter-

ram, *outra não reconheço senão Roma*, ubi genitus sum in Christo Jesu

Recebida ordem de partir, poz-se a caminho em principios de Maio de 1590. Guardou nessa viagem o mesmo modo de vida que nas outras, com muita consolação espiritual e edificação dos Padres que com elle iam, os quaes até procuravam distrahil-o do profundo meditar, vendo que quasi sempre se conservava em silencio e como que abstracto. Por causa da grande fome que naquelle tempo assolava a Italia, achavam-se pelas estradas e especialmente pelas montanhas que dividem a Toscana da Lombardia, muitos pobres esfaimados. Ao vel-os, disse uma vez um Padre a S. Luiz: *Grande beneficio nos fez Deus, Irmão Luiz, por não termos nascido como estes pobresinhos* Elle, porém, respondeu com presteza: « *Ainda maior nos fez em não termos nascido em terras de Turcos* ».

Parecia a S. Luiz, que os ditos Padres o respeitavam demasiadamente, e, por caridosos, tinham excessivo cuidado com elle; por isso, falando com outro Padre, disse-lhe que de bom grado tomara por companheiros outros que em nada o respeitassem.

Chegado a Sena, teve desejo de commungar na camara de Santa Catharina; para o quê foi lá ajudar á Missa a um Padre da Companhia, commungando com particular sentimento de devoção. No Collegio de Sena, pediu-lhe o Padre Reitor, que fizesse uma pratica aos jovens da Congregação de Nossa Senhora. Elle annuiu e retirando-se ao coro, a orar perante o S. Sacramento, alli sem outros livros, mais que a oração se preparou. Voltando depois ao quarto, notou brevemente o que havia meditado, e fez a pratica com tanto espirito, e efficacia, que, influindo tambem a qualidade de sua pessoa, já bem conhecida daquelles mancebos, ateou

em muitos o desejo de deixarem o mundo, e fazerem-se Religiosos: e foi preciso dar a muitos, que instantemente o pediam, varias copias deste discurso, cujo original, do punho de S. Luiz, ainda hoje conserva por devoção um Padre pregador.

Depois do jantar, Luiz e os companheiros partiram de Sena. Na manhã seguinte emquanto estavam na estalagem da Palha, o rio, dividido em varios braços, por um fortissimo temporal imprevisto engrossou tanto, que, depois de haverem com grande perigo atravessado alguns braços, chegando a um muito maior, S. Luiz, voltando-se para o P. Mastrilli, lhe disse: Padre, não passemos ». Com effeito, dezoito pessoas que, mais animosas que prudentes, tentaram atravessar, morreram quasi todas afogadas. Entretanto S. Luiz, que, sempre em oração, recommendava a Deus a sua sorte e a dos outros, descobriu, a certa distancia, um mancebo que passava desembaraçadamente de uma á outra margem, como se andasse pescando no rio. Vêde, disse, acolá deve estar o vau
A estas palavras, correm todos ao logar indicado, e encontram um vau tão facil e seguro, que nem feito de proposito, com grande pasmo do guia, que apesar de muito pratico, reconheceu ser inteiramente nova aquella passagem, e de perto de quarenta viajantes que, procurando depois o mancebo, não o viram mais. Narrando o facto, assim conclue o P. Mastrilli: « Por isso eu creio que fosse o Anjo custodio do bom Luiz, que nos mostrou o caminho, ou antes, que o abriu... ».

Chegou finalmente a Roma, onde foi acolhido com universal alegria e satisfação pelos Padres e Irmãos do Collegio Romano, que não se fartavam de vel-o, falar-lhe e gosar sua amabilissima e santisima convivencia.

Capitulo XXV.

Da consummada perfeição de S. Luiz.

Sentença é do Sabio, nos Proverbios, que a vida dos justos, á qual chama atalho, é similhante a uma luz resplandecente, que, tendo começado pelos alvores da madrugada, vae augmentando de claridade em claridade até attingir o perfeito dia, quando o sol está a pino. Tal foi a vida de S. Luiz. Começou desde a edade de sete annos a resplandecer pela candidez de sua innocencia, foi sempre crescendo em claridade, porquanto com os annos caminhou de virtude em virtude é adquiriu nova luz e novos merecimentos; chegou finalmente a tanto brilho e a tanto esplendor de santidade, que não só se pode dizer que attingiu o pleno dia, mas ainda que elle mesmo se tornou um luzeiro, que resplandecia no mundo, como dos Philippenses disse o Apostolo. Se até então tal fora, no ultimo anno de sua vida por tal foi reconhecido no Collegio Romano por quantos com elle trataram. Nelle reluziam virtudes consummadas, e via-se que já estava, pelo affecto, mais no ceo do que na terra, e levava uma vida quasi extatica, inteiramente desprendida das cousas do mundo.

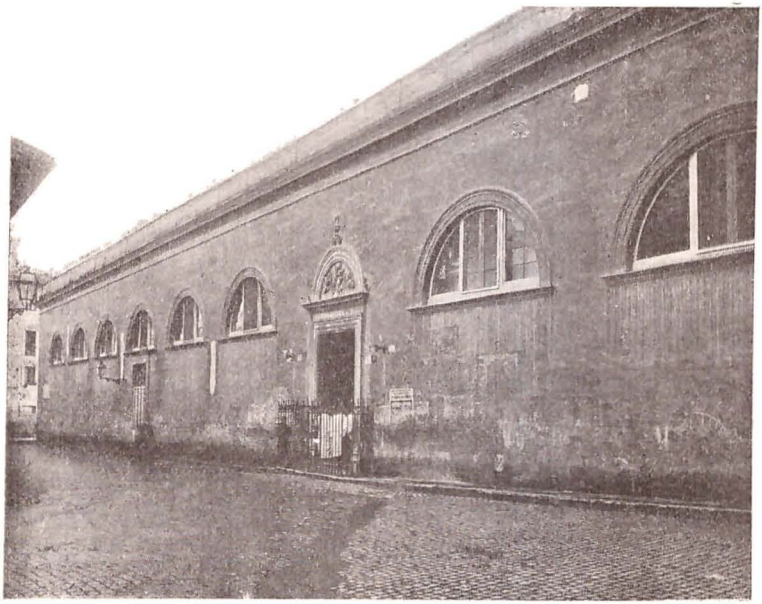
Chegado a Roma, disse-me estas palavras: « *Já enterrei os meus mortos, nem nisto hei mais de cuidar: é*

tempo agora de pensar na outra vida». Pouco depois de chegar, foi ao Padre Reitor do Collegio, e entregou-lhe todos os seus escriptos espirituaes e de Theologia, e entre estes certas especulações muito bellas sobre S. Thomaz, que por si mesmo tinha feito. Perguntando-lhe o Reitor porque se privava daquelles escriptos que elle mesmo havia composto respondeu que o fazia porque lhes tinha um pouco de affecto como a producto de seu engenho, e que, não tendo no mundo outro apego a cousa alguma, se privava delles para ficar inteiramente desprendido de tudo.

Alem disto era chegado a uma subtileza de perfeição, verdadeiramente singular e digna de ser notada e imitada por todo Religioso. Porquanto gostando o homem naturalmente e sentindo complacencia em ver-se singularmente amado e distinguido por pessoas de respeito, especialmente pelos superiores, tomando esta preferencia como um claro testemunho e signal de que com elle estão satisfeitos, e havendo por isso muitos que não só sentem nisto prazer mas até o contam em conversa; S. Luiz, pelo contrario, fugia de ser singularmente amado e distinguido, ainda dos superiores, e se algum lhe dava provas de especial estima não correspondia e até mostrava descontentamento: tão morto se tinha tornado ao amor-proprio, e inimigo de que lhe consagrassem affecto particular. Os superiores, que disto sabiam, de proposito, para dar-lhe gosto, não mostravam tel-o em maior conta, que a todos os outros.

Na conversação, se tinha sido sempre affavel, nos ultimos tempos tornou-se ainda mais ameno e agradavel com todos, e com grande e universal caridade a todos abraçava egualmente e attrahia os

corações. Não é pois de admirar que á porfia o procurassem na recreação, afim de ouvil-o discorrer altamente de Deus, das cousas do Ceo e da perfeição: e sei por ditos de outros e por experiencia propria, que muitos sahiam mais abrazados destas conversas, que da mesma oração. Quando se encon-



Roma - Hospital da Consolação
onde S. Luiz servia aos empestados.

trava a sós com alguns com quem sabia poder abrir-se com confiança, revelava-lhes tão divinos affectos de sua alma, que os deixava attonitos, e lhes fornecia materia para suspirarem e ao mesmo tempo venerarem tão alta communicação com Deus.

Andava sempre em continua presença de Deus, sem della se distrahir jamais; e era tão cheio de amor divino, que, quando sobre este assumpto ouvia ler á mesa, ou discorrer, todo se enternecia intima-

mente, e demonstrava-o no exterior fazendo-se todo de fogo, sem poder articular palavra. Uma vez, entre outras, estando á mesa, e ouvindo ler não sei que trecho sobre o amor divino, sentiu atear-se-lhe interiormente um fogo tão celestial que não poude continuar a comer. Reparando nisto os que estavamos á mesma mesa, não sabendo que tinha, e temendo que se achasse mal, olhavamos attentamente para elle, e perguntámos, se lhe faltava alguma cousa: o santo Irmão, não podendo responder, e vendo-se descoberto, ficou envergonhadissimo: estava com os olhos baixos e cheios de lagrimas, o rosto afogueado, o peito tão dilatado, que receavamos que se lhe rompesse alguma veia; pelo que tivemos grande compaixão delle. Só para o fim do jantar, é que foi pouco a pouco voltando a si.

Alguns, que sabiam disto, costumavam na recreação, metter de proposito conversa sobre a caridade de Deus para com o genero humano, para o ver todo affogueado; outros, pelo contrario, interrompiam intencionalmente taes discursos, para o não verem soffrer, e não lhe causarem damno á saúde. Passeava pela sala e pelos corredores com a alma tão arrebatada, que muitas vezes passei por deante d'elle e o saudei sem que elle o visse. Outras vezes, estando no mesmo logar a rezar o rosario, ou outras devoções suas, ajoelhava-se de vez em quando, e assim ficava algum tempo, levantava-se depois, e d'ahi a pouco tornava a ajoelhar-se; e em quanto que em outros poderia parecer singular fazer em publico taes cousas, nelle a todos parecia bem.

Neste ultimo anno destinou uma hora por dia á leitura de livros espirituaes, e parecia agradar-se dos Soliloquios de Santo Agostinho, da Vida de

Santa Catharina de Genova, da Exposição dos Canticos por S. Bernardo, e em particular daquella epistola intitulada *Ad fratres de Monte Dei,* que se encontra entre as obras do mesmo Santo, da qual tinha tanto conhecimento, que quasi a sabia de cór. Em quanto lia, ia tirando e notando certas subtilezas espirituaes que depois de sua bemaventurada morte achámos escriptas de sua mão.

Quando em Novembro de 1590, estava para começar o quarto e ultimo anno de Theologia, queria o Superior, que acceitasse um quarto só para si; elle, porém, instou por que lhe dessem um pequeno buraco, por assim dizer, que ficava ao cimo de uma escada, velho, ennegrecido, baixo, estreito, com uma janella sobre um telhado, e tão pequeno, que não comportava senão a pobre cama, uma cadeira de pau e um genuflexorio que servia de mesa de estudo. Parecia antes uma estreita masmorra, que um quarto, e por isso não se costumava dar aos estudantes. Visitando-o ahi, um dia, o Padre Reitor, achou-o todo consolado e tão contente com aquelle pequeno tugurio, como se estivesse num grande palacio. Por graça costumavamos dizer-lhe que, assim como Santo Aleixo quizera viver debaixo de uma escada, pobremente, assim elle escolhera ficar por cima de outra, naquelle tugurio.

Em summa, vivia com tanta perfeição, que ninguem podia notar nelle cousa que se pudesse tachar de peccado venial: como diversos superiores, companheiros e condiscipulos seus depuzeram em varios processos. Ainda mais: seu confessor, o Padre Bellarmino, dizia que nunca o ouvira em confissão, que não recebesse alguma particular illustração espiritual. Outro Padre, que, cerca de dous annos,

morou com elle no mesmo quarto do Collegio Romano, depoz com juramento, que, tendo ambos ordem do Padre Reitor para com caridade se avisarem reciprocamente das faltas que notassem um no outro, elle, durante todo aquelle tempo, nunca poude ver, nem descobrir em Luiz cousa alguma, grande ou pequena, que tivesse a menor sombra de falta, comquanto o tivesse sempre deante dos olhos, e com elle conversasse com summa confiança e intimidade.

Era o santo joven muito mortificado em seus affectos, vigilante na guarda dos sentidos, unido com Deus. cheio de zelo pela salvação dos proximos e perfeição dos companheiros e Irmãos; – em uma palavra, era um modelo de perfeição e de santidade, e como tal era tido na Religião e fóra della. Um pregador tinha-o em tanta veneração, e lhe consagrava tanta reverencia, que nunca ousou abordal-o para conversar com elle, nem falar-lhe comquanto tivesse desejo e commodidade de fazel-o.

Poucos mezes antes de adoecer pela ultima vez, sentiu-se consumido do desejo da patria celeste. e discorria de bom grado e a miudo sobre a morte. Entre outras cousas, costumava dizer que, quanto mais vivia, mais lhe crescia a duvida sobre sua salvação, e mais se persuadia de que, se vivesse mais tempo, e lhe viessem com a edade maiores negocios, sendo feito sacerdote, muito mais incerta seria ella. Dava como razão, que os sacerdotes, pelo Officio que recitam, e pela Missa que celebram, hão de dar maiores contas a Deus; e mais ainda os que têm cura de almas, confessam, pregam, administram os sacramentos, e governam aos outros. No estado, porém. em que então se achava, não tendo ainda Ordens sacras.

tinha maior confiança de salvar-se, por não ter an dado mettido em negocios graves, e, por conseguinte não ter a alma seriamente sobrecarregada; por isso dizia que de bom grado acceitaria a morte naquella edade, se Deus fosse servido chamal-o a Si. Fez-lhe Deus esta graça, como vamos contar.

Capitulo XXVI.

De uma grande mortalidade que houve em Roma, e do modo por que se portou S. Luiz durante ella.

Era no anno de 1591, trabalhosissimo por causa de uma mortandade universal em toda a Italia, resultante da grande carestia e da fome, que por toda a parte se faziam sentir. Em Roma, especialmente, morreu muita gente que, com esperança de arranjar esmolas, para lá accorria de toda a Italia. Os Padres da Companhia, tanto com as proprias esmolas, como com as que de outros obtinham, esforçaram-se com todas as suas posses e industr as, para alliviar a commum miseria. Não somente serviram nos muitos hospitaes de Roma, mas em tanta necèssidade o Padre Geral Claudio Acquaviva, que na mesma occasião ajudou pessoalmente o serviço até dos leprosos, quiz que os Padres abrissem um novo hospital, o que se fez.

Nesta occasião, foi assignalada a caridade de S. Luiz, que muitas vezes andou pela cidade pedindo esmola para os pobres enfermos, com tanta alegria, que causava admiração a quantos o viam. Uma vez, em particular, sabendo que chegara a Roma D. João de Medicis, vindo para negociar com o Papa Gregorio XIV que naquelle tempo reinava, S. Luiz, que o conhecera no seculo, e descobrira nelle sentimento das cousas de Deus, pediu ao Padre Provin-

cial licença para ir visital-o com um habito remendado e um alforge ás costas, dizendo que queria fazel-o, primeiramente, para arranjar uma boa esmola para os pobres do hospital, e depois, porque, tendo-lhe aquelle senhor testemunhado sempre particular affeição, lhe parecia ter obrigação de buscar ajudal-o

S. Luiz servindo aos empestados no hospital da Consolação.

(De um antigo quadro a oleo).

espiritualmente, e afim de melhor incutir-lhe o desprezo de todas as cousas mundanas, julgava muito a proposito visital-o com aquelle trajo vil. Obteve licença, e foi; e, conforme depois me contou o mordomo daquelle senhor, conseguiu ambos os fins que tinha em vista, porquanto obteve uma boa esmola para os pobres, e o Principe ficou muito compungido e edificado, falando do caso com muito sentimento.

Alem disso, quiz ir S. Luiz em pessoa servir aos doentes no hospital, e, pondo os superiores difficul-

dade em dar licença, elle, com santa instancia allegando o exemplo de outros que iam, alcançou-a, e foi muitas vezes com alguns companheiros que escolhera. Um destes, por nome Tiberio Bondi, Genovez, foi avisado, não sei por quem, de que havia perigo de contagio, e que visse bem o que fazia; mas elle respondeu que tendo deante dos olhos o exemplo de Luiz, que se havia com tanta caridade, não sabia, nem queria retirar-se, qualquer que fosse o perigo, mesmo de morte. Esse mesmo Tiberio, naquelles dias sentiu-se abrasado de insolito fervor de espirito, a ponto de muitos que antes tinham conversado com elle, e viam tão subita mudança e ardor, ficarem admirados e consolados ao mesmo tempo. Justamente a elle coube a sorte de morrer primeiro daquelle mal, como vamos narrar.

Ia sempre com os Irmãos algum sacerdote para confessar os enfermos, e entre outros foi muitas vezes o Padre Nicolau Fabrini, de Florença, homem muito sabio, cheio de caridade e virtudes religiosas, que era então Ministro no Collegio Romano. Tinha grande intimidade com S. Luiz, e depois, quando Reitor do Collegio de Florença, escreveu todo o occorrido naquelle Hospital e na ultima enfermidade do Santo.

De um lado, causava grande horror o ver tantos moribundos andarem nús, e cahirem mortos pelos cantos e pelas escadas com pestilencial cheiro e asco; mas de outro lado, contemplava-se uma imagem da caridade do Paraiso vendo S. Luiz e os companheiros servindo com grande alegria aos doentes, despindo-os, mettendo-os no leito lavando-lhes os pés, fazendo-lhes a cama, dando-lhes de comer, apparelhando-os para a confissão, e exhortando-os á paciencia. Foi notado pelo sobredito Padre, que S. Luiz se acercava quasi

sempre dos mais nojentos, dos quaes parecia não se poder apartar. Neste exercicio de tanta caridade, o mal, sendo contagioso, transmittiu-se a muitos dos companheiros de S. Luiz, sendo o primeiro a cahir o supra-citado Tiberio Bondi, que logo morreu, não sem uma santa inveja do nosso Santo que, ao vel-o moribundo, disse ao Padre Estevão del Buffalo, hoje lente de Theologia em Padua e então seu condiscipulo: « *Oh! como gostaria de trocar com Tiberio, e morrer em seu logar, se Deus Nosso Senhor me quizesse fazer esta mercê!* » Dando-lhe o Padre não sei que resposta tornou o Santo: « *Digo isto, porque agora tenho alguma probabilidade de estar na graça de Deus, e não sei o que succederá no futuro; assim morreria de bom grado* ».

Ao Padre Roberto Bellarmino, disse por esse mesmo tempo: « *Creio que poucos serão os meus dias* ». E sendo-lhe perguntada a razão, respondeu: « *Porque sinto um desejo extraordinario de trabalhar e servir a Deus, com tal ardor, que não me parece que Deus m'o não daria, se não me houvesse de levar em breve desta vida* ».

Capitulo XXVII.

Da ultima enfermidade de S. Luiz.

Não tardou Deus a ouvir o desejo que S. Luiz tinha de morrer. Posto que os superiores, vendo que muitos dos que serviam no hospital cahiam gravemente enfermos, não quizessem que S. Luiz lá voltasse, elle com santa insistencia tornou a rogar que o deixassem ir, e afinal foi-lhe concedido ir ao *hospital da Consolação*, onde ordinariamente não costuma haver doentes de males contagiosos. Com tudo isto elle quasi immediatamente adoeceu do mesmo mal, que os outros, teve de recolher-se á cama a 3 de março de 1591.

Logo que se sentiu doente, tendo para si que aquella enfermidade seria a ultima – conforme o que sentira em Milão – encheu-se de extraordinaria alegria, deixando-a transparecer no semblante e em todas as suas acções. Aquelles a quem havia confiado a revelação de Milão, daquella grande alegria concluiam que era chegado o tempo de seu passamento por elle tão desejado, como com effeito foi. Sentindo tão grande desejo de morrer, teve receio que pudesse ser excessivo, e, para certificar-se, perguntou-o ao Padre Bellarmino, seu confessor; e assegurando-lhe este, que o desejo da morte para unir-se com Deus não era mau, comtanto que fosse com a devida resignação, e que

muitos Santos antigos e modernos o tinham tido, elle, com muito maior affecto, entregou-se todo aos pensamentos da vida eterna.

Augmentou de tal modo a gravidade do mal, que ao setimo dia o levou ás portas da morte, por

Cardial Roberto Bellarmino da C. de J.
Padre Espiritual de S. Luiz no Collegio Romano.
(De um quadro a oleo).

ser, como se pensava, febre pestilencial. Elle, com grande istancia e devoção pediu os ultimos sacramentos: confessou-se e depois recebeu o Viatico e a Extrema Uncção das mãos do Padre Bernardino Rossignoli, Reitor, respondendo sempre ás orações com grandissimo sentimento de devoção, e pranto

dos circumstantes, que sentiam a perda de tão caro e santo irmão.

Notámos já que emquanto estava são, e fazia tantas penitencias e mortificações, que parecia encurtar a vida, muitos Padres e Irmãos que o tractavam mais familiarmente, pelo amor que lhe tinham o reprehendiam, dizendo-lhe que, se não antes, ao menos na hora da morte havia de ter escrupulo, como se conta de alguns Santos. Elle, para a ninguem deixar esta duvida, tendo recebido em Viatico o Santissimo Sacramento, e estando a camara cheia de Padres e Irmãos, pediu ao Padre Reitor. que dissesse a todos, que elle nenhum escrupulo tinha disso, antes o tinha de não haver feito muitas outras cousas que julgava ter podido fazer, e lhe teriam sido concedidas pela santa obediencia, a qual lhe tirava toda duvida; alem de que elle nunca havia feito cousa alguma por vontade propria, senão sempre com licença dos superiores. Accrescentou ainda que não tinha escrupulo de haver jamais transgredido alguma regra (o que disse para que ninguem ficasse escandalisado ou offendido se o tivesse visto fazer alguma cousa mais que os outros, e fora do ordinario). Estas palavras ainda mais commoveram e enterneceram a todos.

Entrou no quarto o Padre João Baptista Carminata, Provincial, e S. Luiz ao vel-o pediu-lhe licença para disciplinar-se; e respondendo o Padre, que elle não poderia açoitar-se, estando tão fraco, suggeriu elle: « *Ao menos que o Padre Francisco Belmisseri me discipline todo, dos pés á cabeça* ». Respondeu o Padre, que isto se não podia fazer naquella occasião, pois quem o batesse correria perigo de irregularidade. Elle, vendo que tambem isto lhe era

negado, de novo pediu com grande instancia, que ao menos o deixassem morrer no chão, – tão amigo se mostrou sempre, até o ultimo suspiro, da cruz, da penitencia e das mortificações; – mas nem isto lhe foi permittido; e elle se aquietou á vontade da obediencia.

Tinha-se quasi por certo que elle morreria naquelle dia, que era o setimo da doença, e no qual completava vinte e dous annos. Quiz Deus, porem, que o mal se abrandasse e se fosse dilatando, para deixar-nos mais edificados dos exemplos de todas as virtudes, que nos deu estando na cama enfermo.

Por este tempo espalhou-se por Castiglione o boato de que elle tinha morrido, e a Marqueza sua mãe e seu irmão lhe mandaram fazer solemnes exequias. Quando depois chegou a noticia de que elle não estava morto, o Marquez Rodolpho, seu irmão, despedaçou, de alegria, uma cadeia de ouro que trazia ao pescoço, e repartiu os pedaços pelos que se achavam presentes a esta nova.

Capitulo XXVIII.

Como se prolongou a enfermidade e das cousas edificantes que durante ella succederam.

Passada a primeira furia do mal, ficou S. Luiz com uma febresinha ethica, lenta, que pouco a pouco o foi consumindo por espaço de mais de tres mezes, durante os quaes succederam muitas cousas edificantes; mas porque não foi possivel guardal-as todas, em razão da diversidade e multidão das pessoas que o visitavam, darei aqui só algumas que chegaram ao meu conhecimento.

Quando adoeceu foi posto na enfermaria em um leito que tinha um docel de tela grosseira e ordinaria, o qual fora alli posto para um velho enfermo. Luiz pedio licença ao superior para fazel-o tirar afim de ficar num leito o mais pobre possivel, como os outros. Foi-lhe, porém, respondido que o docel não fora alli posto por seu respeito, e que, sendo pobre e grosseiro, não havia perigo de offender a pobreza religiosa, e elle logo se aquietou.

No principio da doença, ordenou o medico a elle e a outro que cahira com o mesmo mal, um mesmo remedio muito ruim de tomar. O outro tratou de beber o mais depressa que poude, para não sentir nauseas, tomando tambem para esse fim outras cousas que disfarçam o gosto, como é costume; S. Luiz, pó-

rém, para mortificar-se, tomou na mão o copo e começou a beber bem devagar, como se fosse um licor saborosissimo, e não deu o menor signal de repugnancia. Tinha o enfermeiro posto em cima de uma mesa no quarto um pouco de assucar candi e uns pedaços de alcaçuz, para dar-lhe de vez em quando por causa do catarro. Pedindo elle um pouco de alcaçuz ao Padre Francisco Belmisseri, perguntou este, porque não pedia antes assucar: « *Porque o outro é mais proprio de pobre* », respondeu.

Estando assim doente, na cama, ouviu dizer que havia perigo de grassar a peste em Roma aquelle anno; e elle, não só se offereceu ao superior para ir servir aos empestados, se sarasse, mas ainda, sendo um dia visitado pelo Padre Geral, pediu-lhe licença para disso fazer voto, e, tendo-a alcançado, fel-o, com muito gosto seu, e com edificação dos que o souberam, e notaram neste acto sua grande caridade.

Foram varias vezes visital-o, nessa enfermidade, os Cardeaes della Rôvere e Scipião Gonzaga, seus parentes, com quem S. Luiz falava sempre de cousas espirituaes e da vida bemaventurada, com grande edificação dos mesmos senhores. Dizendo-lhes o Padre Reitor que não precisavam de se incommodar, pois elle lhes faria saber como estava o Irmão Luiz, responderam que não podiam deixar de vir, porque destas visitas tiravam grande proveito para as suas almas. Com o Cardeal Scipião, em particular, que por ser gottoso se fazia trazer em braços, e parecia não poder apartar-se-lhe do leito, poz-se S. Luiz uma vez a discorrer sobre sua morte que se ia approximando, e sobre a grande graça que Deus lhe fazia em chamal-o a Si naquella edade juvenil; e o bom Cardeal o estava ouvindo com grande ternura pelo affecto que lhe tinha. Entre outras

cousas, disse-lhe S. Luiz, que tinha obrigação de reconhecer Sua Senhoria Illustrissima por pae e pelo maior bemfeitor que tinha na vida, pois, depois de tantos impedimentos e contrastes, tinha por seu meio entrado na Religião. O Cardeal, commovido até ás lagrimas, respondeu que era elle quem lhe devia ser grato, e que, não obstante a differençade edade, o reconhecia por seu pae e mestre espiritual, e lhe declarou de quanto proveito e consolação espiritual lhe haviam sido sempre suas palavras e exemplos. Partindo depois, todo commovido, disse aos que o acompanhavam, quão grande pezar sentiria se morresse aquelle santo joven, affirmando que nunca lhe falara sem ficar com uma quietação de animo extraordinaria, e que o tinha pelo mais ditoso homem da Casa Gonzaga.

Estava, pelo mesmo tempo, doente o Padre Luiz Corbinelli, Florentino, ancião com quem S. Luiz tinha boa correspondencia de caridade; e muitas vezes mandavam visitar-se um ao outro. Peiorando cada vez mais o Padre, oito dias antes de morrer pediu com muita instancia ao enfermeiro que lhe levasse ao quarto S. Luiz, que, por sua indisposição, não se podia já ter em pé; e isto desejava o Padre porque o tinha em conta de Santo. Cumpriu-lhe o enfermeiro a vontade: vestiu Luiz, e levou-o em braços á cella do Padre. Não se pode exprimir a consolação que desta visita recebeu o bom velho, e quanta ternura e devoção sentiu ao vel-o. Depois de discorrerem juntos por algum tempo, animando-se mutuamente á paciencia e resignação ao beneplacito divino, disse o ancião: « Irmão Luiz, eu provavelmente morrerei sem vos tornar a ver, por isso quero pedir-vos uma graça que não me haveis de negar e é que antes de partirdes

me deis a vossa benção ». Ficou S. Luiz attonito e mortificado com tal pedido, e disse que isso não convinha, antes devia ser tudo ao contrario, porque o Padre era velho e elle moço, sacerdote e elle não, e ao maior toca dar a benção. O velho, pela devoção que tinha ao santo joven, instou de novo, que o não deixasse desconsolado naquella hora extrema, e pedin ao enfermeiro, que o não levasse do quarto, em quanto lhe não concedesse a mercê pedida. O prudente mancebo sentia repugnancia, mas afinal, persuadido pelo enfermeiro achou um alvitre para não descontentar o bom velho, e ao mesmo tempo conservar sua humildade. Levantando a mão, fez sobre si proprio o signal da Cruz, dizendo alto estas palavras: « *Deus Nosso Senhor nos abençôe a ambos* » ; e tomando agua benta aspergiu o Padre dizendo: *Meu Padre, Deus Nosso Senhor encha Vossa Reverencia de sua santa graça, e de quanto deseja para sua gloria. Peça por mim* Com isto ficou o Padre extremamente consolado e satisfeito, e o Santo tornou para a sua camara.

D. Martha - Marqueza de Castiglione, mãe de S. Luiz.
(De uma gravura antiga).

Outro signal de devoção para com S. Luiz deu o bom Padre, dizendo na hora da morte ao enfer-

meiro, que desejava absolutamente ser posto na mesma sepultura, em que o fosse o santo joven, apezar de ser esta diversa da dos sacerdotes; e assim se fez por ordem dos superiores.

Contam alguns, que S. Luiz predisse que o Padre morreria antes delle, como aconteceu, pois falleceu na vigilia de Pentecostes perto da meia noite, vinte dias antes do feliz transito de S. Luiz a melhor vida. Estava o dito Padre em um quarto assás distante do delle, e em um corredor diverso, sem que o Santo soubesse que elle estava para morrer naquella noite. Comtudo appareceu-lhe o Padre tres vezes, como elle proprio contou na manhã seguinte ao enfermeiro. Entrando este cedo na camara para abrir-lhe as janellas, e visital-o, como de costume, e perguntando-lhe como passara a noite, respondeu S. Luiz as seguintes palavras: « *Passei extraordinariamente mal, e quasi continuamente atormentado por sonhos penosos e extravagantes, ou antes por apparições. Tres vezes vi o bom Padre Corbinelli todo afflicto; a primeira vez, disse-me: – Irmão, é tempo agora de recommendar-me a Deus de todo coração, para que Se digne conceder-me a paciencia e fortaleza necessarias no grave e perigoso transe em que me vejo, pois, sem especial auxilio de Sua Divina Majestade, não me basta o animo, para ser forte como devo. – Despertei, e, tomando tudo por sonho, disse commigo mesmo: – Melhor farias em dormir, e deixar-te de tolices. – Pouco depois, apenas conciliei de novo o somno, appareceu-me o mesmo Padre, pela segunda vez, e supplicou-me mais instantemente ainda, que o ajudasse com fervorosas orações, porque a intensidade do mal se lhe estava tornando quasi intoleravel. Torno a despertar, censuro de novo a minha leviandade, e tomo a resolução de pedir, ao ama-*

nhecer, uma penitencia pela minha negligencia em obedecer ao medico e aos superiores, que me mandaram que procurasse repousar. Eis que, mal adormeço de novo, me apparece pela terceira vez o Padre, dizendo-me: – Irmão carissimo, estou já no momento extremo desta vida miseravel; rogae a Deus, que o meu passamento seja ditoso, e que, por sua misericordia, me receba na gloria da outra, onde, em paga, não me esquecerei de rogar por vós. Com isto acordei, e não me foi possivel pregar olho durante todo o resto da noite; ficando attonito destas apparições, e reflectindo profundamente sobre ellas ». O enfermeiro, ouvindo isto, dissimulou, como se nada fosse, e procurou animal-o, dizendo, que haviam sido sonhos e fantasmas, e que o Padre Corbinelli estava bem; que não se affligisse, e tratasse de repousar um pouco. Não descobriu que o Padre tinha morrido, nem S. Luiz replicou naquella hora, mas em outra occasião mostrou ter sabido com certeza não só que o Padre era morto, mas que fora para o Ceo. Com effeito, perguntando-lhe o Padre Roberto Bellarmino, que pensava daquella alma, e se tinha para si, que estava no Purgatorio, respondeu com grande segurança estas palavras: *Passou apenas pelo Purgatorio* Por esta resposta, entendeu o Padre que elle o tinha sabido por divina revelação, pois sendo S. Luiz, por natureza, extremamente considerado no falar, e reservado em affirmar cousas duvidosas, não teria tão resolutamente dito a seu confessor, que apenas passara pelo Purgatorio, se de Deus não houvera tido segura revelação.

Tratámos todos nós, por esse tempo, com varias razões, de persuadir-lhe que seria bom que pedisse a Deus lhe prolongasse a vida, assim para adquirir maiores meritos, como para trabalhar em bem do pro-

ximo e serviço a Religião. Elle, porém, a todos respondia: *Melius est dissolvi* », e isto dizia com tanto sentimento e affecto, e com tal serenidade no rosto, que bem se conhecia não ter outro motivo este seu desejo, senão a vontade de unir-se quanto antes a Deus, inseparavelmente.

Capitulo XXIX.

Duas cartas que durante sua enfermidade escreveu á Senhora Marqueza, sua mãe.

Nesta sua enfermidade, escreveu S. Luiz duas cartas á Marqueza sua mãe; a primeira dictou-a quasi no principio do mal, depois de passada aquella primeira furia em que esteve para morrer: nesta, depois de têl-a consolado e exhortado á paciencia nos trabalhos, accrescenta o seguinte:

Ha um mez estive para receber de Deus Nosso Senhor a maior mercê que poderia receber, isto é, a morte em sua graça (como esperava). Já tinha recebido o Viatico e a Extrema-Uncção; mas o Senhor foi servido differil-a, preparando-me a ella entretanto por uma febre lenta que me ficou. Não sabem os medicos em que dará; mas vão-me receitando remedios para a saúde corporal; quanto a mim, prefiro pensar que Deus Nosso Senhor me quer conceder mais perfeita saúde, do que a podem dar os medicos; e assim vou indo alegremente, na esperança de ser dentro em poucos mezes chamado por Deus Nosso Senhor da terra dos mortos á dos vivos, e da companhia dos homens, cá em baixo, á dos Anjos e Santos do Ceo; finalmente, da vista destas cousas terrenas e caducas, á vista e contemplação de Deus, que é o Summo Bem.

Isto póde ser motivo de muita consolação para Vossa Senhoria Illustrissima, porque me ama e deseja o meu bem. Peço-lhe que ore e faça com que os Irmãos da Doutrina Christã orem tambem, para que no pouco tempo de travessia que me resta no mar deste mundo, Se digne Deus Nosso Senhor, por intercessão de seu Unigenito Filho, de sua Mãe Santissima e dos Santos Nazario e Celso, submergir minhas imperfeições no Mar Vermelho de sua sacratissima Paixão, afim de que eu, livre dos inimigos, possa ir ver e gosar a Deus na Terra da Promissão. O mesmo Deus console a Vossa Senhoria Illustrissima. Amên.

A segunda carta, mais longa, escreveu pouco antes de sua morte, quando já por revelação (como se dirá) sabia ao certo o dia em que havia de morrer e ir para o Ceo; e nesta assim se despede:

Illustrissima Senhora e Mãe, a quem muito venero em Christo.

Pax Christi.

A graça e consolação do Espirito Santo seja sempre com Vossa Senhoria Illustrissima.

A carta de Vossa Senhoria Illustrissima achou-me ainda vivo nesta região de mortos, mas bem perto de ir louvar a Deus para sempre na terra dos vivos. Pensava eu, que a estas horas já tivesse atravessado este passo; porém a violencia da febre, – como escrevi da outra vez – no maior auge e fervor, diminuiu um pouco, e me foi trazendo lentamente até o dia glorioso da Ascensão. Desse tempo para cá, reforçou-se com um forte catarro que me acommetteu o peito; de modo que pouco a pouco me vou aviando para receber os doces e caros amplexos do Pae Celeste, em cujo seio espero poder repousar com segurança e para sempre. Assim se conciliam as di-

versas noticias chegadas a essas bandas a meu respeito, como tambem escrevo ao Senhor Marquez.

Ora se a caridade, como diz S. Paulo, faz chorar com os que choram, e alegrar-se com os que estão alegres, grande deve ser o jubilo de Vossa Senhora Illustrissima, Senhora Mãe, pela graça que Deus lhe faz em minha pessoa, levando-me Deus Nosso Senhor ao goso verdadeiro, com a certeza de nunca mais perdel-o.

Confesso a Vossa Senhoria Illustrissima, que me perco e abysmo na consideração da bondade divina – pelago sem margens e sem fundo – que me destina um repouso eterno por tão pequenos e breves trabalhos; me convida e chama do Ceo á posse daquelle Summo Bem que tão negligentemente busquei, e me promette o fructo daquellas lagrimas que tão escassamente semeei.

Veja Vossa Senhoria Illustrissima, e tome cuidado de não fazer injuria a essa infinita bondade; como faria, sem duvida, se chorasse como morto a quem vae viver deante de Deus, para ajudal-a com suas orações muito mais do que o fazia na terra. Não será longo este apartamento: lá em cima nos tornaremos a ver e gosaremos, sem mais separação, unidos a nosso Redemptor, louvando-o com todas as forças, e cantando eternamente suas misericordias.

Não tenho a menor duvida de que, desprezando o que dictam as razões do sangue, com facilidade abriremos a porta á fé e áquella simples e pura obediencia que devemos a Deus, offerecendo-lhe espontanea e promptamente o que é seu, e com tanto maior prazer, quanto a cousa que se nos tira nos era mais cara; tendo por certo que tudo que Dens faz é bem feito, e que, se leva aquillo que nos tinha dado, não é por outra razão, senão para pol-o em logar livre e seguro, e dar-lhe o que todos quizeramos para nós.

Escrevi tudo isto apenas para satisfazer o desejo que nutro, de que Vossa Senhoria Illustrissima, com toda a familia, receba como grata mercê esta minha partida, e com sua benção materna me acompanhe e ajude a passar este gólfão e chegar ao porto de todas as minhas esperanças; e de tanto melhor vontade o fiz, quanto não me resta outro meio de dar qualquer demonstração do amor e filial reverencia que lhe devo. Termino, pedindo-lhe de novo humildemente a benção.

Roma, 10 de Junho de 1591

De Vossa Senhoria Illustrissima

Filho obedientissimo em Christo.

Luiz de Gonzaga.

Capitulo XXX.

Do modo com que se preparou para a morte.

É tempo agora de narrar quão christã e santamente se dispoz S. Luiz para a ultima viagem da terra ao Ceo.

Em toda a sua longa e grave enfermidade, durante a qual, apezar dos muitos cuidados que lhe dispensavam, não deixou de soffrer varios incommodos, como geralmente acontece quando as doenças se prolongam, nunca teve o menor movimento de impaciencia, nem nos gestos, nem palavras; nunca deu signal de que lhe desagradava o serviço ou alguma outra cousa que lhe fizessem os enfermeiros: comtudo é na enfermidade, mais que em qualquer occasião, que se costumam descobrir as paixões do homem. Conservou sempre grande paciencia e guardou obediencia exacta aos superiores, medicos e enfermeiros, mostrando a todos com o exemplo, como se deve portar um Religioso em suas enfermidades, ainda que graves.

Desde a hora em que cahiu doente até á morte, não quiz mais dar ouvidos a outras praticas senão ás das cousas de Deus e da vida bemaventurada. Para dar-lhe esta justa satisfação, quantos o iam visitar não discorriam em seu quarto senão de cousas pias; e se, por acaso, algum distrahindo-se, se punha

a falar de outro assumpto, S. Luiz recolhia-se todo em si mesmo, sem lhe prestar attenção; quando depois se tornava a cousas de devoção, mudava inteiramente, e tomava parte na conversa mostrando não só contentamento, mas uma certa espansão. Dava disto a razão dizendo que, comquanto soubesse que

S. Luiz recebendo o Viatico.

(De um quadro antigo existente na Egreja de S. Ignacio no logar onde morreu S. Luiz).

as cousas indifferentes, ditas com espirito e com a devida prudencia no recreio, não são contra as instituições religiosas, comtudo, naquelle estado em que tinha consciencia de se achar, parecia-lhe conveniente e pensava que Deus pedia delle, que, em todos os seus discursos, não só *o formal* (como elle dizia) fosse espiritual – como sempre deve ser pela recta intenção, que visa á honra de Deus, – mas ainda todo *o material* da pratica; e considerava muito

preciosos todos os momentos que Deus lhe concedia ao cabo de sua vida, e dignos de serem gastos unicamente em cousas de alta valia.

Algumas vezes, pedia a roupeta, e, levantando-se da cama, ia-se aos poucos arrastando até uma mesa, sobre a qual estava um crucifixo, e, tomando-o nas mãos, abraçava-o e beijava-o com grande affecto e reverencia, e o mesmo fazia a uma imagem de Santa Catharina de Sena, e a outras de outros Santos, que havia pelo quarto. Dizendo-lhe um dia o enfermeiro, que não era necessario levantar-se para aquelle fim, porque elle lhe levaria ao leito o crucifixo e as imagens, S. Luiz respondeu: « Irmão, são estas as minhas estações »; e continuou a fazer o mesmo emquanto se poude levantar. Alem disto, durante o dia, quando se via só e com a porta do quarto fechada, levantava-se e punha-se de joelhos, a fazer oração em um canto, entre a cama e a parede, e quando sentia bulir na porta, levantava-se para deitar-se de novo. Por algum tempo o enfermeiro imaginou que elle se levantasse por alguma necessidade, mas afinal, achando-o muito a miudo fora da cama, suspeitou o que poderia ser. Para se certificar entrou um dia tão de mansinho, que o apanhou ainda ajoelhado e lhe prohibiu que o tornasse a fazer: elle córou por ver-se descoberto, e obedeceu á risca.

Tratava, por este tempo, o mais frequentemente que podia com o Padre Roberto Bellarmino, seu confessor, acerca das cousas de sua alma. Uma noite, em particular, perguntou-lhe se julgava que alguem entrasse no Ceo sem passar pelo Purgatorio. Respondeu-lhe o Padre, que sim; e, sabendo quanto se podia esperar da virtude de S. Luiz accrescentou: « E creio que sereis um desses, e ireis direito

para o Ceo sem tocar no Purgatorio; porque, tendo-vos o Senhor Deus, por sua misericordia, feito tantas graças, e concedido tantos dons sobrenaturaes, como me tendes confiado, em particular de nunca o terdes offendido mortalmente, tenho como certo, que vos fará ainda esta graça de irdes direito para o Ceo ». O bom Luiz encheu-se de tanta alegria com esta resposta, que, sahindo do quarto o Padre, foi arrebatado em espirito, e viu representada a seus olhos a gloria da Jerusalem celeste. Neste arrebatamento ou extasis ficou quasi toda a noite, com extraordinaria doçura e consolação de sua alma, e, como depois referiu ao mesmo Padre, pareceu-lhe que aquella noite tinha passado como um momento. Crê-se que nesta occasião lhe foi revelado o dia preciso de sua morte, porque predisse depois claramente a varias pessoas, que morreria na oitava da festa do *Corpo de Deus*, como succedeu; e em particular, ao Padre Antonio Francisco Guelfucci, que o visitava frequentemente, o predisse alguns dias antes da dita festa.

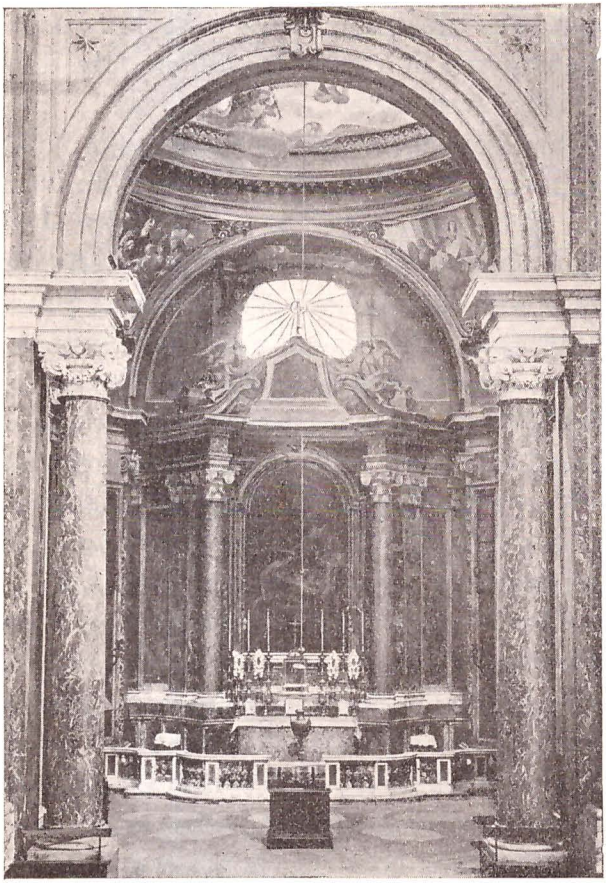
Entretanto aggravou-se o mal de tal modo, que o Padre Vicente Bruno, Prefeito dos enfermos, e muito entendido em medicina, lhe declarou que pouco lhe podia restar de vida. Tendo recebido Luiz esta noticia, disse ao Irmão Francisco Belmisseri: « *Não sabeis a boa nova que me deram, de que vou morrer dentro de oito dias? Por favor, ajudae-me a dizer o* Te Deum, *em acção de graças a Deus por esta mercê que me faz* »; e juntos recitaram o hymno devotamente. Pouco depois, entrando-lhe no quarto o Padre Francisco Suarez, seu condiscipulo, disse-lhe com alegria: « *Padre meu, laetantes imus, laetantes imus* ». Estas palavras, ditas

por elle com tal jubilo, davam aos outros materia para suspirar, e os moviam a lagrimas.

Quiz depois despedir-se por carta de tres Padres muito seus affeiçoados, e eram: o Padre João Baptista Pescatore, que fora seu Mestre de Noviços, e era então Reitor em Napoles; o Padre Mucio de Angelis, que em Napoles ensinava Theologia, e o Padre Bartholomeu Recalcati, Reitor em Milão. A estes tres escreveu, por mão de outrem, que ia (como esperava) para o Ceo, e, saudando-os, recommendava-se ás suas orações; e, porque já não tinha força para assignar, fez que o Padre Guelfucci lhe sustivesse a mão, e em logar do nome fez com a penna uma cruz por assignatura.

Esforçou-se por empregar aquelles ultimos oito dias de sua vida em acções particularmente devotas e religiosas. Primeiramente, communicando a um Padre seu amigo a certeza que tinha de sua morte proxima, rogou-lhe que naquelles derradeiros oito dias fosse todas as noites a seu quarto rezar-lhe os sete psalmos penitenciaes, o que elle fez. Chegada a hora, só, e com a porta do quarto fechada, fazia collocar sobre o leito um crucifixo, e convidava o Padre a que, ajoelhando junto á cama, lesse pausadamente os sete psalmos. Detinha-se o Padre em alguns passos; e entretanto o santo joven conservava os olhos fitos no crucifixo com profundissima attenção, embebendo-se na contemplação do que se lia, e mostrando tanta devoção e sentimento, que fazia ao Padre chorar copiosamente; e tambem a elle lhe brotavam dos olhos com muita suavidade algumas lagrimas. Nas outras horas do dia fazia que diversos lhe lessem alguns capitulos de obras asceticas, como por exemplo, dos Soliloquios de Santo Agostinho, de S. Bernardo sobre os

Cantares; e a miudo o Jubilo da alma, que principia: *Ad perennis vitae fontem;* e alguns psalmos que escolhia, como: *Laetatus sum in his, quae dicta sunt*



Egreja de S. Ignacio - Capella de São José, construida no logar que occupava o quarto onde morreu S. Luiz.

mihi, – *Quemadmodum desiderat cervus ad fontes aquarum,* e outros similhantes.

Começando já a espalhar-se a fama de que tinha predito para aquella oitava sua morte, não havia quem não buscasse occasião de encontral-o só e po-

der com confiança recommendar-se ás suas orações. Elle acceitava com grande promptidão todas as encommendas que lhe davam para o Ceo, e promettia pedir por todos, com muita caridade, e com tanta segurança, que mostrava ter certeza de ir breve para lá. Falava de sua morte, como quem fala de mudar de um logar para outro.

Iam por devoção diversos Padres vel-o e servil-o, entre os quaes foram os mais assiduos o Padre Marcio Fuccioli, Procurador geral, e o Padre Jeronymo Piatti, que morreu dous mezes depois delle. Este, ao sahir uma vez da camara de S. Luiz, prorompeu nestas palavras, endereçadas ao Padre Martinho Martini, que o acompanhava: *Eu vos digo que Luiz é um Santo, Santo com toda certeza, tão santo, que se poderia canonisar ainda vivo* Alludia ás palavras do Papa Nicolau V, que na canonisação de S. Bernardino de Sena, disse de Santo Antonino, Arcebispo de Florença, que estava vivo e presente: *Creio que não é menos digno de canonisação Antonino vivo, que Bernardino morto*».

Para o fim do oitavario, conservou-se quasi sempre em perpetua contemplação, dizendo ás vezes algumas palavras espirituaes, e fazendo a miudo orações jaculatorias. Nos tres ultimos dias, tendo recebido das mãos do Padre Guelfucci um crucifixo com as indulgencias Philippinas, conservou-o unido ao peito até expirar. Fez varias vezes a protestação de fé, com a ordem que prescreve o Ritual, mostrando grande desejo de unir-se com Deus, e dizendo a miudo: *Cupio dissolvi, et esse cum Christo* e palavras similhantes.

Capitulo XXXI.

De sua santa morte.

Chegado o dia da oitava do *Corpo de Deus* pela manhã cedo foi ao quarto de S. Luiz um ajudante do enfermeiro, e, achando-o na mesma, disse-lhe: « Ora vêdes, Irmão Luiz, que estamos ainda vivos, e não mortos, como vós julgaveis e dizieis ». Affirmando porém o Santo, que morreria naquelle mesmo dia, sahiu do quarto, e disse ao enfermeiro: « O Irmão Luiz ainda está firme na sua ideia que ha de morrer hoje, e comtudo a mim me parece, que está melhor, que nos outros dias ».

Da mesma forma, visitando-o um Padre, disse-lhe: « Irmão Luiz, dissestes que morrerieis neste oitavario; é hoje o ultimo dia e vós parece-me que estaes melhor, e que se poderá pensar em viver ». S. Luiz respondeu estas palavras: « *Ainda não passou o dia de hoje* ». Mais claramente o disse ao Padre Francisco Belmisseri, que, entrando na sua camara e achando-o a penar com uma chaga que se lhe tinha formado no calcanhar esquerdo pela extrema magreza, e por ter levado muito tempo deitado sobre aquelle lado, cheio de compaixão, lhe disse que, com quanto sentia muito perdel-o, desejava comtudo que Nosso Senhor o livrasse daquellas penas. A isto respondeu S. Luiz com muita seriedade: « *Morrerei esta noite*

Entrou-lhe no quarto um Padre que poucos dias antes, em presença do Reitor, lhe pedira que, indo para o Ceo, como esperava, recommendasse a Deus um mancebo muito illustre, filho de um Duque, o qual era inspirado por Deus a deixar o mundo, e fazer-se Religioso, e temia que os seus o estorvassem. Luiz promettera fazel-o; ao vel-o de novo, disse: *Olhe que não me esqueci e cumprirei o promettido* ». Depois destas palavras esteve algum tempo ouvindo discorrer ao mesmo Padre sobre a vida bemaventurada e conformidade que devemos ter com a divina vontade, e o quanto devemos desejar que nossos trabalhos sejam acceitos á Sua Divina Majestade, e ainda se esforçou por entremear de vez em quando alguma palavra.

Não muito depois, chegando-se ao leito o enfermeiro, pediu-lhe S. Luiz, que o sepultassem na mesma sepultura em que estava o corpo do Padre Corbinelli; e, como não era costume pôr no mesmo logar os que morriam immediatamente um depois do outro, elle, para induzil-o ao que desejava, deu-lhe como razão desta ultima vontade, o ter-lhe o Padre apparecido tres vezes, confirmando assim a visão que tivera. Replicando o enfermeiro, que elle não parecia estar para breve, tornou a repetir duas vezes: « *Morrerei esta noite, morrerei esta noite* ».

Levou toda a manhã a fazer com muita piedade varios actos de fé, de petição e adoração. Perto do meio-dia, começou a instar que se lhe desse o Viatico, que já havia pedido desde o principio do dia, mas os enfermeiros, que não cuidavam que morresse, não lhe davam ouvidos. Vendo, porém, que continuava a instar, disseram-lhe que, tendo-o elle já recebido uma vez naquella enfermidade, não pensavam que o pu-

desse receber de novo; ao que S. Luiz respondeu: O oleo santo não, mas a Communhão sim ». Comtudo os enfermeiros por então nada fizeram.

Estando elle nestes termos, o Papa Gregorio XIV, que provavelmente pelos Cardeaes seus parentes, soubera de sua longa enfermidade, perguntou por elle; e, tendo sabido que estava para deixar esta vida, mandou-lhe espontaneamente sua benção e a indulgencia plenaria. Levou esta nova ao Santo o Padre Ministro do Collegio, e elle, que era humillimo, assim como se alegrou de receber aquella benção e indulgencia, assim, ouvindo dizer que o Papa se lembrara delle, ficou tão envergonhado que escondeu o rosto com as mãos. Reparando n'isto o Padre, para livral-o da vergonha, disse-lhe que não se admirasse porque o Papa por acaso tinha ouvido não sei quê acerca de sua perigosa enfermidade, e por isso se tinha lembrado de mandar-lhe a benção.

A' tarde, vindo de Santo André visital-o o Padre João Baptista Lambertini, que fora seu companheiro de noviciado, pediu-lhe S. Luiz, que fizesse com que o Padre Reitor do Collegio lhe levasse o Viatico; e elle assim fez. Com o mesmo Padre quiz rezar a ladainha do Santissimo Sacramento; e respondeu sempre com voz clara. No fim agradeceu-lhe com semblante alegre mais que de costume, e um sorriso nos labios. Levou-lhe o Padre Reitor o Viatico, do que elle muito se alegrou; e recebeu-o com grandissima devoção e sentimento, e com firme certeza de ir em breve gosar do mesmo Senhor, face a face, no Paraiso. Ao vel-o nesse acto, e ouvir as palavras – *Accipe, frater, Viaticum,* – e o mais que se segue, commoveram-se e choraram todos os que se achavam no quarto.

Depois do Viatico, quiz o santo joven abraçar

todos os presentes, com grande caridade e alegria; como se costuma fazer na Companhia quando algum vae ou vem de longe; e, fazendo-lhe cada um as ultimas despedidas, não havia quem pudesse conter as lagrimas, nem separar-se delle. Todos com ternura e grande magoa o miravam e remiravam, recommendando-se ás suas orações. Entre estes um, com quem S. Luiz sempre tivera boa correspondencia de especial caridade e amor, disse-lhe em particular, que esperava que elle fosse gosar em breve a visão beatifica, e por isso lhe rogava que se lembrasse delle, como sabia que sempre o fizera em vida, e lhe perdoasse, se com suas imperfeições o tivesse alguma vez offendido. S. Luiz respondeu com muito affecto, que confiava na infinita misericordia da bondade divina, no precioso Sangue de Jesus Christo, e na intercessão da Santissima Virgem, que assim aconteceria muito breve; prometteu-lhe que se lembraria delle, e disse-lhe que estivesse certo de que, se elle o tinha amado na terra, muito mais o amaria no Céo, onde a caridade é incomparavelmente mais perfeita. Estava com os sentidos tão perfeitos, e falava tão desembaraçadamente e a proposito, que não parecia verosimil que em tão pouco tempo houvesse de morrer.

Nessa mesma hora, entrou-lhe no quarto o Padre Provincial, e disse-lhe: «*Então que fazemos Irmão Luiz? – Estamos de caminho, Padre;* respondeu: – *E para onde? – Para o Céo. – Como, para o Céo?* tornou o Padre. – *Sim,* ajuntou elle; *se o não impedirem meus peccados, espero da misericordia de Deus ir para lá* ». – Então o Padre Provincial, voltando-se para os presentes, disse em voz baixa: « Ouvi, por caridade: fala em ir para o Céo, como nós falariamos em ir a Frascati. Que ha-

vemos de fazer a este Irmão? Pol-o-emos em sepultura commum, como aos outros?» Ao que lhe foi respondido que, por sua santidade, parecia conveniente fazer com elle uma excepção.

Ao cahir da tarde, estava-o eu assistindo junto ao leito, sustentando-lhe a cabeça com a mão para allivial-o. Elle, entretanto, contemplava fixamente um pequeno crucifixo que lhe haviam posto sobre o leito, e ao qual estava annexa indulgencia plenaria para quem orasse diante delle em artigo de morte. Estando assim, eis que de repente ergue a mão, e tira o solideo que tinha na cabeça. Eu, vendo nisto um movimento de pessoa moribunda, tornei-lh'o a pôr, sem dizer palavra. D'ahi a pouco, tirando-o elle outra vez, eu de novo lh'o puz na cabeça, dizendo: « Irmão Luiz, deixae-o ficar, para que este ar da noite não vos faça mal á cabeça ». Elle, porém, acenando-me com os olhos para o crucifixo, disse: *Christo, quando morreu, não tinha nada na cabeça* ». Estas palavras moveram-me á devoção e, ao mesmo tempo, á compuncção, por ver como até naquelle ponto não pensava em outra coisa que em imitar a Christo crucificado.

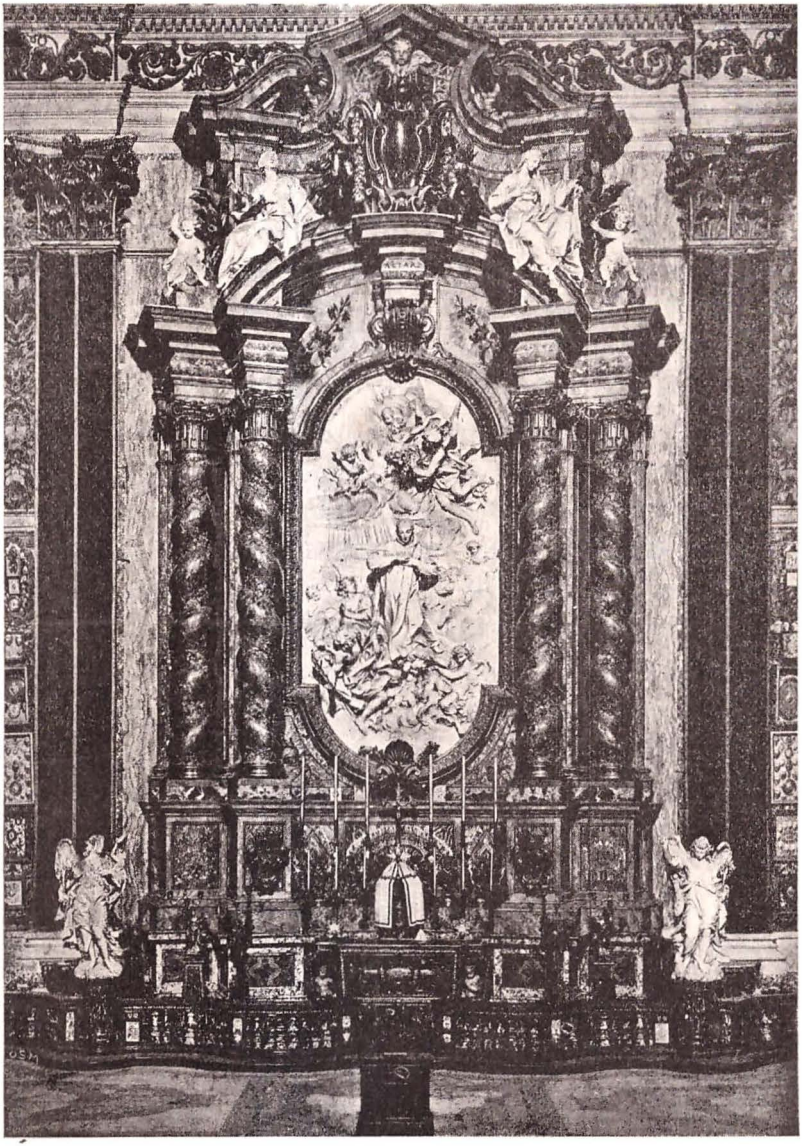
A's Ave-Marias, começando-se a tratar em sua presença de quem lhe havia de assistir durante a noite, elle, comquanto todo entregue á contemplação, disse duas vezes ao Padre Guelfucci: « *Assisti-me, vós* »; e porque tinha promettido ao Padre Francisco Belmisseri, que desejava presencear o seu transito, avisal-o, disse-lhe em cumprimento da promessa:

Vêde se podeis ficar tambem

Passada coisa de uma hora, estando quasi inteiramente cheio de gente o quarto, e vendo-o o Padre Reitor falar tão expeditamente, apezar da predicção

não acreditava que morresse aquella noite, antes pensava que durasse ainda alguns dias, como acontece muitas vezes aos que têm febres similhantes. Por isso, ao sahir, ordenou que os mais se retirassem tambem e fossem repousar, e por muito que por diversos fosse rogado, a nenhum quiz dar licença de ficar, dizendo que Luiz não morreria tão depressa, e que elle, se acreditasse na possibilidade do contrario, seria o primeiro a ficar; e ordenou que o Ministro, que era naquelle tempo o Padre Nicolau Fabrini, e o Padre Guelfucci o assistissem. Bem se pode imaginar com que ternura e pezar nos separámos todos de um Irmão tão amado, tendo por certo que o não haviamos de tornar a ver vivo. Elle, conhecendo nossa dor, consolava-nos a todos com a promessa de que se lembraria de nós, no Céo: pediu-nos que o ajudassemos naquelle transe derradeiro com as nossas orações, e a alguns indicou varias cousas que desejava que por elle fizessem logo depois de sua morte. Deste modo, com as lagrimas nos olhos, o deixámos todos, constrangidos pela vontade da obediencia.

Com elle ficou, alem dos dous Padres acima ditos, o Padre Bellarmino que disse a S. Luiz, que, quando lhe parecesse tempo, o avisasse, para fazer a encommendação da alma. Elle respondeu que o faria; e pouco depois disse: « *Padre, agora é tempo* ». Ajoelhou-se o Padre, e, com os outros dous, encommendou-lhe a alma. Feito isto, parecendo que elle poderia chegar ao dia seguinte, pediu o Ministro ao Padre Bellarmino, que fosse descansar; dizendo tambem o enfermeiro, que podia ir socegado, que o doente não morreria naquella noite, e que, se por acaso o visse perto de morrer, o chamaria, o Padre retirou-se.



Egreja de S. Ignacio – Capella e altar de S. Luiz Gonzaga.

Ficando S. Luiz com os dous Padres, esteve sempre com o coração e o espirito enlevados em Deus. De vez em quando, dizia algumas palavras da Sagrada Escriptura, como: « *In manus tuas, Domine, commendo spiritum meum* » e outras similhantes. Conservou sempre a mesma serenidade de semblante, emquanto os que o assistiam rezavam por elle varias orações, e lhe davam ora agua benta, ora o crucifixo a beijar, suggerindo-lhe ao mesmo tempo algum bom pensamento.

Chegando a ultima agonia, pela cor livida da face, coberta de gottas de suor, conheceram que soffria muito; ouviram-no com voz quasi extincta pedir que o virassem para outro lado, porque por tres dias seguidos ficara na mesma posição; mas receando apressar-lhe a morte, e conhecendo proceder o pedido mais do instincto da natureza, que da eleição da vontade, não o quizeram tocar, e lembraram-lhe o leito duro e estreito em que Christo Nosso Senhor com tanto incommodo e dor morreu por nós. A esta lembrança, elle fitou os olhos no crucifixo, e, posto que com palavras não poude exprimir seu sentimento, com o gesto significou que quizera padecer ainda mais por amor de Deus e como que ordenando a si mesmo, que se aquietasse, deixou-se estar.

Vendo os Padres, que elle não podia já falar, nem mexer-se, metteram-lhe na mão uma vela benta, e elle, em signal de perseverança na fé, apertou-a, e, d'ahi a pouco, segurando-a e esforçando-se por invocar o santissimo Nome de Jesus, por ultimo movendo apenas ligeiramente os labios, das dez para as onze da noite, com grandissima paz, entregou a alma a seu Creador. Obteve assim a graça que tanto tinha desejado, de morrer ou dentro do oitavario do Santissimo Sacramento, de que fora sempre devotis-

simo, ou numa sexta-feira, por memoria e devoção á Paixão do Salvador. Passou desta á outra vida justamente no fim do oitavario do Santissimo Sacramento, quando já começava a sexta-feira, na noite de 20 para 21 de Junho de 1591, tendo de edade vinte e tres annos, tres mezes e onze dias.

Nessa mesma edade de vinte e tres annos e alguns mezes morreu outro S. Luiz, filho de Carlos II, rei da Sicilia, o qual foi Frade Menor de S. Francisco, e depois Bispo de Tolosa; com elle teve o nosso S. Luiz em varias virtudes não pequena similhança.

Capitolo XXXII.

Das exequias, sepultura e primeiras trasladações do corpo de S. Luiz.

Pareceu aos dous Padres que estavam presentes á morte do Santo, que tinham recebido de Deus uma grande graça, por terem sido escolhidos entre tantos que desejavam assistir ao bemaventurado transito de tão santo joven, e principalmente porque elle, antes de morrer, lhes promettera recommendal-os sempre a Deus, emquanto vivessem. O Padre Ministro ficou com uma quietação de animo e consolação grandissima. O Padre Guelfucci, seu companheiro, foi tomado de insolita devoção, contrição e desejo de servir a Deus segundo os conselhos de S. Luiz; e este affecto, acompanhado de muitas lagrimas, durou-lhe por muitos mezes e annos, não com a mesma intensidade, senão ora mais, ora menos, segundo a occasião. Desejando elle por devoção ter alguma reliquia do Santo, mas, ao mesmo tempo, não ousando, por reverencia á pessoa, tomar-lhe alguma cousa que tivesse no corpo, tirou e ainda conserva, ao escrever eu estas linhas, os cordões de seus sapatos, as pennas com que escrevia, e cousas similhantes.

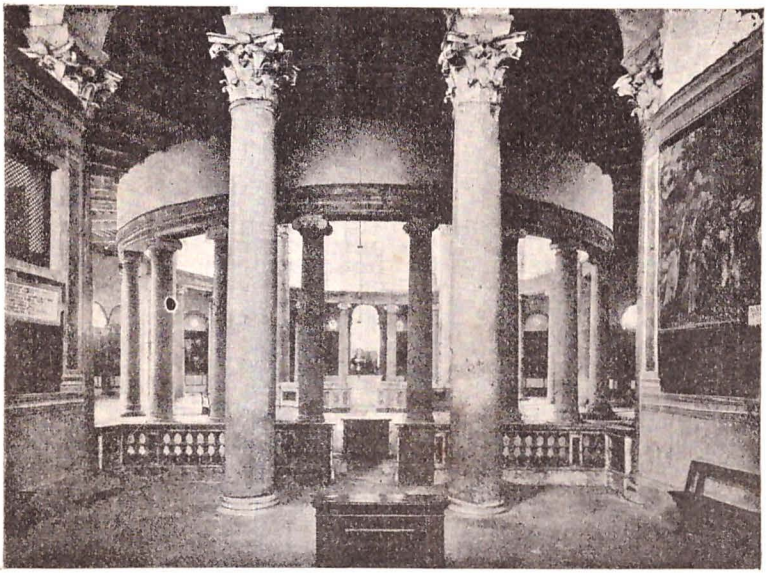
Vieram depois os enfermeiros lavar e amortalhar o corpo, e, levantando o cobertor da cama

em presença dos sobreditos Padres, viram que o Santo tinha sobre o peito aquelle crucifixo de bronze, de que falámos, e assim o conservara durante tres dias. Ao despir o corpo, acharam que tinha nos joelhos grandissimos callos, pelo costume, que desde a infancia tomara, de fazer oração sempre ajoelhado. Alguns, por devoção, cortaram pedacinhos desses callos como reliquias, e ainda hoje os conservam. Um dos enfermeiros, persuadido por alguns devotos, começou a cortar-lhe um pedaço da carne, mas depois faltou-lhe o animo, e tomou-lhe apenas da pelle, com a qual affirma ter sarado um enfermo.

Apenas expirou o Santo, um dos Padres foi annuncial-o aos seus mais intimos, dizendo-lhes: « Voou para o Ceo o nosso Anjo ». Elles, levantando-se e accorrendo cheios de devoção, parte se recommendavam á sua intercessão, porque tinham por certo, que estava em logar de salvação; parte tambem rezavam por sua intenção as orações que elle, antes de morrer, amigavelmente lhes tinha pedido.

Na manhã seguinte, 21 de Junho, apenas foi dado signal de levantar, encheu-se de gente a camara em que estava o santo corpo. Todos se punham de joelhos, rogando uns a Deus por elle, e muitos mais recommendando-se a elle. Diversos, á porfia, tomaram-lhe por devoção os sapatos, uma camisa, uma camisola, e outros objectos de seu uso, e cortaram-lhe as unhas, os cabellos e até da propria carne. Foi depois levado o corpo á capella domestica, no interior do Collegio, onde muitos iam vel-o; e varios conhecidos seus, que sempre tinham tido horror de ver, quanto mais de tocar defuntos, por devoção chegavam-se ao esquife, e abraçando-o e beijando-o o chamavam repetidas vezes: *Santo*, *Santo*.

Pela manhã, tanto no Collegio, como nas outras casas da Companhia em Roma, todas as Missas foram ditas em suffragio de sua alma, posto que na maior parte o faziam mais por observar o costume da Religião, que por cuidarem que tivesse necessidade. Não se poderá dar a entender aos que não se acharam



Roma - Egreja de "S. Stefano Rotondo"
onde se queimam os memoriaes depostos sobre o tumulo de S. Luiz no dia da sua festa.

presentes, o abalo que causou esta morte em todos no Collegio. Não sabiam falar senão de sua virtude e santidade, contando qual uma cousa, qual outra das muitas que nelle haviam notado; e muitos falavam mais com o affecto, que com as palavras, lamentando em seu coração haverem ficado privados de tão preciosa joia, e perdido naquelle dia tão santo companheiro.

A tarde, devendo-se fazer o Officio, foi tirado

o santo corpo da capella, e levado a uma grande sala onde estavam juntos todos os Padres e Irmãos: e não sendo costume beijar a mão senão aos sacerdotes, a S. Luiz, que só tivera ordens menores, foram todos, em attenção á sua santidade, até os sacerdotes, beijar-lh'a, um a um, antes de o levarem á egreja. Cumprida esta devoção, foi conduzido em procissão o corpo á egreja da Annunciada do Collegio, onde foi cantado o Officio de defuntos, como é costume. Depois do Officio, foi tão grande o concurso de estudantes de fora, e de outras pessoas que se chegavam ao esquife para venerar os santos restos, e tomar de suas reliquias, que os Padres já não podiam resistir; e foi necessario para impedil-o, fecharem as portas da egreja. Nessa occasião cortaram-lhe parte do cabello, das unhas, da camisa, e batina, as pontas dos dedos e duas articulações do dedo minimo da mão direita. Entre essas pessoas estavam o Illustrissimo D. Francisco Diactristano, depois Cardeal da Santa Egreja, Bento e Philippe Caetano, Julio Orsini, D. Maximiliano Pernestano, Barão da Bohemia, que morreu depois camareiro secreto do Papa Clemente VIII, e outros.

Quando se houve de metter o corpo, na sepultura foi parecer dos mais graves Padres da Companhia, e em particular do Padre Roberto Bellarmino, que convinha não o sepultar como aos outros, mas em algum ataúde á parte; porque, tendo elle vivido com singular santidade, se cuidava que Deus Nosso Senhor não deixaria de glorifical-o tanto mais depois de sua morte, quanto mais elle se tinha sempre escondido em vida.

Não sendo, porém, costume na Companhia por em ataúdes os corpos dos que morrem, mas simples-

mente dentro da sepultura, o Padre Reitor mandou o Ministro ao Gesù pedir o parecer ao Padre Lourenço Maggio, que naquelle tempo era Assistente de Italia. Este, tendo consultado o Padre Geral, mandou dizer que o encerrassem num ataúde, e que o Padre Geral de tanto melhor vontade dispensava do costume commum, quanto melhor conhecia a santidade do mancebo. Por aqui, se póde ver em que alto conceito de santidade era tido desde esse tempo, pois com elle se usava desta desacostumada particularidade de enterral-o como Santo. Collocado o corpo em um caixão de madeira feito para esse fim, foi sepultado na egreja da Annunciada do Collegio Romano, na capella do Crucifixo, que fica á mão esquerda de quem entra na egreja pela porta principal, no tumulo que dá para a rua, do lado do Evangelho.

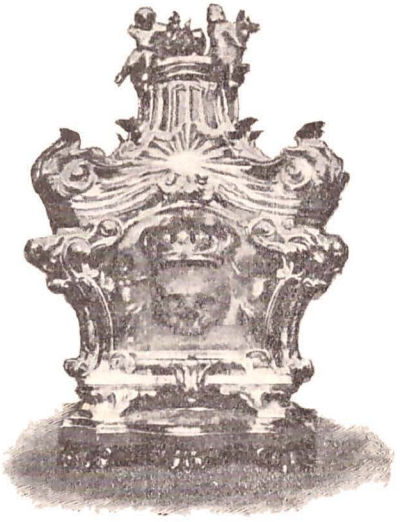
Durante muitos dias não se falou, no Collegio Romano, senão das virtudes deste santo Irmão; e não podendo já os do Collegio gosar de sua companhia vivo, começaram a veneral-o morto. Todos os dias iam alguns a seu sepulchro recommendar-se a elle, ahi se conservavam orando, por um bom espaço de tempo, e muitos perseveraram neste costume durante mezes e annos, emquanto estiveram em Roma. Um destes foi o Padre João Antonio Valtrino, que, comquanto o não tivesse conhecido vivo, chegando da Sicilia pouco depois de sua morte, e lendo aquella primeira Vida que escrevi, lhe ficou com tanta devoção, que, não contente de visitar o tumulo cada dia, ornava-o de varias flores, que colhia no jardim, dizendo que aquelle Irmão era verdadeiramente digno de flores, por tantas virtudes assignaladas que o perfumaram e adornaram.

Esteve o corpo de S. Luiz sete annos naquelle

ataúde, a saber: até ao anno de 1598. Depois, para, com o correr dos tempos, não se confundir com outros corpos, e porque naquelle tempo o Tibre inundou Roma e penetrou até ás sepulturas, foram tirados da caixa seus ossos, por ordem do Padre Geral Claudio Acquaviva, e guardados em outra menor que foi posta no mesmo logar das sepulturas, no alto da parede, do lado da rua, aos 22 de Junho de 1598, sendo Reitor do Collegio o Padre Antonio Spinelli. Notou o Irmão sacristão, que emquanto mudavam os ossos de uma caixa para outra, todos os beijavam com reverencia. Nesta occasião, com licença do Padre Bernardino Rossignoli, então Provincial, que se quiz achar presente ao acto, tomaram-se algumas de suas santas reliquias, que se dividiram por varias cidades da Italia, e foram levadas á Polonia pelo Padre Nicolau Lancizio, e ás Indias pelo Padre Francisco Corso. O proprio Provincial dellas tirou para si, e deu tambem a outros que as desejavam. Não deixarei de dizer que o Provincial affirma que acharam os ossos unidos e collocados naquella modesta postura e cabeça inclinada que costumava ter na vida; o que causou nos que o viram, particular sentimento de devoção.

Tendo depois pelos tempos adeante, começado Deus a notificar ao mundo sua santidade, com milagres feitos por sua intercessão, o mesmo Padre Geral ordenou que fossem tirados seus santos ossos daquelle tumulo, e postos em logar mais decente, apartado dos outros, levando eu essa ordem ao Padre Bernardino Gonfalonieri, Provincial de Roma. Para dar-lhe execução, a 8 de Junho de 1602 foram com grande segredo tirados os sagrados ossos, e transportados á sacristia; e, no primeiro dia de Julho do mesmo anno,

depositados numa caixa de chumbo, coberta por outra de madeira, e collocados debaixo dos degraus do altar de S. Sebastião da mesma egreja. Posto que a trasladação se fizesse o mais secretamente possivel, sem della terem noticia senão os que nella tomaram parte, comtudo a devoção do povo soube tão bem investigar, que achou o logar onde novamente fora posto o sagrado thesouro.



Relicario com a cabeça de S. Luiz, hoje existente na Egreja do Santo em Castiglione.

Finalmente, crescendo cada dia mais, por todas as partes do mundo, a fama de sua santidade, e multiplicando-se os milagrse que Deus operava por sua intercessão, o Excellentissimo Principe D. Francisco Gonzaga, irmão carnal do Santo, Marquez de Castiglione, e Embaixador imperial, achou muito estreito o logar em que estava, e, a instancia sua, o Padre Geral de novo fez tirar a caixa, que foi aberta, e, com licença dos superiores, o mesmo senhor tomou algumas reliquias, para o Serenissimo Duque de Mantua, e para si proprio. A cabeça do Santo, por ordem do Padre Geral foi destinada á egreja do Gesù, em Roma, e depois, a pedido do mesmo Principe, concedida á egreja do Collegio da Companhia em Castiglione, onde agora é conservada com grandissima veneração.

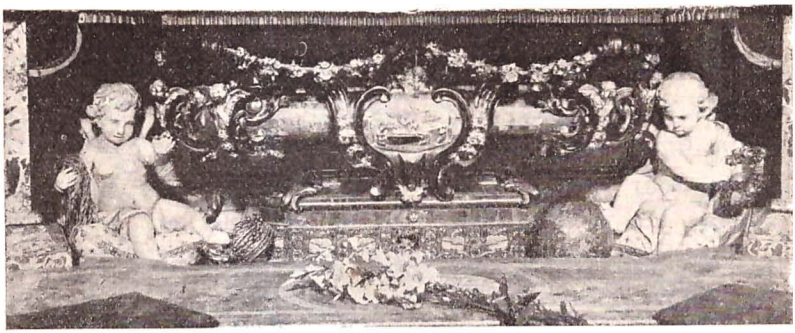
No dia 13 de Maio de 1605, foram trasladados

os sagrados restos por mãos de sacerdotes, com tochas e uma infinidade de luzes e musica, para a capella de Nossa Senhora, da mesma egreja da Annunciada, e collocadas na parede, do lado do Evangelho. Posto que se procurasse fazer esta trasladação o mais secretamente que se poude, a portas fechadas, comtudo, em entrando na egreja o Excellentissimo Senhor Embaixador, acima dito, e a Senhora Embaixatriz, com o Senhor Duque de Poli e outros senhores, foi tão grande o concurso de gente, que a multidão encheu a egreja, e foi preciso, que varios sacerdotes ficassem muito tempo occupados em deixar beijar, venerar e tocar com os rosarios as santas reliquias, antes de depositál-as no logar preparado. Ahi repousaram os sagrados ossos, emcimados pela effigie do Santo, com muitos ex-votos de milagres em volta, uma lampada sempre accesa, e muita honra e concurso de devotos; até que, a 15 de Junho de 1620, foram trasladados para a capella feita especialmente para elle. Entretanto sua alma santa, no Ceo, rogue por nós, que na terra veneramos suas sagradas reliquias e nos alcance abundante graça e copiosos merecimentos, para que nos tornemos dignos das promessas do Verbo Incarnado, a quem, juntamente com o Padre e o Espirito Santo, se dê honra e gloria nos seculos dos seculos. Amen.

TERCEIRA PARTE

† Livros Católicos para Download

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br



Urna sepulcral de S. Luiz.

TERCEIRA PARTE

Capitulo I.

Do conceito de santidade em que foi tido S. Luiz logo depois de sua bemaventurada morte.

Apezar de S. Luiz ter levado quasi sempre vida privada, sem occasião de exercer cargos publicos em que manifestasse sua sublime santidade, aprouve a Deus, que logo depois de seu bemaventurado transito, se espargisse o odor de suas virtudes, de tal modo que fosse communmente tido e reverenciado como Santo.

Tal conceito começou logo a ver a Marqueza, mãe do Santo, nas cartas que por essa occasião lhe foram escriptas. Em particular, o Padre Claudio Acquaviva, Geral da Companhia, escreven-lhe, que, pelo conhe-

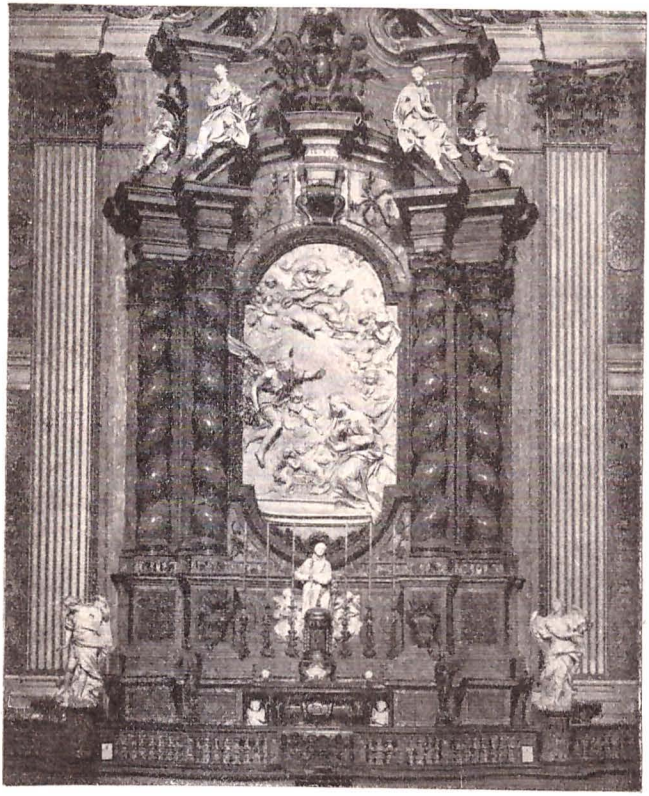
cimento que tinha das perfeitissimas virtudes do bemaventurado joven, assegurava que Sua Excellencia tinha um querido e fiel intercessor no Ceo, onde se podia crer que já gosava sua bemdita alma a eterna gloria, e que sempre, assim a ella, como á sua Religião, daria do Paraiso favor e consolação.

O Padre Reitor do Collegio Romano, escreveu que o Irmão Luiz passara a melhor vida, com tanta quietação e socego ainda no exterior, que a todos deixara uma santa inveja de tal morte, verdadeiramente conforme á santissima vida cheia de todas as virtudes que levara na terra; portanto Sua Excellencia e todos os de sua casa não tanto deviam sentir a perda de tal filho, como alegrar-se de terem dado ao Ceo um Santo.

O mesmo testemunho deram muitos personagens importantes em varias cartas. O Illustrissimo Senhor Cardeal Jeronymo della Rovere diz: « Quinta-feira á noite passou a melhor vida o nosso bom Padre Luiz, deixando a todos tantas saudades e tão boa opinão de santidade, que os Padres não menos admiraram, que choraram sua morte, tendo comtudo firme esperança de que voou ao Ceo: com o que vos podeis consolar, certa de que elle será vosso intercessor junto a Deus Nosso Senhor para paz dos senhores seus irmãos e felicidade de sua casa. De novo vos peço que vos consoleis por terdes um filho na corte do Ceo, onde espero que nos ha de favorecer com suas orações ».

Do mesmo teor foram as cartas do Illustrissimo Senhor Cardeal Scipião Gonzaga, escriptas ao Bispo de Mantua, seu irmão, e á Marqueza, nas quaes diz que o Irmão Luiz partira para melhor vida, e que sua morte fora tão edificante, que verdadeiramente antes se deviam alegrar, que entristecer com ella.

Da grande opinião de santidade que tinha delle este Cardeal, deu grandissimo testemunho o Papa Clemente VIII, de boa memoria, que, a 5 de agosto de 1604, numa audiencia concedida ao Marquez



Egreja de S. Ignacio.
Altar da Annunciação, onde está o tumulo de S. João Berchmans, grande devoto e imitador de S. Luiz.

de Castiglione, Embaixador do Imperador, começando espontaneamente a tecer louvores ao Santo affirmou que muitas vezes o Cardeal Scipião Gonzaga lhe tinha falado da grande santidade desse Irmão, confessando ao mesmo tempo, que, só de vel-o, se sentia interiormente compungir e mover

a lagrimas de devoção, pela grande santidade que nelle descobria. O mesmo Papa, dicto isto, e ouvindo outras cousas de sua santa vida, e milagres, quasi chorando, com muito sentimento, disse estas palavras: « Bemaventurado elle, que gosa agora da vida eterna. Tenho visto muitas vezes, como livra sua casa de tantos perigos, pois certamente é elle que a preserva e conserva em paz. Tem ella um bom protector no Ceo, que sempre a guardará de todo mal ».

Não foi diversa a opinião da muito santa e Serenissima Dona Leonor d'Austria, Duqueza de Mantua, como se pode ver na carta que nessa occasião escreveu á Marqueza, e vem impressa em sua vida, da seguinte forma:

Considerando eu, que acerba dor deve ter soffrido Vossa Senhoria Illustrissima com a grave perda do Padre D. Luiz, seu filho, ainda na flor da edade, e mediudo-a pelo que eu mesma senti, que, comquanto não lhe fosse mãe, sempre o amei como mãe, não posso deixar de associar-me á dor de Vossa Senhoria, e condoer-me não só de Vossa Senhoria, mas de toda a nossa casa, pois a dor é commum a todos nós em razão da fraqueza humana a cujo dominio, emquanto estamos revestidos da humanidade, não podemos resistir com nosso proprio esforço, sem o divino favor. Todavia se quizermos mais rectamente pensar que aquella bemdita alma, despedaçado o tenebroso veo da carne, voou ao eterno resplendor, onde, chegada a seu glorioso fim para o qual tão pressurosa viajava emquanto estava a caminho neste valle de miserias, poderá de um modo mais breve e expedito levar nossas orações a nosso benigno Senhor, louvaremos e renderemos graças á Sua Divina Majestade por tel-o tirado na flor da edade do lodo da

terra, fazendo-o cidadão da Jerusalem celeste; e por nosso interesse nos consolaremos, vendo nosso intercessor, de homem mortal, tornado Anjo do Ceo, etc. ».

A esta carta ajuntou o autor da Vida da mesma Princeza as palavras seguintes: « Foi o sobredito Senhor Luiz de Gonzaga, filho primogenito do Marquez de Castiglione D. Fernando Gonzaga. Desde o berço levou na terra vida angelica. Renunciou ao Marquezado em favor de seu irmão, e logo após entrou na Companhia de Jesus, onde morreu quasi aos vinte e quatro annos. Verificou-se nelle o que diz o Sabio: *Consummatus in brevi explevit tempora multa, placita enim erat Deo anima illius, propter hoc properavit educere illum de medio iniquitatum;* isto é: O justo adquiriu tanta perfeição em poucos dias, como se tivesse vivido muitos annos; e Deus, porque sua alma lhe era agradavel, bem depressa o tirou do meio das iniquidades ». Diz ainda, que a Senhora D. Leonor, ao receber a noticia da morte do mancebo, disse muitas cousas em seu louvor, repetindo muitas vezes: « Era um santo joven: morreu un santo ». Outras pessoas relatam que ella, na mesma occasião repetiu aquillo que, esclarecida, sem duvida, por luz do alto, dissera ao nascer S. Luiz: *que este seria a primeiro Santo da casa Gonzaga.*

Fechará este capitulo a seguinte carta escripta á Marqueza pelo Senhor Thomaz Mancini que, por se ter achado presente ás exequias, relata algumas particularidades que nellas occorreram :

Illustrissima e Excellentissima Senhora,

« Estou ainda em duvida, se hei de entristecer-me ou alegrar-me com Vossa Excellencia acerca do feliz

transito do bemdito Padre Luiz a melhor vida; não sabendo discernir se o affecto materno levará mais em conta sua propria perda, ou o nobilissimo ganho do filho. Certamente sinto o termos ficado privados da presença de tão santa pessoa, e condoo-me de Vossa Excellencia vendo-a soffrer a maior dor que se possa sentir, e sem haver podido vel-o ao menos uma vez nesta sua ultima enfermidade; mas ao mesmo tempo alegro-me com elle, que por sua santa vida mereceu o Ceo, para onde voou, segundo o parecer geral, deixando alto conceito de sua santidade, assim em Roma, como em todo o mundo. Nem poderia elle adquirir mais, se tivesse attingido a edade de Noé, que tão mocinho, com vinte e tres annos.

« Quinta-feira, á noite, entregou a alma a Deus; e hontem, 21 de junho, á tarde, achando-me eu presente, foi sepultado na egreja do Collegio do Gesù, chamada da Annunciada. Não deixarei de dizer a Vossa Excellencia que não só aquelles bons Padres têm em grande estima as reliquias que deixou na terra, mas o povo que accorreu, cortava-lhe pedaços da roupa, como cousa santa; e se eu dissesse mais alguma cousa, talvez não mentisse, mas espero que o saberá Vossa Excellencia por informação de outros, e talvez dos mesmos Padres, que, melhor do que eu, saberão dar conta do que se passou. Não se sabe milagre algum seu, ou porque os não fez, ou porque os conservou encobertos, comtudo tributam-lhe publicamente aquella devoção que se consagra a pessoa santa, que os tenha feito. Hoje, sabbado, 22, me disseram que muitos senhores fazem grandissima instancia para possuirem alguma cousa que lhe pertencesse. Tudo isto são razões que me levam a duvidar que não me devo doer nesta occasião.

« Já começaram a escrever-lhe a vida, e ao Senhor Cardeal prometteram uma copia, apenas esteja terminada. Este, se ficou traspassado com a noticia que lhe dei do transito, de outro lado consola-se com o muito que delle ouve. Tambem elle faz grande istancia – e com dupla razão – para haver alguma cousa do bemaventurado Padre.

« Lembra-me tambem dizer a Vossa Excellencia que, indo eu visitar na semana passada seu bemdito filho, me prognosticou elle com muita alegria sua morte, e me deu duas cartas que enviei ha oito dias, assignadas por sua mão, pedindo-me que as fizesse chegar a seu destino pois seriam as ultimas que escreveria a Vossa Excellencia e ao Senhor Marquez, seu irmão.

« Fiz esta pequena relação para consolação de Vossa Excellencia, que com isto certamente se deve consolar, deixando campo aberto a outros para que escrevam mais extensamente, e rogando a Vossa Excellencia que se console e ore a seu bemdito filho pela paz e socego de sua excellentissima casa, pois a intercessão do dicto Padre não poderá deixar de ser ouvida ».

Roma, 22 de junho de 1591.

Por estas cartas facilmente se pode conhecer em que conceito de santidade era tido quando morreu.

Capitulo II.

De um singular testemunho que deu o E.mo Senhor Cardeal Bellarmino.

As cartas das pessoas acima ditas, escriptas immediatamente depois da morte de S. Luiz, sem nenhuma duvida fazem fé da fama que corria de sua santidade. Accrescentarei agora o testemunho de suas virtudes interiores, tantas vezes allegado nesta historia. É do Eminentissimo Senhor Cardeal Bellarmino, ao qual pedindo eu, que mandasse por escripto quanto lhe lembrava deste bemaventurado mancebo, como quem por largo tempo no Collegio Romano lhe tinha dirigido a consciencia, e sabia com quantos dons Deus tinha enriquecido aquella alma, fez o escripto seguinte, todo de sua mão; e dos paços do Vaticano, onde morava, m'o mandou á Casa professa do Gesù, em Roma. A simples affirmação de um Cardeal, pela excellencia de sua dignidade, faz bastante prova e fé na Corte Romana, como ensinam, Panormitano e outros Doutores. A mim, pois, podia bastar este simples escripto, como de pessoa conhecida no mundo por sua singular doutrina e inteireza de vida; comtudo, para maior satisfacção de todos, e confirmação da verdade, fiz com que Sua Senhoria Illustrissima reconhecesse e jurasse esta sua escriptura, como o

fez em presença de um notario da Camara Apostolica. É a seguinte, sem mudar palavra:

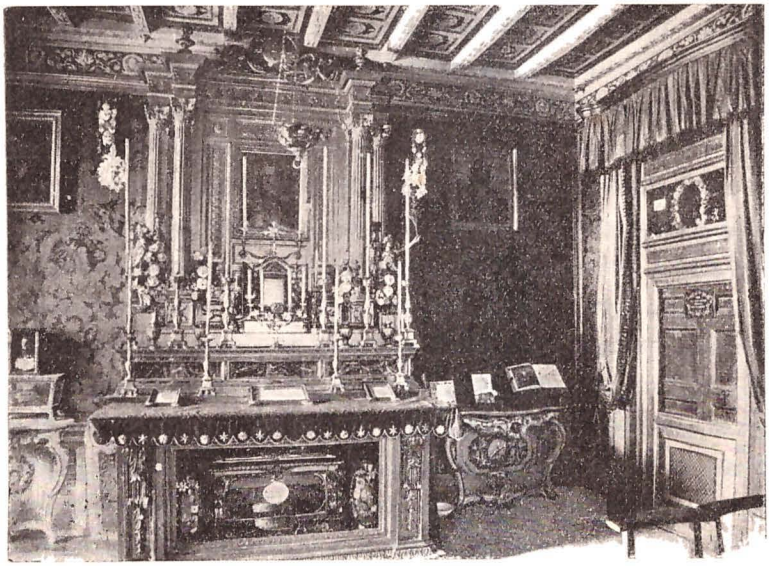
« *Meu Reverendissimo Padre,*

« De boa vontade satisfarei a quanto Vossa Reverencia me pede, parecendo-me que pertence á gloria de Deus Nosso Senhor, que se saibam os dons concedidos por Sua Divina Majestade aos seus servos.

« Confessei por largo tempo o nosso dulcissimo e santissimo Luiz de Gonzaga, e até uma vez lhe ouvi a confissão geral de toda a vida. Ajudava-me á Missa, e gostava de conversar commigo, tratando das cousas de Deus. Por estas confissões e conversações parece-me poder, com toda a verdade, fazer as seguintes affirmações; primeira: nunca commetteu peccado mortal, e isto tenho por certo, desde a edade de sete annos até sua morte. Quanto aos primeiros sete annos, nos quaes não viveu com aquelle conhecimento de Deus que teve depois, tenho-o por conjectura, pois não é verosimil que na infancia peccasse mortalmente, principalmente tendo sido predestinado por Deus a tanta pureza. Segunda: desde o setimo anno de sua vida, em que, como me dizia, se converteu do mundo a Deus, levou vida perfeita. Terceira: nunca sentiu estimulo carnal. Quarta: na oração e contemplação, na qual se conservava quasi sempre ajoelhado no chão, sem se encostar, de ordinario não soffria distracção. Quinta: foi um espelho de obediencia, de humildade, mortificação, abstinencia, prudencia, devoção e pureza.

« Nos ultimos dias de sua vida, teve uma noite tão excessiva consolação representando-se-lhe a gloria

dos Bemaventurados, que julgava ter durado menos de um quarto de hora, quando durara toda a noite. Nesse mesmo tempo, tendo morrido o Padre Luiz Corbinelli, e perguntando-lhe eu o que pensava acerca daquella alma, respondeu-me com grande segurança estas palavras: *Passou somente pelo Purgatorio.* Ora



Collegio Romano - Quarto, onde morou S. João Berchmans, actualmente transformado em capella.

considerando eu seu genio, e como era sobremaneira prudente no falar, e reservado em affirmar cousas duvidosas, fiquei certo de que elle o soubera por divina revelação, mas não quiz ir adeante, para não lhe dar occasião de vangloria.

Poderia dizer muitas outras cousas, que calo por não estar seguro de lembrar-me bem. Em summa, tenho para mim, que entrou immediatamente na gloria dos Bemaventurados; e sempre tive escrupulo de rogar a Deus por sua alma, parecendo-me fazer com

isso injuria á graça divina que nella conheci. Pelo contrario, nunca tive escrupulo de recommendar-me ás suas orações, nas quaes muito confio.

Ore por mim Vossa Reverencia.

17 de Outubro de 1601.

« De Vossa Reverencia.

Irmão affectuosissimo em Christo

ROBERTO *Cardeal* BELLARMINO

Capitulo III.

De varios milagres e mercês feitos por intercessão de S. Luiz.

Não foi minha tenção, ao escrever esta historia, recolher os milagres e mercês que se fizeram em varios logares, pelos merecimentos e intercessão de S. Luiz, depois de sua bemaventurada morte: mas só consignar aquellas santas e virtuosas acções que, com o auxilio da graça divina, podem ser imitadas por todos; principalmente porque os milagres, para quem o conheceu e conviveu com elle, não augmentam muito o credito singularissimo que se tem de sua santidade. Sabida cousa é que os dons sobrenaturaes que de Deus recebeu em vida, por pessoas entendidas e doutas são tidos como de maior preço, que a graça de fazer milagres, como sabiamente escreveu um Padre de muitas lettras, o qual, tendo lido os processos e escripturas que tratam de sua santidade, consultado pelos superiores, assim se exprimiu: « *Considero-o santissimo e dignissimo de ser contado entre os Santos, pois julgo os dons sobrenaturaes que lhe foram concedidos por Deus, maiores, do que se resuscitasse mortos* ». Comtudo, para que se veja que nem essa prerogativa lhe faltou, narrarei neste capitulo alguns milagres e mercês que encontro depostos com juramento pelas testemunhas, em escripturas authen-

ticas, succedidos depois de sua morte: deixando outros que delle se contam em vida.

Em 1593, dous annos depois da morte de S. Luiz, falleceu o Marquez D. Rodolpho, em Castel Giuffredo, ralado por gravissimos desgostos. Foi tal o sentimento da Marqueza Dona Martha, que cahiu em uma gravissima enfermidade, que em poucos dias a levou ás portas da morte. Já tinha recebido o Viatico e a Extrema Uncção, certa de que morreria, quando eis que deante de seus olhos lhe apparece distinctamente S. Luiz, seu filho, como que encerrado em um globo de vivissima luz, glorioso e resplandecente; e com sua presença e sorriso a confortou de tal maneira, que ella, que até aquella hora, por afflicta, não pudera derramar uma lagrima, enternecida com tão amorosa vista, começou a chorar suavemente, e cobrou firme esperança não só de recuperar a saude, mas ainda de ver os negocios de seus filhos irem de bem a melhor. Desappareceu o Santo, e a Marqueza sarou, fóra de toda esperança, e ainda viveu sã por mais vinte annos, tendo a consolação de ver os negocios do Marquez D. Francisco, que agora vive, terem cada vez mais prosperidade. Assim, o primeiro milagre que fez S. Luiz, depois de sua morte, foi um officio de piedade filial para com sua propria mãe. Contou-me esta apparição a mesma Marqueza, em Castiglione, e a Condessa Dona Laura Gonzaga Martinenga, em Brescia; tendo-se depois lavrado escriptura authentica em Castiglione.

Uma fidalga muito piedosa, estando de parto, foi assaltada por grandissimas dores, e posta em grande trabalho. Receitaram os medicos varios remedios, sem proveito. Já estava cuidando mais na medicina da alma, que na do corpo, quando uma devota don-

zella daquella casa, que tinha noticia dos merecimentos de S. Luiz, se quiz valer de sua intercessão, promettendo que, se a fidalga escapasse da morte já visinha, levaria ao tumulo do Santo um *ex-voto*. Feita a promessa, logo a fidalga deu á luz a creança morta, sem nenhuma lesão sua, e quando isto escrevo, ainda vive com saúde. Em testemunho desta mercê, a mesma donzella levou ao tumulo do Santo um *ex-voto* que foi o primeiro que ahi se pendurou. De tudo isto se faz menção no processo organisado em Placencia, e em outras escripturas.

Antonio Urbano Senês, mancebo de dezeseis annos, alfaiate, tinha continuos corrimentos de humores malignos em ambos os olhos, e estes tão inchados e inflammados, que, não podendo mais soffrer nem ar, nem luz, e alem disso sobrevindo-lhe febre, foi forçado a por-se de cama. Estando assim durante mais de um mez seguido, nasceu-lhe no olho esquerdo uma belida branca ou nevoa, similhante a uma perola, que se foi estendendo pela pupilla, a cobriu toda, e o deixou inteiramente cego daquelle olho, temendo-se que o mesmo acontecesse ao outro, porque continuava o corrimento do humor maligno, com tanta dor, que o enfermo era constrangido a gritar e chorar continuamente. Tentou o medico por duas vezes fazer-lhe varios remedios, mas, ou porque a doença era maligna, ou porque, sendo o rapaz pobre, não lhe foram os curativos applicados no tempo e do modo conveniente, em vez de lhe fazerem bem, lhe causaram maior damno. Vendo isto o medico receitou outras cousas, que se não fizeram, e não o visitou mais, ficando o doente privado de todo remedio e auxilio humano. Estava o mancebo continuamente na cama; a belida conservava-se immovel na pupilla,

a inflammação e a dor em ambos os olhos iam sempre crescendo. O humor maligno augmentou tanto, que continuamente corria sobre o travesseiro; e, durante a noite os olhos se enchiam de tal modo com a materia pegajosa e viscosa que delles sahia, que pela manhã com difficuldade se podiam despegar as palpebras. A natureza não ajudava; elle se via cada vez peior, sem esperança de sarar. Um dia, por acaso, um seu tio, oleiro, tendo visto uma imagem de S. Luiz, em papel, na mão de um menino, perguntou a um seu companheiro se conhecia aquelle Santo. Este, depois de lhe ter contado varios milagres que tinha ouvido, o exhortou a fazer alguma promessa em favor de seu sobrinho enfermo. Resolvido a fazel-o, disse o oleiro á sua irmã, que tomasse depressa ao menino a imagem do Santo, e a levasse ao doente, aconselhando-o a fazer algum voto. Immediatamente sentiu-se a mulher toda abalada de devoção a S. Luiz, com fé viva de que pelos seus merecimentos sararia o enfermo; e o coração dizia-lhe, que seria naquella mesma noite. Tomando a imagem, levou-a logo ao doente, já perto da noite, e, depois de lhe contar os milagres do Santo, exhortou-o a fazer-lhe algum voto, e despediu-se delle. Tomou Antonio a imagem com devoção e grandissimo affecto, e viva esperança de que havia de sarar; poz-se de joelhos em cima da cama, com a imgem na mão, e fez voto de rezar cada dia durante toda a sua vida cinco vezes o Padre Nosso e a Ave Maria em honra do Santo se por sua intercessão recobrasse a vista. Rezando logo cinco Padre Nossos e cinco Ave Marias, com viva fé em seus merecimentos, fez o signal da Cruz tres vezes sobre o olho cego com a imagem do Santo, e pol-a debaixo da cabeceira.

Chegada a noite, adormeceu e sonhou que sarara e voltara á sua officina. Despertando pela manhã, e nada sentindo de suas dores costumadas nos olhos, achando-os limpos, com as pestanas despegadas, pareceu-lhe que havia de estar são, mas não se podia logo certificar, por estar ás escuras. Chamando da

Porta do Quarto - Capella de S. João Berchmans.
Nos armarios laterais guardam-se os manuscriptos de S. Luiz Gonzaga e S. João Berchmans.

cama o tio, disse-lhe: Tio, acho que estou são, porque nenhuma dor sinto nos olhos, e os abri sem difficuldade alguma ». Tendo já amanhecido, entrou a tia no quarto, e Antonio, vendo a luz, bradou cheio de alegria: Tia, já vejo, vejo bem, sinto-me curado A estas palavras, chegou-se a tia á cama, aonde acudiu tambem o irmão della, e ambos viram os olhos de Antonio limpos e livres dos humores costumados, sem inflammação alguma. A belida que

antes estava sobre a pupilla, retirara-se para o canto esquerdo do olho, e ahi se fora adelgaçando e quasi desfazendo de todo (como depois se desfez totalmente), sem causar impedimento algum á vista. Por tão manifesta mercê, com o maior affecto que souberam, deram logo graças a Deus e a S. Luiz; e o mancebo que não podia soffrer ar, nem luz, logo se levantou da cama, livre e são, sahiu de casa, foi ouvir Missa em acção de graças, tornando depois a trabalhar no seu officio de alfaiate. Deste milagre foi feito processo authentico no tribunal do Arcebispo de Sena, com testemunho jurado de muitos medicos, que reconheceram ter sido esta cura sobrenatural e divina.

Um fidalgo romano, muito pio e douto, padecia excessivas dores de rins todas as vezes que se punha de joelhos, e não podia para isto achar remedio, posto que muito o desejasse. Depois de ter por algum tempo soffrido esta enfermidade, estando um dia ajoelhado no oratorio de S. Marcello, por occasião das 40 horas, sentindo-se, mais que de costume, combatido das dores, teve inspiração de recorrer á intercessão de S. Luiz, e, encommendando-se a elle com muito affecto, fez voto de pendurar-lhe no tumulo uma memoria do milagre, se sarasse daquellas dores. Mal fez a promessa, sentiu-se inteiramente livre de toda a molestia e dor, com o que sentiu particular alegria. Demorando, porém, algums mezes a satisfazer o voto que fizera, depois de algum tempo começou a sentir a mesma doença, e, temendo que fosse resultado de sua negligencia, por occasião da festa que se fez a S. Luiz em Roma, collocou-lhe no tumulo um quadro representando o milagre, e de novo ficou totalmente livre das dores, e depois não

sentiu mais o menor incommodo, como elle mesmo contou a mim e a outros, para glorificar o Santo.

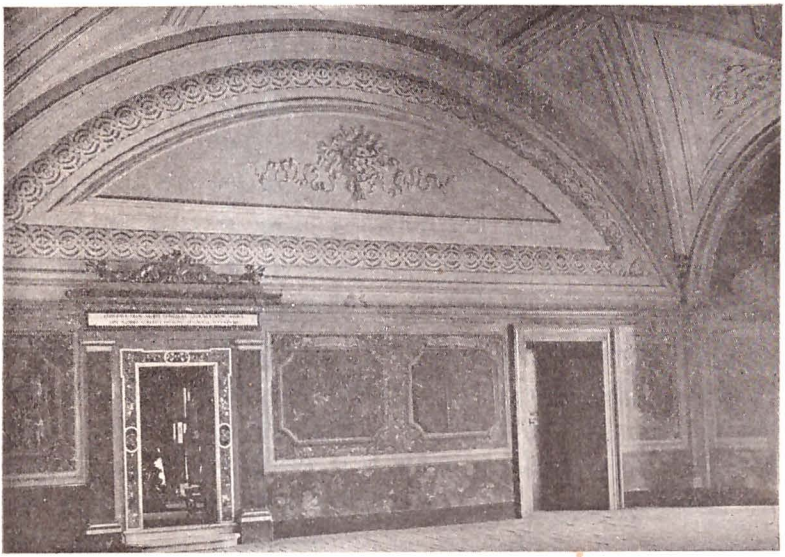
Lelio Guidiccioni, fidalgo de Luca, foi acommettido, em Roma, de uma febre de mau caracter, com excessiva dor de cabeça, continua insomnia, inquietação, mau pulso, falta de forças. Sahiam-lhe tristes gemidos do coração, que lhe parecia atravessado por mil agulhas que entravam e sahiam; tinha a audição quasi perdida, a fala grossa, e grande dif ficuldade de respirar. Depois de muitos remedios internos e externos, foi dado por perdido, e começou a apparelhar-se para a morte, tendo-se já confessado e commungado. Neste comenos, foi visitado por alguns Padres da Companhia, que prometteram levar-lhe umas reliquias de S. Luiz, engrandecendo sua santidade, e as mercês e graças que Deus por sua intercessão obrava. Afervorou-se muito o doente na devoção ao Santo, e no desejo de suas reliquias, e concebeu tanta esperança de recobrar a saude, que lhe parecia já ter della penhor certo, cheio de confiança que, em pondo as reliquias ao pescoço, sararia. Na manhã seguinte, elle proprio de novo as pediu: e, sendo-lhe trazidas naquelle dia, tomou-as com grande devoção, fez com ellas o signal da Cruz, e pol-as ao pescoço, encommendando-se ao Santo com particular affecto. Logo lhe pareceu que se sentia alliviar por mão celeste, e ficou mais firme em sua esperança, e abrasado na devoção a S. Luiz. Começou logo a diminuir o mal. Os medicos, á tarde, acharam-no muito melhor, os accidentes que apresentavam perigo de morte, não lhe tornaram mais; cessaram as dores e o desassocego. De noite dormiu bem, e ao despertar, achou-se inteiramente alliviado e consolado. Tornando, pela manhã, os medicos nenhuma

febre acharam; e o que mais os admirou, foi que, depois de tão grave doença, nunca mais lhe voltou nem o minimo signal della. Lavrou-se disto escriptura. e em signal da mercê milagrosamente recebida, foi pendurado um *ex voto* no sepulchro do Santo.

Em Florença, no convento de Santa Maria dos Anjos, no anno de 1599, uma joven freira, por nome Soror Angela Catharina Carlini, vivia ha quatro annos com uma grande dor em todo um lado, tolhida desde junto da cabeça até aos pés, particularmente na espadua e braço esquerdo. Finalmente, em meiado de Janeiro de 1600, appareceu-lhe no lado esquerdo do peito um cancro que, além de lhe occasionar grande dor em todos os movimentos do corpo, lhe tolhia bem frequentemente o somno necessario, e lhe tornava penoso até o comer, pela grande difficuldade que tinha de respirar. Comtudo, parte pelo santo desejo de padecer por Jesus Christo, parte pela vergonha de deixar-se ver pelos medicos, não deu a pessoa alguma o menor indicio do mal, até que, fazendo os Exercicios de Santo Ignacio, como costumam fazer cada anno as freiras daquelle mosteiro, e sentindo-se cada vez peior, teve escrupulo de conservar por mais tempo escondida tal enfermidade. Descobriu-a pois á Superiora, Soror Maria Pacifica, que deu conta de tudo a Soror Evangelista de Jucundo, Prioreza, e a Santa Maria Magdalena de Pazzi, Mestra de noviças. Todas tres juntas, examinando a parte doente, reconheceram ser um cancro similhante ao que occasionara pouco antes a morte de uma Irmã. A Santa, confiando pouco em medicinas naturaes, acodiu á oração, e sentindo-se inspirada a recommendar a enferma a S. Luiz, exhortou-a a fazer o mesmo, e, vendo-a cheia de fé, por tres dias seguidos lhe fez

o signal da Cruz com a reliquia do Santo, e, logo da primeira vez passaram as dores, posto que lhe ficasse o resto do mal. Resolveram pois recorrer aos medicos ordinarios. Já estava de terminado que se daria principio ao tratamento no dia seguinte, quando a doente se sentiu abrasar em desejos, que Jesus fosse glorificado em S. Luiz. Começou com grande fervor a rogar ao Santo, que não a deixasse passar aquelle dia, que era o sabbado *in-Albis,* sem lhe fazer a mercê, para que, a pudesse reconhecer por sua, sem mistura de remedios humanos, e a devesse á sua intercessão. Tendo por todo aquelle dia pedido em seus exercicios com instancia essa mercê, sobre a tarde, achando-se só, poz-se em oração, tendo em vista unicamente a gloria de Deus e do seu servo. Estando assim em oração, sentiu uma grande fé e certeza de alcançar a graça desejada, e pareceu-lhe que S. Luiz lhe dizia ao coração estas palavras: « Tiveste tanta fé em mim e em minha intercessão, e tanto desejo, que Deus manifeste a gloria que me deu, que apraz a Sua Divina Majestade conceder-te a mercê ». Depois destas palavras, sobreveiu á freira uma dor e tormento muito agudo no logar em que tinha a doença: parecia-lhe que lhe fora aberto o peito, e tirado delle á força por mão invisivel o cancro e todo o mal. Com este tormento sentiu que se lhe foram todas as dores, e ficou livre de todo e sã, não somente do cancro que tinha no peito, mas tambem de toda aquella dor do lado que, quatro annos havia, tinha tolhido. Foi tão grande, porém, o abalo que sentiu quando recebeu a saúde, que, faltando-lhe totalmente as forças corporaes, desmaiou. Foi achada pelas outras freiras toda desfigurada, com o rosto sumido e amarello, que parecia

morta; pelo que foi necessario deital-a na cama. Entretanto ella, em voz baixa, ia dizendo: « Madre Mestra, eu estou sã, eu estou sã ». Pouco depois, tornando a si, contou o milagre e tudo o que se tinha passado: e as outras, vendo-a perfeitamente sã, deram louvores a Deus e a S. Luiz, por cujos merecimentos



Salão de entrada para os quartos,
hoje Capellas de S. Luiz e S. João Berchmans.
Nas paredas vê-se historiada a vida do Santo em numerosos quadros a fresco.

e intercessão sarara. Em memoria deste milagre, as freiras desse mosteiro, cada anno no dia de S. Luiz, fazem festa, jejuando na vespera, erguendo-lhe um altarzinho no claustro, e levando em procissão sua imagem e reliquia. Espalhou-se a fama de tão grande milagre por toda a Italia. Por carta foi levado ao conhecimento do Serenissimo Duque de Mantua, que deu particulares demonstrações de alegria; e o Marquez D. Francisco deu de alviçaras uma boa casa

om Castiglione a um seu vassallo que lhe levou a primeira nova do milagre. Formou-se de tudo escriptura authentica no tribunal do Arcebispo de Florença, com juramento das freiras acima nomeadas, e attestado de dous medicos, um dos quaes foi Jeronymo Mercurial, medico de Sua Alteza o Grão Duque de Toscana, e famoso lente nas principaes universidades da Italia, conhecido por suas obras impressas: e o outro André Iorsi, medico de nome em Florença.

Marco Guzzonio, nobre Veneziano, tendo entrado em Padua na Companhia de Jesus, em fins de 1603, segundo anno de seu noviciado, adoeceu com uma febre maligna que em poucos dias o poz ás portas da morte. Tinha a bocca cheia de uma peçonhenta e densa materia, a lingua grossa, mal podia abrir os queixos para falar, e muitas vezes não atinava com o juizo. Aggravando-se cada vez mais a doença, desesperaram os medicos de sua cura, e uma tarde disseram aos Padres, que lhe podiam dar o Viatico na manhã seguinte. Lembraram-se muitos Padres presentes e ausentes, de aconselhal-o a fazer um voto em honra de S. Luiz, a quem tinha particular devoção. Um desses ausentes escreveu neste sentido ao Padre Reitor do Collegio de Padua: e outro, dos presentes, estando em oração deante de uma reliquia de S. Luiz, sentiu-se por Deus inspirado a propor o mesmo ao Reitor, com grande esperança de que Deus, pelos merecimentos de seu servo, lhe daria saúde. Levantou-se logo da oração, foi ao Reitor, e communicou-lhe sua inspiração. Approvou-a o Reitor, e, tomando a reliquia que o Padre tinha, deu-a ao Ministro, ordenando-lhe que na manhã seguinte a apresentasse de sua parte ao enfermo depois deste receber o Viatico, e juntamente o aconselhasse a fazer

algum voto ao Santo: e, porque ainda não se podia nesse tempo ir em peregrinação ao seu tumulo, lhe dissesse que promettesse ir em sua honra ou a Nossa Senhora de Loreto, ou aonde melhor lhe parecesse. Não esperou pela manhã o Padre Ministro: vae logo ao quarto do enfermo, apresenta-lhe a reliquia e propõe-lhe o voto, conforme á ordem do Reitor. O enfermo, tomando a reliquia, beijou-a com muita devoção e affecto, e fez o voto que lhe aconselharam, com firme esperança, que aquelle havia de ser o seu unico remedio, encommendando-se com efficacia á intercessão do Santo. Logo se viu o soccorro, e melhorou tanto, aquella noite, que pela manhã a juizo dos medicos estava fora de perigo, e não foi necessario dar-lhe o Viatico, mas commungou por devoção. De tudo isto se fez escriptura authentica no tribunal do Bispo de Padua, e mandou-se ao sepulchro de S. Luiz, em Roma, um quadro representando o milagre.

João Justiniano, Genovez, estudante do Collegio Romano, em Junho de 1605, foi tão atacado do mal da pedra, que o Senhor João Baptista Ori, celebre medico, enviado pelo Cardeal Justiniano, parente do enfermo, desesperou de sua cura, e mandou que lhe dessem os ultimos Sacramentos. Ouvindo isto, o doente, assim mesmo, como estava cheio de dores, quiz descer, ajudado por alguns Irmãos, ao tumulo de S. Luiz. Ahi, com grande confiança, orou por breve tempo, e prometteu visitar cada dia por espaço de um annio o sepulchro de seu bemfeitor se recuperasse a saúde. Naquella noite o mal cresceu mais que nunca, por isso, ao amanhecer, prepararam tudo para administrar-lhe o Viatico e a Extrema-Uncção. Tendo-se entretanto reconciliado, o enfermo, cheio de grande

fé, benzeu-se com a reliquia do Santo. No mesmo instante expelliu um grande calculo e uma consideravel quantidade de maus humores. Naquelle mesmo dia, são e desembaraçado, desceu á egreja a agradecer a S. Luiz, e no dia seguinte sahiu a passeio pela cidade de Roma, com grande admiração de quem tinha sabido de seu estado.

Em comfirmação deste milagre, succedeu outro pouco depois, em Turim, em similhante enfermidade. Foi Philisberto Baronis assaltado uma noite, com grande vehemencia, por fortes dores de areias, e, como pessoa pia, logo chamou por Deus e pelos Santos, e, em particular, encommendou-se a Santo Ignacio e São Francisco Xavier, da Companhia de Jesus. Fez que lhe trouxessem suas imagens, e continuando, apezar disto, com as mesmas dores durante nove horas, sem melhora alguma, antes sendo cada vez maior o tormento, lembrou-se que ouvira dizer que, um mez antes, em Roma, um mancebo sarara milagrosamente de similhante doença por intercessão de S. Luiz, e, esperando identica mercê, não tendo sua imagem, mandou que lhe trouxessem uma carta escripta pelo Santo, que um Padre muito antes lhe tinha dado, com tenção de a por para seu remedio sobre os rins, que o atormentavam. Não se achando, porem, a carta, levantou ao Ceo o pensamento, e, com o maior affecto que poude, encommendou-se ao Santo. Acabada a oração, adormeceu logo com facilidade..e pareceu-lhe que via um Padre da Companhia, mancebo, de estatura antes grande, que pequena, de apparencia franzina, nariz aquilino um tanto comprido, o qual, chegando-se á cama, com um cinto lhe cingiu os rins e lhe apertou o corpo; e, posto que não houvesse conhecido S. Luiz, parecia-lhe comtudo, que

era elle. Despertando, neste ponto, saltou da cama abaixo para abraçal-o e reverencial-o, mas o Santo desappareceu, deixando-lhe porem o certo effeito de sua presença, porquanto naquelle mesmo instante

Uma das portas do quarto, hoje Capella, de S. Luiz Gonzaga.

Aos lados dois armarios, onde se conservam os albuns com as firmas da juventude catholica de todo o mundo, enviados ao sepulcro do Santo no tricentenario da sua morte.

deitou uma pedra do tamanho de uma fava, e ficou inteiramente livre das dores e da doença. Dahi por deante tomou S. Luiz por particular advogado e protector seu e de sua casa, certo de que em todas as occurrencias e necessidades sentiria sua ajuda e con-

solação. Em testemunho da mercê recebida, enviou uma pequena estatua de prata ao sepulchro de S. Luiz, em Roma, e depoz com juramento o acima dito no tribunal do Arcebispo de Turim.

João Baptista Philippino, Romano, tinha um filho pequeno, chamado João Francisco, doente de uma febre ethica que lhe durava havia quasi um anno. Era lastima vel-o tão consumido e acabado. Tinha tambem outra doença similhante á lepra, espalhada pelo corpo todo. Soffria de noite e de dia; emfim, estava em perigo extremo. Não podia tomar senão leite, e de nada lhe serviram os diversos remedios receitados pelos medicos. Sobre todos estes males, appareceu-lhe um fluxo tão incuravel, que o medico, tendo por impossivel que escapasse, o deu por morto e não o visitou mais. O pae do menino, vendo que lhe faltavam os auxilios naturaes, valeu-se dos sobrenaturaes, e vindo-lhe ter ás mãos um dente de S. Luiz, fez que o filho o pozesse ao pescoço. No mesmo dia o menino começou a comer papa, o mal foi diminuindo, desinchou o peito, cessou a febre e todo o seu mal, recobrando elle a saude perfeitamente, com espanto dos medicos.

Para que o milagre ficasse mais provado, fez Deus, que se visse outro no mesmo menino. Dous mezes depois, recahiu elle com uma febre maligna. Inchou-se-lhe a garganta cobrindo-se de pintas, e nasceram-lhe nas costas dous carbunculos tão pestilenciaes, que, quando o medico os viu, deu logo o menino por morto, e disse á mãe, que se afastasse delle o mais possivel, porque aquella doença era contagiosa, e em vinte e quatro horas matava a qualquer homem, por robusto que fosse. O pae do menino recorreu de novo a quem já outra vez achara benigno

e favoravel, e juntamente com sua mulher fez voto ao Santo pelo menino, pondo-lhe de novo a Santa reliquia ao pescoço. Na manhã seguinte, voltando o medico, pergunta se o doentinho já era morto; mas os paes começam a rir, e levam-no a vel-o. Elle, achando-o em tudo e por tudo livre da febre e de todo aquelle mal, com grande espanto benzeu-se, e despediu-se para o não visitar mais. Um boticario tambem, que na vespera com o medico o tinha visto, cheio de pasmo, poz a mão na testa e depois no chão, fazendo uma grande cruz em signal do insigne milagre que via. Sabido o voto, todos confessaram que se devia a gloria a S. Luiz, a cujo sepulchro foi levado o menino e penduradas as insignias do milagre. Tambem deste se fez escriptura assignada por dous medicos e pelo boticario.

Francisco Crotti, gentilhomem de Brescia, adoeceu gravemente de uma febre aguda. Depois de alguns dias, peiorando sempre o seu estado, chamaram á pressa o Cura para que lhe levasse a santa Unecção, e o confessasse no caso de elle tornar a si. Foi logo o Cura com o oleo santo, e achou-o delirando, sem responder com acerto e tão excitado, pelo mal que tinha, que não podia estar na cama. Um filho do doente, nessa occasião, lembrou á mãe, que fizesse por elle um voto a S. Luiz. Ajoelhou-se ella, e prometteu fazer celebrar uma Missa em honra do Santo se o marido sarasse. Logo, em acabando as palavras do voto, immediatamente cessaram os frenesis ao doente, que tornou a si perfeitamente, e se confessou em seu juizo. Depois foi diminuindo a febre de tal maneira, que no dia seguinte foi achado pelos medicos inteiramente livre della, e não lhe tornou mais. Satisfez-se o voto, e formou-se escriptura authentica em Brescia.

Julia Marini, de Brescia, mulher de setenta e cinco annos, depois de estar enferma tres mezes, com um fluxo de sangue e continuas dores, teve um desmaio, sobrevindo-lhe depois grande febre, com risco de morte. Dous medicos da dita cidade, chamados Bettera e Grilli, depois de informados do mal, tendo visitado a enferma, disseram e assentaram que a doença, assim por sua natureza, como tambem em razão da muita edade da velha, era incuravel; que o fluxo de sangue acompanhado de dores, era signal certo de chaga nas entranhas; e que, por mais remedios que lhe dessem, ella viria a cahir em uma penosa hydropisia de que já se viam indicios evidentes nos pes notavelmente inchados. A velha, aconselhada por um filho seu, que servia na Cathedral de Brescia, fez um voto a S. Luiz, cuja festa naquelle dia se celebrava pela cidade. Encommendou-se muito de coração á sua intercessão, e, dentro de tres dias, ficou perfeitamente livre da febre, do fluxo de sangue, e das dores, e, desfazendo-se tambem a inchação, em pouco tempo recobrou as forças que tinha antes. Formou-se em Brescia escriptura authentica, e a velha satisfez o voto.

Em Roma, um pobre homem estava assás atribulado com uma febre. Depois de dez dias de doença, teve uma crise tão terrivel, que cuidou morrer. Não tendo meios de manter-se e tratar-se, foi a dous hospitaes para ser recolhido pelo amor de Deus, mas em nenhum delles conseguiu agasalho. Mandado ao hospital de S. João de Latrão, de caminho entrou na nossa egreja da Annunciada, onde está o sepulchro de S. Luiz, e ahi, ajoelhado, com grande affecto disse: « O' S. Luiz, ajudae-me, que, se me livraes desta febre e deste fluxo, ainda que eu seja pobresinho, aqui vos

trarei um *ex-voto* do valor de um escudo ». Sahindo da egreja, continuou seu caminho, e d'ahi a pouco reparou que não sentia febre, nem fluxo, nem mal algum, nem depois lhe veiu outro. Em cumprimento do voto, offereceu por esmola um escudo.

Francisco Fabrino, cidadão romano, ouvindo na noite da vigilia de S. Mattheus, não sei que estrondo sobre o telhado de sua casa, para saber o que se passava, subiu a um muro muito alto donde podia ver por cima do telhado. Estando ahi, falseou-lhe um pé, e cahiu para traz, de cabeça para baixo, em direcção ao pateo das casas. Ia bater em uma grande pedra posta deante de uma porta, sobre a qual lhe cahiu o chapeo; mas bradando: O' S. Luiz, valei-me », sentiu sobre a espadua como que uma força que o lançou para mais longe alguns passos, de modo que cahiu com a cabeça dentro de uma talha grande de barro, sem bater nas bordas, ficando o resto do corpo para fora. Foi tão grande, porém, o impeto com que cahiu, que ficou sem poder sahir nem mexer-se, e seus gritos não eram ouvidos. Neste aperto, chamou de novo a S. Luiz em seu favor, e logo, com espantosa facilidade, poude sahir da talha, sem ferida, sem inchação, nem dor alguma, e, reconhecendo dever a vida á intercessão de S. Luiz, prostrou-se logo por terra, reverenciou-o e deu-lhe graças, e, em signal da mercê recebida, levou-lhe ao sepulchro um quadro representando o milagre.

O Conde Adriano Montemelino estava atormentado em Perusia por uma longa e perigosa febre. Nem a continua diligencia dos medicos, nem a variedade e perfeição dos remedios o podiam sarar. Depois de cincoenta dias de doença, compadecendo-se delle um Padre da Companhia que estava no Col-

legio de Perusia e possuia um pedacinho da pelle do S. Luiz, que elle mesmo lhe tinha cortado na noite em que morrera, deu-a ao Padre Reitor do Collegio, que a levou ao Conde. Posta ao pescoço do doente a reliquia, logo se foi a febre, e não lhe tornou

Retrato do S. Pontifice Paulo V que beatificou S. Luiz.

mais. Este caso vem testemunhado em muitas escripturas authenticas.

Vindo a Roma o Serenissimo D. Vicente Gonzaga, Duque de Mantua, para beijar o pé ao Papa Paulo V, visitou o sepulchro de S. Luiz, seu primo, e recebeu do Marquez de Castiglione, embaixador

do Imperador, uma insigne reliquia do Santo. Na volta para seus estados, adoeceu primeiro em Florença, e depois em Mantua, de um seu achaque antigo que, quando lhe vinha, o prendia semanas e ás vezes mezes inteiros na cama, com continuas e grandes dores. Quão propicio lhe foi S. Luiz nessa enfermidade, póde-se ver pela seguinte carta que Sua Alteza escreveu de Mantua, poucos dias depois de chegado á sua casa, ao Marquez de Castiglione, em Roma:

« *Illustrissimo e Excellentissimo Senhor,*

« *Por occasião de dar parte a Vossa Excellencia de minha chegada a casa com saúde, do que sei que, pelo amor que me tem, receberá particular contentamento, não posso deixar de dizer a Vossa Excellencia, que já, com mercês que me fez, tenho provada a intercessão do nosso bemdito Padre Luiz de Gonzaga. Com effeito, achando-me eu mal em Florença, com o meu costumado achaque do joelho, fiz certo voto e o signal da Cruz sobre a parte enferma com a reliquia que Vossa Excellencia me deu, e logo milagrosamente se me foi a dor, e desappareceu o mal com inaudita rapidez. Chegando depois aqui, outra vez me acommetteu o mesmo achaque, desta vez na ilharga, parte muito mais perigosa; e, tendo eu ratificado o mesmo voto e de novo feito sobre mim o signal da Cruz com a mesma reliquia, não posso exprimir quão differentemente do costumado o mal parou, sem ir por deante, ficando eu inteiramente livre, quando de outras vezes estava doente semanas inteiras, e convalescia por espaço de muitos outros dias. Tudo isto attribuo á intercessão do nosso Beato Luiz, por cujo meio e em cuja honra me quiz Sua Divina Majestade fazer esta mercê, da qual logo quiz dar parte a Vossa Ex-*

cellencia, communicando-lhe este meu espiritual contentamento, com o qual sei que receberá particular alegria. Peço ao mesmo tempo a Sua Santidade, que haja por bem permittir que se levantem altares e votos ao nosso Santo, para que eu possa satisfazer a promessa que fiz, e incutir na alma de meus vassallos uma tão santa devoção. Entretanto, fico-me encommendando a elle de coração, e beijo as mãos a Vossa Excellencia.

« *Mantua, 30 de Setembro de 1605.*

« *De Vossa Excellencia parente e servo*

« O Duque de Mantua ».

O Illustrissimo Senhor Sigismundo Mikouski Gonzaga, Marquez de Mirau Grão Marechal do reino de Polonia, sendo mandado pelo Rei como embaixador, para que lhe trouxesse a Cracovia a nova Rainha de Polonia, na visita que fez ao Imperador, em Praga, recebeu do Excellentissimo Senhor Guilherme de S. Clemente, Embaixador de El-Rei Catholico junto a Sua Majestade Imperial, um compendio manuscripto das virtudes, santidade e milagres de S. Luiz de Gonzaga, com uma imagem sua. Seguindo depois seu caminho para a Bohemia, uma manhã, cedo, ouvindo Missa em Budroas, foi tomado subitamente de uma grande dor e tal enfermidade, que se viu obrigado recolher-se á cama, e os medicos não podiam atinar que doença era. Continuou o mal com a mesma vehemencia todo aquelle dia até meia-noite, e elle, não podendo aquietar-se, nem reposar, lembrou-se da vida que dissemos, e, recolhendo-se um pouco, leu-a; depois contemplando a imagem do Santo e seus merecimentos, começou a valer-se de seu patrocinio com grande affecto e devoção. Mal tinha acabado de re-

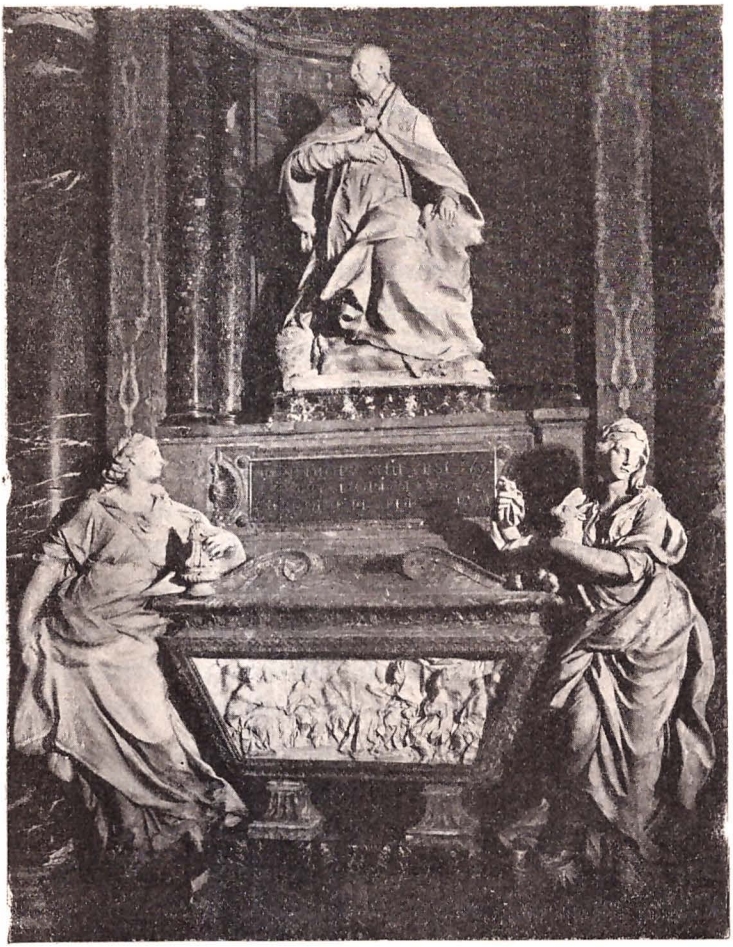
correr a S. Luiz, logo adormeceu e repousou com um somno continuo até alto dia, e ao despertar achou-se perfeitamente são. Depois de ter dado graças a Deus e a S. Luiz, continuou prosperamente seu caminho, resolvendo mandar um *ex-voto* ao sepulchro do Santo em Roma. Tudo isto depoz Sua Senhoria Illustrissima no tribunal do Bispo de Cracovia, e, alem disso, a relação do milagre foi impressa na mesma cidade, juntamente com uma oração latina em louvor de S. Luiz.

O Doutor Flaminio Bavi, Romano, ajudante do secretario da sagrada Congregação dos Ritos, adoeceu de sezões dobres. Soffria muito, de dia e de noite, com grande inquietação e um continuo borborinho ou zoada na cabeça, que o não deixava dormir um instante. De nada lhe serviram os diversos remedios receitados pelos medicos; e, aos vinte e um dias da doença, sobreveiu-lhe um fluxo de sangue que o atormentava e não lhe deixava descanso. Deram os medicos mais remedios, porem sem proveito. Na noite do vigesimo quarto dia, depois de ter mandado as pessoas de casa a dormir, sentiu que se lhe augmentava a dysenteria, com grande perda de sangue, pelo que elle, enfraquecido e sem esperança de sarar pelos meios naturaes, e com medo de desfallecer de fraqueza durante a noite, entrou a pensar seriamente assim na alma, como no corpo. Pela meia noite, acudiu-lhe a lembrança de S. Luiz, de cuja vida e milagres tres dias antes lhe tinha lido um summario o Senhor João Paulo Mucante, secretario da Sagrada Congregação dos Ritos, ao qual Sua Santidade havia entregado a causa da canonisação. Começou a encommendar-se a elle, e, estando estendido na cama em razão da dor de cabeça e fraqueza que sentia,

poz ambas as mãos sobre o rosto, e, com devoto coração, e compaixão e lastima de si mesmo, bradou, com quanta força tinha, estas precisas palavras: « O' glorioso S. Luiz de Gonzaga, dignae-vos collocar sobre mim vossas mãos, que eu com toda confiança espero a saúde. O' amigo de bemfazer, concedei-me esta mercê para que eu possa entrar nos autos de vossa santa canonisação que tanto desejo ». Tendo dito isto, pareceu-lhe que o Santo lhe punha as mãos sobre o rosto, apertando-o de tal maneira, que lhe dobrava o nariz; e, fazendo elle um leve esforço para respirar, sentiu um pequeno, agradavel e suavissimo cheiro que lhe causou tal allivio, que logo adormeceu e dormiu cinco horas seguidas, até que foi despertado por uma sua criada. Mal acordou, comprehendeu que tinha alcançado a mercê milagrosamente. Tinha dormido as horas já ditas, não sentia a menor dor de cabeça, o fluxo e os maus humores tinham desapparecido; e elle, inteiramente tranquillo, estava sem febre e livre de todo o seu mal. Publicou a todos os de casa, como sarara milagrosamente, e pediu de vestir, porque se queria levantar. Chegando então o medico, e achando-o sem febre e são de todo, informado do successo da noite passada, ficou maravilhado, e, examinando-o, disse que não apresentava signal algum de ter estado doente, e, juntamente com os outros, deu graças a Deus. Queria o ex-enfermo sahir logo de casa para visitar o glorioso corpo de S. Luiz, e a todos publicar o milagre; mas por conselho do medico, que receava que voltasse o mal, esperou dous dias, e, passados estes, deu execução a seu devoto designio, e por escriptura depoz tudo o que fica dito acima.

Bento Rodolpho, fidalgo florentino, desde a edade de dezesete mezes, como se crê, começou a ser pos-

suido do espirito maligno, e assim continuou até á edade de onze annos. Sendo antes gordo, corado e gentil, perdeu as cores e tornou-se enfezado, manco,



" S. Maria sopra Minerva „ - Mausoleu do Summo Pontefice Bento XIII que canonizou S. Luiz e o nomeou protector da mocidade.

corcovado, e extremamente colerico. Quando a mãe o açoutava, chammejavam-lhe os olhos medonhamente; ás vezes se feria a si mesmo; dava com a cabeça pelas paredes, espojava-se no chão; ro-

gava á mãe, que o matasse; queria deitar-se na agua, e procurava por outros modos tirar-se a vida. Tinha grande difficuldade em aprender a doutrina christã, posto que para o mais tivesse bom engenho, e, quando passavam reliquias dos Santos em procissão, gritava, inquietava-se, não o podiam ter á janella, e, quando já podia andar, fugia. Dizia de quando em quando palavras que não condiziam com sua pouca edade, e ás vezes o movia o mau espirito, em tão tenros annos, a palavras e actos deshonestos. A principio, não sendo conhecido seu mal, foi tratado de diversos modos pelos medicos, mas sem proveito. Descobrindo-se depois ser endemoninhado, foi muitas vezes esconjurado, mas sem proveito. Levaram-no o Nossa Senhora de Monsomano, logar visinho a Pistoia, e onde acode grande multidão de endemoninhados, porém não sarou. No mez de Dezembro de 1605, sendo um dia mais que de costume atribulado pelo espirito maligno, contou á mãe, que vira distinctamente deante de si um Crucifixo no meio de dous Padres, o qual lhe dissera que tivesse bom animo, porque dentro de pouco tempo seria livre. Foi interpretação da mãe, que os dous Padres eram Santo Ignacio e S. Francisco Xavier, da Companhia de Jesus. Procurou obter reliquias suas, mas não as achou. Sabendo, porem, que a Senhora Violante de Medicis tinha umas de S. Luiz, pediu-lhas e pol-as ao pescoço do menino. Logo começou este a perturbar-se e a gritar que lh'as tirassem, porque todo o abrasavam. A' força lh'as deixaram estar, até que veiu um Padre pratico em fazer exorcismos, que o esconjurou com ellas, e logo se foi o demonio deixando o menino meio morto, mas com grande quietação e repouso, no qual perseverou sempre depois, e persevera

quando isto escrevo. O menino ficou devotissimo a S. Luiz, e roga sempre á mãe, que o faça estudar para que possa ser irmão de S. Luiz na Companhia. De tudo isto se formou escriptura authentica no tribunal do Arcebispo de Florença.

Angela de Buonomo, de Brescia, com vinte e um annos de edade, de tal modo tinha aleijadas ambas as pernas, que na direita tinha sete chagas e na esquerda uma disforme inchação no peito do pé, de modo que não se podia mover, nem andar senão com duas muletas, e ainda assim com grande trabalho, porque, de usal-as, tinha pisaduras debaixo dos braços, e não podia por o pé direito no chão. Depois de estar quasi dous annos e meio assim aleijada, no dia de S. Luiz, persuadida por uma piedosa fidalga, foi á egreja de Santo Antonio, na casa dos Padres da Companhia de Jesus, onde está exposta á veneração do publico a imagem de S. Luiz. Entrando pela porta da egreja, não podendo por causa do cansaço ir mais adeante, ahi mesmo se poz de joelhos perante a imagem do Santo, e rezou cinco vezes o Padre Nosso e a Ave Maria, pedindo-lhe com instancia saúde, e prometteu que, se sarasse, penduraria as muletas ao lado de sua imagem. em signal da mercê alcançada por sua intercessão; pois era tão pobre, que não tinha outra cousa a offerecer. Tornando a casa, na mesma noite começam-se a fechar as chagas da perna direita, e a esquerda a desinchar. Na manhã seguinte sente tantas melhoras e tal vigor, que começa a andar com uma só muleta, e dentro de tres ou quatro dias sem nenhuma. Pouco depois, sarou de todo, e até a perna direita, que com a doença encurtara, estirou o sufficiente para ficar egual á outra, sendo pre-

ciso abaixar o calçado que trazia. Em signal da mercê milagrosamente recebida, pendurou as muletas na egreja deante da imagem de S. Luiz.

Mui liberal distribuidor de suas mercês, mostrou-se tambem S. Luiz com seus vassallos, no Marquezado de Castiglione, como se pode ver em um comprido processo que lá se formou ultimamente, no qual vêm por extenso os seguintes milagres e mercês que o Arcipreste de Castiglione copiou, abreviando.

1. — Celso Boturro, enfermo, que não podia andar sem bordão, e ainda assim com difficuldade, no dia de S. Luiz fez que o levassem em um jumento, por espaço de tres milhas, á egreja onde está a sua imagem. Ahi lhe fez voto de conservar-lhe uma lampada accesa por algum tempo, se sarasse, e eis que, na volta, parte sem bordão e por seu pé, sem impedimento, vai tratar de seus negocios, ficando em pouco tempo são de todo.

2. — Antonia, mulher de João Baptista Marmentino, notario dos processos de S. Luiz, sendo, uma noite, tomada de uma subita e gravissima dor numa perna, deliberou offerecer uma vela e uma perna de cera ao Santo, e logo adormeceu, e, ao despertar, estava sã.

3. — Margarida, mulher de Alexandre Meilina, atribulada por um fortissimo inchaço em uma coxa e perna, com dores continuas e insupportaveis, e signaes certos de vir a perdel-as, faz voto a S. Luiz de offerecer-lhe uma perna de prata, e logo sente milagrosamente desvanecer-se toda a dor, e desfazer-se o inchaço, sarando em pouco tempo.

4. — A Senhora Camilla, mulher de João Jacome Ferrari, a qual criou S. Luiz, esteve, durante oito

annos, doente de febre ethica. Vendo um retrato do Santo, chamou por elle, com voto de offerecer-lhe uma estatuasinha de prata, e sente-se immediatamente alliviada; cessa a febre, e ella fica sã de todo.

5. — João Jacome Ferrari tinha um filho doente de um febrão, faz voto de offerecer uma estatua a S. Luiz, e o menino sara de repente.

6. — Dona Magdalena, mulher de Antonio Galacio, tinha espasmos de coração, e todos cuidavam que morreria. Fez voto a S. Luiz, e sentiu como que uma mão tirar-lhe o mal do coração; e passaram-lhe as dores e mais incommodos.

7. — Taddeu Sigurtado, notario, atormentado por uma dor insupportavel no quadril esquerdo, não se podia mover. Fez voto, durante a noite, de offerecer uma perna de prata, e levantou-se pela manhã quasi são, e em dous dias sarou de todo.

8. — André Astolphino ensurdeceu. No fim de oito dias, fez voto ao Santo, e na manhã seguinte estava são.

9. — O mesmo, ferido no peito por varias pedradas, deitou sangue pela bocca; mas fez voto a São Luiz, e estancou-lhe o sangue, sarando em dous dias.

10. — Bartholomeu, filho de Sylvio Milliarino, adoeceu de um subito inchaço debaixo da orelha direita, que mal o deixava respirar. Fez voto a S. Luiz, e num instante cessou a dor, desfez-se o inchaço, e pela manhã, sem mais indicios do mal, vem ter commigo, e deu graças ao Santo.

11. — Francisco, filho de Simão Smarallio, adoeceu de um joelho, com fortissimas dores e um encolhimento dos nervos; não se podia levantar da cama; fez voto a S. Luiz, e immediatamente lhe arrebentou o inchaço de modo que elle poude le-

vantar-se, e no dia seguinte foi a Desezano, caminho de sete milhas, são de todo.

Pagens de S. Luiz,
A' direita do leitor, D. Anselmo Gonzaga actual representante da familia Gonzaga.

12. — Pedro Pilotto tinha um filho de dous annos e meio, que estava inteiramente tolhido de um lado, com disforme encolhimento de nervos, dei-

tando espuma pela bocca. O medico deu-o por morto; mas o pae offereceu-o com voto a S. Luiz, e o menino, a olhos vistos, começou a melhorar notabilissimamente, e sarou bem depressa.

13. — Domingos Ferrari tinha uma filha com um inchaço na garganta, que nem a deixava comer. Fez de noite voto ao Santo, e no outro dia de manhã a menina levantou-se, e comeu sem sentir mal algum.

14. — Lelia, mulher de Franco Ghiroldo, atacada de um mal que não a deixava comer, e em perigo de morte, fez um voto a S. Luiz ás sete horas da noite, e ás dez estava inteiramente sã.

15. — O Doutor Estevão Benedicto, consumido por uma bronchite chronica, que não podiam curar os remedios humanos, valeu-se de S. Luiz, offerecendo-lhe um *ex-voto* de prata, e recebeu a mercê de melhoria na saúde.

16. — Hortencio Bono, prostrado por uma longa enfermidade e fluxo de sangue, sem mais confiança nos medicos, prometteu a S. Luiz uma estatua de prata, e logo começou a sentir grandissimo allivio. Diminuiu o fluxo, de modo que melhorou sensivelmente, e em breve ficou são.

17. — Gothardo Alexandrino, tendo terçans por tres mezes seguidos, fez voto a S. Luiz, e, desde aquelle dia, não lhe voltou a febre, ficando livre della.

18. — Angela, mulher de Francisco Ceradello, por espaço de vinte e dous dias padeceu de excessivas dores no coração. Com medo de morrer, fez voto ao Santo, e logo começaram a diminuir as dores, e passaram de todo.

19. — Pedro Bosio tinha um filho de tres annos. Adoecendo o menino, e estando para morrer, fez elle

voto ao Santo, e, na manhã seguinte, o filho poz-se a comer, já são.

20. — Bartholomeu Cima tinha um filho de um anno, que, de uma queda do berço, estava á morte. Fez voto ao Santo, e logo sarou o menino, e começou a rir e a comer.

21. — Mestre Antonio Ferrari por um grande peso, ficou rendido pelo estomago e costas. Não achando repouso em logar algum, foi á egreja, fez voto perante a imagem de S. Luiz, e voltou são para casa.

22. — João Jacome Ghiroldo andava com febre havia muito tempo. Vendo que a doença o ia consumindo, fez voto a S. Luiz, e a febre passou immediatamente, sem lhe tornar mais.

23. — João Antonio Mosato costumava padecer fortes dores no quadril, joelho e pé direito, com inchação e febre. Vendo que se lhe amiudava o mal, fez voto a S. Luiz, e logo sarou.

24. — Julio Faino, tendo sua mulher muito mal, de parto, em perigo de vida, fez voto a S. Luiz, e ella logo teve feliz hora.

25. — Valerio Fattore tinha sua mulher com uma perigosa doença na garganta. Fez voto a S. Luiz e no mesmo dia ella ficou de todo livre.

26. — Catharina, mulher do notario Ambrosio, padecia uma dor sciatica, sem que lhe dessem allivio os remedios humanos. Fez voto ao Santo, e sentiu-se melhor; deu cumprimento ao voto, e no mesmo instante sentiu-se pouco menos que livre do achaque, e em quatro dias estava sã de todo.

27. — Christovão de Sassi padecia uma febre continua, havia já um anno. Um dia sua mãe fez voto a S. Luiz, e na noite seguinte elle estava curado.

28. — Baptista Fezzardo, tinha um braço e mão inchados, com febre, dor e perigo de consequencias funestas. Fez voto a S. Luiz, e subitamente cessou a dor, desvaneceu-se o mal, e elle sarou de todo.

29. — Martha, mulher de Paulo de Betti, estando mal de parto, fez voto ao Santo, e, apenas acabou de falar, teve uma boa hora, ficando sã depois.

30. — Paulo de Betti, tendo um filho de tres annos com inchaços e feridas no pescoço, a modo de alporcas, que lhe duravam havia um mez, fez voto ao Santo, e o menino em dous dias sarou.

31. — Antonio Serli estava doente das pernas havia mais de tres annos, com grande soffrimento. Fez voto a S. Luiz, e logo sentiu melhoras, e em breve sarou.

32. — André Pedercino, tendo sua mulher mal de parto, recorreu com voto a S. Luiz, e ella logo teve feliz successo.

33. — D. Pedro Cattaneo, Coadjutor da Parochia, adoecendo gravissimamente de febre maligna com frenesis e erysipela na cabeça, de modo que parecia arder em fogo, desfallecia e estava em risco de morte. Sua mãe fez por sua intenção voto a S. Luiz, e elle incontinente tornou a si, cessando o mal.

34. — Martha, mulher de João Jacome Fezzardo esteve doente dos pés, por espaço de quatro mezes, com gravissimas dores. Fez voto ao Santo, e logo sentiu melhoras.

35. — Martha, mulher de José Balarino, estando de parto, e em perigo de morte, tanto ella, como a creança, fez voto a S. Luiz, e logo teve uma boa hora, salvando-se ambas.

36. — João Maria Bettarsi, padecia dores excessivas em um quadril, coxa e perna, pelo que só

com extrema difficuldade podia andar; tendo estado assim penando quatro dias, finalmente, o melhor que poude, foi á egreja, e prometteu offerecer azeite para as lampadas de S. Luiz, e poude voltar são e de todo livre.

37. — Bartholomeu Castellino, tendo um filho que, por causa de uma enfermidade de sete mezes seguidos, não tinha mais que um fio de vida, fez voto de offerecer uma estatua a S. Luiz; e logo o menino começou a levantar-se – o que antes não podia fazer – e a andar por si; dentro de oito ou dez dias tomou carnes e cobrou perfeita saúde.

38. — A Bernardino Bosio cahiu um menino de treze annos com a cabeça no fogo. A mãe, que o viu, fez voto de offerecer a S. Luiz um menino de cera, e levantou o filho sem a menor lesão, ou queimadura.

39. — Francisca, mulher de João Maria Pastore, por causa de um sobresalto e susto que teve, deu em um tremor com gritos por espaço de quatro dias seguidos, parecendo-lhe que de continuo lhe andava gente pelas costas. Pediu que a levassem á egreja perante a imagem de S. Luiz, e ahi lhe fez voto, ficando incontinente livre de todo o mal.

40. — A Francisco Fedoldo, um filho de quatro annos, em razão de uma fortissima pancada e uma queda que deu, estava uma noite para morrer. Elle, porém, fez voto ao Santo, e pela manhã achou são o menino.

41. — João Paulo Segala, por causa de uma gravissima dor de espaduas que lhe durou dezesete dias, ficou na cama em tal estado, que não podia fazer o minimo movimento, nem beber senão por um canudo. Fez voto de offerecer azeite para as lampadas

de S. Luiz, e dentro de tres horas se poude mexer e desafogar, e na manhã seguinte sahiu são de todo.

42. — Cecilia, mulher de Baptista Celinno, durante seis mezes teve doente uma perna, com rachas, inchação e lesão de todo o pé: — não podia dar quatro passadas. Fez voto de offerecer uma perna de

Praça e Fachada da Basilica de S. Pedro no Vaticano em dia de solemne Beatificação.

cera a S. Luiz, e em quatro dias, recobrou perfeita saúde.

43. — Domingas, mulher de Antonio Desenzado, doente de gotta arthritica, que lhe começou das unhas dos pés e pouco a pouco foi subindo, chegando a atacar-lhe a garganta, fez voto a S. Luiz, e logo lhe cessou a dor, e dentro de uma hora ficou livre de todo.

44. — Rigo Regazzoli, ferido no braço e lado esquerdo, perdeu a fala e o tino, e deitou sangue pela bocca. Fez-se voto em seu nome, e elle logo recobrou a fala e o juizo, depois foi melhorando, e em pouco tempo sarou.

Uma infinidade de outras mercês de diversas sortes alcançam outros que vem fazer oração á imagem de S. Luiz, deante da qual, com as esmolas do povo, se conservam continuamente doze lampadas accesas, alem de muitas velas e tochas que todos os dias trazem os devotos e peregrinos. Até á presente hora, estão quatrocentos votos pendurados em redor de sua imagem.

Um noviço da Companhia, em Cracovia, estando doente, foi, depois de oito dias de enfermidade, exhortado por um seu companheiro a encommendar-se a S. Luiz. A' noite assim o fez, com voto de ouvir dez Missas e rezar dez Terços em sua honra; e pela manhã levantou-se da cama, são de todo, com espanto seu e dos outros daquella casa, como depõe o Provincial de Polonia, que se achou presente ao caso.

No processo de Padua, faz-se menção de outro milagre que succedeu na Lombardia; de outras apparições que fez em seu Marquezado; de mercês recebidas por varias pessoas e devidas á sua intercessão; de alguns endemoninhados livrados com suas santas reliquias, e de uma sua apparição, em Roma, a um secular a quem fez assignalada mercê.

Lê-se no processo de Veneza, que uma moça enferma de um peito, que por ordem dos medicos havia de ser cortado no dia seguinte, pelos merecimentos de S. Luiz e um voto que lhe fez, foi achada sã por elles mesmos quando lh'o iam cortar. Outra moça, já ethica, sarou totalmente recorrendo a S. Luiz,

como se dá testemunho em uma escriptura feita em Tivoli. Um enfermo de febre perigosa, sarou com uma imagem do Santo.

Espalhou-se até á Italia, fama de que elle na Polonia, appareceu, juntamente com Santo Ignacio e Santo Estanislau, ao Padre Estanislau Phorschi, que com elle fora noviço, estando este para morrer. Muitos outros affirmam ter recebido milagrosamente outras mercês diversas, que seria demasiado longo relatar.

Não é menor o numero daquelles que confessam ter recebido por seu intermedio e intercessão varias graças espirituaes, para a alma, como se pode claramente entender pelos milagres seguintes.

Um jovem Polaco, que desde sua meninice fora muito dado á oração, aos jejuns, disciplinas e outras penitencias, tinha sempre levado no seculo uma vida innocente e santa. Entrando no noviciado da Companhia de Jesus, em Cracovia, começou a ser muito a miudo molestado por gravissimos e penosissimos pensamentos de blasphemia contra Deus, a bemditissima Virgem e os Santos. Vindo-lhe, em particular, taes idéas, quasi de continuo, quando estava meditando e orando entre celestiaes consolações, logo lhe roubavam todos os sentimentos de devoção, causando-lhe summa perturbação. Bradou muitas vezes pelo favor divino, valeu-se da Virgem Santissima e de outros Santos, mas Deus não quiz por então que fosse libertado; – talvez para fazer-lhe esta mercê por intercessão de seu devoto servo Luiz. Depois de ter quasi dous mezes luctado com estas molestas tentações do espirito maligno, uma manhã, estando em oração, e sendo como de costume atormentado pelos mesmos maus pensamentos, vem-lhe á memoria

a idéa de recorrer a S. Luiz de Gonzaga, em cuja vida tinha lido que a outros fizera similhante mercê. Orou ao Santo, pedindo-lhe com muito affecto, que lhe valesse em tão grande afflicção. Logo se sentiu encher de esperança, com grande confiança e singular alegria, como se já totalmente estivera livre. Effectivamente o estava pelos merecimentos de São Luiz, pois d'ahi por deante não sentiu a menor inquietação ; e, para gloria do Santo, contou a outros a mercê recebida, e tudo depoz em escriptura authentica, com juramento.

Num paiz do Norte, um homem pio e devoto, tendo vivido durante annos na Religião sem nenhum temor de tentações lascivas, começou, por permissão divina, a ser fortemente atribulado pelo espirito immundo. Por mais de um anno inteiro esteve sempre em combate continuo, atormentado por imaginações e representações immundas, e tentações sensuaes, sem nenhuma consolação, nem repouso. Jejuava, castigava seu corpo com disciplinas, cilicios e outras asperezas: nada lhe aproveitava.

Muitas vezes era forçado a levantar-se da mesa, ou a deixar a conversação commum, para se recolher só, a suspirar e a chorar. Prostrava-se no chão com o rosto em terra, e nessa postura orando, bradava pela misericordia divina. Não deixava de fazer qualquer outro remedio que lhe parecesse proveitoso ; com tudo as tentações continuavam, e ás primeiras juntaram-se outras gravissimas do espirito de blasphemia, que o tentava para crer que nem Deus, nem os Santos têm cuidado de nós, pois, com tanta instancia rogados por elle, não soccorriam sua desaventurada miseria. Afinal, depois de ter soffrido por mais de um anno tão penosas tentações sem encontrar remedio, mel-

brou-se que tinha ouvido algumas cousas sobre a vida innocente e immaculada de S. Luiz de Gonzaga, e em particular que elle, por singular privilegio de Deus, nunca sentira tentações sensuaes, nem tivera representações lascivas. Por ultimo remedio, poz-se a chamar de coração o Santo em seu favor, e pendurou ao pescoço uma reliquia sua que por acaso arranjara. Apenas a poz, logo ficou perfeitamente livre de todas as sobreditas tentações, e com grandissima quietação d'alma, e socego de pensamentos. São já passados dous annos depois que recebeu esta mercê, e ainda logra a mesma paz por intercessão de S. Luiz, inteiramente livre de similhantes tentações. De tudo o sobredito fez-se escriptura authentica, e foi mandado um *ex voto* de prata ao sepulchro do Santo, em Roma.

Poderia trazer muitos outros exemplos autorisados com testemunhas dignissimas de todo credito, que affirmam estarem antes habituados a peccados contra a castidade, sem se poderem corrigir, e, tendo recorrido á intercessão deste servo de Deus, ou visitando-lhe o sepulchro, ou trazendo comsigo suas reliquias ou imagens, ou adoptando alguma devoção em sua honra, e tomando-o por advogado e protector, ficaram livres das tentações, e perseveraram em castidade, sem cahir mais. Escrevendo eu, porém, só factos provados em escripturas authenticas, e sendo estes taes que difficilmente se podem publicar, para não prejudicarem a fama das pessoas, por isso os deixo. Accrescento apenas que, se é verdadeiro (como por tal se tem) aquelle parecer de S. Luiz: « que os Santos do Ceo ajudam junto de Deus aos que delles se valem, para que se adeantem no exercicio das virtudes de que foram mais especialmente ornados na terra », sem duvida se deve crer que.

sendo S. Luiz em vida tão insigne não só na virtude da pureza e castidade, mas tambem em tantas outras, como ficou relatado, no Ceo se mostrará propicio e favoravel aos que delle se quizerem valer para alcançar taes virtudes.

Dos factos relatados neste capitulo, com razão se pode recolher que, se antes de ser divulgada sua vida, Deus tem feito tantos milagres, e concedido tantas mercês por sua intercessão, afim de manifestar sua gloria, em muito maior numero e melhores em qualidade será servida a Divina Bondade, fazer por seus merecimentos, quando, por meio de sua vida impressa, no mundo for mais conhecido, e crescer a devoção dos povos, como vae crescendo.

APPENDICE

APPENDICE (*)

Tendo fallecido S. Luiz de Gonzaga a 21 de Junho de 1591, durante perto de nove annos não constaram milagres seus, ou que os não houvesse, ou que os não divulgassem; comtudo, publicamente lhe consagravam aquella devoção que se costuma votar aos santos que os tenham feito.

No mez de Abril de 1600, porém, parece que o mesmo Deus se empenhou em glorificar a S. Luiz, de um modo tanto mais estrondoso, quanto mais o santo joven, por seu amor, se havia escondido em vida, o que se passou do seguinte modo no mosteiro de Santa Maria dos Anjos, em Florença. Estava a Bemaventurada Madre Maria Magdalena de Pazzi repartindo com dez de suas Irmãs uma preciosa reliquia – um osso de um dedo de S. Luiz. Emquanto considerava comsigo de que bella alma havia sido instrumento aquelle osso que tinha na mão, foi de improviso arrebatada a contemplar a gloria de S. Luiz;

(*) Este Appendice, como dissemos no Prefacio, é extrahido da obra do Padre Tavani *Vida de S. Luiz de Gonzaga.*

e, em voz alta, como algumas vezes costumava, de modo que as outras Irmãs puderam escrever suas palavras, poz-se a esclamar: *Oh! quanta gloria possue Luiz, filho de Ignacio! Nunca o teria accreditado se não m'o tivesse mostrado o meu Jesus! Parece-me que posso dizer que não ha no Ceo tanta gloria, como a que vejo*

Basilica de S. Pedro do Vaticano - Interior.

em Luiz. Digo-vos que Luiz e um grande Santo. Nós temos Santos na Egreja, que não creio terem tanta gloria. Eu quizera poder ir por todo o mundo, e dizer que Luiz, filho de Ignacio, é um grande Santo; quizera mostrar a todos sua gloria, para que Deus fosse glorificado. Tem tanta gloria, porque trabalhou muito no interior de sua alma. Quem póde explicar o merecimento e virtude das obras interiores! Entre o interior e o exterior não ha comparação alguma. Luiz, estando na terra, bebia da fonte do Verbo; e por isso tem tanta gloria. Luiz foi

um martyr escondido; porque quem Vos ama, ó Deus meu, vê-Vos tão grande e infinitamente amavel, que grande martyrio lhe é o ver que não Vos ama quanto aspira e deseja amar-Vos, e que não sois conhecido e amado das creaturas, mas antes offendido. Fez-se tambem martyr de si mesmo. Oh! quanto amou na terra! Por isso gosa agora de Deus no Ceo, numa enchente de amor. Quando era mortal, despedia settas ao coração do Verbo: e agora, no Ceo, essas settas repousam em seu coração; porque aquellas communicações que elle merecia com os actos de amor e união que fazia (os quaes eram as settas), agora as entende e gosa. Tambem eu quero esmerar-me em ajudar as almas, para que, se alguma chegar ao Paraiso, rogue por mim, como faz Luiz por quem na terra o ajudou. Amen ».

Esta visão da Bemaventurada Madre, e estas suas famosas palavras, augmentaram o grande conceito da santidade e gloria de S. Luiz, assim dentro, como fóra do mosteiro. Por um grande milagre de Deus, quatro dias depois, se deu principio no mesmo mosteiro, por intercessão de S. Luiz, áquella grande multidão de favores e estrondosas maravilhas com que o santo joven foi sublimado por toda parte á mais alta reputação. Foi o caso de Soror Angela Catharina Carlini, curada milagrosamente de um cancro, como narramos na Terceira Parte; sendo este o primeiro dos quinze milagres approvados pela Santa Sé Apostolica para a canonisação do Santo.

Logo cresceu tanto a fama da santidade de S. Luiz, que dava muito que fazer, em Roma, o impedir a veneração a seu sepulchro, e aquietar aquelles que iam queixar-se, porque se escondiam os quadros e as promessas que de varias partes para alli levavam. Fizeram-se pois requerimentos ao Summo

Pontifice para a canonisação de S. Luiz, por parte da Companhia de Jesus no anno de 1603, e por parte da egreja de Mantua em 1604; e, com licença dos Ordinarios, como era permittido naquelles tempos, começou-se universalmente na Lombardia a dar a Luiz o titulo de Beato, e a estampar as suas imagens com este nome e raios em roda da cabeça, e a expol-as á veneração publica. Em Brescia e em Castiglione celebrou-se, além disto, a sua festa, ouvindo a Marqueza, sua mãe, o panegyrico do novo Beato recitado pelo Padre Ugoletti, Dominicano.

No anno seguinte, 1605, foi posto sobre o sepulchro de S. Luiz, em Roma, o seguinte distico: *Beatus Aloysius Gonzaga e Societate Jesu*, e, consentindo o Summo Pontifice Paulo V, foi ao Collegio Romano o Cardeal Francisco Dietrichstein, outrora condiscipulo de S. Luiz, juntamente com D. Francisco Gonzaga, irmão do Santo, e collocaram-lhe no sepulchro uma imagem com aureola e titulo de Beato, e os paineis e promessas que até aquelle dia para lá tinham sido enviados em reconhecimento das mercês recebidas. Na mesma occasião, Clemente Ghisoni então mordomo de D. Francisco, e, em outros tempos, camareiro do mesmo S. Luiz, pendurou a primeira lampada de prata no sepulchro de seu antigo senhor. Tudo isto succedeu aos 21 de Maio, com grande alegria e applauso de todos os devotos de S. Luiz.

Chegado o dia 21 de Junho, celebrou-se a sua festa, não sómente em muitas outras cidades da Italia, como no anno antecedente, mas tambem em Roma, com tanto maior pompa, quanto D. Francisco, irmão de S. Luiz, não se contentou com um dia só, mas, com approvação do Papa, fez celebrar a expensas suas, na egreja do Collegio Romano, um

oitavario tão sumptuoso, que se não poderia desejar mais, se se tivesse celebrado a canonisação do angelico joven. A este sagrado oitavario seguiu-se outro de exercicios litterarios feitos pelos jovens Escolasticos, que, com varias composições, começaram a exaltar os louvores do Bemaventurado. Em ambos foi tão grande o concurso, não sómente de povo, mas de cardeaes, embaixadores, prelados e da primeira nobreza romana, que mais se não podia desejar.

A 10 de Outubro do mesmo anno, o Summo Pontifice Paolo V publicou um Breve em que approvava a vida de S. Luiz publicada pela imprensa, e dava ao angelico joven o titulo de Beato. Este Breve foi no mesmo dia authenticado pelo Ceo com um insigne milagre operado por intercessão de S. Luiz na pessoa do Doutor Flaminio Bacci, substituto do secretario dos Ritos. Deste modo, não se tendo ainda introduzido o costume de solemnisar na Basilica Vaticana a beatificação dos Servos de Deus, subiu S. Luiz ás honras de Beato, não havendo ainda quinze annos que tinha deixado esta vida.

Entretanto cresceu de tal modo sua fama, assim pelos numerosos milagres que se obtinham de Deus por sua intercessão, e pelas honras singulares que em todas as partes do mundo catholico lhe eram tributadas, como pela devoção para com elle, que cada dia lançava mais profundas raizes nos animos de todos os fieis, especialmente dos jovens, que o Summo Pontifice Clemente XI, sendo-lhe requerida sua canonisacão, pôde responder o seguinte: « *Se non alium malle, quam beatissimum hunc juvenem canonizare; qui eam apud omnes sanctitatis non opinio-*

nem modo, sed et admirationem, ac talem tantamque venerationem in tota ubique terrarum Ecclesia Dei vel

Retrato de S. S. Pio IX,
grande devoto de S. Luiz e promotor do seu culto.

beatus jam obtinnisset, qualem et quantam pauci vel post canonizationem essent assecuti: ut eum proinde

Sedes Apostolica non tam canonizatura, quam ab Ecclesia jam canonizatum declaratura esse videatur ».

Todavia dispoz Deus, para maior gloria de S. Luiz, que, sobrevindo sempre novos impedimentos, se demorasse a sua canonisação até ao anno de 1726, isto é, mais de um seculo depois da beatificação. Bento XIII foi o escolhido por Deus para collocar entre os Santos a S. Luiz de Gonzaga, do qual, desde os mais tenros annos, fora singularmente devoto; e tendo sido por elle incitado a antepor ao principado paterno a pobreza religiosa, costumava ter deante de si, na cella, a sua imagem, e lia muitas vezes a sua vida. Feito depois Cardeal e Arcebispo de Benevento, promoveu com grande empenho sua honra e culto; e, finalmente, assumpto ao pontificado, approvou em muitas congregações os antigos autos sobre a canonisação de S. Luiz. Nestes, duas cousas merecem ser observadas: a primeira é que, por esta occasião, se ventilaram e approvaram no Tribunal da Rota tres louvores que nunca antes tinham sido conferidos a Santo algum. Foi o primeiro, nunca ter commettido peccado mortal; o segundo, não ter soffrido distracções na oração; o terceiro, nunca ter experimentado estimulo carnal, nem pensamento lascivo. A outra cousa memoravel é que, nos autos, S. Luiz é sempre honrado com o titulo de *angelico,* do qual dá a razão, a Sagrada Rota concluindo assim: *Quamvis enim multi sint in Ecclesia Dei virgines, qui usque ad mortem ita permanserint; tamen qui immunes a stimulis carnis, et ab impuris cogitationibus mentis semper fuerint, haud facile alios reperimus; saltem, quod sciamus, non legitur in historia Sanctorum; merito igitur Aloysius Angelicus dici potest, qui angelicam puritatem habuit* ».

Alem disso, o mesmo Summo Pontifice declarou que não era preciso novo exame, nem approvação dos autos que diziam respeito a S. Luiz; e aos 21 de Junho de 1725 baixou um Breve com o qual confirmou: « *Omnibus et singulis Universitatibus, Gymnasiis, vel Collegiis Societatis Iesu Beatum Aloysium suorum liberalium studiorum, atque innocentiae et castitatis, in lubrica praesertim juvenili aetate, diligentius custodiendae specialem patronum* ».

Finalmente, depois de longa preparação de orações e jejuns, aos 26 de Abril de 1726, decretou a sua canonisação, e no dia 31 de Dezembro do mesmo anno, na Basilica Vaticana, com as costumadas solemnidades, e, em companhia de Santo Estanislau Kostka, declarou Santo, e como tal invocou a S. Luiz de Gonzaga, cumprindo com o oraculo de sua voz o desejo de S. Maria Magdalena de Pazzi, quando em seu extasis exclamou: « Eu quizera poder ir por todo o mundo, dizendo que Luiz, filho de Ignacio, é um grande Santo ». Toda a Egreja testemunhou summo jubilo, e em toda parte celebraram-se solemnissimas festas em acção de graças pela mercê universalmente desejada por mais de um seculo.

Não tinham ainda passado tres annos depois de S. Luiz ser canonisado, quando, assim pela edificação que recebiam especialmente os jovens ao lerem sua vida, como tambem pelos grandes favores que se conseguiam por meio da sua intercessão, foram apresentadas de muitas cidades fervorosas supplicas ao Summo Pontifice Bento XIII, para que, com a autoridade da Sé Apostolica, fosse o angelico joven dado por singular protector á mocidade estudiosa. Annuiu benignamente o Summo Pontifice, e publicou, a 22 de Novembro de 1729, um decreto com

que coroou as honras tão largamente concedidas a S. Luiz, dizendo: « *Idcirco Sanctitas sua, non solum in omnibus et singulis Universitatibus, Gymnasiis, vel Collegiis generalium, vel non generalium studiorum Soc. Jesu; verum etiam in aliis, si quibus alicubi placuerit,*

Grupo de Pagens de S. Luiz.

Ao centro Mons. ADOLFO VATTUONE Director, e o Cav. ROMEO SANTINI Istructor.

A Instituição dos Pagens fundada em 1891 sob a direção do P. Luiz Nannerini da C. de J., insigne propagador da devoção ao angelico Santo, conta hoje mais de cincoenta membros – entre antigos e actuales, – todos das mais nobres familias de Italia. Tem elles por officio fazer guarda de honra ao altar do Santo no dia da sua festa, e tocar na urna os objectos de piedade que lhes apresentam os devotos.

ubicumque exsistentibus, vel exstituris, eumdem Sanctum Aloysium principalem constituit Patronum, cum facultate Missam et Officium proprium per Sedem Apostolicam approbatum dicendi ».

Deste modo parece que a Divina Providencia exaltou S. Luiz a tanta gloria no Ceo não sómente para auxilio de todos os fieis, como provam os maravilho-

sos favores por elle concedidos a todo o genero de pessoas, em tão grande numero, que só o Padre André Budrioli, promotor de sua canonisação, aponta mais de dous mil trezentos e quarenta e cinco; mas especialmente para ser Apostolo e Protector da mocidade estudiosa. Quasi se póde dizer que foi este Santo levado para o Ceo antes de tempo, para que de lá melhor pudesse desafogar aquelle seu ardentissimo zelo de glorificar Sua Divina Majestade salvando almas, o qual já o levara, em terra, a querer a todo custo pertencer á Companhia de Jesus, toda entregue a tão nobre ministerio. Com effeito, falando apenas da mocidade applicada ás lettras e ás sciencias, é difficil dizer quantos só por ouvirem, ou lerem a vida de S. Luiz, conseguiram efficaz desejo ou de mudarem de vida, ou de se fazerem Santos. O certo é que, no Collegio Romano, todos os que, depois de S. Luiz, ou foram já sublimados ás honras dos altares, como S. Leonardo de Porto Mauricio, S. João Berchmans, S. João Baptista de Rossi, ou deixaram memoria de virtude não vulgar, como o Veneravel Jeronymo Berti, o Beato Antonio Maria Baldinucci, Francisco Maria Galluzzi, Domingos Amici, João Baptista Scaffali, José Grillotti, o Beato Gaspar Del Bufalo, Vicente Pallotti e outros muitos, se mostraram todos, não só diligentes imitadores, mas devotos assignalados do seu santo Protector do qual confessavam ser favorecidos e protegidos de um modo muito evidente.

HOC FAC, ET VIVES.

ERRATA - CORRIGE

pag.	linha		
62	9	azia	fazia
67	21	cou	ficou
70	25	emporaes	temporaes
73	24	remedio	remedios
150	7	f direito	foi direito
190	8	subalt rnos	subalternos
229	1	tornar	tomar
248	20	pizendo	dizendo
265	22	eriados	feriados
285	9	von de	vontade
286	25	vir Castiglione	vir a Castiglione
410	ult.	mel.	lem.

† Livros Católicos para Download

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

INDICE

PREFACIO . . . . . *Pag.* 5
Dedicatoria do Autor . . . . . » 11
Dedicatoria do Marquez de Castiglione . . . . . » 13
O Autor da obra ao pio Leitor . . . . . » 15

PRIMEIRA PARTE.

CAP. I — De sua descendencia e nascimento. . . . . *Pag.* 23
CAP. II — De sua educação até á edade de sete annos » 31
CAP. III — Como foi levado pelo Marquez a Florença, onde fez voto de castidade, e aproveitou grandemente na vida espiritual . . . . . » 40
CAP. IV — Como foi chamado a Mantua, onde tomou a resolução de ser ecclesiastico . . . . . » 55
CAP. V — Torna a Castiglione, e ahi recebe de Deus o dom da oração, e começa a frequentar os santos Sacramentos. . . . . » 59
CAP. VI — Como foi a Monferrato, correu em viagem grande perigo de vida, e deliberou fazer-se Religioso » 68
CAP. VII — Como voltou com o pae a Castiglione, e, levando vida extremamente austera, foi quasi milagrosamente salvo de um incendio . . . . . » 76
CAP. VIII — Como foi com o Marquez á Hespanha, e de sua vida nessa corte. . . . . » 87
CAP. IX — Como resolveu entrar para a Companhia de Jesus, e descobriu aos paes sua vocação . . » 95
CAP. X — Como regressou á Italia, e do que soffreu por causa de sua vocação . . . . . » 106
CAP. XI — Dos novos assaltos que soffreu em Castiglione, e como finalmente alcançou do pae licença para entrar em Religião . . . . . » 110
CAP. XII — Como foi mandado a Milão a tratar alguns negocios, e do que ahi lhe succedeu . . . . . » 119
CAP. XIII — Como, obtido o consentimento do Imperador, é de novo tentado pelo pae, e sae victorioso . » 124

Cap. XIV — Como foi primeiro a Mantua fazer os Exercicios espirituaes, e depois a Castiglione . . . *Pag.* 129
Cap. XV — Dos novos contrastes que teve com o Marquez, seu pae . . . . . » 136
Cap. XVI — Renuncia finalmente ao Marquezado, e veste o habito clerical . . . . . » 142
Cap. XVII — Despede-se de todos, e parte para Roma, onde entra na Companhia . . . . . » 148

SEGUNDA PARTE.

Cap. I — Com quanta perfeição começou o noviciado . *Pag.* 161
Cap. II — Como se portou por occasião do fallecimento do Marquez seu pae . . . . . » 167
Cap. III — Como foi dado á mortificação durante o seu noviciado . . . . . » 171
Cap. IV — Da alegria que sentiu por ser mandado á Casa professa, e de sua devoção ao Santissimo Sacramento . . . . . » 181
Cap. V — Juizo que de S. Luiz formava o Padre Jeronymo Piatti . . . . . » 185
Cap. VI — Como se portou emquanto esteve na Casa professa . . . . . » 188
Cap. VII — Com quanta perfeição passou o resto do noviciado . . . . . » 195
Cap. VIII — Do insigne dom de oração de S. Luiz . . . » 199
Cap. IX — Da grande santidade de seu Mestre de noviços, a quem elle procurava imitar . . . . . » 209
Cap. X — Como S. Luiz foi a Napoles, e do que ahi fez » 215
Cap. XI — De sua vida como estudante no Collegio Romano, e das virtudes de que era ornado . . » 221
Cap. XII — Faz os votos e recebe Ordens menores . . . » 231
Cap. XIII — De sua humildade . . . . . » 233
Cap. XIV — De sua obediencia . . . . . » 243
Cap. XV — De sua pobreza religiosa . . . . . » 249
Cap. XVI — De sua pureza, sinceridade, penitencia e mortificação . . . . . » 252
Cap. XVII — De sua grande estima pelos Exercicios espirituaes de Santo Ignacio . . . . . » 259
Cap. XVIII — De sua caridade para com Deus e para com o proximo . . . . . » 261
Cap. XIX — Como foi mandado á sua terra para desfazer graves desavenças entre o Duque de Mantua e o Marquez seu irmão . . . . . » 268
Cap. XX — De seu modo de viver em Castiglione e outros logares . . . . . » 275
Cap. XXI — Do prospero resultado de suas negociações . » 284

Cap. XXII — Da grande edificação que deu no Collegio de Milão durante o pouco tempo que alli passou *Pag.* 291
Cap. XXIII — Testemunho que de S. Luiz deram dous Padres que viveram com elle em Milão . . . . . » 300
Cap. XXIV — Revela-lhe Deus que ha de morrer breve, e volta a Roma . . . . . » 305
Cap. XXV — Da consummada perfeição de S. Luiz . . . » 310
Cap. XXVI — De uma grande mortalidade que houve em Roma, e do modo por que se portou S. Luiz durante ella . . . . . » 317
Cap. XXVII — Da ultima enfermidade de S. Luiz . . . . » 321
Cap. XXVIII — Como se prolongou a enfermidade e das cousas edificantes que durante ella succederam . . . » 325
Cap. XXIX — Duas cartas que durante sua enfermidade escreveu á Senhora Marqueza, sua mãe . . . » 332
Cap. XXX — Do modo com que se preparou para a morte » 336
Cap. XXXI — De sua santa morte . . . . . » 343
Cap. XXXII — Das exequias, sepultura, e primeiras trasladações do corpo de S. Luiz . . . . . » 353

TERCEIRA PARTE

Cap. I — Do conceito de santidade em que foi tido S. Luiz logo depois de sua bemaventurada morte *Pag.* 363
Cap. II — De um singular testemunho que deu o Eminentissimo Senhor Cardeal Bellarmino . . . . » 370
Cap. III — De varios milagres e mercês feitos por intercessão de S. Luiz . . . . . » 374
Appendice . . . . . » 413

† Livros Católicos para Download

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

IMPRIMATUR

Fr. Albertus Lepidi O. P., S. P. A. *Magister*.

IMPRIMATUR

Ioseph Ceppetelli Patr. Const., *Vicesg.*

† Livros Católicos para Download

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br